

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

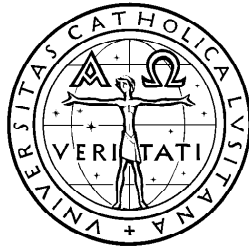
**GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO: O AVÔ
NA SAÚDE DA FAMÍLIA**

**GRANDFATHERHOOD: THE GRANDFATHER IN
FAMILY HEALTH**

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau
de doutor em Enfermagem

Por Sónia Margarida dos Santos Coelho

Instituto de Ciências da Saúde
Setembro, 2019



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO: O AVÔ
NA SAÚDE DA FAMÍLIA**

**GRANDFATHERHOOD: THE GRANDFATHER IN
FAMILY HEALTH**

Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau
de doutor em Enfermagem

Por Sónia Margarida dos Santos Coelho

Sob a orientação da Professora Doutora Isabel Margarida Marques
Monteiro Dias Mendes

Instituto de Ciências da Saúde
Setembro, 2019

“Quando te sentes inspirado por um objetivo grandioso, por um projeto extraordinário, todos os teus pensamentos quebram as suas grilhetas: a tua mente transcende as limitações, a tua consciência expande-se em todas as direções e tu deparas-te com um novo, magnífico e maravilhoso mundo. As forças, faculdades e talentos adormecidos despertam para a vida e descobres que tu próprio és uma pessoa muito melhor do que jamais pensaras ser possível.”

O Monge que vendeu o seu Ferrari de Robin Sharma (2019, p. 57)

DEDICATÓRIA:

Aos avós...

Aos meus avós: Ita

João, São e Zé (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Aos avós ...que deveriam ser eternos. Em especial aos meus: João, São e Zé (*in memoriam*) e Ita. Grata por tudo, pelo amor inesgotável que ainda hoje sinto e vivo, por tudo o que me ensinaram, por tudo o que vivemos e ainda vamos viver.

Aos avós que aceitaram participar neste trabalho de investigação, e assim contribuíram para a evolução da Ciência. Agradeço a sua disponibilidade.

Agradeço aos meus pais que me apoiam sempre, desde o primeiro dia em todas as minhas lutas, pelo seu amor imensurável; ao meu irmão, à minha família e amigos.

Ao Bruno pelo seu amor e alento, principalmente, nas horas mais difíceis.

À Maria Leonor pelo meu tempo que era dela, e eu, egoistamente, fiquei com ele para a elaboração desta tese. Grata por me teres iniciado nesta grande caminhada de transição para a parentalidade e, iniciado os avós a transição para a grã-parentalidade.

À Associação de Jovens Cristãos de Luso que me ajudou e ajuda a formar enquanto cristã, mas sobretudo enquanto pessoa.

Um agradecimento especial, à Universidade Católica Portuguesa – Instituto Ciências da Saúde, aos docentes do curso de Doutoramento em Enfermagem na pessoa da sua coordenadora, Senhora Professora Doutora Margarida Vieira. Aos colegas do X Curso que me mostraram que o caminho é difícil, é sinuoso, mas que vale a pena o esforço, agradecida pelas aprendizagens.

Aos meus colegas da Unidade de Saúde Familiar Caminhos do Cértoma, grata pelo incentivo. Todos os dias cresço convosco.

Agradeço à Unidade de Investigação da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

Um agradecimento muito especial à senhora professora Doutora Isabel Margarida Marques Monteiro Dias Mendes que me apoiou nesta caminhada, que deu alento, orientação, amizade e muita calma. Nunca lhe conseguirei agradecer verdadeiramente.

A Deus, pelo dom da vida e do amor.

A todos que mesmo não mencionados não estão esquecidos.

Bem Hajam!

RESUMO

Enquadramento: O nascimento de uma criança é um acontecimento que provoca uma série de alterações nos papéis desempenhados e na dinâmica familiar, estas alterações não estão confinadas apenas ao casal, mas são alargadas a toda a família. Estudar a grã-parentalidade no masculino é encontrar o papel de destaque do avô na saúde da família.

Objetivos: Desenvolver uma teoria explicativa de médio alcance do processo de transição para a grã-parentalidade na figura do homem enquanto avô; descrever o processo de transição para a grã-parentalidade do homem enquanto avô; descrever a natureza da transição para a grã-parentalidade do homem enquanto avô; identificar as condições facilitadoras e inibidoras da transição do homem enquanto avô a nível pessoal, comunitárias e sociais; identificar os padrões de resposta da transição para a grã-parentalidade no homem enquanto avô; e caracterizar o desempenho do papel grã-parental na figura do homem enquanto avô na saúde da família

Metodologia: Estudo qualitativo, com referencial na *Grounded Theory* de acordo com as orientações metodológicas de Strauss e Corbin (2002;2008), aprovado pela Comissão de Ética da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. A amostra intencional foi constituída por vinte e seis avôs salvaguardando-se os critérios de inclusão e exclusão definidos, após consentimento informado. A recolha de dados decorreu entre outubro de 2016 a maio de 2018, na qual os avôs relataram a sua experiência de grã-parentalidade.

Resultados: O homem enquanto avô desempenha diferentes tarefas ou funções dentro da comunidade e do núcleo familiar onde está inserido com vista a saúde familiar, esse desempenho de papel abarca as funções: de mediador familiar, de apoio Instrumental, relacional, de apoio financeiro, de educador, lúdica, de cuidador da saúde e transmissor de tradições, histórias e valores.

Considerando a recolha e análise de dados emergiu a teoria de médio alcance explicativa do fenómeno da transição para a grã-parentalidade no masculino que pretende ser um instrumento para os enfermeiros ajudarem os homens a fazerem transições salubres para a grã-parentalidade. O fenómeno em estudo é *o tornar-se avô: processo de construção da grã-parentalidade no masculino* que se desenrola no contexto comunitário e familiar, no qual se insere o âmbito da saúde familiar, onde o avô pode assumir grande relevo. A condição causal do fenómeno é *assumindo o papel de avô*. As condições intervenientes que dificultam ou facilitam o processo de construção

da grã-parentalidade no masculino são: *sentimentos que emergem do facto de se tornar avô, assistindo à reestruturação do conceito de família, reestruturando as relações, revivendo a parentalidade, assimilando um conceito de parentalidade diferente e assistindo a transições na família.* As estratégias encontradas através da análise dos dados foram: *assumindo diferença nos papéis, tendo as figuras dos avós como referenciais de interação, assumindo o apoio instrumental aos filhos nos cuidados aos netos, construindo uma relação com os netos, prestando ajuda instrumental – financeira, atribuindo significado às tarefas que o avô desempenha, assumindo as dificuldades e valorizando as atividades lúdicas com os netos.* As consequências do salto geracional são descritas como: *sentindo uma oportunidade de desenvolvimento pessoal, demonstrando autoconfiança no desempenho de papel, assumindo um novo projeto de vida, valorizando a situação da sua própria saúde e da família e manifestando sentimentos de continuidade geracional.*

Conclusão: Estudar a figura do avô, construindo uma teoria de médio alcance explicativa do fenómeno da transição para a grã-parentalidade e caracterizando o desempenho do seu papel, tem um enfoque relativamente ao papel grã-parental no âmbito da saúde da família, dando visibilidade e sustentabilidade à figura do avô no acompanhamento e cuidados aos netos, ajudando, deste modo, os profissionais de saúde a integrarem o fenómeno da grã-parentalidade, e auxiliando os homens nesta fase da sua vida enquanto elementos chave na harmonização da relação intergeracional no seio da família e na comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem; Grã-parentalidade; Avôs; Transição.

ABSTRACT

Background: The birth of a child is an event that causes a series of changes in roles and family dynamics, these changes are not limited to the couple only, but are extended to the whole family. Studying grandparenthood in male is finding grandfather's prominent role in family health.

Objectives: To develop a medium-range theory of the process of transition to grandparenthood in the figure of man as a grandfather; describe the process of transition to man's grandparenthood as a grandfather; describe the nature of man's transition to grandparenthood as a grandfather; identify as conditions that facilitating and inhibiting man transition as a grandfather at the personal, community and social levels; identify the response patterns of the transition to grandparenthood in men as a grandfather; and to characterize the performance of the parental role in the figure of man as a grandfather in family health

Methodology: Qualitative study, with reference in Grounded Theory according to the methodological guidelines of Strauss and Corbin (2002; 2008), approved by the Comissão de Ética da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. An intentional sample consisted of twenty-six grandparents, saving the inclusion and exclusion criteria, after informed consent. Data collection run from october 2016 to may 2018, in which the grandparents reported their experience of grandparenthood.

Results: The man as grandfather performs different tasks or functions in the community and family nucleus where he is inserted for family health, this role performance encompasses as functions: family mediator, instrumental support, relational support, financial support, educator, playful, health caregiver and transmitter of traditions, stories and values. Considering the collection and analysis of data emerged the medium-range theory explaining the phenomenon of the transition to grandparenthood in the male that is intended as an instrument for nurses to help men make healthy transitions to grandparenthood. The phenomenon under study is becoming a grandfather: the process of building grand parenthood in the masculine that takes place in the community and family context, where the family health scope is inserted, where the grandfather can assume great importance. The causal condition of the phenomenon is assuming the role of grandfather. The intervening conditions that hinder or facilitate the process of building grand parenting in the male are: feelings that emerge from becoming a grandfather, watching the restructuring of the family concept, restructuring relationships, reliving parenting, assimilating a concept of parenting different and watching transitions in the

family. The strategies found through the data analysis were: assuming differences in the roles, having the grandparents' figures as interaction references, assuming the instrumental support to the children in the care of the grandchildren, building a relationship with the grandchildren, providing instrumental - financial help, giving meaning to the tasks that the grandfather performs, assuming the difficulties and valuing the playful activities with the grandchildren. The consequences of the generational leap are described as: feeling an opportunity for personal development, showing self-confidence in the role play, taking on a new life project, valuing the situation of one's own health and family and expressing feelings of generational continuity.

Conclusion: Studying the figure of the grandfather, structure a medium-range theory that explains the phenomenon of the transition to grandparenthood and characterizing the performance of his role, focuses on the grandparent role in family health, giving visibility and sustainability to the grandfather figure in accompanying and caring for grandchildren, thereby helping health professionals to integrate the phenomenon of grandparenthood, and assisting men in this phase of their life as key elements in harmonizing the intergenerational relationship within family and community.

KEYWORDS: Nursing; Grandparenthood; Grandparents; Transition.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO I – TRANSIÇÃO PARA A GRÃ-PARENTALIDADE	29
1. GRÃ – PARENTALIDADE	29
1.1 TORNAR-SE AVÓ	36
1.2 TORNAR-SE AVÔ	38
2. TRANSIÇÃO PARA A GRÃ- PARENTALIDADE.....	41
2.1 TEORIA DAS TRANSIÇÕES	43
3. INTERVENÇÃO DO ENFERMEIRO NA TRANSIÇÃO PARA A GRÃ -PARENTALIDADE	52
CAPÍTULO II – FASE METODOLÓGICA	57
1. PROBLEMÁTICA, OBJETIVOS E QUESTÕES ORIENTADORAS DO ESTUDO	57
2. FINALIDADES DO ESTUDO	60
3. OPÇÃO METODOLÓGICA: <i>GROUNDED THEORY</i>	61
3.1 DEFINIÇÃO, ORIGEM E PRESSUPOSTOS DA <i>GROUNDED THEORY</i>	62
4. PERCURSO METODOLÓGICO	66
4.1 PARTICIPANTES: ACESSO À AMOSTRA	68
4.2 RECOLHA DE DADOS	72
4.3 PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE DE DADOS	74
4.4 PROCEDIMENTOS FORMAIS E ÉTICOS	78
4.5 CRITÉRIOS DE RIGOR DE INVESTIGAÇÃO	80
CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	85
1. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO E DOS SUJEITOS PARTICIPANTES NO ESTUDO	85
1.1 CONTEXTO DO ESTUDO	85
1.2 SUJEITOS PARTICIPANTES NO ESTUDO	92
2. APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	95
2.1 CONDIÇÃO CAUSAL	97
2.2 CONDIÇÕES INTERVENIENTES	101
2.3 ESTRATÉGIAS.....	120
2.4 CONSEQUÊNCIAS DO SALTO GERACIONAL	147
2.5 DESEMPENHO DO PAPEL GRÃ-PARENTAL.....	164
3. DISCUSSÃO DOS DADOS	169
4. TEORIA DE MÉDIO ALCANCE EXPLICATIVA DO FENÓMENO TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO	215
CONCLUSÃO	221
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	227
APÊNDICES	249
APÊNDICE I – INFORMAÇÃO AO PARTICIPANTE	251
APÊNDICE II – CONSENTIMENTO INFORMADO	255
APÊNDICE III – GUIÃO DA ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA TRANSIÇÃO PARA A GRÃ-PARENTALIDADE	259
APÊNDICE IV – EXEMPLO DE MEMORANDO	263
ANEXOS	269
ANEXO I - PARECER FAVORÁVEL DA COMISSÃO DE ÉTICA DA UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE: ENFERMAGEM DA ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM DE COIMBRA	271

ÍNDICE FIGURAS

<i>Figura 1 – Diagrama representativo do processo da Teoria das Transições</i>	<i>45</i>
<i>Figura 2 – Esquema representativo do processo de recolha e análise de dados</i>	<i>74</i>
<i>Figura 3 – Esquema exemplificativo do desenvolvimento do trabalho de campo com o recurso à Grounded Theory</i>	<i>78</i>
<i>Figura 4 – Esquema da realização do pré teste que precedeu à recolha de dados</i>	<i>80</i>
<i>Figura 5 – Mapa da região centro com os concelhos onde se desenvolveu o estudo assinalados.....</i>	<i>87</i>
<i>Figura 6 – Diagrama explicativo do fenómeno Tornar-se Avô: Processo de Construção da Grã-parentalidade no Masculino</i>	<i>97</i>
<i>Figura 7 – Resumo da condição causal – categoria assumindo o papel de avô e suas subcategorias</i>	<i>100</i>
<i>Figura 8 - Resumo das condições intervenientes – categorias e subcategorias.....</i>	<i>118</i>
<i>Figura 9 – Resumo das estratégias – categorias e subcategorias</i>	<i>145</i>
<i>Figura 10 – Quadro resumo das consequências do salto geracional – categorias e subcategorias</i>	<i>163</i>
<i>Figura 11 - Esquema representativo do desempenho do papel grã-parental com base nas categorias e subcategorias</i>	<i>168</i>
<i>Figura 12 - Teoria de médio alcance explicativa do fenómeno Tornar-se Avô: Processo de Construção da Grã-parentalidade no Masculino</i>	<i>216</i>

ÍNDICE QUADROS

<i>Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos do estudo relativamente à idade, estado civil, escolaridade, profissão, número de filhos, número de netos, idade dos netos e coabitação com os netos</i>	94
--	----

LISTA DE ACRÓNIMOS

CIPE – Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem

NUT – Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

INTRODUÇÃO

O aumento da esperança média de vida, associado ao declínio e adiamento da natalidade faz com que na mesma família se verifique, horizontalmente, uma diminuição de seus membros. No entanto, verticalmente, assiste-se à possibilidade de um maior número de gerações que podem conviver (Glaser, Price, Montserrat, Di Gessa & Tinker, 2013; Harper, 2006). E, se é pertinente o estudo da parentalidade, o mesmo se passa com a investigação da grã-parentalidade, ainda mais, porque o século XXI na Europa, é denominado como o “século dos idosos e dos avós” (Ramos, 2014, p.35).

O conceito de grã-parentalidade é algo abrangente (Coimbra de Matos, 2006), e relaciona-se com o universo existente entre avós e netos, que se inicia ainda durante a gravidez, etapa que assinala um período de transição no ciclo de vida da família, com transformações a todos os níveis, nomeadamente nas relações familiares. O nascimento de uma criança na família, para os futuros avós representa uma subida na escala geracional, podendo também representar o seu envelhecimento.

O nascimento de um neto é algo que não depende da vontade ou planeamento dos avós, fugindo do seu domínio esta transição que é simultânea com a transição para a parentalidade dos seus filhos. Tal acontecimento não afecta somente o sistema conjugal, estende-se igualmente à família alargada, criando uma ligação entre duas famílias com todo o impacto emocional que isso acarreta (Mendes, 2009). Foi essencialmente a partir dos anos 80 que a grã-parentalidade se assumiu como uma maior preocupação psicossocial devido a todas as mudanças ocorridas na sociedade, nomeadamente com o aumento de esperança média de vida, a modificação e alargamento dos tipos de famílias (monoparentais, casais divorciados...) (Diniz, 2018; Noy & Taubman-Ben-Ari, 2016). Durante anos o investimento dos investigadores centrou-se na transição para a parentalidade, deixando para trás a transição para a grã-parentalidade. Tal facto ocorreu porque se pensava que esta última transição era

apenas um evento feliz da vida de um adulto e não requeria nenhuma estratégia de adaptação a esta nova fase (Noy & Taubman-Ben-Ari, 2016). Muitas vezes o tornar-se avós aparece como um fator exógeno, algo que é tomado como dado e não um fenómeno a ser explorado (Skopek & Leopold, 2017). Felizmente a conjuntura atual é outra, e assiste-se a um investimento na transição para a grã-parentalidade.

Entenda-se que cada pessoa insere o seu ciclo de vida no ciclo de vida familiar. Uma mudança que ocorre num elemento da família, inevitavelmente, acaba por interferir com os demais. Na vida e na evolução humana, mudar é inevitável, embora não tenha que ser natural ou desejável essa mudança. A transição para a grã-parentalidade é um evento que foge inevitavelmente do controlo dos avós. Hoje assiste-se, por isso, a evolução do conceito de avós, talvez sejam eles os responsáveis pela própria mudança do conceito; os avós podem ser educadores, cuidadores, mas também, confidentes e parceiros de brincadeiras.

A taxa de natalidade em Portugal tem vindo a sofrer um ligeiro aumento (PORDATA, 2019), embora não significativo para a renovação equilibrada das gerações. Os avós de hoje vêm a possibilidade de experienciar a grã-parentalidade reduzida em número comparativamente aos avós de algumas décadas atrás, podendo ser também uma das razões do maior investimento destes nas relações com os netos, acompanhado das mudanças sociais.

A enfermagem estrutura-se no âmbito dos cuidados prestados às pessoas numa ampla dimensão, valorizando todo o ciclo vital e considerando o contexto de diversidade cultural de cada individuo. Assim, a grã-parentalidade é uma área sensível aos cuidados de enfermagem.

Contextualizar o papel do avô na saúde da família é contribuir para descrever o processo da grã-parentalidade e apoiar os enfermeiros a delinear intervenções capazes de facilitar a transição na grã-parentalidade e apoiar o avô a entender os seus papéis dentro da família (Coelho, Mendes & Rodrigues, 2019).

Partindo das questões de investigação: “Como decorre o processo de transição para a grã-parentalidade no homem ao tornar-se avô?” e “Como se caracteriza o desempenho do papel grã-parental na figura do homem enquanto avô no âmbito da saúde da família? pretende-se:

- Desenvolver uma teoria explicativa do processo de transição para a grã-parentalidade na figura do homem enquanto avô;
- Descrever o processo de transição para a grã-parentalidade do homem enquanto avô;
- Descrever a natureza da transição para a grã-parentalidade do homem enquanto avô;
- Identificar as condições facilitadoras e inibidoras da transição do homem enquanto avô a nível pessoal, comunitárias e sociais;
- Identificar os padrões de resposta da transição para a grã-parentalidade no homem enquanto avô;
- Caracterizar o desempenho do papel grã-parental na figura do homem enquanto avô na saúde da família.

Encontrar uma teoria explicativa do fenómeno parece fazer todo o sentido, pois a teoria não é só fundamental para a existência da enfermagem enquanto disciplina académica, mas também para a prática da enfermagem. As teorias em enfermagem permitem ao enfermeiro organizar, compreender e analisar os dados; planear intervenções de enfermagem fundamentadas; prever e avaliar os resultados (Tomey & Alligood, 2004).

A enfermagem enquanto disciplina consegue na *Grounded Theory* um interessante instrumento de reflexão e ação para a organização do processo de conhecimento (Prado, Souza, Monticelli, Cometto & Gomez, 2013). A escolha da *Grounded Theory* como método de investigação que norteará o estudo parece ser

adequado, no sentido que se pretende compreender a realidade dos avôs¹, as suas atitudes e significados que estes atribuem à transição para a grã-parentalidade.

No desenrolar da construção da teoria explicativa da grã-parentalidade, esta é descrita como uma transição. No entanto, no processo de recolha de dados com os procedimentos de codificação surgiu, emergindo dos dados, a necessidade de caracterizar o desempenho do papel grã-parental no homem enquanto avô na saúde da família, sendo este de relevo para a enfermagem, e salientado no título desta tese.

Este estudo encontra-se dividido em três principais capítulos, cada um com vários pontos relativos a cada uma das fases de investigação como especificado seguidamente.

No primeiro capítulo, denominado Transição para a Grã-parentalidade, será apresentado o fenómeno em estudo, fará sentido abordar a temática do tornar-se avô, mas também a do tornar-se avó, embora as mulheres não sejam alvo de investigação neste estudo. No entanto, no processo de transição para a grã-parentalidade são parceiras dos homens. Serão clarificados os principais conceitos apresentados pela literatura existentes, tais como grã-parentalidade e transição. A teoria das transições e a intervenção do enfermeiro na transição para a grã-parentalidade serão abordados, uma vez que a grã-parentalidade poderá ser encarada como uma transição desenvolvimental.

A fase metodológica será abordada no segundo capítulo, no qual se fará a descrição de todo o percurso metodológico da investigação. No primeiro ponto esclarecer-se-á a problemática, os objetivos e as questões orientadoras do estudo. As finalidades do estudo serão abordadas no ponto dois. O terceiro ponto reportar-se-á à *Grounded Theory*, a opção metodológica seguida, as suas origens, definição e principais pressupostos. O ponto três abordará o processo de investigação propriamente dito,

¹ Para reduzir a ambiguidade na utilização do plural de avô e de avó, esclarece-se que para designar o plural dos indivíduos do sexo feminino e de ambos os sexos, mantem-se a forma **avós**. Para distinguir o plural de avô, constituído apenas por indivíduos do sexo masculino, utiliza-se a forma **avôs**.

especificando as opções na amostra, os procedimentos na recolha e análise de dados, assim como, as opções referentes aos procedimentos formais e éticos e os critérios de rigor de investigação.

No terceiro capítulo, no ponto um – apresentação e discussão dos dados – será realizada a caracterização do contexto e dos sujeitos participantes no estudo. No ponto dois serão apresentados os dados encontrados de acordo com a perspectiva do paradigma de Strauss e Corbin (2002; 2008): condição causal, condições intervenientes, estratégias e consequências do salto geracional e os resultados referentes ao desempenho do papel grã-parental. A discussão dos achados será elaborada no ponto três, e no último ponto do capítulo será apresentada uma teoria explicativa do fenómeno da grã-parentalidade no masculino: o avô na saúde da família.

CAPÍTULO I – TRANSIÇÃO PARA A GRÃ-PARENTALIDADE

Neste primeiro capítulo proceder-se-á ao desenvolvimento da contextualização do fenómeno, embora as tendências mais positivistas de Glaser (2002) da *Grounded Theory* discordem desta atitude. Este autor considera que a revisão da literatura pode enviesar os dados e condicionar o investigador. No entanto, uma vez que para a realização desta investigação se optou pela orientação de Stauss e Corbin (2002; 2008) que aceitam a revisão da literatura como forma de potenciar a recolha de dados, pareceu-nos incongruente não a realizar.

Sabendo que a grã-parentalidade é um das grandes transições da adultez, parece-nos importante descrever o processo de transição para a grã-parentalidade do homem enquanto avô na sociedade contemporânea. Ao assumir a grã-parentalidade como uma transição considerou-se pertinente contextualizá-la na teoria das transições e compreender a intervenção do enfermeiro nesta transição.

1. GRÃ – PARENTALIDADE

A grã-parentalidade é um fenómeno multidimensional (Coimbra de Matos, 2006; Cunha e Matos, 2019) e é uma das atividades principais na adultez (Kaufman & Elder, 2003; Rodrigues, Azeredo & Mendes, 2011; Mendes, Coelho & Rodrigues, 2014, Mendes, Rodrigues, Azeredo & Lopes, 2012; Noy & Taubman-Ben-Ari, 2016; Rodrigues, Lopes, Azeredo, Mendes & Jullamaten, 2011; Rodrigues, Mendes, Lopes, & Azeredo, 2013; Taubman- Ben-Ari, Shlomo & Findler, 2014). Esta actividade não é desencadeada pelo próprio, mas uma decisão tomada por outros. Isto é, um homem tornar-se avô quando o seu filho e nora ou sua filha e genro decidem tornar-se pais, não depende da

sua vontade, mas está condicionado à vontade de outros (Biscaia, 2006; Noy & Taubman-Ben-Ari, 2016).

Os avós ao passarem pela transição para o papel de avós, percebem mudanças nas relações entre as gerações da família, e mudanças de indústrias mais práticas relacionadas com a gravidez e educação que os filhos proporcionam aos netos (Lowdermilk & Perry, 2008). Embora, seja habitualmente considerado um evento positivo, tornar-se avô é essencialmente imposto ao indivíduo, independentemente de querer ou não esse papel. Assim, a transição para a grã-parentalidade dos avós parece ser concomitante com a transição para a parentalidade dos seus filhos, isto não afecta somente o sistema conjugal, estende-se igualmente à família alargada, criando uma ligação entre duas famílias com todo o impacto emocional que isso acarreta (Mendes, 2009).

O conceito de grã-parentalidade é abrangente e multidimensional (Coimbra de Matos, 2006), e refere-se ao universo existente entre avós e netos e que se inicia ainda durante a gravidez, etapa que assinala um período de transição no ciclo de vida da família, com transformações das relações familiares. Para os futuros avós representa uma subida na escala geracional, podendo representar uma evidência do seu envelhecimento e simultaneamente, o ativar da sua própria experiência enquanto pais.

É importante salientar que o fenómeno de transição para a grã-parentalidade nem sempre é isolado e ocorre em simultâneo ou temporalmente próximo com outras transições como a perda dos pais ou a passagem da vida activa para a situação de reformado (Leopold & Skopek, 2015).

O nascimento de uma criança, normalmente é tempo de celebração para a família, é a oportunidade de aproximação entre as gerações (Woodbridge, Buys & Miller, 2009). Com a transição para o papel de avós as relações intergeracionais modificam-se (Lowdermilk & Perry, 2008). Tornar-se avós assinala um período de transição de papéis

no ciclo da família, proporcionado pelo fenómeno da longevidade da vida do homem, que permite a co-existência de três ou mais gerações (Lima & Junior, 2014).

A experiência da transição para a grã-parentalidade inicia-se com a gravidez da filha/nora, mas encontra-se fora do âmbito do controlo dos avós, estes tipicamente não interfere no tempo em que o evento pode ocorrer, assim como, o seu envolvimento na vida do neto depende do consentimento dos pais (Mahne & Motel-Klinggebiel, 2012; Shlomo, Taubman - Ben-Ari, Findler, Sivan & Dolizki, 2010), por isso a transição para a grã-parentalidade é denominada de “*countertransition*” (Arpino, Gumà & Julià, 2018; Margolis & Arpino, 2018).

Para Gomes-Pedro (2006, p14) o “Ser avô ou avó é uma conquista partilhada.”. O autor assume que o significado de ser avô ou avó é a interpretação que os netos têm dos seus avós.

O conceito de *grandparenthood*, no Brasil, é denominado de avosidade baseado no conceito espanhol “abuelidad” que é empregado nas situações em que se pretende definir as relações entre avós e netos, assim como as funções, reflectindo também a transição do papel parental para o “tornar-se avós” (Lima & Júnior, 2014). Avosidade é definida como um “... laço de parentesco que está intimamente ligado às funções materna e paterna, das quais, entretanto, se diferencia, exercendo papel determinante na formação do sujeito.” (Oliveira, Vianna & Cárdenas, 2010, p.461). A avosidade entende-se não como um processo biológico ou cronológico simples, mas uma fase da vida que decorre como consequência de um acontecimento biológico – o nascimento de um neto – e que leva a um trabalho subjectivo de ressignificação do seu papel social e familiar (Lima & Júnior, 2014).

A Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem (CIPE, 2015) refere-se aos termos papel do avô e da avó como um papel de membro de família, que conduz a interações de acordo com a responsabilidade de ser avô/avó; reflete as expectativas por parte dos elementos da família, amigos e sociedade, relativamente aos

comportamentos apropriados e inapropriados para um avô/avó e manifesta essas expectativas em comportamento real e no sentido dos valores. O termo é utilizado principalmente relativo à promoção do crescimento e desenvolvimento ótimo dos netos. Na mesma linha de pensamento, a CIPE (2015) define parentalidade como tomar conta: assumir o papel e as responsabilidades de ser pai/mãe, não fazendo referência a papel maternal e paternal, mas sim a parentalidade. Seguindo esta linha de pensamento, assume-se o conceito de grã-parentalidade como o assumir o papel de avô/avó, acompanhando também a ideologia de Coimbra de Matos (2006).

É importante salientar que existem factores demográficos que condicionam a forma como os avós desempenham um papel activo nas relações familiares multigeracionais, como o momento da fertilidade e da mortalidade (Glaser & Hank, 2018). Atrasos na idade de transição para a parentalidade podem reduzir ou mesmo anular o número de anos que os avós podem conviver com os seus netos. Embora pareça existir uma relação mais forte entre o tempo de fertilidade do que da mortalidade com o tempo em que os avós desempenham esse papel (Leopold & Skopek, 2015)

Num estudo comparativo realizado por Leopold e Skopek (2015) em vários países verificou-se que a idade de início da grã-parentalidade é variável nos diversos países. Por exemplo nos Estados Unidos os homens tornam-se avós aos cinquenta e dois anos em média, e as avós aos quarenta e nove anos; na Europa Oriental ocorre três anos antes; e na Europa Ocidental em média oito anos depois. No caso de Portugal, os avós iniciam a transição para a grã-parentalidade em média aos cinquenta e sete anos e as avós aos cinquenta e dois anos. Parece que, na generalidade dos países em estudo, a transição para a grã-parentalidade no mesmo estudo não é concomitante com a parentalidade activa, mas sim com a actividade profissional activa e papéis filiais.

Aboim, Vasconcelos e Wall (2013) referem que em Portugal, 70,5% dos avós estão envolvidos no apoio às famílias, podendo este apoio ser de ordem financeira, cuidados directos aos netos ou outro apoio. Nos Estados Unidos cerca de 70% dos avós

cuidam dos netos, pelo menos até aos dois anos de vida, e os seus cuidados aos netos são fundamentais no suporte familiar e relações interpessoais na família (Luo, LaPierre, Hughes & Waite, 2012), são muitas vezes suporte económico para os casais jovens e ajudam a cuidar das crianças, voltando a ser educadores. O nível do envolvimento dos avós na vida dos netos tem aumentado ao longo dos tempos, essencialmente, na primeira infância. Os avós podem fornecer um importante suporte aos pais e netos, sendo a sua experiência fundamental para os pais ultrapassarem com sucesso a transição para a parentalidade (Barnett, Scaramella, Neppl, Ontai & Conger, 2010), podendo ser utilizada como uma emergente estratégia reprodutiva (Thomese & Liefbroer, 2013). Os avós que cuidam dos netos parecem ter mais stress psicológico do que aqueles que não cuidam, este parece estar mais diminuído na situação em que existe mais suporte familiar (Lo & Liu, 2010).

As tendências das alterações sociais e culturais que ocorrem nas famílias, se por um lado sinalizam a redução do número de netos com quem os avós têm que partilhar os cuidados, por outro, chamam cada vez mais os avós a participar e colaborar nas tarefas de educação e cuidados aos netos (Peixoto & Goncalves, 2014).

Hoje, os avós têm a oportunidade que outrora não seria possível, o aumento da esperança média de vida apresenta-se como favorável aos relacionamentos intergeracionais, os avós conseguem acompanhar o período pré-natal dos seus netos, viver a idade infantil e juvenil e mesmo a adultez destes, aumentando a possibilidade de estabelecer vínculos. No entanto, no reverso assiste-se a famílias cada vez mais verticalizadas e com menos elementos, com maiores diferenças de idades entre os membros da família (Villas-Boas, 2013).

Um estudo de Griggs, Tan, Buchanan, Attar-Schwartz e Flouri (2010) representativo da população na Inglaterra e País de Gales indicou que a maioria das crianças têm um grande nível de envolvimento com os seus avós, estes são promotores de bem-estar, sendo uma importante ajuda na educação; são participantes nos

interesses e actividades das crianças, nomeadamente na escola, no desporto e actividades extra-curriculares; auxiliam na realização das tarefas de casa substituindo, por vezes, a ausência dos pais e; são mediadores de conflitos e crises providenciando suporte aos netos. As circunstâncias históricas, sociais, familiares e individuais influenciam os laços estabelecidos nas relações entre avós e netos emergindo comportamentos diversos que vão do suporte, ao amor, passando mesmo para um extremo de indiferença. Os relacionamentos parecem ser benéficos tanto para avós e netos, mesmo sabendo que, com os anos ocorrem mudanças na vida social dos netos, mudanças estruturais na família e na sua dinâmica. Parece que as experiências vividas entre avós e netos e os laços estabelecidos permanecem, independentemente das distâncias, ficando o designado por *grand cultures* (Kemp, 2007).

Na situação em que os avós se tornam responsáveis pelos netos, o suporte da família e amigos são referidos como uma vantagem e desvantagem; se por um lado, a família e amigos fornecem apoio emocional, recursos materiais e conselhos, por outro, a crítica vinda desses dois grupos são dificultadores dessa transição (Zlonick, Wright, Sanchez, Kusnir & Te'o-Bennett, 2010).

O estudo de Smorti, Tschiesner e Farneti (2012) mostra que nos cuidados aos netos as avós dedicam-se mais a atividades relacionadas com a linguagem como contar histórias, anedotas e situações da história da própria família, enquanto os avós, na relação com os seus netos, se ocupam das atividades físicas e desportivas.

No estudo de Durão (2012), as avós, principalmente as maternas, surgem não só como as figuras que mais cuidados prestam aos jovens, mas também como estas serem aquelas que mais horas passam com os netos, sendo-lhe reconhecida a importância pelos netos. Verificou-se, ainda nesse estudo, que os avós prestam cuidados aos netos em distintas áreas como na alimentação, nas situações de doença, na ocupação dos tempos livres e da disciplina, reconhecendo-se-lhe a importância no que concerne a valores, afetos e prestação de cuidados. Sendo vantajoso para avós e

netos essa interação, devendo o contacto ser promovido e estimulado (Durão, 2012). Na mesma linha, a tese de doutoramento de Rodrigues (2013) aponta os avós como suporte familiar, económico e social indispensável, tendo uma importância social de relevo na transmissão de valores e nos cuidados aos netos.

Os avós são em si a construção do sentido da família, são o reservatório permanente da confiança que ajuda à construção do sentido de pertença da criança. Para eles, ser avós representa a continuidade transgeracional, de certa forma os netos representam a sua própria transcendência de imortalidade, dando sentido de continuidade, de eternidade da família (Gomes- Pedro, 2006).

Uma criança vem sem dúvida unir gerações e estreitar relações familiares. No entanto, é importante que estejamos cientes do perigo do apoio excessivo prestado pelos avós, pela dependência que se cria e pela confusão nos limites das gerações, podendo resultar em mal- estar e conflito (Canavarro & Pedrosa, 2005).

Na lei portuguesa é claro o direito dos menores se relacionarem com os irmãos e ascendentes. No Código Civil Português (1966), concretamente no Artigo 1887.º-A, aditado pela Lei n.º 84/85, de 31 de agosto refere que "os pais não podem injustificadamente privar os filhos do convívio com os irmãos e ascendentes". E assim, é visível a preocupação do Sistema Jurídico Português com os aspetos das relações pessoais entre avós e netos apesar de relativamente recente (Martins & Vítor, 2010). Só pela Lei n.º 84/85, de 31 de agosto se reconheceu, legalmente, a importância para a criança do conhecimento e da relação com a família alargada, nomeadamente com os avós. No entanto, não é reconhecido aos avós nenhum direito de visita, o que existe é o direito da criança em manter regularmente relações pessoais e contactos diretos com os avós, salvo se tal se mostrar contrário ao interesse superior da criança. Cabe aos pais a responsabilidade de educar a criança e de assegurar o seu desenvolvimento, podendo estes privarem a criança desse convívio se for o caso. Enquanto os pais assumem uma função predominantemente de autoridade e de disciplina em relação aos

filhos, o papel dos avós é quase exclusivamente afetivo e lúdico, satisfazendo a necessidade emocional da criança de se sentir amada, valorizada e apreciada.

1.1 Tornar-se Avó

A gravidez é o início da experiência da transição para a grã-parentalidade da avó (Shlomo *et al.*, 2010).

O estudo de Kipper e Lopes (2006) refere que o tornar-se avó potencia a reflexão e uma construção individual do que significa ser avó, e embora os seus pais e avós não sejam considerados modelos perfeitos, são a referência, mesmo que o desejo das avós seja de serem avós diferentes.

Num estudo longitudinal, pretendeu-se quantificar o tempo e contato entre avós e netos, parece que as avós maternas são aquelas que mais tempo passam, substancialmente, a cuidar dos seus netos do nascimento aos 3 anos de vida (Condon, Corkindale, Luszcz & Gamble, 2012; Thomese & Liefbroer, 2013). Cerca de 10% dos avós referiram não ter contato com os netos e 50% referiram que para eles seria desejável mais horas de contato, sendo os maiores obstáculos o emprego, restrições dos filhos, outras responsabilidades das avós impeditivas de cuidar dos netos, e a distância geográfica (Condon, Corkindale, Luszcz & Gamble, 2012).

As avós são particularmente importantes na prestação de cuidados às crianças: alimentação e carinho; muitas vezes, na ausência dos pais são responsáveis por estas (Waynforth, 2012). O cuidado às crianças fica à responsabilidade dos avós em muitos países, o seu papel é um importante meio de reconciliação da família e do trabalho, essencialmente do trabalho da mãe. Aparecendo, também, o suporte financeiro como um aspeto a valorizar na intervenção dos avós (Aassve, Arpino & Goisis, 2012).

As avós consideram que o aumento da frequência das visitas dos filhos e netos podem resultar num maior envolvimento e uma oportunidade de criar uma relação especial com o seu neto, visto como a continuidade da família (Taubman-Ben-Ari, Shlomo & Findler, 2012).

Na avaliação da transição para a grã-parentalidade das avós, no processo de cuidar dos seus netos (Musil, Gordon, Warner, Zauszniewski, Standing & Wykle, 2011), verificou-se que as avós responsáveis por cuidarem dos netos reportam mais stress, mais problemas no relacionamento familiar e mais sintomas de depressão. A transição para a grã-parentalidade embora possa associar-se a sentimentos de realização pessoal e alegria, é também geradora de stress, pois acarreta sempre uma mudança na dinâmica da família com alteração de papéis (Taubman-Ben-Ari, Shlomo & Findler, 2012).

Tornar-se avó é uma transição na vida da mulher que desperta emoções diversas nesta fase de vida, assumindo-se como um ponto de viragem para a procura de um novo sentido para a vida (Shlomo, Taubman - Ben-Ari, Findler, Sivan & Dolizki, 2010; Taubman-Ben-Ari, Shlomo & Findler, 2012). No entanto, Biscaia (2006) alerta para o risco dos avós terem a ilusão que o nascimento dos seus netos são uma nova oportunidade na sua parentalidade, a si apenas lhe compete viver o seu papel de avós de acordo com a sabedoria que a vida lhes foi dando.

A saúde das avós é melhor durante a gravidez das filhas do que após o nascimento do neto, assim como, quanto menor for o nível de educação das avós maior a sensação de crescimento pessoal (Shlomo, Taubman - Ben-Ari, Findler, Sivan & Dolizki, 2010).

Com o nascimento de uma criança ocorrem mudanças na vida das mulheres envolvidas, as experiências comuns nas vidas de mãe e filha aumentam o senso de intimidade entre estas, o que introduz inúmeras mudanças na vida de ambas, nomeadamente no tipo de relacionamento (Shlomo, Taubman - Ben-Ari, Findler, Sivan

& Dolizki, 2010). A visão social das avós como cuidadoras coloca-as, quando responsáveis pelos cuidados aos netos, em papéis de educação e socialização dos netos (Cardoso & Brito, 2014).

Comparando a transição para a parentalidade e grã-parentalidade, as avós tendem a demonstrar um maior crescimento pessoal comparativamente às suas filhas, justificando-se esta situação com o fato das avós se encontrarem a experienciar a transição numa fase de vida mais avançada, com a sua filosofia de vida mais bem consolidada, podendo mesmo encorajar e motivar as suas filhas contribuindo assim para o crescimento pessoal destas (Taubman-Ben-Ari, Shlomo & Findler, 2012).

1.2 Tornar-se Avô

Para os avós, quando os seus filhos se tornam pais, são redefinidas as posições nas gerações, as representações dos filhos são alteradas, e novos vínculos, nomeadamente com o neto, são desenvolvidos (Kipper & Lopes, 2006). Gomes-Pedro (2006, p11) considera ser avô como um direito, uma vez que "...implica-se com o direito a brincar que é um direito à vida e (...) um desafio ao desenvolvimento humano."

Os avós consideram que o seu papel é de extrema importância para si, no entanto, os homens parecem compreender que as avós têm um papel mais importante na vida dos netos que o seu. Parece que o papel dos avós e a sua importância não é afectada pela condição económica (Mahne & Motel-Klinggebiel, 2012). Mesmo os pais que ainda não têm netos consideram a experiência de tornarem-se avós muito importante, sendo algo desejável e a experienciar no futuro (Leopold & Skopek, 2015; Mahne & Motel-Klinggebiel, 2012).

A experiência do nascimento de um filho e, conseqüentemente, de um neto pode ser analisada como uma transição (Dallas, 2004). O nascimento de um neto justifica

colocar mais esperança e fé na vida, reforça a visão positiva do envelhecimento, o que pode induzir o calibrar das prioridades. A transição para a grã-parentalidade pode ser considerada um rito de passagem de uma fase para outra na vida dos avós (Achenbaum, 2011).

A transição para a grã-parentalidade evoca um grande impacto social, o mesmo acontece com a percepção que os avós têm da sua idade. O tempo em que esta ocorre, assim como, os papéis desempenhados pelos avós podem ser determinantes para eles definirem a sua idade psicológica. Se a transição para a grã-parentalidade se realizar em simultâneo quando os seus pares realizam a mesma transição, esta é muito mais bem-sucedida. Relativamente ao número de netos, quanto maior for o número de netos, mais satisfeitos os avós se encontram com a sua idade, e mais esperança têm em viver mais anos com qualidade de vida (Kaufman & Elder, 2003).

Embora possa ser causadora de stress e mudança, a transição para a grã-parentalidade oferece aos homens mais velhos a oportunidade de receber um feedback positivo relativo à importância do seu papel na família e à sua capacidade de ser solidário com os outros, a experiência desta transição leva a um crescimento, principalmente, em homens que necessitam de um impulso na sua autoestima (Taubman - Ben-Ari, Findler & Shlomo, 2012). As avós demonstraram um maior nível de crescimento pessoal que os avôs (Taubman - Ben-Ari, Findler & Shlomo, 2013), embora ambos tenham demonstrado algum crescimento pessoal na transição para a grã-parentalidade, e demonstrado desenvolvimento nas suas auto-percepções em relação os seus pontos fortes, relacionamentos interpessoais e estabelecimento de prioridades. No que concerne à percepção do crescimento pessoal de ambos os avós, a baixa escolaridade e um nível de ansiedade menor está associado a uma maior percepção do crescimento pessoal (Taubman - Ben-Ari, Findler & Shlomo, 2013).

Partindo do pressuposto que entre o pouco ou o nenhum contato dos avós com os seus netos e o excesso de contato pode estar a saúde mental e o bem-estar dos

avós e netos (Condon, Corkindale, Luszcz & Gamble, 2012) poder-se-ia assumir que mais contato seria vantajoso para a saúde dos avós. No entanto, já anteriormente, foi concluído noutro estudo que o excesso de tempo que os avós passam a cuidar dos netos é fomentador do aumento de stress, pior saúde física, assim com causador de alterações na dinâmica familiar (Musil, Gordon, Warner, Zauszniewski, Standing & Wykle, 2011).

Embora a transição para parentalidade e, conseqüentemente, para a grã-parentalidade esteja associada a eventos positivos na vida das mulheres, existem também alguns efeitos negativos como ansiedade, sentimentos de incompetência e sobrecarga causadores de stress (Taubman-Ben-Ari, Shlomo & Findler, 2012). A mesma situação acontece no sexo masculino, quando os homens se tornam avós (Taubman - Ben-Ari, Findler & Shlomo, 2012). Embora as avós demonstrem maior satisfação no geral relativamente à grã-parentalidade do que os avôs, os homens sentem-se mais capazes de aconselhar os novos pais na educação dos netos (Somary & Stricker, 1998)

A assistência fornecida pelos avôs nos cuidados às crianças pode afetar a sobrevivência mas também a fertilidade do casal, pois casais com apoio podem optar por terem mais filhos (Waynforth, 2012; Mathews & Sear, 2013). No entanto, o primeiro autor no seu estudo de coorte verificou que o apoio financeiro e os cuidados dos avôs às crianças não parecem relacionar-se com a probabilidade de um nascimento, ao contrário do esperado, embora a proximidade entre os filhos e os pais possa ajudar na decisão de ter um filho.

Em suma, a transição para grã-parentalidade é vista como uma procura do sentido de vida e oportunidade de crescimento pessoal, um evento normativo que pode invocar emoções e cognições positivas e negativas. A grã-parentalidade pode ser

encarada como uma transição, ou como um processo adaptativo com alterações na dinâmica familiar, e na percepção que os avós têm de si.

A grã-parentalidade embora esteja associada a sentimentos de realização pessoal e alegria, é também geradora de stress, sendo que o excesso de contato entre avós e netos pode traduzir-se numa pior saúde física e mental (Coelho, Mendes & Rodrigues, 2017).

O nascimento de um neto é visto como a continuidade da família, mas os pais podem condicionar o envolvimento e proximidade dos avós com o neto.

A vivência do processo de tornar-se avó/avô pode ser analisada como um acontecimento com grande impacto social. Os avós sentem-se com mais esperança no futuro e uma visão positiva do envelhecimento, embora o que pode ser fomentador de crescimento pessoal é também gerador de stress (Coelho, Mendes & Rodrigues, 2017).

2. TRANSIÇÃO PARA A GRÃ- PARENTALIDADE

O conceito de transição é um conceito central do domínio da enfermagem (Meleis, 2012), e exige a definição ou redefinição dos papéis dentro da família e comunidade. É certo que, os enfermeiros lidam com sujeitos que são alvos dos seus cuidados e estão a vivenciar uma transição, vão vivê-la ou já terminaram com todas as alterações que daí decorra. Por isso, daí a importância do estudo das transições.

Transição é definida de formas diversas, a mais comum é a passagem de uma fase bastante estável para outra fase também bastante estável, sabendo que esse processo desencadeou uma mudança. As transições caracterizam-se por etapas dinâmicas, marcos, pontos de viragem, podendo ser definidas pelos processos ou resultados (Meleis & Trangenstein, 2010).

A evolução humana e o crescimento são inevitáveis podendo ser uma evolução natural ou desejada, mas que pode ser consequência de um acontecimento inevitável que se impõe, fugindo muitas vezes do controlo do indivíduo. A grã-parentalidade encarada como uma transição deverá ser estudada pela disciplina de enfermagem. O nascimento de um membro da família constitui uma transição do domínio da enfermagem (Meleis, 2012). Assim, a transição para a grã-parentalidade, constitui uma das etapas desenvolvimentais do adulto, em que se vivencia uma adaptação/ajustamento a uma nova identidade e a novos papéis, de entre os quais, o apoio aos novos pais na sua própria transição. Como uma das tarefas desenvolvimentais centrais do adulto de meia-idade, a transição para a grã-parentalidade pode constituir um momento crítico, mas também, uma grande oportunidade de aprendizagem e de mudança, requerendo individualmente e na própria família, mecanismos de adaptação e de *coping* durante um período de adaptação/ajustamento a uma nova identidade de género e a novos papéis (Meleis, Sawyer, Im, Hilfinger Messias & Schumacher, 2000).

As transições desenvolvimentais humanas são fenómenos complexos e dinâmicos que envolvem uma série previsível de estágios de crescimento biologicamente determinados (físicos e cognitivos) e psicossociais. Transições desenvolvimentais também podem envolver eventos e transições imprevisíveis, que precipitam mudanças que, provavelmente, influenciam negativamente a saúde e o bem-estar dos homens adultos e das mulheres (Hattar-Pollara, 2010). Admitindo que a grã-parentalidade é uma transição do tipo desenvolvimental, esta nem sempre é previsível, podendo desencadear situações adversas à saúde e bem-estar dos avôs.

2.1 Teoria das Transições

Os enfermeiros têm investido na investigação, muito no sentido do desenvolvimento de teorias e modelos de enfermagem, a fim de melhorar os cuidados prestados aos seus clientes através da educação, da prática e da investigação. O produto da investigação pode resultar no desenvolvimento de uma teoria pela qual a prática de enfermagem seja orientada. A teoria confere significado ao conhecimento de forma a melhorar a prática, descrevendo, explicando e antevendo os fenómenos (Coelho & Mendes, 2011).

O conceito de transição é entendido como a passagem de uma fase, condição ou status para outro. Transição está intimamente relacionada com mudança e desenvolvimento, sendo estes temas pertinentes para a enfermagem. Este conceito é consistente com a filosofia da saúde como bem-estar holístico, sendo esta a visão da enfermagem. Certo que algumas transições são iniciadas pelos indivíduos, outras fogem do seu controlo e vontade (Chick & Meleis, 1986). Ao ocorrer uma transição, existirá sempre uma mudança no estado de saúde, no desempenho dos papéis, expectativas ou capacidades. A transição obrigará cada pessoa a incorporar um novo conhecimento, alterar o comportamento, portanto implica a alteração da definição do próprio no contexto social (Meleis, 2012).

As mudanças na situação de saúde/doença pelas quais os indivíduos podem passar podem ocorrer num processo de transição. Esses indivíduos tendem a ser mais vulneráveis aos riscos que podem afetar a sua saúde. Cada transição é caracterizada pela sua unicidade, complexidade e múltiplas dimensões. Perceber as propriedades e condições inerentes ao processo de transição conduzirá ao desenvolvimento de terapêuticas de enfermagem congruentes com as experiências dos clientes e famílias, promovendo assim respostas saudáveis às transições (Meleis *et al.*, 2000).

A teoria de transições consiste em compreender a natureza e as respostas à mudança, facilitando e apoiando a experiência e respondendo a ela em diferentes fases, e recuperando ou tornando-se saudável antes, durante ou no final do evento (Meleis, 2015).

Com base na análise de vários estudos surgiu a teoria de médio alcance desenvolvida por Meleis *et al.* (2000). Esta teoria de enfermagem é menos abrangente e menos abstrata, apesar de continuar a refletir a prática de enfermagem, comparativamente com as grandes teorias de enfermagem já existentes.

A teoria das transições desenvolvida por Meleis *et al.* (2000) cujo conceito central é a transição, assenta em quatro componentes: descrição da natureza das transições em tipos, padrões e propriedades; condições facilitadoras e inibidoras das transições, que se podem dividir em pessoais, da sociedade e da comunidade; padrões de resposta onde se inclui os indicadores de processo e os indicadores de resultado; terapêuticas de enfermagem que podem sofrer influência dos três componentes anteriores. A representação esquemática e os componentes sofreram uma reestruturação com Meleis (2015), apresentada na figura 1, na qual os seus componentes básicos passaram a ser: 1 – Fatores de Mudança; 2 – Propriedades da Transição; 3 – Condições das Transições; 4 – Padrões de Resposta; 5 – Intervenção de Enfermagem.

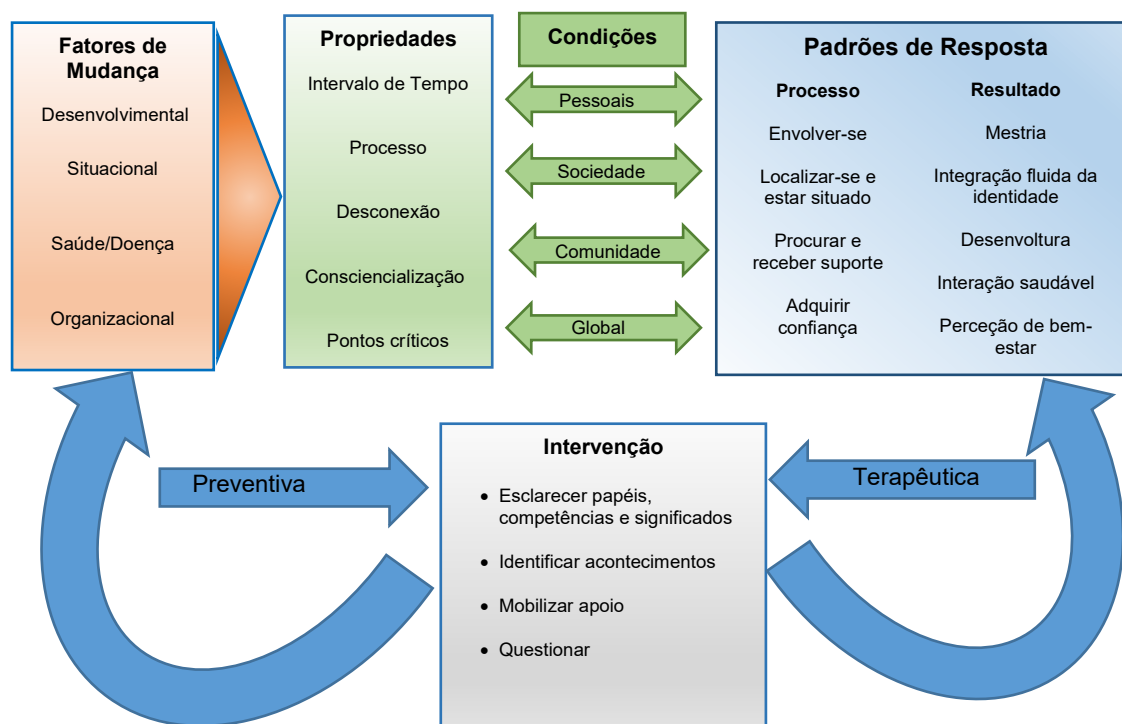


Figura 1 – Diagrama representativo do processo da Teoria das Transições²

Fatores de Mudança e Propriedades das Transições;

Qualquer transição vivida pode desencadear no indivíduo instabilidade, efeitos negativos e alterações profundas permanentes ou passageiras, deixando no indivíduo uma marca (Zagonel, 1999). A mudança estará relacionada com um fator externo. No entanto, a transição é um processo interno (Chick & Meleis, 1986).

A natureza das transições que na versão de Meleis & Tran-genstein (2010) englobava tipos, padrões e propriedades, passou, com Meleis (2015) a conter os fatores de mudança e as propriedades que estão relacionadas. Os fatores de mudança são de quatro tipos e podem ser de *saúde/doença*, associadas as tarefas *desenvolvimentais*, *situacionais* ou *organizacionais*.

² Fonte: Adaptado de Meleis (2015)

As transições não são distintas, nem mutuamente exclusivas, podendo ocorrer várias transições em simultâneo (Meleis, Sawyer, Im, Hilfinger Messias & Schumacher, 2010)

As propriedades das transições, de acordo com Meleis (2015) são:

- *Intervalo de tempo;*
- *Processo;*
- *Desconexão;*
- *Consciencialização;*
- *Pontos críticos.*

O *intervalo de tempo* que pode começar a partir do momento em que um evento ou uma situação chega à consciência de um indivíduo. Ao contrário do início, o final de uma transição é fluído. O fim pode ser determinado quando uma meta final é alcançada, seja o domínio de novos papéis, desenvolvendo certas competências, sentindo uma sensação de bem-estar ou adquirindo uma qualidade de vida desejada. O evento de mudança em si é estático, mas a experiência que se segue é um *processo* dinâmico e fluído. A distância entre o início desse processo e quando exatamente termina pode corresponder a outros processos similares ou pode ser única.

A *desconexão* é um carácter adicional da transição. Seja a mudança desencadeante relacionada à saúde, desenvolvimento, situacional ou organizacional, uma das propriedades da experiência de transição é uma sensação de desconexão iminente ou real. A experiência de transição reflete uma rutura na sensação de segurança de uma pessoa associada ao que é conhecido. Há uma sensação de perda de referências familiares, pontos de referência ou estado de saúde - e de uma incongruência entre expectativas passadas, presentes e futuras.

A *consciencialização* relaciona-se com a percepção que a pessoa tem, o conhecimento e o reconhecimento da experiência da transição. O nível de consciência é muitas vezes referido como o grau de congruência do que é conhecido sobre o

processo e as respostas e o conjunto esperado de respostas de indivíduos submetidos a experiências similares de transições.

Os *pontos críticos* correspondem a marcos, identificá-los é essencial para compreender as fases nas experiências de transição, bem como para identificar os pontos de avaliação apropriados e os pontos de intervenção. Os objetivos da teoria da transição são descrever os fatores de mudança, antecipar a experiência, prever os resultados e fornecer diretrizes para as intervenções.

Os enfermeiros podem, examinando a experiência das transições, analisar o nível de conforto e mestria com que o seu utente/cliente lida com a mudança e a diferença.

Todas as transições são caracterizadas por fluidez e movimento ao longo do tempo (Meleis *et al.*, 2010). É possível identificar o tempo de transição através da identificação de percepção da mudança. No entanto, parece contraproducente colocar limites no tempo despendido em determinada transição pois este varia de acordo com as circunstâncias.

Cada ponto ou evento crítico exige a atenção, conhecimento e experiência dos enfermeiros para ultrapassar a transição com sucesso.

Condições das Transições

Os fatores de mudança iniciam um processo com padrões de respostas que são comportamentos observáveis e não observáveis, funcionais ou disfuncionais. Essas respostas começam a partir do momento em que um fator de mudança é antecipado e é influenciado por condições pessoais, comunitárias, sociais ou globais que podem ser facilitadoras e/ou inibidoras do processo (Meleis, 2015). Entre as *condições pessoais* estão o significado e os valores atribuídos à mudança e ao contexto dela, a preparação e o conhecimento. Os significados atribuídos a eventos que precipitam a transição podem facilitar ou dificultar o processo de transição. Assim como as crenças culturais e

a atitudes que os indivíduos possuem relativamente a uma transição podem inibir ou não a transição.

Preparar antecipadamente a transição facilita a experiência da transição, associado à preparação encontra-se o conhecimento sobre o que é esperado com a transição e quais as estratégias passíveis de serem usadas na gestão do processo de transição, o nível de saúde e bem-estar, a capacidade de planejar e presença de recursos que apoiem a pessoa nesta transição (Meleis *et al.*, 2010; Meleis, 2015). Cada pessoa associa significados e tem percepções acerca de cada situação de saúde ou doença. Essas percepções ou significados pessoais, sociais e comunitárias podem facilitar ou inibir o processo e os resultados das transições. Nas condições existem normas partilhadas pela *sociedade* e *comunidade* que podem ser facilitadoras e inibidoras das experiências saudáveis e resultados das transições. É certo que a sociedade pode apresentar-se como facilitadora ou inibidora das transições. Visões sociais estereotipadas e estigmatizadas dos eventos que provocam as transições podem interferir no processo saudável da transição. Os recursos que a comunidade em que nos inserimos dispõe, tais como o suporte providenciado pela família, a informação relevante e credível obtida, por exemplo, junto a profissionais de saúde, podem ajudar na transição ou pelo contrário ser fator dificultador (Meleis *et al.*, 2010; Meleis, 2015). As condições *globais* podem influenciar a experiência de transições, incluindo políticas e mandatos desenvolvidos por organizações internacionais, definem como certos fatores desencadeantes são vistos e aparecem na consciência global (Meleis, 2015).

Padrões de Resposta às Transições

Os padrões de resposta às transições podem ser *indicadores de processo* (envolver-se, localizar-se e estar situado, procurar e receber suporte e adquirir

confiança) ou *indicadores de resultados* (mestria, integração fluida da identidade, desenvoltura, interação saudável e percepção de bem-estar) (Meleis, 2015).

Uma transição saudável caracteriza-se por indicadores de processo e de resultado. As transições desenrolam-se ao longo do tempo e encaminham as pessoas na direção da saúde ou da vulnerabilidade, uma intervenção precoce de enfermagem poderá facilitar resultados saudáveis (Meleis *et al.*, 2010).

Relativamente ao indicador de processo envolver-se, refere-se aos níveis de envolvimento daqueles que estão envolvidos e experienciando a transição. Localizar-se e estar situado é importante na maioria das experiências de transições, embora possa ser mais evidente em algumas que em outras. Com o episódio da transição o indivíduo tem que criar novos significados e percepções, fazer comparações da situação anterior com a situação atual, poderá ser uma forma do indivíduo se localizar e estar situado relativamente ao tempo, espaço e relações, e talvez seja uma forma deste explicar e talvez justificar as suas escolhas. A forma como a pessoa vê e se relaciona com outras pessoas, profissionais de saúde ou ambientes é um padrão, um indicador de processo. Como e quando uma pessoa, uma família ou uma comunidade confrontada por um apoio de prestadores de cuidados de saúde, são indicadores da extensão em que eles entendem as necessidades e a oportunidade em procurar o apoio. É também uma indicação de perceber a sua posição dentro do sistema de saúde, de procurar e receber suporte. Outro padrão de resposta indicador de processo é o nível de confiança ao lidar com as novas, múltiplas e às vezes conflitantes responsabilidades de uma pessoa, família ou organização no meio de tentar lidar com um evento desencadeador da transição. Da mesma forma, o nível de confiança pode ser determinado pela capacidade do indivíduo de identificar prioridades, necessidades e delinear diferentes níveis de ações ou intervenções. Desenvolver confiança é demonstrar conhecimento acerca das situações, maior entendimento dos pontos críticos, e demonstrar sabedoria resultante da sua experiência de vida (Meleis, 2015).

Os padrões de resposta indicadores de resultado são analisados no final do processo de transição. Os níveis em que esses resultados são experimentados podem refletir-se na qualidade de vida para aqueles que estão a experienciar as transições. A determinação de quando uma transição é concluída deve ser flexível e variável de acordo com o tipo de mudança ou o início da transição, bem como a natureza e os padrões das transições. É importante salientar que se os resultados forem considerados demasiado precoces num processo de transição, estes podem ser indicadores de processo e não de resultado, como era suposto. Se a análise da transição for realizada muito tempo após a conclusão da transição, os indicadores de resultado podem estar relacionados a outros eventos na vida da pessoa. Em algumas transições, é mais fácil determinar um ponto inicial e final, noutras é mais difícil (Meleis, 2015).

A mestria inclui o domínio do papel, que é manifestado pela integração dos sentimentos, objetivos e comportamentos na sua identidade, e manifestar comportamentos com confiança, conhecimentos e experiências. A mestria vai para além dos papéis, e inclui o domínio do ambiente da pessoa, na medida em que se manifesta na busca e utilização de recursos adequados de apoio. A integração fluida da identidade relaciona-se com a capacidade do indivíduo se movimentar entre as múltiplas identidades que uma pessoa em transição experimenta, e a desenvoltura com a adaptação a novas situações.

A interação saudável relaciona-se com a capacidade de manter relacionamentos e / ou desenvolver novos relacionamentos que ajudem na conclusão de uma transição e deem a perceção de bem-estar aos indivíduos.

A conclusão de uma transição saudável é determinada pela medida em que os indivíduos demonstram mestria no desenvolvimento das habilidades e comportamentos necessários para gerir novas situações, sendo pouco provável que a mestria seja detetada precocemente no processo de transição. Na altura em que os indivíduos estão

a experienciar um novo estado de equilíbrio perto do final do processo de transição. O seu nível de mestria demonstra até que ponto eles alcançam os resultados saudáveis.

Parece ser consensual que a experiência da transição saudável resulta numa reformulação da identidade, daí um dos indicadores de resposta ser a integração fluida da identidade, percepção de bem-estar, interação saudável e agilidade na nova situação.

Intervenções de Enfermagem

Todos os cuidados prestados aos clientes são as terapêuticas de enfermagem, Chick & Meleis (1986, p. 255) apelida mesmo o cuidado aos clientes como a “razão de ser da enfermagem”. O processo de enfermagem engloba a avaliação, diagnóstico e intervenção. As terapêuticas de enfermagem consideram o conteúdo das intervenções de enfermagem e o objetivo dessas intervenções, sendo que em última análise o objetivo do desenvolvimento de teorias em enfermagem é desenvolver teorias que guiem os cuidados de enfermagem prestados (Meleis, 2012).

Compreender as propriedades e as condições inerentes ao processo transição em análise conduzirá ao desenvolvimento de terapêuticas de enfermagem que seja congruente com a experiência única dos indivíduos e suas famílias, de forma a promover respostas saudáveis à transição (Meleis *et al.*, 2010). O desenvolvimento de terapêuticas de enfermagem deverá ser focado na prevenção de transições não saudáveis, promovendo bem-estar na gestão da experiência da transição (Meleis e Trangenstein, 2010). O objetivo das intervenções de enfermagem na teoria das transições é facilitar e inspirar respostas saudáveis de processos e resultados podendo ser de carácter *preventivo* ou *terapêutico*. Intervenções de enfermagem que apoiam comportamentos de processo saudáveis e comportamentos de resultados saudáveis incluem o seguinte: esclarecer significados, fornecer especialistas melhor colocados para ajudar o indivíduo, definir objetivos, modelar o papel dos outros, fornecer recursos,

oportunidades de ensaio, acesso a grupos de referência e modelos de papel e prestar esclarecimentos (Meleis, 2015).

Em suma, a transição é um conceito central na enfermagem, durante o ciclo vital o ser humano experiencia inúmeras transições. A teoria de médio alcance das transições é uma teoria capaz de orientar a prática e a investigação em enfermagem.

3. INTERVENÇÃO DO ENFERMEIRO NA TRANSIÇÃO PARA A GRÃ - PARENTALIDADE

O processo de transição ocorre quando há uma mudança nas circunstâncias de vida ou nos relacionamentos, mas nem sempre uma mudança resulta numa transição. Kralik, Visetin & Loon (2010) verificaram na sua análise que a transição não é o evento, mas sim um movimento de passagem entre dois pontos, que envolve transformação ou alteração, uma reorientação e redefinição que a pessoa tem que passar de forma a incorporar uma mudança na própria vida.

É verdade que o conceito de transição, em especial a transição para a grã-parentalidade, não é exclusivo da disciplina de enfermagem. Outras disciplinas do conhecimento como a psicologia, a sociologia ou a biologia têm interesse no conceito das transições. O seu objetivo ou o seu interesse será o conhecer/saber. A enfermagem vai mais além, não só necessita de saber o tipo de transições, mas também precisa de articular essas transições nas dimensões biopsicossocial e cultural do individuo, e em última análise saber qual a utilidade desse conhecimento acerca das transições e, em particular, ter habilidades de usar eficazmente esse conhecimento para reforçar as transições saudáveis dos indivíduos. Embora, o contributo de outras disciplinas como psicologia ou sociologia seja utilizado pela investigação em enfermagem, a

conceptualização do fenômeno das transições será sempre uma conceptualização do conceito no âmbito da enfermagem com a visão global do ser humano inserido numa comunidade (Meleis, 2012). Para o enfermeiro é desafiante proporcionar transições saudáveis, pois uma transição insalubre pode trazer consequências para a saúde dos clientes. Cada pessoa, dotada da sua singularidade, ultrapassa de formas diferentes o processo de transição, esta passagem entre dois períodos relativamente estáveis provocam algum desequilíbrio devendo o enfermeiro desenvolver estratégias para diminuir o risco de uma transição não saudável, focando-se em padrões de respostas, reconhecendo situações críticas e de vulnerabilidade (Costa, 2016).

Os enfermeiros despendem algum do seu tempo na atividade clínica cuidando de pessoas que experienciam uma ou mais mudanças na sua vida que afetam a sua situação de saúde (Meleis & Trangenstein, 2010), e podem ajudar as pessoas a adquirir papéis alternativos modelando comportamentos, permitindo que seus clientes treinem os papéis e fornecendo-lhes apoio enquanto desenvolvem esses papéis (Meleis, 2015).

A Ordem dos Enfermeiros na reflexão acerca dos Padrões de Qualidade dos Cuidados de Enfermagem afirma que os cuidados de enfermagem têm como "...foco de atenção a promoção dos projetos de saúde que cada pessoa vive e prossegue". Assim, o enfermeiro deve incidir a sua intervenção na prevenção da doença e promoção dos processos de readaptação, promovendo a melhor gestão possível dos recursos de saúde de forma a possibilitarem aprendizagens, e aumentar o leque de recursos pessoais, familiares e comunitários para que cada indivíduo consiga lidar o melhor possível com os desafios em saúde (Ordem dos Enfermeiros, 2001, p 11). Atendendo às mudanças na estrutura familiar dos últimos anos, a investigação na grã-parentalidade é importante, devido em primeiro lugar, ao aumento da esperança média de vida, que está a aumentar o convívio intergeracional nos países industrializados, mais do que anteriormente; em segundo lugar, as perceções dos avós raramente são avaliadas pelos

profissionais de saúde, no contexto dos efeitos potenciais sobre a sua saúde; em terceiro lugar, na área da saúde, os enfermeiros como cuidadores devem ter em consideração a dinâmica, as influências e percepções dos membros de cada geração em eventos diários e os efeitos destas situações sobre a saúde individual e familiar (Rempusheski & O'Hara, 2005). No âmbito do acompanhamento do ciclo vital das famílias no apoio à família nuclear temos a família alargada, nomeadamente os avós como suporte intergeracional na transição para a parentalidade, importando compreender como se processa a transição dos próprios avós – grã-parentalidade.

As transições são acompanhadas de diversas emoções muitas com origem nas dificuldades encontradas durante estes processos. Para além do desconforto emocional, muitas vezes surge o desconforto físico que pode comprometer uma transição bem-sucedida. Considerando estes pontos, surge o cuidado de enfermagem cujo objetivo é cuidar da pessoa, criando condições condutivas a uma transição saudável (Zagonel, 1999)

Os homens quando confrontados com a experiência da grã-parentalidade podem necessitar de intervenções no âmbito da sua readaptação ao novo papel. Os enfermeiros através da compreensão do processo de transição, poderão ter uma ótica mais aprofundada da transição para a grã-parentalidade e, conseqüentemente, ser possível o estabelecimento de estratégias de prevenção, promoção e intervenções terapêuticas face ao fenómeno. De acordo com Lo e Liu (2009), os enfermeiros, especialmente os que trabalham na comunidade, têm de estar conscientes da sobrecarga física dos avós que cuidam dos netos, principalmente os mais idosos, e encontrarem com estas estratégias para a proteção da sua saúde.

O aumento do nível de conhecimentos e de motivação das famílias, a redução do analfabetismo e da melhoria das condições de vida, favorecem o desenvolvimento do exercício da parentalidade, e tornam possível que tanto os pais como os avós o

assumam, como direito e dever, competindo aos profissionais facilitá-lo e promovê-lo.
(Direção Geral da Saúde, 2013)

Assim, se admitimos que o conceito de transição é central para a enfermagem, investigar a transição para a grã-parentalidade é fundamental para a prestação de cuidados de enfermagem de qualidade, pois apenas conhecendo o fenómeno da transição para a grã-parentalidade os enfermeiros podem delinear estratégias capazes de auxiliar os homens a ter uma transição salubre quando se tornam avôs.

CAPÍTULO II – FASE METODOLÓGICA

Este capítulo pretende descrever o percurso metodológico percorrido. Após explicitada a problemática investigação tendo em conta o estado atual dos conhecimentos, coloca-se sempre a escolha do método de investigação capaz de orientar o investigador no estudo do fenómeno. As opções metodológicas disponíveis são várias. No entanto, a escolha da metodologia deve ser feita de forma criteriosa tendo em conta a problemática, os objetivos e as questões de investigação colocadas, e as finalidades do estudo, pois apenas assim se chegam a resultados credíveis. Aqui será descrito o processo de investigação desenvolvido, as questões relacionadas com o acesso à amostra, a recolha e análise dos dados, assim com serão abordados os procedimentos formais e éticos e os critérios de rigor de investigação.

1. PROBLEMÁTICA, OBJETIVOS E QUESTÕES ORIENTADORAS DO ESTUDO

Decorrentes da contextualização do fenómeno em estudo salientam-se os seguintes pressupostos:

- O nascimento de um neto é um marco no ciclo da vida familiar, muda a estrutura familiar e altera também a estrutura psíquica dos novos avós, surge uma nova identidade e novos papéis, caracterizando-se psiquicamente pela quarta individualização definida por Kipper e Lopes (2006).
- Não apenas as transições paternas/maternas devem ser analisadas, mas também as que ocorrem na família alargada devem ser motivo de interesse para a investigação. Para além da alteração de toda a dinâmica familiar que o nascimento de um filho/neto pode acarretar, é necessário conhecer as transições que ocorrem,

nomeadamente, com os avós, uma vez que parecem afetar o desenvolvimento cognitivo das crianças na primeira infância (Mollborn, Fomby & Dennis, 2012).

- Tornar-se avô é um fenómeno cada vez mais frequente na população mundial, facto proporcionado pelo aumento da esperança média de vida do ser humano.

- Tornar-se avó/avô pela primeira vez é uma das maiores transições ao longo do ciclo vital (Taubman - Ben-Ari, Findler & Shlomo, 2013). Tal como acontece no estudo da transição para a parentalidade, na transição para a grã-parentalidade a perspectiva feminina é muito mais estudada que a masculina. Assim, torna-se fundamental investir na investigação da perspectiva masculina.

- A grã-parentalidade tem sido estudada em diferentes perspetivas: na influência que os relacionamentos entre avós e netos têm, nomeadamente, na fase adulta (Geurts, Poortman, Tilburg & Dykstra, 2009; Kemp, 2007; Monserud, 2011); avós cuidadores e com responsabilidade na custódia dos netos (Bachman & Chase-Lansdale, 2005; Landry-Meyer & Newman, 2004) e o tipo de apoio que os pais recebem dos seus parentes na transição para a parentalidade (Haxton & Harknett, 2009).

- No que diz respeito à transição para a grã-parentalidade é, amplamente, estudada em situações de risco, as quais podem ser desencadeadoras de desequilíbrios e necessitem de iniciar novas transições, tais como: situação de divórcio dos pais (Doyle, O'Dywer & Timonen, 2010; Henderson, Hayslip, Sanders & Loudon, 2009); ou situação de doença dos netos (Woodbridge, Buys & Miller, 2009; Schmeer, 2013).

- Explorar a transição para a grã-parentalidade que se inicia com a gravidez e se prolonga após ao nascimento do neto é reconhecer um processo de transição numa nova fase da vida, é, também, assumir um novo papel que pode ter conotações simbólicas associadas a velhice e morte.

- Compreender as variáveis associadas a este processo pode ajudar os profissionais de saúde a planear as intervenções necessárias para auxiliar a mulher e o

homem a ultrapassarem com sucesso esta fase da vida (Shlomo, Taubman - Ben-Ari, Findler, Sivan & Dolizki, 2010; Taubman - Ben-Ari, Findler & Shlomo, 2013).

- As transições desenvolvimentais, como é o caso da transição para a grã-parentalidade, influenciam a saúde e o bem-estar das pessoas, e podem ou não exigir uma interface com os profissionais de saúde e o sistema de saúde. Fases e papéis desenvolvimentais influenciam comportamentos de saúde e doença, a sua investigação dá orientações acerca da forma como os indivíduos respondem a essas transições (Meleis, 2015).

- A transição para a grã-parentalidade caracteriza-se como uma ocasião feliz, com transições importantes na pessoa e no ambiente familiar, mas no entanto, deve ser vista como evento causador de stress e mudança (Taubman - Ben-Ari, Findler & Shlomo, 2012).

- Explorar a transição para a grã-parentalidade no masculino é reconhecer um processo de transição numa nova fase da vida, e reconhecer, igualmente, que os homens assumem um novo papel na saúde da família.

Subsequentes aos pressupostos da problemática em estudo delinearam-se os objetivos do estudo:

- Desenvolver uma teoria explicativa do processo de transição para a grã-parentalidade na figura do homem enquanto avô;
- Descrever o processo de transição para a grã-parentalidade do homem enquanto avô;
- Descrever a natureza da transição para a grã-parentalidade do homem enquanto avô;
- Identificar as condições facilitadoras e inibidoras da transição do homem enquanto avô a nível pessoal, comunitárias e sociais;
- Identificar os padrões de resposta da transição para a grã-parentalidade no homem enquanto avô;

- Caracterizar o desempenho do papel grã-parental na figura do homem enquanto avô na saúde da família.

Neste sentido, formulámos as seguintes questões orientadoras, que iniciam todo o estudo:

- Como decorre o processo de transição para a grã-parentalidade no homem ao tornar-se avô?”

- Como se caracteriza o desempenho do papel grã-parental na figura do homem enquanto avô no âmbito da saúde da família?

2. FINALIDADES DO ESTUDO

A investigação contribui para o desenvolvimento de uma teoria pela qual a prática de enfermagem seja orientada. A teoria confere significado ao conhecimento de forma a melhorar a prática, descrevendo, explicando e antevendo os fenómenos, fazendo a enfermagem evoluir como ciência e disciplina (Coelho & Mendes, 2011). A construção de uma disciplina do conhecimento passa, obrigatoriamente, pela clarificação conceptual e teorização (Coelho & Mendes, 2015).

A teoria de enfermagem dá significado ao conhecimento, de forma a melhorar a prática, pois os métodos sistematicamente desenvolvidos orientam o pensamento crítico e a tomada de decisão fundamentadas na prática do profissional, com uma maior probabilidade de serem bem-sucedidos (Coelho & Mendes, 2015). Sabendo-se que a enfermagem se centra na facilitação das transições, a transição para a grã-parentalidade surge como uma problemática de interesse quer para a disciplina, quer para a profissão, tendo em vista a promoção do bem-estar.

Deste modo, pretendemos com este estudo:

- Contribuir para o desenvolvimento de uma teoria explicativa do fenómeno de transição para a grã-parentalidade no homem enquanto avô, compreendendo o seu processo, a sua natureza, os padrões de resposta bem como as condições facilitadoras e inibidoras dessa transição;
- Contribuir para ampliar a compreensão do fenómeno grã-parentalidade e para fomentar a reflexão acerca da intervenção neste âmbito, ao nível da prática de cuidados de enfermagem, nomeadamente nos cuidados de saúde primários.

3. OPÇÃO METODOLÓGICA: *GROUNDED THEORY*

Em investigação existem duas opções metodológicas, que eventualmente, se podem interligar na mesma investigação: a metodologia qualitativa e quantitativa. A abordagem qualitativa firmou-se como a forma mais adequada de promover o acesso aos significados (Ferreira, 2013), salienta os processos que não medem rigorosamente a quantidade, intensidade ou frequência (Ribeiro, 2008), pretende compreender a essência da experiência humana, busca o holismo, cujo objetivo é encontrar dimensões, e gerar teorias (Carpenter, 2013). Dentro das abordagens da investigação qualitativa encontra-se a *Grounded Theory*³, em português Teoria Fundamentada nos Dados ou apenas Teoria Fundamentada (Dantas, Leite, Lima & Sipp, 2009; Carpenter, 2013; Strauss & Corbin, 2002; Strauss & Corbin, 2008). Strauss e Corbin (2008, p.25) denominam a *Grounded Theory* como “... a teoria que deriva dos dados, sistematicamente reunidos e analisados por meio de processo de pesquisa.” A

³ Para evitar ambiguidades de terminologia, optou-se pela terminologia original em inglês – *Grounded Theory*. Em português, pode ser denominada por Teoria Fundamentada nos Dados ou apenas Teoria Fundamentada, Ribeiro (2008) denomina-a também de Teoria Alicerçada ou Enraizada.

Grounded Theory insiste na importância que os sujeitos da investigação dão ao alvo de investigação (Laperrière, 2010).

A *Grounded Theory* como método de investigação qualitativa permite a investigação de fenómenos no seu ambiente, levando à construção de teorias. Aplica-se à disciplina de enfermagem na construção de teorias de médio alcance. Facilita a explicação dos fenómenos que por investigação quantitativa são inacessíveis. As suas particularidades como: o papel do investigador, questão de investigação, amostragem, recolha e tratamento de dados levam a explicações teóricas completas acerca dos fenómenos em enfermagem. A *Grounded Theory*, de acordo com Crossetti, Goes e Brum (2015), parece ser uma opção na construção ou desenvolvimento de fundamentos teóricos que orientem a prática de enfermagem, pois teorias baseadas nos dados tendem a fornecer mais discernimentos, melhorar a compreensão e fornecer um importante guia para a ação comparativamente às teorias que derivam da reunião de conceitos baseados em experiências.

Para esta investigação optou-se pela abordagem de Strauss e Corbin (2002; 2008) nas técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada, como metodologia de investigação da *Grounded Theory*. Muito embora vários autores tenham sido abordados e nenhuma perspectiva é melhor que a outra, tornam-se apenas uma questão de opção metodológica. Estes autores aconselhando uma série de técnicas, auxiliam na análise dos dados, sendo que as comparações com os dados da literatura facilitam no questionamento e na construção das categorias.

3.1 Definição, Origem e Pressupostos da *Grounded Theory*

Originalmente, a *Grounded Theory* foi desenvolvida pelos sociólogos Barney Glaser e Anselm Strauss em 1967 (Artinian, 2009; Carpenter, 2013; Dantas *et al.*, 2009;

Green & Thorogood, 2004; Stern, 2009; Strauss & Corbin, 2002; Strauss & Corbin, 2008). Embora tenha sido, inicialmente, usada no campo da sociologia, rapidamente se difundiu a outras disciplinas do conhecimento, nomeadamente na enfermagem, na década de 80. A emergência da *Grounded Theory* não parou com os estudos dos seus autores originais, mas outros investigadores foram dando outras perspetivas ao método (Morse, 2009), desde a proposta inicial de Glaser e Strauss, um novo enfoque foi dado por Strauss e Corbin nos anos noventa, e posteriormente, outra visão mais construtivista foi apresentada por Kathy Chamaz (Ferreira, 2013).

A origem da *Grounded Theory* deveu-se a uma grande insatisfação por parte dos investigadores e intelectuais da época, no âmbito das ciências sociais, com os métodos tradicionais. Apresentava-se necessário a elaboração de um processo de investigação visando a criação de uma teoria pelo percurso inverso ao convencional, isto é, o oposto ao raciocínio lógico-dedutivo. Esta foi a abordagem desenvolvida por Glaser e Strauss (Ferreira, 2013).

De acordo com a visão de Artinian (2009) e Ferreira (2013) Strauss e Corbin na evolução da *Grounded Theory* deram enfoque aos métodos, debruçando-se nas ferramentas, nas etapas de codificação e na construção de memorandos; aceitando ao contrário de Glaser a revisão da literatura como forma de potenciar a recolha de dados. Glaser defendia que a literatura teria que ser ignorada como medida crucial para a emergência natural de categorias, sem enviesamentos. A visão da *Grounded Theory* de Corbin encontra-se muito relacionada com a teoria do interacionismo simbólico de George Herbert Mead e Herbert Blumer. Estes autores acreditam que as pessoas interagem e comportam-se de acordo com o significado atribuído ou interpretação de símbolos específicos da sua vida. Dentro da escola do interacionismo simbólico o significado é o conceito central, onde as ações individuais e coletivas são construídas a partir da interação entre as pessoas, operando dentro do contexto social a que pertencem (Lopes & Jorge, 2005). Assim, o estudo dos processos sociais que se

apresentam dentro das interações humanas são domínio da *Grounded Theory* e relacionam-se com o interacionismo simbólico (Carpenter, 2013; Polit, Beck & Hungler, 2004), isto é, os seres humanos são vistos como agentes ativos na sua vida e no meio que os rodeiam, e não seres passivos às forças sociais que os envolvem (Crossetti, Goes & Brum, 2015).

Não existe uma abordagem certa ou errada relativamente à *Grounded Theory*, pois cada abordagem apenas se apresenta com visões do mundo diferentes. Na opção pela abordagem positivista de Glaser ou clássica a realidade é objetiva e externa em que o observador é neutro na descoberta dos dados; a perspectiva pós positivista de Strauss e Corbin reconhece a intervenção do sujeito e enfatiza as técnicas e procedimentos para minimizar a intervenção; a visão construtivista de Chazam mantém as mesmas estratégias (recolha de dados e análise em simultâneo, amostragem teórica e método comparativo) e assume a relatividade das diferentes realidades sociais, sugerindo o uso flexível do seu modelo sistemático para pesquisas assumindo que a teoria não emerge dos dados exclusivamente, mas sim da interação do pesquisador com esses dados (Ferreira, 2013). Chazam (2008) considera que quando os construcionistas sociais combinam a sua atenção no contexto, na ação, e na interpretação baseados no método da *Grounded Theory*, eles podem produzir análises densas com poder explicativo, bem como compreensão conceitual, e simultaneamente, atestam à luz da sua visão construtivista o fortalecimento do método.

A *Grounded Theory* é uma forma de pensar sobre dados - processos de conceptualização - de teorizar a partir dos dados, de modo que o resultado final seja uma teoria que o cientista produz a partir de dados recolhidos por meio de entrevistas e observação (Morse, 2009).

A *Grounded Theory* explora a riqueza e a diversidade da experiência humana, contribuindo para o desenvolvimento das teorias de enfermagem de médio alcance (Carpenter, 2013). Apresenta-se com uma abordagem intersubjetiva, pois ao iniciar-se

no extremo subjetivo, as etapas do método levam a uma tentativa de objetivação dos dados para a explicação do fenómeno (Hopfer & Maciel-Lima, 2008).

Em investigação qualitativa o desenvolvimento da teoria é um processo indutivo, isto é, procuram-se padrões através da análise de eventos específicos, durante a constante análise de dados para que a abstração dê forma e estrutura ao fenómeno estudado (Polit, Beck & Hungler, 2004)

Dentro da metodologia qualitativa, que é qualquer tipo de investigação que produz resultados que não são passíveis de encontrar por procedimentos estatísticos ou outras formas de quantificar (Strauss & Corbin, 2002; Strauss & Corbin, 2008), encontra-se a *Grounded Theory* que extrai das experiências vividas pelos atores sociais aspetos significativos, podendo-se assim ligar constructos teóricos. Não se parte de teorias pré-existentes, constrói-se a teoria baseada nos dados investigados numa determinada realidade (Dantas *et al.*, 2009; Ribeiro, 2008). Normalmente, estudam-se as pessoas no seu contexto natural (Ribeiro, 2008), portanto é um modo de investigação de campo (Carpenter, 2013). Assume-se como um modelo indutivo, em vez de dedutivo, partindo-se dos dados produz-se uma teoria, nunca se parte de uma teoria para a sua comprovação ou não.

A investigação com a *Grounded Theory* tem como meta descobrir explicações teóricas completas de um determinado fenómeno. Em enfermagem, a necessidade de um maior número de teorias de médio alcance que possam ser testadas empiricamente é uma das razões para a utilização crescente deste método (Carpenter, 2013).

Com o método de *Grounded Theory* o investigador, ao qual é exigido um grande grau de sensibilidade teórica, simultaneamente, recolhe, codifica e analisa os dados (Laperrière, 2010; Polit, Beck & Hungler, 2004). Não é necessária a revisão da literatura prévia, não constituindo este o passo inicial da pesquisa, pois a recolha de dados fomenta o investigador a pesquisar acerca da temática. Mas, se ocorrer uma revisão da literatura anterior o investigador deve estar consciente da possibilidade de inibir ou

desviar a sua criatividade (Strauss & Corbin, 2008). Sabe-se que é praticamente impossível ir para uma investigação sem qualquer fundamentação teórica acerca da temática, por isso optou-se por realizar previamente ao estudo a fundamentação teórica da temática em estudo.

Em resumo, o que diferencia a *Grounded Theory* das outras metodologias qualitativas parece ser:

1. A criação do quadro conceptual na *Grounded Theory* é a partir dos dados em vez de estudos anteriores.

2. O investigador tenta descobrir os processos dominantes do contexto em estudo, mais do que descrever a unidade de investigação.

3. O investigador faz a comparação dos dados com todos os outros dados

4. Com o decorrer da recolha de dados o investigador tem autonomia para mudar a recolha consoante o avançar da teoria.

5. À medida que os primeiros dados são recolhidos, o investigador começa a codificar, categorizar, conceptualizar e escrever o primeiro esboço.

A interação que ocorre entre o investigador e os dados demonstram como os dados e a interpretação que o investigador faz deles, guiam, e simultaneamente, dão continuidade ao processo de investigação (Corbin, 2009).

4. PERCURSO METODOLÓGICO

A investigação em enfermagem preocupa-se com o desenvolvimento de novo conhecimento acerca da disciplina e da prática de enfermagem, e tal como noutras disciplinas do conhecimento não é absoluto, vai-se construindo e modificando com a evolução das investigações (Gerrish, 2016).

Em investigação qualitativa não existem protocolos rígidos, o investigador, geralmente, é observador participante (Ribeiro, 2008). Como o investigador pertence ao processo de investigação, deve reconhecer o papel íntimo que tem com os participantes e incluir as implicações desse papel na investigação real e interpretação dos dados (Carpenter, 2013).

Para a utilização da *Grounded Theory* é recomendado que o investigador se envolva com o objeto de estudo, possua disponibilidade de tempo, criatividade, domínio da metodologia, capacidade dedutiva, indutiva e sensibilidade teórica (Alves, Martins, Pinho & Tobias, 2017; Dantas *et al.*, 2009). Em enfermagem, a *Grounded Theory* parece ser um método importante no estudo dos seus fenómenos, uma vez que explora a riqueza e a diversidade da experiência humana, pois a enfermagem ocorre num contexto natural, não passível de ser controlado, a constante comparação de dados e contribui para o desenvolvimento das teorias de médio alcance (Carpenter, 2013). A metodologia garante que o investigador avance a par da sua pesquisa, o método, ou seja, as técnicas e procedimentos transformam a visão do pesquisador em realidade (Strauss & Corbin, 2008), sendo que a riqueza desta teoria não se prende com a capacidade de gerar teoria, mas baseá-la em dados.

Strauss e Corbin (2002; 2008) consideram que um investigador que desenvolva o seu trabalho baseado na *Grounded Theory* desenvolve algumas capacidades como: observar e analisar criticamente as situações de maneira retrospectiva; abstração, flexibilidade e abertura à crítica construtiva; e sensibilidade para as palavras e ações dos que respondem às suas perguntas. Durante o processo de pesquisa, existe um constante equilíbrio entre a objetividade e sensibilidade do investigador. Se por um lado, este tem que ter objetividade para encontrar uma interpretação imparcial dos dados, por outro, deve ter a sensibilidade para perceber os significados dos dados e reconhecer as relações entre conceitos (Strauss & Corbin, 2002; Strauss & Corbin, 2008).

O método da *Grounded Theory* é constituído por um conjunto de procedimentos sistemáticos e rigorosos de análise de dados, organizados sequencialmente que tendem a uma maior complexidade e integração (Fernandes & Maia, 2001). Em pesquisa qualitativa, nesta situação da *Grounded Theory*, existem três componentes básicos: o primeiro são os dados que podem vir de entrevistas, documentos, observações... depois existem os procedimentos que permitem organizar e interpretar os dados – a conceptualização e a redução de dados, a elaboração de categorias e a forma como o investigador as relaciona, os memorandos e amostragem não-estatística – e, por último, os relatórios escritos que evidenciam a teoria (Strauss & Corbin, 2008).

A utilização da *Grounded Theory* como método de investigação é considerado adequado quando o objetivo é compreender a realidade, as atitudes dos seres humanos, os significados atribuídos às situações, e experiências da vida na sua dimensão mais subjetiva do quotidiano (Baggio & Erdmann, 2011). Portanto, parece ser um bom método de investigação para estudar o fenómeno da experiência da grã-parentalidade.

4.1 Participantes: Acesso à Amostra

Pensamos ser do conhecimento geral que avós são os “pais dos pais” podendo ser biológicos ou por adopção, isto é, a avó é a mãe da mãe ou pai, e o avô o pai do pai ou da mãe. No entanto, o conceito pode ser mais amplo pois existem “outros avós” que embora não seja reconhecidos legalmente podem exercer a função de avós e serem reconhecidos pelos filhos e netos como tal. No entanto, este estudo apenas se centrou nos avós legalmente reconhecidos.

A questão de investigação na *Grounded Theory* é construída à medida que o investigador vai recolhendo e analisando os dados, uma vez que, à medida que os

dados surgem o foco de atenção pode ser mudado (Carpenter, 2013). Embora se possa iniciar a investigação como uma questão lata, esta pode refinar.

Assim como não é possível iniciar a investigação com uma questão bem definida, a amostra na investigação pelo método da *Grounded Theory* é impossível de predizer *a priori*. A recolha e análise dos dados vão definir o número de elementos da amostra. A amostragem teórica surge para maximizar as oportunidades de comparar os factos, incidentes ou acontecimentos para determinar como uma categoria varia em termos de propriedades e dimensões. Geralmente, à medida que o investigador vai contruindo o seu modelo (diagrama com a representação de ideias) vai sendo conduzido para a amostragem teórica. A amostragem é guiada pela lógica e pelo objetivo dos três tipos de codificação, e à medida que se vai progredindo a amostragem tende a ser mais objetiva e focada (Strauss & Corbin, 2002; Strauss & Corbin, 2008). A amostragem visa sempre a construção da teoria e não a representatividade da população.

O objetivo da amostragem teórica é maximizar as oportunidades de comparar os factos ou acontecimentos para determinar como varia uma categoria a nível de propriedades e dimensões. É fundamental que a amostragem explore novas situações ou situações desconhecidas no sentido de obter um maior retorno teórico. A amostragem teórica torna-se cumulativa, isto é, cada situação amostrada acrescenta algo de novo à recolha e análise de dados anteriores. Neste tipo de amostragem duas características são fundamentais, é necessário um certo grau de consistência para haver algum padrão no desenvolvimento das categorias, assim como alguma flexibilidade, uma vez que incidentes fortuitos podem ser fundamentais para a pesquisa (Strauss & Corbin, 2008).

A literatura fala em “saturação teórica” para limitar o tamanho da amostra (Carpenter, 2013). Os autores que originaram a *Grounded Theory* defendem, como regra, que para a construção da teoria é necessário ir recolhendo amostra até que todas as categorias estejam saturadas. “Saturação teórica” é “o ponto no desenvolvimento da

categoria em que não surgem novas propriedades, dimensões ou relações durante a análise” (Strauss & Corbin, 2008, p 143). A saturação teórica surge da necessidade em encontrar um ponto na pesquisa em que recolher dados adicionais parece contraproducente, pois por mais dados que se recolhem nada de novo parece ser revelado. A “saturação teórica” é fundamental, pois só assim a teoria será construída de forma regular, com densidade e precisão. No entanto, também é relativa, porque uma pesquisa mais profunda vai encontrar, com certeza, algum dado novo, mas, por questões temporais e/ou económicas o pesquisador pode necessitar dar termo à amostra (Strauss & Corbin, 2002; Strauss & Corbin, 2008). Creswell (2007) refere que os investigadores que utilizam a *Grounded Theory* geralmente atingem a “saturação teórica” ao fim de 20-30 entrevistas. Assim, quando as categorias apresentam consistência e precisão termina-se a amostragem, pois uma amostra é sempre uma parte da população utilizada para construir a teoria e, pode-se sempre reduzir o risco de enviesamento colhendo sempre dados até que todas as categorias estejam saturadas, isto é, nenhum dado novo ou relevante parece completar a categoria. No entanto, esta “saturação” é sempre em teoria, pois será difícil prever que não haja nada na população em estudo que possa acrescentar algo de novo.

A amostra intencional do estudo foi sendo procurada no sentido de ir respondendo às questões de investigação colocadas.

Nesta investigação a amostra ficou nos vinte e seis avôs, entendeu-se com este número de entrevistas que se encontrou os critérios enunciados por Strauss e Corbin (2008, p. 205): “ (...) (a) nenhum dado novo ou relevante pareça surgir em relação a uma categoria, (b) a categoria esteja bem desenvolvida em termos de propriedades e de dimensões, demonstrando variação e (c) as relações entre as categorias estejam bem estabelecidas e validadas.” Portanto, após vinte e seis entrevistas considerou-se que a amostra seria diversificada, com leque de situações sociodemográficas diversas que permitissem a construção da teoria explicativa.

Nesta investigação, consideraram-se como critérios de inclusão:

- Avôs legalmente reconhecidos (biológicos ou por adoção legal) de pelo menos um neto com idade igual ou inferior a 10 anos;
- Avôs expectantes;
- Possuir, pelo menos, o primeiro nível oficial de instrução.

De forma a não comprometer o estudo, foram identificados os seguintes critérios de exclusão:

- Avôs com doença física incapacitante;
- Avôs com doenças do foro da saúde mental.

O critério de inclusão idade do neto igual ou inferior a 10 anos remete-nos à idade de entrada no 2º ciclo do ensino básico. A Direção Geral da Saúde (2013) no seu Programa Nacional de Saúde Infantil e Juvenil estabeleceu algumas alterações no calendário das consultas de vigilância sendo que uma delas foi a antecipação da consulta dos 11 para os 10 anos, entendendo que os 10 anos coincide com a entrada para o 5º ano e marca o início da pré-puberdade. Sendo que nesta fase do estadio de desenvolvimento existe uma maior independência dos pré-púberes relativamente aos seus ascendentes. Dez anos parece-nos um número de anos razoável em que os avôs consigam ter uma memória recente de todo o processo de transição para a grã-parentalidade, e dará margem ao investigador para encontrar o tempo da transição. De acordo com a revisão da literatura, a grã-parentalidade inicia-se com a gravidez assim, pareceu-nos pertinente incluir avôs expectantes.

Embora não fosse impeditivo um homem sem escolaridade dar uma entrevista acerca da sua experiência, fez-se essa opção pois aos homens entrevistados que aceitaram, foi devolvido o *verbatim* para confirmar a congruência entre o transcrito e o reportado, de forma a aumentar a credibilidade do estudo e reduzir as eventuais fontes de erro.

Relativamente aos critérios de exclusão, decidiu-se excluir avôs com doença física incapacitante ou doença do foro mental. Estas condições podem não ser impeditivas para que estes homens relatarem a sua experiência na grã-parentalidade. No entanto, considerámos a não inclusão destas situações, pois poderia existir a possibilidade de alguma experiência relativamente à grã-parentalidade, que após a entrevista, pudesse agravar a sua situação de doença mental e/ou estado emocional relativamente, à condição incapacitante de doença física. Respeitando assim as normas éticas.

A amostra foi constituída por vinte e seis avôs, tendo as entrevistas decorrido entre Outubro de 2016 a Maio de 2018. Realizam-se vinte e seis entrevistas a avôs, geralmente em local escolhido por estes. Cada entrevista demorou em média cinquenta minutos, tendo a entrevista mais curta demorado trinta e cinco minutos e a mais longa uma hora e quarenta minutos.

4.2 Recolha de Dados

A recolha de dados na *Grounded Theory* é guiada por uma amostragem de construtos teóricos relevantes (Ribeiro, 2008). Os meios de recolha de dados podem ser entrevistas, diários e/ou observação participante. À medida que o investigador vai recolhendo os dados analisa-os fazendo comparações constantes até criar hipóteses (Carpenter, 2013). Portanto, é a análise de dados que vai conduzindo à recolha destes (Fernandes & Maia, 2001; Strauss & Corbin, 2002; Strauss & Corbin, 2008).

A entrevista é considerada por muitos autores a técnica por excelência na investigação social (Gil, 2008). O êxito na sua realização depende da competência do investigador que pode ser aumentada pela experiência de tomada de decisões necessárias e pelo treino prático da entrevista (Flick, 2005).

Esquemáticamente, o processo de recolha e análise de dados realizado nesta investigação encontra-se na figura 2. A amostragem teórica é flexível e é dependente da análise de dados já colhidos e condiciona a recolha posterior. À medida que a análise de dados prossegue, o investigador pode deliberadamente procurar incluir aqueles que são suscetíveis de gerar dados mais relevantes para os conceitos que estão a emergir (Green & Thorogood, 2004). Assim, e como se pode verificar na figura seguinte, nas primeiras oito entrevistas realizadas, os homens entrevistados foram denominados só de “avô”, pois nestas pretendia-se iniciar o processo de codificação, e permitir a reflexão que poderia indicar o caminho para a seleção *à posteriori* dos sujeitos. A partir da nona entrevista os “avôs” estão com alguma característica importante na seleção da amostra para a construção da teoria, aparecendo a espiral, mais larga no início das entrevistas e mais estreita no final, em analogia do afunilar dos dados para a construção da teoria.

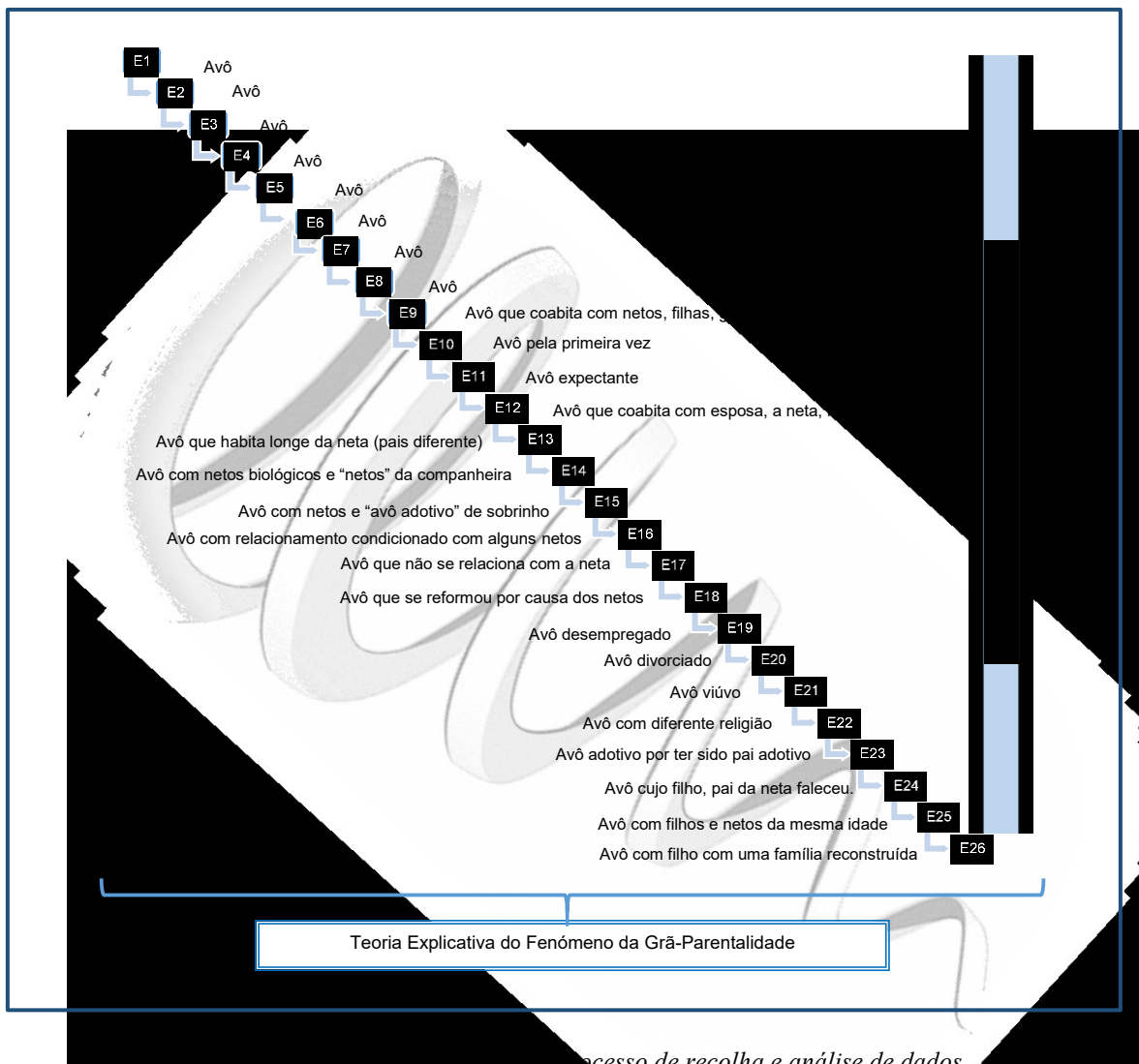


Figura 4.3 – Teoria explicativa do fenômeno da grã-parentalidade no processo de recolha e análise de dados

4.3 Procedimentos da Análise de Dados

Fazer investigação qualitativa não é considerada um empreendimento passivo, a análise dos dados é um processo que exige questionamento inteligente e contínuo, procura de respostas, observação ativa e memória precisa (Morse, 2007). Tal como na recolha de dados, o tratamento destes é influenciado pela preferência do investigador (Carpenter, 2013). O tratamento de dados pode ser realizado manualmente, pela escrita de memorandos e notas de codificações. No entanto, atualmente existem, programas

informáticos que podem ajudar no tratamento e posterior análise de dados (Strauss e Corbin, 2002; Strauss & Corbin, 2008). No estudo em questão a investigadora realizou todas as entrevistas abertas, gravou-as e transcreveu-as, assim como, as notas de campos, e depois codificou-as, com apoio do programa Excel®, versão 2013.

Atingir a descoberta da variável principal é um dos objetivos da *Grounded Theory*. Esta variável tem algumas características como estar presente frequentemente nos dados e relacionar os vários dados. Como a variável é central, explica a variação dos dados; possui aplicações para uma teoria; à medida que a variável se torna mais detalhada a teoria adquire mais consistência, permitindo a máxima variação e análise (Strauss & Corbin, 2002; Strauss & Corbin, 2008).

A recolha, a análise de dados e a formulação da teoria encontram-se reciprocamente relacionadas, e a abordagem deverá incluir explicitamente os processos orientadores dessa inter-relação. Em vez de serem formuladas hipóteses são formuladas questões de investigação abertas e genéricas (Ribeiro, 2008). A preocupação do investigador centra-se em prosseguir a investigação de forma a descobrir o processo pelo qual os participantes passam para enfrentar um determinado problema (Polit, Beck & Hunger, 2004). Toda a investigação baseia-se na formulação de questões. Em *Grounded Theory* existem duas operações básicas para o desenvolvimento de teorias: questionar e comparar. O questionamento leva o investigador a encontrar respostas para a construção da teoria, embora se saiba que muitas questões possam levar a caminhos desviantes. A comparação, em *Grounded Theory*, não se limita a comparar cada situação para classificar, faz-se o que se chama comparação teórica, para estimular o pensamento sobre propriedades e dimensões no sentido de dirigir a amostragem teórica (Strauss & Corbin, 2002; Strauss & Corbin, 2008). A simultaneidade do processo de recolha de dados, codificação e análise dos dados é feita na construção da teoria em *Grounded Theory*, sendo que a base da teoria é a conceptualização (Carpenter, 2013), e o referencial teórico de apoio na *Grounded*

Theory é estabelecido para explicar a lógica e a orientação conceptual (Crossetti, Goes & Brum, 2015).

A *Grounded Theory* utiliza a comparação constante da análise de dados, assim o investigador recolhe, codifica e analisa os dados em simultâneo. O processo de conceptualização dos dados em padrões ou conceitos denomina-se de codificação (Polit, Beck & Hungler, 2004). A codificação dos dados define as variáveis em categorias e suas propriedades. O processo de codificação passa por fazer questionamentos sobre as relações criando respostas provisórias sobre as categorias (Hopfer & Maciel-Lima, 2008).

A análise dos dados envolve três níveis de codificação (Carpenter, 2013; Ribeiro, 2008; Strauss & Corbin, 2002; Strauss & Corbin, 2008):

Codificação nível I ou aberta – os dados são separados em partes distintas, comparados e examinados de forma a encontrar semelhanças e diferenças, sendo agrupados em conceitos mais abstratos designado por categorias. A forma de fazer esta codificação é variada, pode ser analisando “linha a linha”, “paragrafo a paragrafo” ou lendo o “documento inteiro” e questionando. A primeira forma é a mais morosa, mas talvez a que melhores resultados dá. Nesta primeira fase, o foco é a descoberta dos conceitos subjacentes aos dados.

Codificação nível II ou axial – nesta fase, embora em teoria se separe da anterior e da precedente, na prática as três codificações ocorrem em simultâneo. As categorias relacionam-se e reagrupam-se para gerar explicações mais completas e precisas acerca dos fenómenos. As categorias estabelecidas são refinadas, desenvolvidas e relacionadas, portanto, comparadas e relacionadas. A utilização do termo axial deve-se ao facto de as subcategorias se ligarem a uma categoria principal.

Codificação nível III ou seletiva – É o processo de integrar e refinar as categorias. Identifica-se a categoria central à qual se ligam as categorias da teoria e a

forma como se relacionam, refinando a teoria, completando as categorias mal desenvolvida através da amostragem teórica.

Sequencialmente, na codificação aberta o investigador está preocupado em gerar categorias. As categorias são sistematicamente desenvolvidas e associadas em subcategorias, esse processo denomina-se de redução (Carpenter, 2013). Apenas quando as principais categorias se integram e formam um esquema teórico, na codificação seletiva, é que os resultados podem assumir a forma de teoria sempre utilizando o questionamento e a comparação dos dados como operações fundamentais para o desenvolvimento da teoria (Strauss & Corbin, 2002; Strauss & Corbin, 2008). A teoria apresenta-se para Strauss e Corbin (2008, p. 35) como “... um conjunto de categorias bem desenvolvidas que são sistematicamente inter-relacionadas através de declarações de relação para formar uma estrutura teórica que explique alguns fenômenos relevantes sociais, psicológicos, educacionais, de enfermagem ou outros.” Uma teoria é mais do que a apresentação dos resultados, ela pretende oferecer um esquema lógico, sistemático e explicativo do fenômeno. As teorias são versões de um determinado fenômeno, não são representações (certas ou erradas) de factos dados, mas versões ou perspectivas através da qual um fenômeno é visto (Flick, 2009).

Enquanto as categorias se vão formando pela codificação, o investigador de forma a preservar algumas ideias que podem parecer inicialmente não produtivas, mas que *à posteriori* depois de desenvolvidas se mostram valiosas, pode criar memorandos (apêndice IV). Muitas vezes esses memorandos facilitam a reflexão do investigador na relação entre as categorias (Polit, Beck & Hungler, 2004). O uso da *Grounded Theory* como método permite ao investigador mergulhar nas informações e realizar um movimento contínuo de análise criteriosa dos dados, vislumbrando o surgimento da teoria na codificação seletiva, partindo da discussão das categorias (Alves *et al.*, 2017).

O desenvolvimento conceptual necessário para o desenvolvimento de uma teoria apenas é possível através de três processos: a redução, a amostra seletiva da

literatura e a amostra seletiva dos dados. Com a codificação surge um número muito vasto de categorias, para ser facilitada a análise, estas são agrupadas numa categoria mais vasta. Para a construção da teoria explicativa, o investigador terá que fazer uma análise e, posteriormente uma nova colheita de dados até à saturação teórica como representada da figura 3.

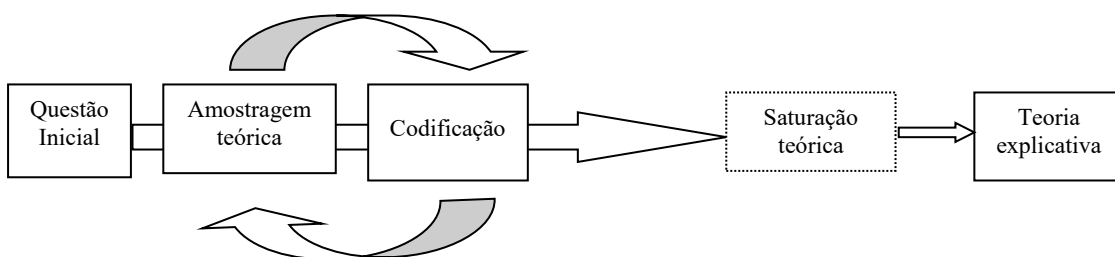


Figura 3 – Esquema exemplificativo do desenvolvimento do trabalho de campo com o recurso à *Grounded Theory*

4.4 Procedimentos Formais e Éticos

Assim como em qualquer investigação qualitativa, na *Grounded Theory* os investigadores devem ter em consideração as implicações éticas de todo o processo. Como exemplo, Carpenter (2013) inúmeras: obter o consentimento informado e manter a confidencialidade. O problema na *Grounded Theory* relativamente às considerações éticas prende-se com a impossibilidade de antecipar assuntos sensíveis que podem surgir aquando a recolha de dados. Polit, Beck e Hungler (2004) consideram fundamental numa qualquer investigação o respeito pela dignidade humana, justiça e beneficência. Estes autores chamam particularmente a atenção ao “risco de exploração” (p. 85), pois na pesquisa qualitativa a emergência de um relacionamento pseudoterapêutico pode acontecer e impõe responsabilidades ao investigador no

sentido de que o consentimento seja dado de forma informada e esclarecida em prol do avanço da ciência através da investigação.

No sentido de cumprir os pressupostos éticos no processo de investigação defendidos pela comunidade científica, o projeto de investigação foi apresentado à Comissão de Ética da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, a qual deu parecer favorável a 20.01.2016, conforme o anexo I.

Após a indicação dos indivíduos para entrevista de acordo com o desenho de investigação, estes foram contactados, e recrutados em “bola de neve” conforme a rede social de conhecimentos. Os avós possíveis sujeitos de amostra foram todos contactados informalmente, maioritariamente via telefone, embora em alguns casos se tenha realizado alguns contactos via correio eletrónico e pessoalmente para verificar se tinham os critérios de inclusão/exclusão para entrar no estudo, assim como o seu interesse em participar na investigação. Após informação ao participante acerca da investigação, caso preenchessem os critérios de inclusão definidos era-lhes solicitada a marcação de uma entrevista. As entrevistas decorreram maioritariamente no domicílio dos avós ou dos seus filhos, embora tenham sido realizadas algumas em Centros Paroquiais e Bibliotecas. No dia da entrevista (guião da entrevista em apêndice III) foi fornecido ao entrevistado a informação ao participante (apêndice I) e esclarecidas as dúvidas existentes. No que concerne à confidencialidade dos dados recolhidos foi garantido que toda a informação recolhida não estaria acessível a outros que não o investigador, e que ninguém mais conhecerá a fonte, assim era pedido que o consentimento informado fosse assinado pelo investigador e participante (apêndice II), cumprindo-se assim as normas éticas de respeito pelos participantes, mantendo o anonimato (Carpenter, 2013; Johnson & Long, 2016).

De referir que nenhum dos homens da amostra tinha proximidade com a investigadora, embora não fosse impeditivo de acordo com Strauss e Corbin (2008). No

entanto, por se considerar necessária distância suficiente entre entrevistado e investigador de forma a evitar o enviesamento na recolha de dados e posterior análise optou-se por não incluir esses homens na amostragem.

4.5 Critérios de Rigor de Investigação

No ponto anterior foram referidos os procedimentos formais e éticos que caracterizaram a investigação. No entanto, a investigação em métodos qualitativos implica também aspetos relacionados com o rigor de investigação. Este passa pelo investigador apresentar estritamente as experiências dos participantes no estudo (Mendes, 2009)

Inicialmente, foram realizadas três entrevistas (denominadas: PT1, PT 2 e PT 3) teste cuja finalidade não foi a contribuição de dados para a teoria mas para a realização de um pré-teste (conforme figura 4), para verificar a compreensão das questões da entrevista por parte dos entrevistados, aprimorar as questões da entrevista e servir de treino da codificação para a investigadora. Estas três entrevistas não foram incluídas nos dados, uma vez que se considerou não existir distância suficiente para realizar uma análise imparcial.

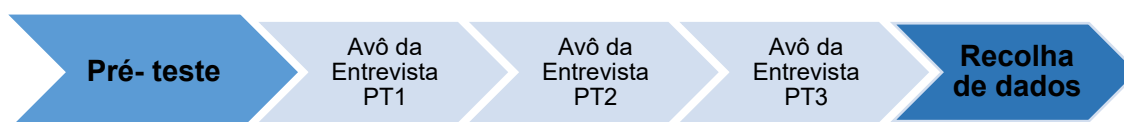


Figura 4 – Esquema da realização do pré teste que precedeu à recolha de dados

Relativamente à entrevista nos métodos qualitativos esta fornece oportunidades para descoberta mútua, compreensão, reflexão e explicação de fenómenos, elucidando subjetivamente experiências vividas e pontos de vista dos entrevistados (Seidman,

2006; Tod 2016; Tracy, 2013). A entrevista face-a-face permite a obtenção de dados diversos relativos a aspetos da vida social, fornece informações indiretas do comportamento humano, filtradas pelos pontos de vista dos entrevistados, mas é útil quando estes não podem ser só diretamente observados (Creswell, 2016; Gil, 2008). Por sua vez, os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação e uma das suas desvantagens reside no fornecimento de respostas falsas, determinadas por razões conscientes ou inconscientes (Gil, 2008), fornecendo respostas de acordo com o que eles consideram ser a desejabilidade social.

Os investigadores que trabalham essencialmente com paradigmas qualitativos enfrentam a pressão pela comunidade científica de provar o rigor e a validade das suas pesquisas. Na área da saúde este aspeto parece ganhar ainda mais relevância, fruto de uma cultura científica marcada pelo positivismo, onde sempre predominaram as metodologias quantitativas (Augusto, 2014).

Críticas diversas são feitas à utilização da investigação qualitativa, e por consequência à *Grounded Theory*, relativamente à inexatidão e presença de fatores contextualmente dependentes. Estes aspetos não justificam que os modelos sejam frágeis, inconsistentes ou subjetivistas, uma vez que os métodos de pesquisa têm sido aperfeiçoados (Ferreira, 2013; Loureiro, 2006).

A comunidade científica utiliza alguns preceitos para avaliação de investigações como: a importância, a generalização, a consistência, a capacidade de reprodução, a precisão e a verificação. Embora estes princípios sejam válidos tem de haver uma adequação à metodologia qualitativa. No caso de *Grounded Theory*, Strauss e Corbin (2002; 2008) referem-se a quatro critérios para avaliação de estudos que usam a *Grounded Theory*. O primeiro critério refere-se à validade, confiabilidade e credibilidade dos dados. O segundo reporta-se a julgamentos acerca da própria teoria resultado da investigação, uma vez que, um dos objetivos da investigação com a metodologia da *Grounded Theory* é encontrar uma teoria válida e fundamentada. O terceiro refere-se

ao julgamento do processo de pesquisa, o investigador deve transmitir informações que permitam a outros, que não estiveram presentes na recolha de dados, avaliar se o processo decorreu de forma adequada. O quarto reporta-se à base empírica do estudo, mais precisamente à base dos resultados, aos conceitos encontrados, à teoria construída e sua importância.

Loureiro (2006) faz um paralelismo entre os critérios de rigor na abordagem qualitativa e quantitativa, podendo a validade, a fidedignidade e objetividade dos estudos quantitativos ter critérios paralelos nos qualitativos por credibilidade, transferibilidade, dependência e confirmabilidade.

Como critério de rigor, a credibilidade depende da riqueza da informação recolhida e das capacidades analíticas do investigador, isto é, relaciona-se com a precisão e rigor com que o investigador capta a realidade a ser estudada e a descreve (Loureiro, 2006). Como forma de aumentar a *credibilidade* do estudo e reduzir as eventuais fontes de erro, e indo de encontro com as orientações de Loureiro (2006):

- Durante o processo de recolha de dados, utilizando a entrevista, foi sendo pedido aos entrevistados exemplos e clarificação das descrições por forma a clarificar os dados.
- Após transcrição das entrevistas, a investigadora devolveu o *verbatim* aos entrevistados que manifestaram esse interesse que confirmaram se havia congruência entre o transcrito e o reportado, denotar que nenhum fez alterações.
- Para além desta confirmação do relatado pelos avôs, dois especialistas com experiência na aplicação da *Grounded Theory*, sendo que um está ligado à área de investigação da parentalidade e outro ao envelhecimento humano, foram responsáveis pela verificação de todo o processo de análise das entrevistas e codificação.

Tendo a noção que em investigação qualitativa o objetivo prende-se com a compreensão de fenómenos, não sendo sua função realizar generalizações dos

achados, tal não implica que a transferibilidade não seja possível. A *transferibilidade* refere-se à possibilidade dos resultados encontrados serem passíveis de ser transferidos para outros contextos semelhantes, mas mantendo o mesmo significado (Loureiro, 2006). Assim, por forma a manter o critério da transferibilidade:

- O facto da amostragem do estudo ser intencional, proporciona ao investigador descrições detalhadas de quem vive o fenómeno da grã-parentalidade, embora estejamos reféns do facto dos avôs conseguirem comunicar a sua experiência.
- A utilização de esquemas que expliquem o fenómeno, clarificam o fenómeno em estudo.

Como critério de rigor de investigação encontramos a *dependência*, paralelo à fidedignidade nas metodologias quantitativas, ou seja, a estabilidade (Loureiro, 2006). Manter a fidedignidade ao processo de investigação e a justificação detalhada das opções metodológicas é uma forma de outros investigadores puderem chegar a conclusões semelhantes, tendo em conta os dados recolhidos, a perspetiva e a situação

Por último, a confirmabilidade apresenta-se como paralela à objetividade, isto é, em que medida os resultados do estudo são o produto do foco da investigação e não uma interpretação arbitrária e enviesada do próprio investigador. A confirmabilidade da investigação recorre também ao conceito de auditabilidade, processo que permite verificar se a investigação produzida é real ou mera interpretação arbitrária do investigador, isto é, deverá ser possível verificar a condução de todo o processo de investigação, desde da verificação dos dados recolhidos e transcritos, até a análise das notas durante a codificação (Loureiro, 2016). A permanência no campo de investigação permitiu existir distância temporal para analisar as entrevistas e regressar novamente a estas para verificar se algum dado teria escapado ou estaria a ser analisado erroneamente. Durante as entrevistas procurou-se fazer as mesmas perguntas em contextos diferentes para confirmar as respostas dos avôs.

De referir que a investigadora de forma a cumprir com rigor os critérios anteriormente descritos utilizou algumas estratégias. Validou junto de um investigador experiente o guião da entrevista, assim como partilhou com dois investigadores os dados recolhidos e a análise realizada de forma a verificar consonância na análise dos dados. O pré teste teve também como funções validar a entrevista e treinar a própria investigadora. De realçar que o local das entrevistas foi maioritariamente escolhido e sugerido pelos avôs, para que o contexto fosse o mais confortável possível para estes.

Para uma correta avaliação da investigação, o investigador deve enunciar não só os pontos fortes do estudo, mas também as suas limitações.

Uma das limitações deste estudo prende-se com a generalização dos resultados, e de forma geral dos estudos que utilizam a *Grounded Theory*, pois a finalidade é produzir uma teoria explicativa mais do que fazer generalizações (Strauss & Corbin, 2002, Strauss & Corbin, 2008). A metodologia qualitativa é frequentemente criticada por não conseguir fazer generalizações, embora a sua função seja essencialmente a explicação de fenómenos, seguir rigorosamente o desenho de investigação foi uma das formas da investigadora suplantar as críticas à metodologia.

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste Capítulo III far-se-á a apresentação e discussão dos dados segundo a abordagem da *Grounded Theory* de Stauss e Corbin (2002; 2008). Far-se-á a caracterização do contexto e dos sujeitos que participaram no estudo. No segundo ponto os dados serão apresentados: a condição causal, as condições intervenientes, as estratégias, as consequências do salto geracional e o desempenho do papel grã-parental. A discussão dos dados encontrados será realizada no ponto três, e por último, no ponto quatro será apresentada a teoria explicativa do fenómeno.

1. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO E DOS SUJEITOS PARTICIPANTES NO ESTUDO

Neste ponto será focado o contexto no qual o estudo foi realizado, nomeadamente abordando a localização geográfica e uma breve apresentação deste contexto, assim como serão caracterizados os sujeitos que aceitaram participar na investigação.

1.1 Contexto do Estudo

As condições contextuais, ou contexto do estudo, pretendem ser o conjunto particular de condições no qual as estratégias são tomadas, isto é, onde ocorre o fenómeno. Neste estudo acerca da grã-parentalidade considerou-se o contexto comunitário e familiar onde decorre o processo de transição. Os avôs interagindo na comunidade onde estão inseridos, no seu distrito, no concelho, na localidade onde

habitam, inseridos na sua família na qual assumem o seu papel de avô passam pelo processo de transição para a grã-parentalidade. Dentro do contexto familiar encontra-se uma dimensão mais específica, a saúde familiar. Na conjuntura da saúde familiar acontece a transição para a grã-parentalidade no masculino, o avô adota um papel preponderante de construção da saúde familiar. Aparecendo assim esta dimensão do contexto do estudo - Grã-parentalidade no masculino: o avô na saúde da família.

O presente estudo desenvolveu-se na região centro do país em sete concelhos de três distritos: Aveiro, Coimbra e Viseu (figura 5). Uma vez que a amostra dos sujeitos selecionados foi por conveniência, não houve qualquer intenção em limitar o espaço geográfico da habitação dos avôs. Assim, foram recolhidas entrevistas nos concelhos de Aveiro, Anadia e Mealhada, pertencentes ao distrito de Aveiro, que na Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos (NUT) III pertencem ao Baixo Vouga. Pertencentes ao distrito administrativo de Coimbra, os avôs habitavam nos concelhos de Coimbra, Cantanhede e Penacova que pertencem à NUT III do Baixo Mondego. Por último, foram realizadas entrevistas a avós com morada no concelho de Mortágua pertencente ao distrito de Viseu, também inseridos na NUT III do Baixo Mondego.

se em 11,1‰ estando próxima da média de Portugal que se encontrava em 2017 em 10,7‰ (Instituto Nacional de Estatística, 2019). O concelho da Mealhada é composto por seis freguesias e tem ainda a sua economia ligada tradicionalmente à agricultura, com a produção vitivinícola dos vinhos da Bairrada. A vinha ocupa uma área considerável dos seus 111 km² de área. Embora no sector secundário tenha algum tecido empresarial, a indústria das bebidas representa atualmente cerca de 65% do total da produção industrial do concelho, valor que espelha bem a importância do sector na economia local. O turismo é responsável por uma considerável percentagem de empregos (Câmara Municipal de Mealhada, 2019).

O município de Anadia, comparando os Censos 2001 e 2011, perdeu 2395 de população residente, tendo nos últimos 29150 residentes no total, sendo que 13967 (47,9%) são homens e a sua idade média é de 45,0 anos. Em 2017, a taxa de natalidade e de mortalidade situava-se, respetivamente, em 6,9‰ e 13,7‰ (Instituto Nacional de Estatística, 2019). O concelho de Anadia é composto por dez freguesias, tem uma área geográfica que se estende por 217 km² de área. Denominado a capital do espumante, é um concelho com ligações ancestrais à terra e ao cultivo da vinha, sendo esta ainda uma das principais atividades económicas concelhias, o concelho é conhecido pelos seus recursos naturais e gastronomia, na atividade industrial destacam-se, os sectores da metalomecânica e da indústria alimentar, nomeadamente os seus vinhos (Câmara Municipal de Anadia, 2019).

A população residente total no município de Aveiro é 73335, nos resultados dos Censo 2001, aumentando consideravelmente para 78450 nos Censos 2011, sendo o único concelho no qual o estudo se desenvolveu que vai de encontro com a média nacional, justificado pelo crescimento económico e pela Universidade. Dessa população residente em 2011, 37120 (47,3%) são do sexo masculino, sendo que 41,0 anos é a idade média dos seus residentes. Dos concelhos contexto do estudo, o de Aveiro, em 2017, apresentava uma taxa de natalidade mais elevada (9,1‰) que a média nacional

(8,4‰), e, por sua vez, a de mortalidade mais baixa (9,8‰) que a mesma taxa referente a Portugal (10,7‰) (Instituto Nacional de Estatística, 2019). O município de Aveiro em termos económicos caracteriza-se por uma tradição industrial fortemente enraizada, tendo quase 12% do total da produção da indústria transformadora do distrito. O sector secundário e terciário está bem presente empregando uma percentagem de pessoas considerável, estando o turismo e a educação em franca expansão. Aveiro é formado por dez freguesias distribuídas por 198 km². A localização geográfica do município é privilegiada porque estando ladeada pela ria e mar, estas representam importantes fontes económicas (Câmara Municipal de Aveiro, 2019).

O município de Coimbra tem 143396 de população residente total em 2011, (perdendo de 2001 a 2011 5047 residentes), em que 66941 (46,7%) são homens, sendo que a idade média dos residentes é de 43,4 anos. Em 2017, de acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística (2019) a taxa de natalidade no concelho de Coimbra foi igual à da média nacional, sendo o seu valor 8,4‰, e a taxa de mortalidade foi de 10,9‰, ligeiramente superior à média portuguesa que se situa cinco décimas abaixo. O concelho de Coimbra tem uma área de 319 km² e é constituído por 31 freguesias. A nível económico os sectores mais representados em Coimbra são o comércio (grosso e a retalho), atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares, atividades de saúde humana, apoio social, atividades administrativas e dos serviços de apoio. Estas atividades concentram cerca de 60 % das empresas e emprego no município. O concelho de Coimbra é fortemente especializada no sector terciário e refletem a importância do sector da saúde e das atividades científicas, muito devido à Universidade (Câmara Municipal de Coimbra, 2019).

Cantanhede é um concelho que se estende por 391 km², distribuídos pelas suas catorze freguesias. A população residente total residente em 2001 era de 37910 sendo que nos Censos 2011 era de 36595, em que 17394 (47,5%) são homens. A idade média dos residentes neste concelho é de 45,0 anos. No município de Cantanhede a taxa de

mortalidade encontra-se em 13,1‰ e a de natalidade em 7,3‰ (Instituto Nacional de Estatística, 2019). O concelho de Cantanhede é o maior do distrito de Coimbra devido à sua centralidade e rede de acessos. Tem vindo a ser um polo de investimento industrial, estando a ultrapassar a outrora dependência da agricultura, do comércio e dos serviços. A economia concelhia é essencialmente terciária na sede do concelho, e primária nas restantes freguesias do concelho, sendo que a vinha ocupa um papel primordial na economia desde município, estando este na região demarcada dos vinhos da Bairrada. É importante referir que surgiu neste concelho um importante polo de investigação, o primeiro parque biotecnológico do país (Câmara Municipal de Cantanhede, 2019).

O município de Penacova tem oito freguesias e a sua área geográfica é de 217 km². Nos Censos 2011, Penacova apresentava 7208 (47,3 %) homens num total de 15251 residentes, e a sua idade média era de 41,5 anos, verificando-se uma perda significativa de população comparando com os Censos de 2001, em que o município tinha 16725 habitantes. Dados de Instituto Nacional de Estatística (2019) mostram que a taxa de natalidade neste concelho era de 4,5‰ em 2017 e a taxa de mortalidade de 13,4‰. As principais atividades económicas do concelho de Penacova concentram-se nas áreas de comércio, construção, indústrias transformadoras e transportes e armazenagem. Cerca de 70% do concelho é constituído por floresta, existindo várias indústrias ligadas à exploração de madeiras. No sector primário, por um lado a agricultura é praticada em pequenas explorações familiares e a tempo parcial, sendo, no entanto, uma fonte de rendimento importante. Por outro lado, têm-se registado um aumento do interesse dos jovens em novas técnicas e culturas da agricultura, como a área dos frutos vermelhos, o kiwi, o mel e a produção de cogumelos (Câmara Municipal de Penacova, 2019).

Pertencente ao distrito de Viseu, o concelho de Mortágua com sete freguesias ocupa uma área de cerca de 251 Km², que se encontra distribuída por dez freguesias.

Representando 1,1% do território da Região Centro. Mortágua é um concelho rural com economia predominante assente no setor primário, embora com crescimento nos últimos anos nos sectores secundários e terciários. A floresta, atualmente marcada maioritariamente pela monocultura intensiva do eucalipto para além de ser um precioso património natural e ambiental, é a mais importante atividade económica do concelho a nível empresarial (Câmara Municipal de Mortágua, 2019). De acordo com os dados dos Censos 2011, o município de Mortágua tem uma população residente total de 9607 habitantes, tendo decrescido de 10379 relativamente a 2001, em que 4621 (48,1%) são homens, com a idade média dos residentes de 47 anos, mais seis anos que a média nacional. Em 2017, a taxa de natalidade e mortalidade situavam-se respetivamente em 6,0‰ e 15,4‰, sendo esta última a maior taxa de mortalidade encontrada nos concelhos do contexto onde se desenvolveu o estudo, estando quase cinco valores acima da média nacional (Instituto Nacional de Estatística, 2019).

O contexto familiar foi também descrito como contexto do estudo. A família é uma das instituições mais importantes na sociedade, é vista como a unidade estrutural básica dentro de uma comunidade (Lowdermilk & Perry, 2008). A família tem-se vindo a afastar do conceito tradicional, muito devido às transformações sociais e culturais que se têm verificado dando ênfase a uma forma de família mais diversificada (Silva, 2012), a longevidade hoje verificada permite o convívio geracional. Assim, de acordo com a CIPE (2015, p.143) a descrição de família compreende um “grupo: unidade social ou um todo coletivo composto por pessoas ligadas por consanguinidade; afinidade; relações emocionais ou legais; sendo a unidade ou o todo considerado como um sistema que é maior que a soma das partes.”. A família na sua pluralidade de formas durante os séculos sofreu inúmeras mudanças consequência das alterações económicas, culturais e sociais que iam ocorrendo. É importante ressaltar que a família está diretamente relacionada com os processos de transformações culturais (Alarcão, 2006).

Recorreu-se à CIPE (2015) para classificar os tipos de família: família nuclear consiste na família constituída por marido, esposa e um ou mais filhos; família alargada consiste no grupo constituído por mais elementos do que pais e filhos. No sentido de clarificar o contexto familiar a maioria dos nossos entrevistados (vinte e um) coabitam em regime de família nuclear, dois dos entrevistados vivem sozinhos e três coabitam para além da esposa com filho(s) e netos, vivendo portanto em família alargada. Dos entrevistados que vivem em família nuclear a maioria refere habitar “relativamente perto” (menos de 30 km) dos netos. Apenas dois entrevistados referem que vivem distantes dos netos, nomeadamente em países diferentes.

1.2 Sujeitos Participantes no Estudo

As pessoas seleccionadas para a investigação foram-no sendo de acordo com sua relevância para o tópico de pesquisa, não foram seleccionadas para a construção de uma representação estatisticamente relevante da amostra de uma população geral, mas como conveniência do fenómeno em estudo (Flick,2009).

O número de sujeitos participantes no estudo não foi definido no planeamento na investigação, mas foi antes resultado da saturação teórica referida por Strauss e Corbin (2008), e por se considerar que as categorias tinham consistência. Assim, os participantes no estudo foram vinte e seis avôs cujo resumo da caracterização se encontra no quadro 1. A média de idade dos avôs entrevistados é de 59,8 anos sendo que o avô mais novo tem 46 e o mais velho 76 anos. A idade média a que os avôs tiveram o seu primeiro neto foi aos 54,4 anos.

Relativamente ao estado civil, a grande maioria (88,5%) dos avôs, encontra-se casado, o que corresponde a vinte e três sujeitos. Ainda foi entrevistado um avô viúvo (3,8%) e dois divorciados (7,7%). No que se refere à escolariedade dos avôs, a maioria

possuem o 3º ciclo do ensino básico, o que corresponde a oito sujeitos (30,8%); são possuidores do 2º ciclo do ensino básico oito avôs (30,8%); e com o 1º ciclo do ensino básico cinco avôs (19,2%). Relativamente ao ensino superior, três entrevistados possuem licenciatura (11,6%), um o bacharelato (3,8%) e outro o doutoramento (3,8%).

A nível profissional treze dos entrevistados (50%) encontram-se na situação de reformados, portanto fora da vida ativa profissional; um dos entrevistados está desempregado e os restantes doze têm uma vida profissional ativa. As profissões dos avôs entrevistados são diversas, passam por professores (três), empregados fabris (dois), administrativo, motorista de pesados, rececionista, pedreiro, motorista de passageiros, empreiteiro e jardineiro.

No que se reporta ao número de filhos, a maioria dos entrevistados (catorze) tinha dois filhos, variando entre um filho, o número mínimo encontrado, e quatro, o número máximo de filhos. Em média cada avô tem 2,0 filhos. Relativamente ao número de netos a situação encontrada foi mais variável. Entrevistou-se um avô à espera do primeiro neto, legalmente sem netos, os restantes entrevistados tinham na sua família entre um a oito netos, sendo que a média de netos dos entrevistados foi de 2,3 netos.

A idade dos netos dos entrevistados variou entre quatro meses e os vinte anos, tendo-se tido a sensibilidade de abordar avôs com netos com idades compreendidas entre os zero e os dez anos, de acordo com os critérios de inclusão do estudo. Foram considerados os avôs com netos com idade superior a dez anos de idade, uma vez que este não fora critério de exclusão definido *à priori*. De referir que foi entrevistado um avô expectante, uma vez que no decorrer da seleção da amostra teórica, tal se mostrou conveniente.

Quando questionados acerca da coabitação com os netos, a grande maioria (88,5%) dos avôs entrevistados afirmou que não coabitava com os netos, apenas três dos avôs (11,5%) partilhava a mesma habitação com os netos.

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos do estudo relativamente à idade, estado civil, escolaridade, profissão, número de filhos, número de netos, idade dos netos e coabitação com os netos

Avô	Idade	Estado civil	Escolaridade	Situação Profissional/Profissão	Número de filhos	Número de netos	Idade dos netos	Coabitação com netos
E1	60	Casado	1º Ciclo de Ensino Básico	Reformado	2	1	6 Meses	Não
E2	70	Casado	1º Ciclo de Ensino Básico	Reformado	2	3	10 (2) e 17 Anos	Não
E3	72	Casado	3º Ciclo do Ensino Básico	Reformado	4	8	1 Mês; 3, 7, 8, 13, 17 (2) e 19 Anos	Não
E4	71	Casado	Bacharelato	Reformado	3	6	5, 8, 12, 17 e 20 (gémeos) Anos	Não
E5	71	Casado	1º Ciclo de ensino Básico	Reformado	3	3	2 Meses; 7 e 17 Anos	Não
E6	49	Casado	3º Ciclo de Ensino Básico	Empregado Fabril	1	1	5 Anos	Não
E7	56	Casado	3º Ciclo de Ensino Básico	Administrativo	2	1	4 Anos	Não
E8	64	Casado	1º Ciclo de Ensino Básico	Reformado	1	1	7 Anos	Não
E9	62	Casado	Licenciatura	Reformado	4	2	1 e 5 Anos	Sim
E10	46	Casado	3º Ciclo do Ensino Básico	Motorista de pesados	1	1	7 Meses	Não
E11	57	Casado	3º Ciclo de Ensino Básico	Rececionista	2	À espera do primeiro	0	Não
E12	54	Casado	2º Ciclo de Ensino Básico	Empregado fabril	1	1	1 Ano	Sim
E13	60	Casado	2º Ciclo de Ensino Básico	Pedreiro	2	1	5 Anos	Não
E14	64	Divorciado	3º Ciclo de Ensino Básico	Reformado	2	2	4 e 6 Anos	Não
E15	58	Casado	2º Ciclo de Ensino Básico	Motorista de Passageiros	2	3	3 e 7	Não
E16	62	Casado	2º Ciclo de Ensino Básico	Jardineiro	2	3	2, 2,5 e 8 Anos	Não
E17	67	Casado	3º Ciclo de Ensino Básico	Reformado	2	1	9 Anos	Não
E18	61	Casado	2º Ciclo de Ensino Básico	Reformado	2	2 e à espera do terceiro	3 e 8 anos	Não
E19	59	Casado	3º Ciclo de Ensino Básico	Desempregado	1	1	7 Anos	Sim
E20	54	Divorciado	Doutoramento	Professor	1	1	14 Meses	Não
E21	76	Viúvo	2º Ciclo de Ensino Básico	Reformado	3	3	8, 6 e 15 Anos	Não
E22	62	Casado	1º Ciclo de Ensino Básico	Reformado	2	2	4 Anos (gémeas)	Não
E23	65	Casado	Licenciatura	Professor	1	1	4 Meses	Não
E24	69	Casado	2º Ciclo de Ensino Básico	Reformado	2	3	5, 8 e 10 Anos	Não
E25	58	Casado	Licenciatura	Professor	2	1	5	Não
E26	64	Casado	2º Ciclo de Ensino Básico	Empreiteiro	2	5	2,5 (três) 9 e 12 Anos	Não

Uma vez realizada a caracterização do contexto e dos sujeitos do estudo proceder-se-á seguidamente à apresentação dos dados, recolhidos nas entrevistas e analisados que darão origem aos constructos da teoria apresentada posteriormente no ponto três deste capítulo.

2. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

No sentido de compreender a dinâmica e a natureza dos factos, o investigador tem que estudar a estrutura, isto é, a razão do acontecimento dos fenómenos e o processo, a forma como interagem as pessoas envolvidas no fenómeno. A combinação dos processos e da estrutura permite ao investigador compreender a complexidade do fenómeno. A forma como esquematicamente se pode reunir e ordenar os dados interligando a estrutura e o processo com as categorias denomina-se de paradigma (Strauss & Corbin, 2008).

O diagrama apresentado (figura 6) pretende explicar as relações da categoria central, **TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO**, com as demais categorias. Os componentes básicos estruturais e processuais do paradigma elencados por Strauss e Corbin (2008) são as condições contextuais (apresentadas anteriormente no ponto 1.1 do capítulo 3), causais e intervenientes; as estratégias; e as consequências (analisadas seguidamente).

Na figura 6 aparece na parte superior, e englobando todo o esquema explicativo, o contexto comunitário e familiar onde ocorre o fenómeno. A condição causal – **ASSUMINDO O PAPEL DE AVÔ** – desencadeia o fenómeno central – **TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO** – que por sua vez desencadeia consequências do salto geracional. Tanto as condições

intervenientes como as estratégias estão direta ou indiretamente ligadas ao fenômeno e às consequências. Denotar que as condições intervenientes e as estratégias apesar de terem uma ligação entre si, esta aparece exibida de forma mais ténue representando a influência que as primeiras têm nas segundas, embora de uma forma menos linear que causa-efeito.

Por forma a sistematizar e facilitar a interpretação do texto, as **CATEGORIAS** apresentar-se-ão em maiúsculas, negrito e sublinhado e as ***subcategorias*** aparecerão ao longo do texto apenas em negrito e itálico. Após cada transcrição das citações dos avôs encontra-se a letra “E” e um número, a letra “E” refere-se a entrevista e o número ao código dado à entrevista daquele avô. Tendo sido esta a forma encontrada de codificar os avôs mantendo o anonimato.

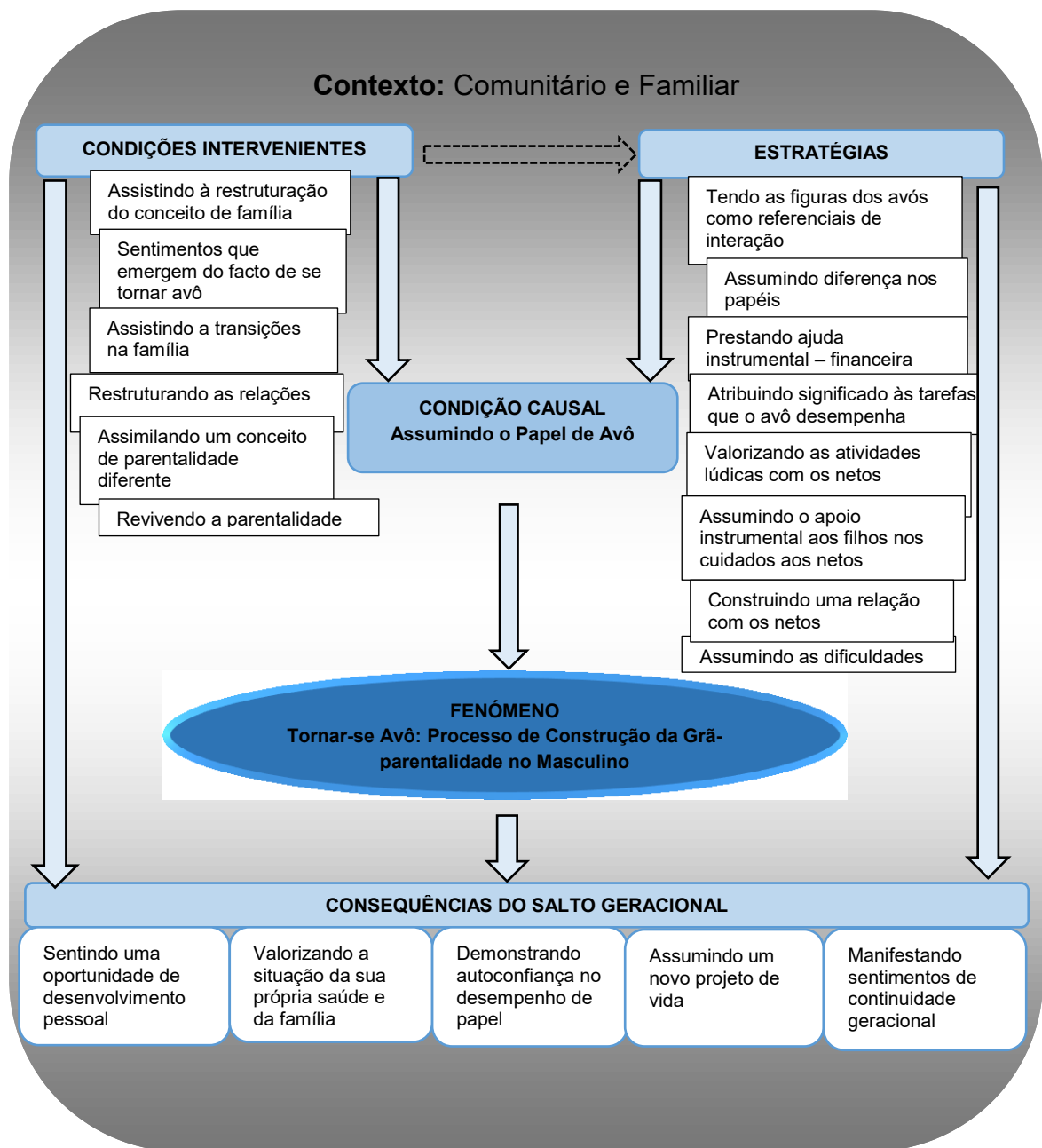


Figura 6 – Diagrama explicativo do fenómeno Tornar-se Avô: Processo de Construção da Grã-parentalidade no Masculino

2.1 Condição Causal

Sabemos que o nascimento de uma criança revoluciona toda a dinâmica familiar, com tudo o que de bom uma criança pode trazer, também ocorrem situações menos

fáceis que necessitam que toda a família faça reajustes no sentido de fazer a transição. Embora, legalmente, o avô passe a ser avô quando uma criança nasce, muitas vezes o nascimento de um neto nem sempre parece ser o ponto de viragem necessário para que os avôs assumam o seu papel:

“Agora para ser sincero, ainda não me sinto avô! (...) porque não estou preparado para isto, sei lá. Não sei! A Isabel (esposa) já se sentia avó antes de o ser realmente, e diz-me que eu não quero ser avô para não ser velho, mas não é isso, sei lá... ainda não me sinto verdadeiramente avô.” (E1)”

A categoria **ASSUMINDO O PAPEL DE AVÔ** aparece como condição causal, que parece ser desencadeadora do fenómeno – **TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO.**

Nem todos os avós assumem esse papel simultaneamente, cada um tem o seu tempo, depende da sua vida e das transições efetuadas anteriormente, não estando esse momento subjugado à idade do avô, ou ao momento do nascimento. Tal como acontece com o ser pai, o avô pode assumir este papel antes mesmo de o neto nascer ou mesmo de estar concebido, daí a subcategoria ***assumindo o neto "imaginado"***. O nascimento de uma criança é precedido por um projeto que os pais fazem nele, o mesmo é válido para os avôs:

“Sempre adorei os meus filhos e quando eles se casaram eu tinha aquela, aquela ansiedade de ser avô ...em que a minha filha demorou um certo tempo a dar-me esse prazer. Mas eu acho que já estava nesse patamar, mesmo antes de o ser (...)” (E2).

Também outros avôs manifestaram esse assumir do neto imaginado, E16 sonhava em ser avô mesmo antes de o ser: *“Sonhava em ser avô, era a minha alegria...quer dizer eu não queria morrer sem ver os meus netinhos, queria saber qual é a sensação de ser avô.” (E16).* Depois aparecem-nos os avôs que avocam o momento de transição quando sabem que efetivamente vão ter um neto, quando as suas filhas ou noras estão grávidas, e eles ficam a ter conhecimento da situação ou vão vendo o evoluir

da gravidez, a barriga a crescer ou o bebê a mexer, e esse será o ponto de viragem, **assumindo a gravidez como momento de transição:**

“Quando soube a minha vontade na altura era dizer a toda a gente que era avô, mas tive que conter a minha alegria por uns tempos. A gravidez foi muito boa, tranquila e muito feliz para mim, (...) Qualquer alteração era motivo de festa, quando ela mexeu, quando via os pontapés...” (E17).

“Talvez me tenha sentido avô quando soube da notícia, depois via a barriga da minha filha e depois da minha nora a crescer, o bebê a dar pontapés... acho que foi por aí.” (E24).

A subcategoria **assumindo o nascimento como momento de transição** apareceu nos avôs que necessitaram de ver o neto como pessoa individualizada após o nascimento para assumirem esse novo papel. O nascimento é o que marca a nossa contagem da idade cronológica, é o momento em que assumimos uma identidade separada da mãe, onde a criança tem um aspeto físico diferente do da ecografia, manifesta já alguns traços de personalidade, é um marco importante para os avôs: *“Quando ela nasceu. Senti-me avô quando a Mafaldinha nasceu.” (E12); “Quando ela nasceu e a vi pela primeira vez é que eu senti “afinal está!”. Já sou avô! (risos)” (E10).*

Independentemente do momento efetivo que cada avô manifesta como o momento de transição, surge uma mudança e não depende do número de netos. Do ponto de vista desenvolvimental, há a passagem para uma nova fase do ciclo de vida, é uma situação nova que exige sempre uma reestruturação da rede familiar, **deparando-se com uma situação nova:**

“Tenho a impressão que toda a gente fica satisfeito com o nascimento de um neto, quer seja primeiro, segundo, terceiro ou quarto ou seja o que que for. Eu fiquei satisfeito. A primeira foi novidade, mas os outros não foram menos importantes, perceba.” (E5).

“Uma reação forte, porque quando a minha filha portanto me telefonou... (engasgou-se) ela fez-me uma pergunta se eu estava preparado para ser avô? Portanto... algo que nem passava pela mente... ahhhh e depois ela ainda frisou

mais “ e se for de dois?” Então aí ainda fiquei mais espantado porque eu realmente fui apanhado assim de surpresa, uma novidade nas nossas vidas...” (E22).

Vivendo uma experiência de grã-parentalidade, ao assumir o papel, os avôs estão perante uma vivência nova, é a experiência da grã-parentalidade, os avôs consciencializam-se da mudança que uma criança vem trazer, algo que não pode ser facilmente explicado, tem que ser vivido e assumem-no como uma evolução:

“Ser avô é ser um segundo pai... parece que há mais amor (pausa) embora se tenha amor aos filhos, mas noto mais amor aos netos. Tudo é vivido de forma diferente quando nós somos avós. Como diz o meu neto do meio, é uma “digievolução” (...) Acho que é uma evolução de uns bonecos quando eles se tornam melhores... (risos)” (E2).

“É um sentimento que não é explicado, só quem mesmo passa por isso é que sabe dar o valor (...)” (E10).

Na figura abaixo encontram-se, em resumo, as subcategorias da condição causal.

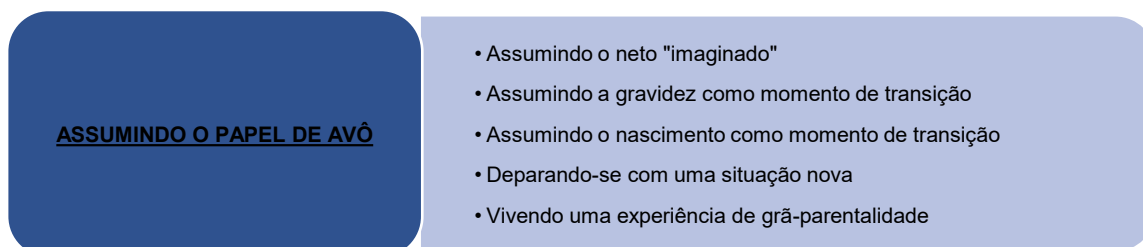


Figura 7 – Resumo da condição causal – categoria assumindo o papel de avô e suas subcategorias

Temporalmente, é possível identificar o intervalo de tempo de transição através da identificação de percepção da mudança, embora colocar-se limites no tempo despendido em determinada transição pareça delicado, os avôs referem-se a um ciclo de aprendizagem longo. O tornar-se avô parece ser razão para aprender sempre, no entanto, referem-se aos 24 meses como um marco importante que parece delimitar a

transição: “(...)as maiores mudanças em mim talvez acontecessem até os meus netos começarem a falar... sei lá (pausa)... aos dois anos já parecia tudo mais tranquilo.” (E2).

A noção de autonomia dos netos parece ser o marco temporal para que os avôs se sintam tranquilos nesse novo papel:

“Os primeiros dois anos são a novidade. Eles crescem rápido demais, começam por depender de nós e dos pais. (pausa) Depois começam a correr, a falar, a comer sozinhos... Safam-se sozinhos. E, eu sinto-me mais tranquilo porque está tudo a correr bem. A partir daí vive-se as coisas de forma diferente, não sei explicar bem...com outra tranquilidade. Com preocupações claro, mas é diferente.” (E26).

Resumindo, **ASSUMINDO O PAPEL DE AVÔ** apresenta-se como a condição causal que desencadeia o fenómeno, esta categoria encontra-se na figura 7 com as suas subcategorias. É variável, o tempo que cada homem pode assumir esse papel, pode acontecer apenas com a gravidez, com o nascimento ou mesmo muito antes quando eles assumem o desejo de terem netos. Certo é que deparando-se com uma novidade, parece que a vivência da grã-parentalidade é inevitável e mesmo aliciante.

2.2 Condições Intervenientes

Existem determinadas condições – condições intervenientes - que podem facilitar ou dificultar o impacto que a condição causal pode ter no fenómeno em estudo – **TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO.**

O tornar-se avô parece ser emanador de sentimentos e emoções positivos, aparecendo a categoria **SENTIMENTOS QUE EMERGEM DO FACTO DE SE TORNAR AVÔ.** Parece que estes sentimentos são mais fortes e vividos com uma intensidade diferente que noutra fase da vida dos avôs. Desta categoria deriva a subcategoria

experienciando sentimentos e emoções, na qual se encontram as diferentes manifestações de sentimentos e emoções dos avôs relativamente aos seus netos e a essa experiência da grã-parentalidade:

“A sensação é boa (...) agradável, a gente sente-se, sente-se com uma alegria interior, muito contente, muito contente mesmo... não se sabe explicar. Chorei...” (E1).

“ Maravilhoso, uma alegria sem explicação.” (E17).

“Não sei que dizer mas a Maria Luísa veio dar-nos outra alegria, outra vontade de fazer as coisas (...) enfim é uma alegria imensa. (pausa).” (E7).

As emoções e os sentimentos não parecem ser unidirecionais, mas recíprocos na relação avôs e netos: *“(...)mas o pior, ou o melhor é o que nós sentimos por elas e o que as meninas sentem por nós, naturalmente é algo muito forte (...)” (E22).*

E, os sentimentos parecem continuar independentemente do número de netos, será sempre o experienciar de novas emoções: *“Não tive diferença com o nascimento dos meus netos mais velhos ou mais novos, são todos iguais. A alegria foi igual para mim, graças a Deus.” (E5).*

O avô E4 refere que esta relação entre avôs e netos é baseada num amor diferente que torna *“(...) a relação mais descontraída, mais amorosa, mais carinhosa (...)”*. Os avôs descrevem o amor pelos netos como um amor diferente, mais tolerante, mais permissivo, diferente do amor que sentem pelos filhos, não inferior mas diferente, **assumindo um amor diferente:**

“(...) é uma sensação que não sei explicar... parece que se tem agora mais, mais amor... é uma sensação que não sei explicar.” (E16).

“Quanto mais amor damos, mais amor temos. (...), eu tenho muito amor pelos netos, (elevou o tom de voz) não menos do que pelos filhos (retomou tom normal). (...) Com os netos é diferente . Parece que há ali um amor diferente, uma maneira de agir diferente com os netos, uma maneira mais simpática, mais atraente, uma maneira mais saudável.” (E21).

Alguns avôs consideram a experiência da grã-parentalidade como algo normal e esperado no decorrer da vida *"(...) era espectável, ... não há nada de especial, é previsível que esse tipo de coisas venham a acontecer (...) É engraçado, é bom, mas não é nada de transcendente, nada do outro mundo. É uma coisa natural."* (E21). No entanto, não deixam de descrevê-la como diferente, **descrevendo uma experiência diferente:**

"A experiência é maravilhosa, é diferente, talvez a melhor coisa que se tem na vida são os netos." (E19).

"Hum...É única... é uma experiência única. Já tomei...Já estive com crianças, já tomei conta de crianças, mas não é a mesma coisa que ser agora a minha neta." (E12).

Por diversas circunstâncias da vida, os avôs podem não ser os avôs biológicos das crianças, e embora muitos avôs se refiram aos netos com este imperativo biológico: *"É do meu sangue."* (E12); *"Afinal são os filhos da minha filha, são meus também, são do meu sangue..."* (E18). A vida por diversas circunstâncias reestrutura as famílias e as relações familiares, surgindo divórcios nos pais ou nos avôs ou mesmo situações de adoção que poderiam colocar em questão este aspeto da consanguinidade. No entanto, os avôs vão manifestando que os netos mesmo não sendo biológicos mantêm igualmente esse sentimento de ser avô, **sentindo-se avô independentemente da consanguinidade:**

"(...) já estou com a Isabel há muitos anos, as meninas nasceram todas com muitos "avós" de parte a parte. Para elas acho que é normal e para mim também. Sei que as mais velhas já questionaram sobre isso, mas respondemos naturalmente e continuou tudo normal. Não fazemos distinção nenhuma entre elas, para mim são todas netas. Se tenho que ir buscar uma neta da minha esposa à escola, vou. Ela faz o mesmo com as minhas, sem problema. Explicámos sempre às meninas quem são os verdadeiros avôs e avós, nunca foram obrigadas a chamar avô e avó sem sermos. As minha netas chamam à Isabel, tia Isabel, e as netas dela chamam-me tio Tó... às vezes lá se trocam mas não ligamos. Mas, nem reparo nisso. Considero-as todas netas e tentamos não fazer distinções. Elas

também se chamam primas... por isso para mim é normal, sem problemas, nem stresses.” (E14).

Quando não se é pai biológico, também o seu neto não é biológico obviamente. No entanto, a genética parece ser indiferente para os sentimentos, pois para os avôs o tornar-se avô transcende essa questão da consanguinidade:

“Não tivemos filhos biológicos, mas isso não me interessa! Tivemos a Maria, ela para nós é nossa filha e pronto. E, claro que o Martim é nosso neto. Nem me lembro que eles “não são do nosso sangue” (simulou as aspas)... porque para nós são. É um amor enorme que tenho pelos dois, que nada tem que ver com questões de sangue. Amor é amor e pronto.” (E23).

O nascimento de uma criança vem trazer a toda a família uma série de reestruturações, os pais tornam-se pais quando um filho nasce, se esse filho decide ter um filho tomam-se avôs e o seu filho torna -se pai, os papéis e as funções redefinem-se, e cada vez que surge um novo neto, os avôs vão assim **ASSISTINDO À RESTRUTURAÇÃO DO CONCEITO DE FAMÍLIA**, sendo esta uma categoria das condições intervenientes.

Associada à categoria assistindo à reestruturação do conceito de família, surge a subcategoria ***umentando a união familiar***.

“Depois dos meus netos nascerem... (pausa) não sei... aproximámo-nos mais, acho eu. A minha filha também precisa mais de nós, temos mais disponibilidade, estamos reformados, portanto podemos ir levar as meninas à escola quando é preciso, ficamos com elas nas férias, logo vemo-nos mais vezes, claramente. E também temos motivos para estar mais juntos.” (E14).

“Hoje em dia a Francisca está em casa da Susana, ou dos pais e nós vamos lá porque estamos unidos.” (E10).

É notório que os netos reaproximam as famílias, embora essa união familiar possa ser próxima e distante ao mesmo tempo, no sentido de manter a individualidade de cada família nuclear dentro da família alargada e respeitando o espaço do outro: “Os

avós estão, mas estão mais à distância, acho eu! (pausa) Se forem necessários estão lá, mas interferir ou estar muito próximo não.” (E20).

Parece antagónico haver um aumento da união familiar e aparecer uma subcategoria **havendo um distanciamento familiar**. Um neto que é fomentador dessa mesma união, pode acabar por ser um estranho nos relacionamentos dos avôs, principalmente com as suas filhas, por exigir destas maior atenção:

“ (...) houve um distanciamento, depois do nascimento, porque a filha tem que se inteirar mais da filha, houve um distanciamento... isso eu reparei logo. Pois, mas isso é normal que isso aconteça, senti que a filha estava um bocadinho a fugir pronto... das nossas...sentimos que deixou de ser um pouco nossa também. Porque a Marta era e é muito ligada a mim, e não deixou de ser. A Marta e eu somos muito unidos. O que ela pensa, eu já sei o que ela está a pensar... e ela vice-versa. É praticamente isso. A gente está falar... e... “o pai já sei o que queres dizer”. Ela sabe e eu também dela. É a mesma coisa. Nós dois... então senti que ela se desviou daquele sentimento que a gente tinha... E ela também deve sentir, com certeza.” (E1).

“Isto é confuso... (pausa) por um lado estamos mais próximos, encontramos nos mais vezes, mas por outro parece que o meu filho e a minha nora vivem mais para eles e para os meus netos... não sei explicar bem...” (E15).

A par desta união familiar e deste distanciamento simultâneo, toda a dinâmica da própria família se reestrutura com uma gravidez e, conseqüentemente, com o nascimento do neto, **restruturando-se a dinâmica familiar**:

“A primeira mudança cá em casa aconteceu quando a Marlene ficou grávida e saiu de casa para viver com o pai do Martim. Fiquei com a mãe cá em casa, parecíamos dois monos no início. Custou um bocado, mas tinha de ser, ela tinha que ir à vida dela. Digamos que os tempos até nascer o Martim, não foram fáceis cá na família, depois ele nasceu não víamos outra coisa.” (E19).

“Com a chegada dos netos tudo muda... antes começou a mudar quando os filhos casam e passam a trazer outra pessoa para dentro da família... depois nascem os netos e eles deixam de ser os meninos para serem pais e nós deixamos de ser pais para sermos avôs...” (E9).

Naturalmente, quando toda a dinâmica da família é revolvida, os relacionamentos dentro da família são também reestruturados, quer seja com a parceira/cônjuge, com a filha/nora ou com o filho/genro. As próprias reuniões em família acabam por reestruturar toda a dinâmica da família:

“Inicialmente erámos só os dois e os filhos do meu filho e a minha nora era mais fácil. Hoje quando estão os dois mais velhos, os gémeos da minha filha e a filha que o meu filho tem da atual esposa... é uma confusão, são todos diferentes com formas de estar diferentes obrigam-nos a agir de forma diferente com cada um.” (E26).

A própria parceira/cônjuge também se torna avó ao mesmo tempo que o avô, pelo menos legalmente, pois as transições para a grã-parentalidade no feminino e no masculino podem não ser exatamente coincidentes, pois cada processo é individual. Assim, todas as alterações que decorrem na família acabam por afetar o relacionamento do casal, estes que passaram há vários anos por enormes mudanças na sua relação conjugal aquando a transição para a parentalidade, estão agora novamente subjugados a novas mudanças, conforme a subcategoria **reestruturando o relacionamento com a parceira/cônjuge:**

“ (...) poderia dizer que a nossa relação foi sempre a mesma e poderia defender isto. E poderia dizer o contrário, a nossa relação foi mudando sempre. O que também é verdade. (pausa) Não sei se posso relacionar diretamente com os netos. É verdade que o nascimento dos netos, aquilo para ela foi uma paixão, ainda agora é. Era uma paixão tão grande, tão grande, quase uma obsessão que fazia tudo, ainda agora faz para os apaijar, para ajudar as filhas. (pausa) Ela passou a estar muito mais ocupada, a dedicar muito mais tempo a outras pessoas. Em vez de ter três filhas, passou a ter as mesmas três filhas, e mais dois genros e seis netos, não foram todos de uma vez, mas foram vindo... e ela com a vontade que tem em ajudar... anda sempre preocupada com as filhas, naturalmente passou a estar mais ocupada tanto fisicamente como mentalmente. O seu pensamento também está mais ocupado. E pensa que ficou menos tempo para ti? É capaz de ficar, mas aí... por isso é que eu digo, a nossa relação foi amadurecendo e houve uma adaptação. Não houve problemas na nossa relação, naturalmente houve uma evolução, uma adaptação.” (E4).

“Portanto, estava a perguntar sobre o relacionamento com a esposa... nada mudou, porque se nos dávamos bem... Melhor nos ficámos a dar porque eu tive sempre uma relação muito boa com a minha esposa, fomos alicerçando em Cristo a construção da nossa vida.” (E21).

Dentro da família a filha ou nora são geradoras de uma nova vida, o bebé surge como unificador das relações, assim os avôs, nesta situação pais ou sogros manifestam um estreitamento de laços com as suas filhas ou noras, **restruturando o relacionamento com a filha/nora**:

“Com a minha filha, a mãe das netas, o relacionamento tornou-se mais chegado, a gente estamos sempre mais preocupados... a gente tenta contactar mais com elas, ajudá-la mais... pois ela para além do seu trabalho, também ela esforça-se imenso. Pois criar duas gémeas não é muito fácil, e portanto criou-se um ambiente muito chegado com ela... (pausa).” (E22).

“Com a minha nora, sinto-a mais próxima desde que nasceram os netos, pede-nos mais a nossa ajuda, conversamos mais. Sabe que os filhos são filhos e as noras são noras, eu tento que ela se sinta o mais próxima da nossa família possível, mas às vezes não é fácil, pois ela tem o feitio dela e nós o nosso. Mas melhorou muito a nossa relação desde que o meu neto nasceu.” (E15).

Da mesma forma que as relações com as filhas ou noras são restruturadas, as relações com os filhos e genros parecem sofrer alterações, como se verifica na subcategoria **restruturando o relacionamento com o filho/genro**, quando o avô está no processo de transição para a grã-parentalidade:

“(...) a relação com o meu genro também é boa, excelente. Não tenho nada, nada que realmente frisar contra esse assunto... portanto o relacionamento podemos dizer que é excelente, nada mudou a não ser para melhor.” (E22).

“Sempre tive o mesmo procedimento antes e depois da Inês nascer. Eu respeito-o, ele respeita-me a mim. (...) Gosto dele, mas ele tem o terreno dele, eu tenho o meu e a gente vive bem assim. ” (E1).

Entrevistados avôs do lado paterno e materno surgiu uma subcategoria - denotando diferenças entre ser avô do lado paterno e materno – que nos remete para uma desigualdade entre os lados, sendo esta a posição de avôs do lado paterno:

“(...) sendo o avô do lado paterno é diferente. Há uma diferença dos avós do lado paterno e do lado materno, não é só aqui que senti, tinha sempre a noção que isso de alguma forma iria acontecer, portanto já estava mais ou menos preparado. O relacionamento é sempre mais fácil com o lado materno, que é mais da mãe. É diferente! Deixemo-nos de coisas, é diferente.” (E20).

“Acho que o Leandro gosta dos avôs dos dois lados igualmente, nisso não considero diferença. O meu filho talvez se sinta mais à vontade conosco e a minha nora com os pais dela, isso é normal. E quando é para pedir alguma coisa cada um pede aos seus pais... mas não vejo que seja um problema, é normal. Nós estamos disponíveis para ela, mas é normal ela se sentir mais próxima dos pais.” (E8).

No entanto, a mesma posição é corroborada pelos avôs que são em simultâneo do lado paterno e materno:

“É normal que assim seja, eu noto a minha filha mais próxima que as minhas noras, a minha filha mais facilmente pede-nos ajuda com os filhos do que as minhas noras. E minha disponibilidade e da avó é igual, mas eles não se devem sentir tão à vontade, não sei” (E26).

Na subcategoria o **avô como mediador na relação pais-filhos**, o avô aparece-nos com um papel apaziguador nas relações: *“Nós também tentamos que não haja atritos ou problemas, tentamos que todos tenham tratamento igual.” (E14)*, e ao mesmo tempo tendo uma posição relevante dentro da família, os netos acabam por o utilizar como co ajudante na sua relação com os próprios pais:

“(...)ele (o neto) é muito esperto. E sabe levar os avós e os pais, quando quer alguma coisa, por exemplo dos pais, e sabe que a resposta será não, vem com muito mimo falar comigo ou com a avó para dizer à mãe ou ao pai. No outro dia queria cá dormir e começou a pedir à avó, ela disse que sim, por ela estava tudo bem, mas como não lhe deu saída à conversa veio ter comigo, “avô, tu podias pedir ao meu pai. Ele é teu filho e faz o que tu mandas, se eu lhe pedir ele diz logo que não.” (E6).

Os próprios netos podem ser conciliadores nas relações familiares, **netos como mediadores familiares**, assim pelo maior tempo que passam com os avôs, a sua proximidade acabam por ajudar nesta intercessão a favor da família:

“(...) os netos que estão mais perto, acabam por se relacionarem mais connosco, e acabam por fazer uma ponte entre nós e os pais.” (E3).

“Sabe que acho que a menina às vezes até ajuda em certas situações. (...) Tadinha na sua inocência... no outro dia evitou um mal-entendido comigo e com o pai, uma situação parva mas que poderia dar chatices.” (E7).

Quando abordada a categoria anterior - **ASSISTINDO À RESTRUTURAÇÃO DO CONCEITO DE FAMÍLIA** – foram referidas pelos avôs as relações familiares que alteraram o conceito da família, embora nesta transição para a grã-parentalidade existam outras relações que são reestruturadas. Mais do que uma simples mudança de um estado para outro as relações são reformuladas e reorganizadas, não nos referindo às da família direta, pois estas já foram referidas no ponto anterior, mas às relações entre colegas de trabalho, amigos e família mais alargada, **RESTRUTURANDO AS RELAÇÕES**.

Na subcategoria ***restruturando as relações com os colegas de trabalho***, os avôs trabalhadores remetem para uma alteração nas relações com os colegas de trabalho, principalmente com aqueles que já eram avôs. As vivências semelhantes levam a partilhas de experiências e aproximação dos pares:

“Aqueles que já tinham netos antes de mim, só falavam dos netos, quando souberam que ia ser avô começaram logo com conversas do tipo: “Agora vais ver? Acabou o descanso, é como se voltasses a ter filhos...” e avisaram-me logo q pior é que ia gostar. É normal, passamos muito tempo juntos vamos dando palpites na vida uns dos outros.” (E25).

“Com os colegas de trabalho é diferente do que com a família, com aqueles que já têm netos vamos conversando mais sobre os netos, há sempre mais assunto (risos). Os outros mais novos não se interessam muito por esse assunto. Não nos damos mal, mas não estão a viver a mesma coisa.” (E15).

As relações com a família mais próxima já foram abordadas anteriormente, no entanto, surge-nos uma subcategoria que se refere à família mais alargada, **restruturando as relações com a família alargada**. Os avôs sentiram-se melhor e mais próximos nas reuniões com a família quando se tornaram avôs, parece ser importante para eles, é como o sentimento de pertença à família necessitasse da transição para a grã-parentalidade:

“Olhe eu era o único que não tinha netos ainda na minha família, era o mais novo dos irmãos, agora todos já somos avôs quando nos juntamos todos é uma alegria ... irmãos, filhos, netos... desde que sou avô não sei se há muita diferença na relação com eles, continuamos a dar-mo-nos bem.” (E15).

Os netos parecem ser motivo para reaproximação da família:

“Claro que quando nos juntamos todos fico orgulhoso dos meus netos também estarem, já sou avô como alguns membros da minha família, acaba por ser uma maior alegria e convivência. (...) quando os meus netos estão comigo às vezes até os levo a casa do meu cunhado para eles brincarem com os primos e nós olhe, vamos conversando enquanto eles brincam.” (E26).

Quando vêm os netos as relações com os próprios amigos parecem sofrer uma reestruturação, a subcategoria **restruturando as relações com os amigos** demonstra-nos isso mesmo. O tempo reservado às relações de amizade parece ter que ser reajustado com o tempo destinado aos netos: *“Os netos deixam-nos menos tempo para os amigos, ocupam-nos mais o tempo, mas os verdadeiros amigos estão sempre lá.”* (E26). Interessantemente um avô entrevistado fala-nos no ter netos como um fator que dá sentimento de pertença a um grupo de amigos quando estes também estão na mesma fase da vida:

“Sabe que o ser humano necessita de ter aquele sentimento de pertença a um grupo, não é que faça muita diferença para mim! Quer dizer é capaz de fazer (risos), mas quando os teus amigos são pais e tu não és sentes-te à margem, quando eles são avôs e tu não, igualmente. Agora diz que estamos mais iguais! Podemos falar dos mesmos assuntos, levar os netos aos nossos encontros... a

relação entre os amigos fica mais próxima por termos mais em comum. Entende?!” (E25).

Os netos podem também ser motivo para o aproximar de relações de amizade, o facto de fazerem atividades comuns com os netos, pode levar os amigos a conviverem mais ou mesmo praticar algum exercício físico:

“ (...) não sei se mudou muito, mas desde que tenho que levar as minhas netas ao ballet, encontrei um amigo meu já de há muitos anos que também tem que levar as netas, enquanto esperamos uns dias vamos beber uma cerveja e conversar outras vamos fazer um bocadito de exercício num parque lá ao lado, e é verdade que estamos mais próximos. De vez em quando, também outro avô se junta a nós.” (E14).

Os netos trazem aos avôs o recordar da sua parentalidade, apesar das transições estarem em norma vinte ou trinta anos desfasadas no tempo, eles fazem uma avaliação retrospectiva da sua própria atuação como pai, revivem novamente a sua parentalidade, agora nos netos, e de certo modo os netos vêm colmatar pequenos erros, lapsos ou situações que por diversos motivos não correm tão bem na transição para a parentalidade, como, por exemplo, a indisponibilidade de tempo, a falta de maturidade na altura, ou mesmo a situação económica que não os deixou viverem em plenitude com os filhos a parentalidade. Surge a categoria **REVIVENDO A PARENTALIDADE**. Os netos são inevitavelmente comparados aos filhos, como se uma segunda vez fosse possível viver novamente a parentalidade, esse sentimento é bem patente quando os avôs nos dizem que: *“Ser avô é ser duas vezes pai.” (E5).*

Os avós têm a oportunidade de fazer aos netos o que não fizeram com os filhos, ou saborear com os netos aquilo que no passado não foi possível por questões diversas, no fundo é como fossem pais novamente: *“É como se fosse pai novamente, desta vez da Francisca.” (Pedro E10).* Reconhecem as semelhanças que para eles os filhos têm com os netos, mas distinguem-nos como duas entidades diferentes, os netos não são os filhos, mas são como se fossem: *“ (...) é como se fosse a minha filha. Sei lá...” (E1).*

Assim vão **revivendo a sua parentalidade com os netos**, de uma forma mais descontraída e mais prazerosa:

“(...) uma pessoa tem filho, tem um filho... (pausa) mas um neto para nós parece que é um reviver do passado recente, como quem diz... é uma sensação que não sei explicar... parece que se tem agora mais, mais amor... é uma sensação que não sei explicar.” (E16).

“No fundo estamos a reviver o que se passou com as nossas filhas, mas de outra forma, mais leve e descontraída.” (E18).

Neste reviver novamente a sua parentalidade os avôs tendem a fazer uma avaliação da sua própria atuação como pais, recordando o que fizeram ou não aos próprios filhos e comparando-se mesmo aos pais dos netos, **avaliando a sua atuação como pai:**

“Ele faz mais coisas à filha que eu fazia. Eu nunca dava banho às minhas filhas, nem mudava fraldas. Ele faz tudo isso, limpa a casa, faz comer. Ajuda muito a minha filha. Nisso é diferente. No carinho, acho que somos parecidos.” (E13).

“Quando fui pai tinha 20 anos, 20 e poucos, 26 ou 27. Mas agora ser avô com 70 é muito diferente. Antes, no tempo dos meus filhos a gente vivia mais, se calhar até vivíamos demais para o trabalho, e se calhar até faltávamos com alguma coisa para eles... por causa do trabalho, de tudo... da vida que a gente levava... tínhamos menos disponibilidade.” (E5).

Ao mesmo tempo que os avôs revivem a sua parentalidade e, em simultâneo, fazem uma avaliação de como foram como pais, surge agora a oportunidade de se recompensarem com os netos daquilo que não viveram com os filhos, como se lhes fosse dada uma segunda oportunidade, como se o passado pudesse ser restaurado com os netos: *“Os netos são aquilo que vem remediar um pouco as feridas que a gente tem dos filhos.” (E3).* Surgindo a subcategoria **compensando o que não foi vivido com os filhos:**

“ (...) quando era pai, quando chegava a casa não tinha aquela coisa, não sei se é de eu ser um bocado... envergonhado se quê!? Não tinha aquela coisa que correr para a filha, e de beijá-la... e essa coisa toda. E agora com a neta não! Chego a casa, só faço um “té-té” à porta, ela ouve-me falar ou faço um assobio...

ou digo-lhe uma palavra ... e ela vem, fica toda contente, dá-me beijinhos, abraça-me, pronto é lindo e feliz... (lágrimas nos olhos) ” (E12).

“Com os netos, quando eles vieram (o mais velho ainda não mas os outros sim), eu já estava aposentado, quando os dois gémeos nasceram... (Pausa) E portanto, é a oportunidade de nós... de começarmos aquela relação que com as filhas não houve grande oportunidade porque havia muita obrigação. E com eles não há tanta obrigação, é mais a devoção que a obrigação (risos).” (E4).

Os avôs assistem aos seus filhos a tornarem-se pais, esse papel foi até então dentro daquela família exclusivo deles, e é inevitável fazer as comparações com os pais que foram e os pais que os filhos são agora. A oportunidade de aprendizagem de serem pais pertence agora aos filhos, os avôs vão compreendendo que o seu conceito de parentalidade e dos seus filhos pode ser diferente. Nesta categoria **ASSIMILANDO UM CONCEITO DE PARENTALIDADE DIFERENTE**, os avôs constataam a realidade presente de vários conceitos de parentalidade e assumem respeitosamente as diferentes perspetivas da educação de hoje e na educação que os seus netos estão a receber dos pais.

Na subcategoria ***constatando diferentes parentalidades***, os avôs até podem considerar que ser pai nos dias de hoje é diferente ou mesmo mais fácil, pois já fizeram um longo percurso enquanto pais, já são detentores das suas aprendizagens. Desculpando as diferenças existentes com as mudanças na conjuntura social: *“Os pais hoje são mais brandos... porque hoje a vida os obriga a isso. A vida os obriga a isso” (E21).*

É certo que eles destacam as diferenças, não no sentido pejorativo do exercício da parentalidade, mas refletem-nas:

“Bem, pode haver uma pequena diferença no pai que eu fui e no pai que ele é. Não é dizer que ele é mau pai, não é. Mas, portanto é unicamente... talvez seja um pouco como é que eu hei-de dizer, deixar as coisas mais assim, mais ... mais babadas. Quando eu era pai, tinha uma preocupação muito grande, era mais difícil do que é agora, nesse sentido. Para criar os filhos nós tínhamos que nos esforçar muito, eu tinha e a esposa tinha que trabalhar também... fazia horas

extraordinárias, quando vinha mais cedo, eu tinha que tratar deles, tinha que os cuidar, tinha que os levar. (...) naturalmente é uma questão de tempo que ele se possa adaptar melhor às suas filhas.” (E22).

“Fui pai novo, na altura tinha 23 anos, era normal para a altura, ele tem mais 10/12 anos que eu tinha, mas também têm uma vida mais organizada que eu tinha na altura. Eu casei e nasceu logo a minha filha. Eles não, namoram séculos, casam e demoram a ter filhos. Não sei se têm mais maturidade por terem idade. Mas, como somos pessoas diferentes seremos pais diferentes.” (E11).

Os avós podem ter um papel ativo ou co ajudante na educação dos netos. Assumem as disparidades que existem na educação de hoje e de há alguns anos, relativamente à forma como os seus netos estão a ser educados e, assim, vão **assumindo as diferenças na e da educação:**

“(...) ela (a filha) não deixa fazer o que a gente (avós) quer, e acho muito bem que seja assim. Ela não é minha filha como é o Hugo e a Marta. Não faço há minha neta o que fazia aos meus filhos, porque a minha filha tem as regras dela...” (E1).

“Há diferenças, Há diferenças... A diferença é muito grande, porque a vida de antigamente, não tem nada que ver com a vida de agora, nada, nada. A vida antigamente era uma vida mais saudável, era mais sã, era mais pura. Nós tínhamos mais poder sobre os filhos, hoje um pai ou uma mãe não pode dar uma repreensão severa a um filho, não lhe pode dar uma palmada, não o pode chamar à atenção porque se alguém vê, se alguém ouve ... vai-se queixar, e passado um bocado está a polícia à porta. No meu teu tempo não... a educação era mais dura.” (E21).

O estado de equilíbrio dentro da família sofre uma readaptação quando um novo membro entra na família, obrigando-a a reajustes, o avô como membro da família vai **ASSISTINDO A TRANSIÇÕES NA FAMÍLIA**. Essas transições que ocorrem no meio familiar, não se estendem só ao avô, são partilhadas pelos filhos, genros, noras e cónjuge/parceira. Com a parceira o avô partilha este processo, o avô reconhece que também os seus filhos, noras e genros se encontram numa fase de transição, assim o seu papel será no sentido de os auxiliar.

Os avôs assistem a transições na família e assumem que também eles se encontram num processo de transição, **assumindo que está num processo de transição**. Os avôs compreendem que ser avô é também uma adaptação a uma realidade diferente: *“Ainda me estou a adaptar...”* (E1). Eles entendem que uma criança trás mudanças e aprendizagens, necessitando de reajustes no seu papel parental e grã-parental:

“Mas não são só eles que estão a aprender, eu também estou a aprender a ser pai novamente e a ser avô. Estava numa zona de conforto e agora tenho que me mexer também... uma criança na família trás muitas mudanças... é sempre uma aprendizagem” (E25).

“Tinha os dois mais velhos e estava tudo tranquilo. Agora vieram três (exemplificou três com a mão) de uma vez, todos da mesma idade, mais uma mudança... mas muito boa.” (E26).

Além de admitir que está num processo de transição, o avô assume que a sua parceira/cônjuge se encontra na mesma situação, **assumindo a sua parceira/cônjuge como estando também numa transição**.

Aquando a gravidez da filha, as mudanças na avó são notórias para o seu parceiro/cônjuge:

“Com a minha esposa já está a mudar, ela agora só quer a neta e fazer coisas para a neta (risos), nem dorme. Anda sempre de volta da filha, não a deixa fazer nada... Eu estou muito feliz, mas ela anda em êxtase... anda farta lá de bordar e fazer casacos e coisas. Depois como não tem mais ninguém em casa pergunta-me coisas que para mim são iguais (...), do tipo qual a cor mais bonita, eu dou a minha opinião para não lhe estragar a felicidade, mas na realidade é igual ser rosa, ou azul ou branco.” (E11).

Mesmo que a transição não seja esperada ou planeada, ela ocorre. Assim, mesmo que o nascimento de um neto seja inicialmente inesperado, a transição impõe-se:

“Eu entendo a reação na minha esposa. Não era a vida que ela tinha planeado para o filho, achava que eram muito novos e sem responsabilidades para criar uma criança. Ela talvez se achasse nova para ser avó, não sei. Mas

depois ela aprendeu a lidar com a situação, viu que eles apesar da idade estão a dar muito bem conta do assunto. No fundo todos nós aprendemos, e hoje não sabemos viver sem o Pedro. Foi o choque, acho eu.” (E6).

Um casal que vive juntos há alguns anos, já passou por muitas transições juntos, a transição para a grã-parentalidade é mais uma transição que pode não ser exatamente vivida da mesma forma e com a mesma duração no tempo. No entanto, a partilha da vida em comum faz com que o casal se ajude mutuamente nessa transição, **auxiliando-se mutuamente no processo de transição para a grã-parentalidade**:

“Acho que tanto eu como a Isabel somos bons avôs, verdadeiros e posições também. Vamo-nos ajudando nestas mudanças todas.” (E14).

“ (...) é verdade que ela está a aprender a ser avó, tal como eu. Nós aprendemos juntos a ser pais, aprendemos juntos a ser avôs e qualquer dia aprendemos juntos a ser bisavós (risos). É engraçado, mas até é capaz de ajudar, afinal estamos juntos nestas mudanças todas na vida e na família.” (E6).

Os avôs sentem que estão numa transição assim como as suas parceiras/cônjuges. No entanto, eles verificam que não são os únicos dentro da família, também os seus filhos, noras e genros se encontram num processo transicional, os avôs encontram-se na transição para a grã-parentalidade e os filhos, noras e genros estão no processo de transição para a parentalidade, **constatando que os filhos/genros/noras estão a viver um processo de transição**:

“O meu filho também está a aprender a ser pai, ele já se apercebeu que tudo está a mudar, e ele está a sair-se bem. (...) A minha nora também está a aprender a ser mãe... até agora está a sair-se muito bem. Ter um filho trás muitas mudanças na vida deles e eles estão a sentir isso” (E25).

“ (...)a vida é mesmo um ciclo, eles estão a passar pelo que já passei com a minha esposa, estão a aprender a serem pais. É tudo diferente, eles têm que se adaptar aos filhos e os filhos a eles... mas vai tudo correr bem.” (E9).

Os avôs consideram na subcategoria **auxiliando os filhos/genros/noras na transição para a parentalidade** que os filhos/genros/noras ao tornarem-se pais estão a passar por um transição, a transição para a parentalidade pela qual eles também já

passaram. Os avôs não ignoram este momento crucial da vida dos filhos/genros/noras e coadjuvam-nos nessa missão de se tornarem pais:

“Os meus filhos estudaram, têm outra forma de estar. Eu tenho a experiência da vida, mas...somos todos diferentes. Conversamos sobre as situações que nos vão aparecendo com os meninos, Ajudo-os como posso e sei.” (E5).

“Sinto que o estou a ajudar, quer dizer, não sei como vou explicar... ahmmm, estou a ajudá-lo, porque... pronto...muitas das vezes a gente diz-lhe para fazer assim ou assado, pode ser melhor para a menina, para ela se sentir bem, para ela até comer melhor. Ele às vezes pergunta isto, pergunta aquilo. E nós já tivemos esta experiência, este trabalho... mas de certa maneira a gente ajuda-o muito... tentamos fazer as coisas, de forma a poder ajuda-lo da forma em que a gente pode.” (E12).

Embora os avôs considerem que ajudam os filhos/genros/noras nesse processo de transição para a parentalidade no momento atual, outros admitem que esse processo de ajuda é bem mais longo e foi uma aprendizagem feita durante a educação que os próprios deram aos filhos, como o caso dos avôs E20 ou E17:

“Se eu o ajudo? não sei... (longa pausa) sem interpretar isto mal, eu depois explico se não se entender. Acho que a partir daí 17/18 entre aspas eu acho que tinha de desistir de ser pai, é que aos 18 ele tem que ir à vida dele e fazer as coisas sem ter ali alguém muito presente. O problema é quando há dificuldade em se desligarem e assumirem o papel de adultos. Conosco não houve esse problema. Sempre tive isso presente, em que há uma fase em que tem que ir à vida dele, de se responsabilizar... e, portanto, não há aqueles problemas que fazem um drama. Aquele não é drama nenhum, drama seria se eles não tivessem condições para saírem, isso é que seria um drama, e de resto eu sempre pensei que haveria uma fase que não é propriamente afastarmo-nos, mas cada um toma um rumo diferente, e tem que tomar o rumo sozinho, e portanto isso para mim era claro. Não sei, a única coisa que posso ter ajudado nisso sei lá interferir dar palpites, isso não, não faço isso. Se há alguma coisa que eu posso ajudá-lo não há-de ter sido agora, há-de ter sido antes. Não é aos 30 anos que as pessoas... em relação à criança ele não pede conselhos, falámos na altura quando foi aquela questão de ficar na creche ou na ama... conversamos só, porque ele tinha a experiência da ama e da creche.” (E20).

“Hoje... acho que não que não os ajudo muito a serem pais. O que ficou talvez tenha sido a educação que lhe dei... os exemplos...” (E17).

Na figura 8 encontra-se o resumo das categorias intervenientes, as suas categorias e subcategorias.



Figura 8 - Resumo das condições intervenientes – categorias e subcategorias

Em súmula, relativamente às condições intervenientes parecem emergir dos dados seis categorias. É notório que os avôs manifestam sentimentos e emoções positivas na categoria **SENTIMENTOS QUE EMERGEM DO FACTO DE SE TORNAR AVÔ**. Tornar-se avô parece ser uma experiência espectável e natural, no entanto única e espetacular pela riqueza que proporciona. Os laços de sangue parecem não ser tão relevantes para os homens, valorizando mais as alegrias e a felicidade que o facto de ser avô proporciona, vivendo uma experiência e amor diferentes. Pela experiência da grã-parentalidade, os avôs vão **ASSISTINDO À RESTRUTURAÇÃO DO CONCEITO DE FAMÍLIA**. Com os netos naturalmente assiste-se a uma alteração da dinâmica da própria família, podendo haver uma maior proximidade das três gerações e, conseqüentemente, uma maior união familiar e reestruturações nas relações dentro da família, no entanto, pode ocorrer um maior distanciamento dentro da própria família. Os avôs verificam que apesar do grau de parentesco ser igual, os avôs do materno e paterno não gozam do mesmo estatuto de proximidade. Tanto os avôs como os netos acabam por serem mediadores nas relações familiares. Relativamente à categoria **RESTRUTURANDO AS RELAÇÕES**, os relacionamentos com os amigos, família alargada e colegas de trabalho são reestruturadas. Os netos parecem dar aos avôs a oportunidade de estes reavaliarem a sua experiência como pais, reviverem nos netos a sua experiência de parentalidade e recomeçar a viver com os netos aquilo que não foi vivido com os filhos, **REVIVENDO A PARENTALIDADE**. O convívio com os filhos, netos, noras e genros permite aos avôs irem **ASSIMILANDO UM CONCEITO DE PARENTALIDADE DIFERENTE** constatando as diferenças na educação e na parentalidade. A última categoria enunciada nas condições intervenientes é **ASSISTINDO A TRANSIÇÕES NA FAMÍLIA**. O avô encontra-se num processo de transição para a grã-parentalidade concomitante com o da sua parceira/cônjuge,

ajudando-se mutuamente nesse processo. Também os seus filhos/noras e genros se encontram num processo de transição, desta para a parentalidade. Constatando isso o avô tem a oportunidade de os auxiliar nessa transição que já foi vivida por ele.

2.3 Estratégias

A forma como os avôs lidam com o fenómeno em estudo – **TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO** – são denominadas de estratégias. Neste processo de se tornar avô, o homem vai **ASSUMINDO DIFERENÇA NOS PAPÉIS**, reconhecendo que para além dos papéis de pai, marido ou profissional, outro papel não menos importante, mas novo, surge na sua vida ao qual o homem tem que dar resposta.

Assim, na subcategoria ***assumindo a relação de pai diferente da de avô***, o avô compreende que por muito que se considere um segundo pai, a relação que tem com os seus netos não pode ser igual à que tem ou teve com os seus filhos. São dois processos distintos pelo qual a mesma pessoa, nesse caso o avô passou ou está a passar – a parentalidade e a grã-parentalidade.

A relação menos exigente e descontraída é bem patente no discurso dos avôs que assumem claramente uma relação diferente entre pai-filho e avô-neto:

“Há algumas diferenças. Ser avô, é como diz o povo é ser pai duas vezes. Mas é ser pai, principalmente, para as coisas boas. (risos) Posso dar tudo ao meu neto..., carinho, atenção... tudo, sem ter de me preocupar com os limites, sem me preocupar com as questões da educação, para isso estão lá os pais... para a regras, para os sermões... para as coisas chatas. (...) Quem dá pão, também dá educação. Mas, os sermões são muito mais leves dos que eu dava à mãe. É como os castigos, não sou capaz de o castigar, dou umas ralhotas e tal quando ele precisa, mas às vezes finjo que nem vejo as coisas.” (E19).

“E com eles (...) não há tanto a obrigação, claro que não podemos permitir tudo, mas... é uma relação mais descontraída, podemos ajudar tendo algum gozo

disso. (...) Sim, permito muito mais aos netos que permiti às filhas, mas também não sou daqueles avôs que não tem regras, ou que não lhe digo de vez em quando, olha que isto não está certo...devias fazer isto, isto é assim ou é assado. Às vezes, eles até se queixam um bocadito dos sermões, há coisas que eles fazem que não lhes deixo passar sem lhes dizer, pelo menos.” (E4).

Na subcategoria **conciliando os diferentes papéis** os avôs demonstram a sua capacidade de organização, no sentido de harmonizarem os papéis diferentes na sua vida pessoal, social e profissional, demonstrando reajustes nuns em detrimento doutros. Os avôs percebem os limites no seu papel de pai e de avô, mesmo que as decisões dos pais os ultrapassem, entendem os limites:

“ (...) é diferente. A Inês não é minha filha, é minha neta. A minha filha também não deixa fazer o que eu quero. Pois ela não deixa fazer o que a gente (avós) quer, e acho muito bem que seja assim.” (E1).

“ (...) eu tenho pena de não ter mais poder de decisão em alguns casos. Não, a sério! Casos que eu considero importantes, mas pronto. (pausa) Tenho pena que os meus netos de Coimbra, filhos da Susana, não sejam batizados. Se eu pudesse decidir... eles seriam.” (E4).

Relativamente aos papéis que desempenham na sociedade os avôs desempenham o seu papel de avô, mas não descaram a vida social ou mesmo a vida pessoal:

” Temos que ter tempo para tudo... tempo para trabalhar, tempo para a família, tempo para os amigos... tempo para tudo, senão vivemos numa vida desequilibrada” (E15).

“Apesar de agora termos, talvez, uma vida mais agitada, pois apesar de reformados temos os horários das meninas a cumprir: ir levar ao ballet, à música e mais sei o quê, às festas de aniversário dos amigos... até as férias agora raramente são a dois, são a quatro ou seis, depende (...) Mas também tenho as minhas atividades... gosto muito de ir à associação e falar com os amigos, e duas vezes por semana temos hidroginástica.” (E14).

Os avôs conciliam os seus papéis, mesmo as decisões que vão tomando vão de encontro ao seu papel como pai e avô, nomeadamente no que se refere à situação profissional: *“Elas precisavam de alguém que as ajudasse com os meninos, eu não tinha*

nada a perder, reformei-me em parte por causa dos meus netos e das minhas filhas.”
(E18).

Os avôs passam a noção que o tornar-se avôs se aprende. Aprende-se a ser avôs mais cedo do que quando assumem efetivamente esse papel. Tendo consciência que os avôs, eles próprios já foram netos, já foram pais e observaram os seus próprios pais a serem avôs. Agora com o neto têm a oportunidade de desenvolver a sua a própria aprendizagem. É importante não esquecer que somos seres sociais inseridos numa comunidade e família, e os avôs vão observando as relações entre avôs e netos das suas parceiras/cônjuges e dos seus pares. Os avôs vão **TENDO AS FIGURAS DOS AVÓS COMO REFERENCIAIS DE INTERAÇÃO** facilitando todo este processo de transição para a grã-parentalidade.

As memórias que os avôs têm dos seus próprios avós parecem presentes e utilizadas como estratégias quando eles próprios se tornam avôs, ***mencionando os seus avós como referências:***

“As referências que tenho são dos meus avós, eu fui criado por eles (...) recordo muito, muito dos tempos passados com os meus avós e se calhar dá-me algum alento agora para a Francisca.” (E10).

“Eu lembro-me bem, por exemplo, de coisas que os meus avós me ensinaram ou as coisas que fazia com eles.” (E14).

Nos locais de trabalho, nas atividades de lazer ou mesmo nas relações familiares mais próximas ou mais distantes outros homens se vão tornando avôs, esses foram tomados como exemplos pelos avôs entrevistados e ajudaram os homens a construir a sua relação de interação com os seus próprios netos, ***mencionando os pares como referências de avôs:***

“Vejo pelos meus irmãos e os meus colegas que são avôs, e andam todos doidos com os netos.” (E11)

“Sempre imaginei que seria muito bom, os meus colegas de trabalho, na altura, via que estavam deslumbrados com os netos, não falavam noutra coisa (...)” (E14).

Mencionando os seus pais como referências, apesar de termos verificado que o papel de pai e avô são diferentes, aos avôs foi possível observar as relações que os seus pais tiveram com os seus filhos, embora não experimentassem essa relação com eles, pois a sua relação era diferente: *“ (...) o meu pai, por exemplo que para mim e para os meus irmãos tinha sido muito severo, para os netos era completamente diferente...” (E14).*

E os avôs vão-se referindo aos seus próprios pais como referências por si tomadas no seu processo de se tornarem avôs:

“ (...) apesar de pouco tempo e relativamente distante, aquilo que era o meu relacionamento com os meus avós. Tinha-me apercebido como tinha sido o relacionamento do meu pai com os filhos, e depois com os netos... e foram coisas relativamente tranquilas e pacíficas e, portanto, não estava assim a adivinhar grandes problemas, ou estava assim com as expectativas muito negativas. Eram positivas e sem problemas.” (E20).

“Não que eu tivesse o exemplo dos meus avôs, não tive, pois só conheci uma avó, mas tinha um tio-avô solteiro que foi o meu avô (exemplificou aspas com as mãos) ... mas lembro-me do carinho do meu pai para com os meus filhos e vejo os outros avôs.” (E17).

A parceira/cônjuge está, sensivelmente em simultâneo, a passar também por o seu processo de transição para a grã-parentalidade, pela experiência semelhante concomitante e pela proximidade, os avôs vão **mencionando a sua parceira/cônjuge como referência**:

“A minha esposa é uma excelente avó, para mim é um exemplo, é daquelas avós que só dá mimos, anda sempre agarrada ao Martim aos beijos (...)” (E19).

“Sem dúvida que a minha esposa... a Lurdes é um exemplo de esposa, de mãe e de avô. Ela consegue ter uma postura incrível perante a família ” (E9).

O apoio emocional que os avôs dão aos netos sob a forma de uma relação amorosa mais descontraída foi abordado anteriormente. Agora abordar-se-á o apoio instrumental prestado pelos avôs. Sabe-se que uma criança ou mesmo um jovem requer uma série de cuidados e tarefas que os pais, por vezes, por razões diversas, podem não ter capacidade de resposta. Os avôs, muitas vezes, vão **ASSUMINDO O APOIO INSTRUMENTAL AOS FILHOS NOS CUIDADOS AOS NETOS**, que pode ser a vários níveis como: cuidados na alimentação, higiene e conforto, vigilância ou transporte.

Mesmo assumindo esse apoio instrumental nos cuidados aos netos, que no fundo acaba por ser o seu apoio aos filhos e aos netos, muitas vezes a sua vontade e o que a sociedade tem como referência exige uma ponderação por parte dos avôs, ***conjugando a sua vontade com a deseabilidade social***, remetendo para a vontade pessoal e, em simultâneo para as normas sociais:

“ (...) quero que tudo corra bem (...) pois temos que ajuda-los a criar os netos. É a nossa vontade e também obrigação.” (E11).

“ (...) não lhes dou aquele apoio que gostava de dar, de estar mais tempo com eles. A minha obrigação é ajudá-los mas nem sempre é possível, mas quando eles vêm depois faço tudo e mais alguma coisa (...).” (E2).

Tendo uma vida profissional ativa ou não, os cuidados aos netos parecem imperativos, sejam as solicitações feitas pelos filhos ou pelos próprios netos, assim os avôs vão ***assumindo a disponibilidade para os cuidados:***

“Mas quando eles dizem: “ avô vem ter connosco”... aí pois, vamos logo.” (E2).

“Não sei em que posso ajudar muito, tirando aquela situação de estarmos disponíveis, com algum tempo... (...) os filhos têm que perceber que no momento em que precisam estamos lá, (...) que está ali, que se resolve e que têm ali o apoio. E, que se for necessário alguma coisa, está à distância de um telefonema.” (E20).

Esta subcategoria relaciona-se com a anterior na medida em que os avôs são estão disponíveis porque manifestam vontade de prestar esses cuidados, a partir daí vão surgindo aos cuidados que os avôs prestam aos netos.

Prestando cuidados na alimentação assume-se como uma subcategoria que pode ser vista de três perspectivas diferentes. Numa primeira perspectiva, os avôs desejam e querem prestar cuidados na alimentação aos netos e não o fazem por razões educacionais ou pessoais:

“Não dei sopa, pois era só mama... mas gostava de fazer isso. (...) E eu gostava muito que ela estivesse há minha guarda. Há minha guarda quer dizer, em parte, parcialmente. O avô vai buscar à creche, à escola ou dar o comer aquela hora...essas pequenas coisas.” (E1).

“Os pormenores do banho e do comer não sou muito delicado para isso, mas se tiver de ser, pois não há problema.” (E10).

Ou numa segunda perspectiva, em que os avôs consideram que as tarefas relacionadas com a alimentação ainda são reservadas para a parte feminina da família:

“ (...) quinta-feira é o dia de irmos a Coimbra, vou busca-los à escola (...) Nesse dia, a São ainda faz mais. Leva daqui o jantar, tem que ficar com eles, faz o jantar...” (E4).

No entanto, existem avôs com outra mentalidade, e na prestação de cuidados na alimentação à família os avôs também se podem ocupar da alimentação da família libertando os outros elementos da família para outros tipo de cuidados:

“ (...) dou a liberdade toda para que eles (filha, genro e esposa) tratem delas que eu trato de tudo o resto na casa, faço as refeições, faço tudo. Depois é só chamar para a mesa para comerem.” (E22).

Por último, os avôs admitem frontalmente que a alimentação é um dos cuidados instrumentais que prestam à família, em especial aos netos.

“À Mafalda ainda há bocado lhe dei a sopa. A Susana até disse:“ ainda bem, agora és tu que comes a dar comer à Mafalda, que ela contigo come a sopa”.

E comeu...para o fim já começou a mudar a cara, a engelhar o nariz ... mas lá foi.” (E12).

“(...)por curiosidade o meu lugar na mesa é mesmo ao lado dela (...) Estar ali com a comida a ajudar. Que se eles não tivessem tão presentes ela já tinha provado doutras coisas, mas assim segue o esquema... (risos).” (E20).

Na subcategoria **prestando cuidados de higiene e conforto** os avôs assumem posturas diferentes, afirmam claramente que o banho é um dos cuidados instrumentais prestados, e referem-no com alguma naturalidade:

“Às terças e quintas sou sempre eu que a vou buscar à escola e levá-la à natação. Fico lá a ver a menina, depois vai lá ter a avó também, normalmente é ela que lhe dá banho e a veste, mas quando não está sou eu.” (E7).

“Quando vão para a terra comigo, normalmente ainda lhes dou uma chuveirada, pois parecem índios e a mãe passa-se.” (E18).

Ou assumem uma atitude diferente, apesar de nunca terem prestado esse cuidado aos filhos, não descartam a possibilidade de o fazerem aos netos caso seja necessário: *“Nunca dei banho aos meus filhos, mas aos meus netos se fosse preciso dava.” (E16).*

Os avôs ainda podem ter outra postura relativa ao banho dos netos, apesar de afirmarem que o faziam aos filhos, aos netos não houve ainda essa necessidade, mas demonstram disponibilidade para o fazerem:

“Eu nunca dei banho aos netos, nunca foi preciso, mas aos filhos sim, quando eles eram pequenitos, a eles os três.” (E5).

“Até à data nunca mudei fraldas porque não foi preciso, nem dar banho” (E10).

As crianças, principalmente em idade tenra necessitam de alguns cuidados com o sono, os avôs parecem prestar cuidados nesse sentido, sendo responsáveis por adormecer, **prestando de cuidados aos netos no dormir** surge como outra das subcategorias do apoio instrumental que os avôs prestam aos filhos nos cuidados aos netos:

“Andei com o Julien e com o Adrien na mata no carrinho no meio daqueles caminhos, passava horas na mata do Bussaco a passear com eles, a passeá-los também para que eles dormissem.” (E2).

“Adormeci os filhos e adormeço o neto sem qualquer problema, aliás até gosto. É uma forma de ter desculpa para dormir uma soneca também (risos).” (E25).

Também se pode dar o caso de não prestarem esse tipo de cuidados por não se sentirem aptos para tal, prestam outro tipo de cuidados aos netos, mas não os relativos ao dormir: *“Alimentação, vigilância, adormecimento não, porque não tenho muito jeito.” (E12).*

Prestando cuidados de vigilância, o vulgo “tomar conta” tão referido pelos avôs é assumido como algo que fazem regularmente, referem que o fazem sozinhos ou em parceria com a esposa:

“Quando eles precisam de ajuda em alguma coisa, quando não podem ficar com o Leandro, ou quando não estão, eu ou a avó, lá vamos até Santa Comba para ficar com ele.” (E8).

“Ajudo-os quando tomo conta dos filhos, quando precisam sair, e nós ficamos com eles.” (E18).

O avô E12 demonstra que a prestação de cuidados de vigilância aos netos parece ser algo diferente dos cuidados de vigilância prestados a outras crianças:

“Já estive com crianças, já tomei conta de crianças, mas não é a mesma coisa que ser agora a minha neta. (...) ... eram vizinhos, e eu tomava conta deles quando ficavam com os meus pais, com a minha mãe... eu brincava com elas mas não era aquela coisa de... de relação, é nossa, a minha neta... a minha neta não.” (E12).

Quase a maioria dos avôs se referem aos cuidados que prestam aos netos com sendo um serviço de “táxi”: *“Sou táxi sempre (risos) (...).” (E4).* Isto é, são eles, muitas vezes, conjuntamente com as parceiras/cônjuges, outras vezes sozinhos, os

responsáveis de transportar os netos para as suas diversas atividades, **assumindo a responsabilidade no transporte dos netos:**

“ (...) quinta-feira é o dia de irmos a Coimbra, vou busca-los à escola vou levar o do meio ao treino de basquete, vou levar o mais velho ao rugby, depois vou buscar o outro que deixei no Basquete, depois vou buscar o outro do treino de rugby. (...) Daqui a um bocado lá vou levar estes dois ao treino do hóquei.” (E4).

“Vou busca-los à escola quando posso, quando é necessário. Poder, pode-se sempre.” (E5).

E assim, com esta responsabilidade os avôs sentem a sua vida mais preenchida:

“Tenho a vida muito mais ocupada agora, isso é verdade. Às terças e quintas sou sempre eu que a vou buscar à escola e levá-la à nataçãõ. (...) Às sextas-feiras é dia de jantarmos todos juntos, nesse dia também a vou buscar à escola quando saio do trabalho, vamos para casa.” (E7).

Outra das categorias englobada nas estratégias que emergiu dos dados foi **CONSTRUINDO UMA RELAÇÃO COM OS NETOS**. Esta relação afetiva benéfica para ambas as partes engloba uma relação diferente das demais relações que o avô estabelece, uma relação recíproca de partilha, a construção de uma amizade diferente de todas as outras.

A subcategoria **partilhando os mesmos gostos** insere-se na categoria construindo uma relação com os netos, e verificou-se que mesmo com diferença de idades consideráveis são partilhados os mesmos gostos entre avôs e netos fazendo com que a relação deles se construa de forma sólida. Essa partilha pode passar por preferências clubísticas, animais ou atividades que façam em comum:

“É doido pelo Benfica, eu também. Mas ele supera-me. E ele adora falar em futebol. Aliás, se o quero feliz é levá-lo a um jogo de futebol do Benfica. Está a ver, com o meu filho nunca fui ver futebol nenhum, só na televisão. Com o meu neto, já fomos sei lá ver dois jogos à Luz, fomos uma vez ao estádio do Beira-Mar. E está sempre a perguntar quando voltamos.” (E8).

“Tenho um cão que adoro, os meus netos adoram o cão, a mais pequenita tem medo dele, mas gosta dele, mas os outros adoram o cão. É sempre um motivo para brincarmos.” (E3).

“Quando estou com elas, andamos sempre a fazer coisas que todos gostamos, ou vamos ao parque ou à praia, ou fazer um picnic à ria...” (E14).

As relações entre avôs e netos acaba por ser mais descontraída do que a relação entre pais e filhos. A responsabilidade maior na educação cabe aos pais e deixa que essa relação seja mais amistosa. Os avôs, normalmente, despendem mais tempo com os seus netos ouvindo as suas conversas e partilhando as atividades lúdicas que eles mais gostam de fazer, sentem essa relação próxima de amizade, **sentindo no neto um amigo.**

Mesmo os netos fazendo com que os avôs despendam de grandes quantidades de energia nas suas atividades a relação entre eles estabelecida compensa, eles consideram mesmo interessante terem um amigo tão próximo com tanta diferença de idade:

“Ter um neto é preciso ter muita energia, o Pedro, é um miúdo impecável. Está sempre bem-disposto, só quer jogar à bola e brincar e eu não me acho velho, mas tenho que andar a correr com ele, e isso cansa. É um amigalhaço que eu tenho! É muito conversador, gosta de saber tudo.” (E6).

“É ter um amigo em ponto pequeno, podemos conversar, passear, brincar, ter os nossos segredos... às vezes penso como é engraçado ter um companheiro com tanta diferença de idade.” (E19).

Os avôs estabelecem com os netos uma relação diferente da que estabelecem com os filhos, uma relação harmoniosa, isenta de responsabilidades e obrigações. Sendo esta, também, uma relação mais branda relativamente aos conflitos intergeracionais.

Os avôs sentem que com os netos vão **estabelecendo uma relação de carinho e amor**: *“Sem dúvida dar-lhe o melhor, e o que se pode dar a elas de melhor é o carinho, o amor.” (E22).* Eles sabem que o que viveram com os filhos foi longínquo, estão crescidos, mantêm com eles uma relação de adultos, carinhosa mas uma relação madura de adultos, com os netos eles têm a oportunidade de apostar numa relação mais amorosa:

“Porque a vivência dos filhos já lá vai à 30/40 anos e depois aparecem-nos pela frente estas coisinhas maravilhosas , espetaculares, os netos, que a gente dedica-se a eles de uma maneira amorosa.” (E21).

“ (...) estou numa idade que contrasta com a idade dos netos, mais do que a idade com os filhos. Esse contraste na idade, parte da necessidade dos que têm muita idade como eu de gostar... ter vontade de receber o carinho dos mais novos. É normal que a relação que tenha com os meus netos seja mais calorosa, eles querem carinhos e eu também.” (E3).

Na subcategoria **presenteando os netos**, os avôs defendem muito a máxima de que *“ (...) os filhos são para criar e os netos para estragar.” (E21)*. Por vezes, os avôs até podem presentear os netos mesmo indo contra a sua palavra inicial, sendo mais benevolentes até do que seriam enquanto pais: *“ (...)“avô dá-me isto, dá-me aquilo, faz-me isto, faz-me aquilo” muitas das vezes diz-se que não, mas acaba-se por fazer.” (E5)*. Ou mesmo contrariando a vontade dos pais dos netos, os avôs lá vão presenteando os netos:

“Alguns doces eu escondo lá em casa em sítios que só eu e eles é que sabemos... às vezes vou lá procurar um doce para mim e desaparecem (...) é um segredo só nosso, porque muitas vezes é contra a vontade dos pais.” (E3).

Para presentear os netos, os avôs não necessitam de razões especiais para o fazerem: *“ (...) são crianças precisam de uma coisita ou outra porque o pai não vai dar... prendinhas, coisinhas, doces não precisamos de anos, nem natais, não precisamos de justificação.” (E3)*. Ou pelo contrário, presenteiam os netos em datas especiais:

“Dou os cuidados que posso em conselhos, animo-os com uns mimosinhos. Eles fazem anos e eu dou-lhes umas lecas (...) aos netos lá vão 100 euros... o Tomás , o mais velho: “o avô tens que subir esta nota. Já está a ser pequena”, “está bem filho, qualquer dia subo”, vou repartindo, vou vivendo.” (E21).

Estabelecendo uma relação diferente, esta subcategoria demonstra que esta relação de amor e carinho estabelecida com os netos parece ser diferente de todas as relações que os avôs têm, sendo que esta estratégia ajuda-os a tornarem-se avôs:

“Sinto que temos uma relação especial, não sei explicar... mas, sinto isso. É uma proximidade diferente da que tive com os meus filhos, é uma dedicação diferente.” (E26).

“Olhe a nossa relação é excelente. A relação que tenho com os meus netos é diferente de todas as relações que tenho... com os filhos, com a esposa. Não significa que não os ame, mas com os netos é tudo mais forte, mais rico...” (E15).

Os avôs vão construindo a sua relação com os netos e vão **sentindo reciprocidade na relação**, os cuidados e o amor demonstrados são de ambas as partes:

“ (...) tive e tenho um grande cuidado com eles e eles têm tido um grande cuidado comigo. (...) Eu amo-os muito e eles amam-me a mim.” (E21).

“ (...) acho que eles adoram o avô e sentem que eu gosto muito deles.” (E2).

“Parece trivial o que vou dizer, mas eu amo os meus netos e sinto que eles também me amam.” (E26).

As questões económicas preocupam a família, na categoria **PRESTANDO AJUDA INSTRUMENTAL – FINANCEIRA** os avôs demonstram que ajudam os seus filhos e netos nessas questões: *“Quando é preciso alguma coisa para os netos lá se abre a carteira do avô e da avó.” (E18)*, e são também para os filhos, mas principalmente, para os netos que os avôs consideram que têm que trabalhar.

Os pais têm a função dentro da família de providenciar sustento económico aos seus filhos, essa é uma das funções dos pais. Os avôs, que são também pais já tiveram essa obrigação familiar com os seus próprios filhos, contudo, eles manifestam essa função extensível com o nascimento dos netos. Na subcategoria **prestando ajuda económica** eles demonstram o desejo de prestarem esse auxílio, sempre dentro das possibilidades:

“(...) ajudamos na parte económica quando precisam e quando dá.” (E6).

“Ajudo, praticamente ajudo quase em tudo, quando é preciso ajuda monetária ajudo se tiver hipótese, ajudo, senão tiver...” (E12).

“Alguma ajuda económica... dentro das possibilidades.” (E1).

Interessantemente, mesmo os avôs que por algum motivo não estão perto dos netos e dos filhos encontram nessa ausência algo de positivo, isso estende-se à ajuda económica: *“A única vantagem de estamos em França é que lhe posso dar coisas, que cá nunca poderia.”* (E13).

Alguns avôs têm agora outra disponibilidade, nomeadamente financeira para ajudarem os filhos e os netos, que não tiveram outrora e esperam mesmo que os netos tenham uma vida economicamente mais estável que eles tiveram com os filhos:

“Eu gostava de lhe dar uma vida melhor do que dei ao meu filho, mais... a gente quer sempre mais... a presença... economicamente não ter tanta dificuldade, não passar por tanto. Tentar ter uma vida mais relaxada que eu e o pai dela estamos a ter. Tentar dar-lhe uma vida com mais qualidade... era o meu sonho.” (E10).

Quando os netos surgem na família, os avôs estão num patamar diferente da vida que os seus filhos, ou se encontram na reforma ou perto dela, normalmente com uma vida muito mais estável do que quando os filhos nasceram: *“Agora, também trabalho, mas tenho outro estilo de vida, outra disponibilidade de horário e também económica.”* (E11). No fundo, eles consideram que um dos seus objetivos de trabalho acaba por se direcionar para os seus filhos e netos, **considerando que trabalha para os filhos e netos:**

“Ajudo-os economicamente, isso já se sabe. Também trabalhamos para quem? Para as minhas filhas e neta, para mim e para a Maria vai chegando.” (E13).

“Preocupo-me muito com a parte económica, não quero que eles passem as dificuldades por que passei, claro que vamos estando aqui para ajudar no que for preciso, afinal trabalho para quem?.” (E7).

Os avôs sabem que são importantes para os netos e desempenham tarefas que consideram relevantes, o seu apoio financeiro e instrumental é importante quando prestados aos seus descendentes. Eles vão **ATRIBUINDO SIGNIFICADO ÀS**

TAREFAS QUE O AVÔ DESEMPENHA. Esta categoria engloba categorias importantes que vão no sentido da educação e das aprendizagens mútuas.

A educação é talvez um dos assuntos mais sensíveis quando se aborda essa questão com os avôs, eles sentem-na como fundamental: “*A minha nora deixa-a vir para aqui quando ela quer... ou mereça. Às vezes também a mete de castigo, e eu não condeno. É educação, é preciso.*” (E24), disso não há dúvidas. No entanto, os avôs podem assumir três perspetivas no que se refere à educação. Ou se assumem como educadores dos netos e assumem a responsabilidade desse papel, paralelamente aos pais e entendem que a sua missão é também educar os netos. Podem assumir-se como colaboradores na educação, ajudam os seus filhos nessa importante tarefa, no entanto, sabem que a primazia é sempre dos pais. Por último, os avôs podem simplesmente negligenciar essa tarefa de educar e passar toda a responsabilidade para os pais dos netos.

Na subcategoria ***assumindo o papel de educador*** aos avôs que passam algum tempo com os netos, pode caber o papel de educador, e eles assumirem-no como uma tarefa importante na sua transição para a grã-parentalidade:

“Não posso dar educação ao meu filho e deseducar o meu neto. É complicado, mas é também uma questão de sensatez. Tento educar os dois de igual forma, apesar de saber que o meu neto tem os pais, mas paciência. Educação a mais acho que nunca foi problema.” (E25).

Mesmo a maior tolerância que os avôs afirmam ter, pode ser relativa quando o assunto se relaciona com a educação: “*(...) deixo fazer o que elas quiserem, mas se vir que elas também necessitam de uma repreensão, obviamente que se acho que está errado, também dou...*” (E22).

Na subcategoria ***assumindo-se como colaborador na educação dos netos***, os avôs assumem-se com colaboradores na educação dos netos, assumem uma posição intermédia relativamente a este assunto. Entendem que a responsabilidade, em

última análise, será sempre dos pais dos netos, considerando mesmo que nem têm esse direito referindo-se a essa responsabilidade como relativa ou complementar:

“Naturalmente, eu penso que a responsabilidade da educação deles é dos pais e eu não posso sobrepor-me à orientação que os pais lhes dão, nem tenho esse direito. E, portanto, essa responsabilidade maior eu não tenho, tenho digamos uma responsabilidade complementar.” (E4).

“Responsabilidade relativa, claro que quando estão conosco temos responsabilidade nelas, mas a responsabilidade maior é sempre dos pais.” (E14).

Mesmo a responsabilidade de educação sendo dos pais, os avôs consideram essa tarefa de co ajudantes importante, o auxílio aos filhos para que cumpram nos netos um bom trabalho na tarefa educacional:

“Ajudo a educar os meus netos. Não tenho aquela responsabilidade que tinha com os filhos, mas quero ajudar os meus filhos a fazerem um bom trabalho com os filhos deles.” (E15).

No entanto, os avôs têm consciência de qual poderá ser a sua contribuição na educação dos netos, a sua experiência como pais já lhes deu a conhecer essa realidade:

“Mas vamos dando as nossas sugestões na educação do Pedro, de uma maneira muito suave, para não arranjar problemas (...) Vou dando uns toques aqui ou ali em coisas que acho menos corretas, mas já se sabe... às vezes calo-me porque o filho é deles e a responsabilidade na educação é deles, e eu nunca gostei que me dessem também palpites na educação do David.” (E6).

“ (...) ninguém gosta muito de sermões, ninguém gosta... mas se vem a propósito dou a minha opinião, mas acho que se eles quiserem aproveitar alguma coisa daquilo do que eu sou e do que eu sei... têm que ouvir o que digo, embora não dê lições sobre a educação dos filhos, porque nenhum pai gosta disso..” (E4).

A outra posição mais extrema sobre a educação dos netos é a assumida na subcategoria **não opinando sobre educação dos netos**. Os avôs admitem que os pais têm a responsabilidade deles na educação dos filhos, e a sua de avôs não passa pela educação, podem assumir uma preocupação sobre esse assunto mas não interferem:

“Preocupamo-nos e tal, mas não é a mesma coisa. Essa tarefa dura da educação é para os pais.” (E8).

O facto de os avôs não interferirem na educação dos netos é entendido com sensibilidade, e com consciência que vida dos filhos e a deles é independente: *“Eles não me pedem opiniões, e é como digo a vida é deles e eu não quero interferir... cada um é como cada qual.” (E16).* O assunto da educação é menos delicado quando abordado com os filhos, no entanto a decisão dos avôs passa por não interferirem:

“Ao meu genro acho que não devo... evito dar opiniões sobre as coisas para não achar que me estou a meter, mas às vezes à minha filha vou dando umas achegas relativamente à forma como ela leva as coisas, mas não dou grandes palpites na educação dos netos, tento-me conter.” (E24).

Para as crianças os avôs podem ser uma fonte de ensinamentos, os avôs querendo ao não acabam por ensinar muitas coisas às crianças, no entanto, essas aprendizagens são recíprocas e os avôs admitem que eles também aprendem muito com os seus netos e vão assim **ensinando e aprendendo com os netos**: *“Aprende-se e ensina-se também. Os netos ensinam-nos todos os dias coisas novas e nós também lhes vamos ensinando alguma coisa.” (E24).*

Os avôs assumem que aprendem muito com os seus netos:

“Estes miúdos hoje são muito rápidos, eles sabem mais do que nós, então temos que ir aprendendo com eles todos os dias.” (E19).

“ (...) aprende-se com o neto, o menino vai ensinado muita coisa.” (E6).

As aprendizagens dos avôs centram-se, também, nas tecnologias, os netos nasceram na era digital, aquilo que para eles parece inato, para os avôs exige uma aprendizagem muitas vezes difícil e mediada pelos netos:

“ (...) os miúdos (...) estão à frente nas novas tecnologias, mas eles ajudam-me.” (E3).

“Pelo menos quando estamos juntos eu aprendo muitas coisas com a Sara. Brinco com coisas que nem sabia que existiam, jogo no computador com ela. Jogo?! Faço de conta, pois não entendo nada daquilo.” (E13).

“Sabe que sei muitas coisas de Pokémons com os meus netos, até sei que têm ginásios... (risos) eles ensinam-me cada coisa!” (E2).

No entanto, os avôs também vão partilhando muito do que sabem com os netos:

“ (...) e à noite levo-a para a rua e sento-a na cadeira e digo-lhe, “olha o cão, olha o gato, olha ali, olha acolá”, outras vezes levo-a lá para fora no regaço e falo com ela: “olha o cão, olha o gato, vamos ver os pipis, os gatinhos”” (E12).

É normal as crianças acabarem por replicar os comportamentos dos próprios avôs, por modelagem: *“Qualquer coisa que eu ande por aí a martelar, ele agarra no martelo e começa logo por aí também, ao pé de mim...”* (E5).

Os avôs têm orgulho nos netos por estes possuírem conhecimentos acerca da natureza transmitidos por eles, é como se sentissem responsáveis por essa transmissão de conhecimentos:

“A Mafalda é que vem cá mais vezes, ainda esteve cá no outro dia, todo o dia ao pé da avó a plantar couves, vai para ao pé dos animais, das ovelhas...e não tem medo nenhum, nós vamos ensinando e ela gosta.” (E16).

“Ele ajuda muito, é pequenito ainda, mas quando ando na lenha, ele acarta muita lenha, ajuda na horta... já sabe muitas coisas da terra que os miúdos da idade dele não imaginam. Ele sabe as ovelhas que estão grávidas, quando nascem os cordeiros, sabe quantas galinhas temos, melhor até que eu! (risos).” (E19).

Embora os avôs manifestem sentimentos e emoções agradáveis perante a grã-parentalidade, eles utilizam como estratégia facilitadora de lideram com o fenómeno em estudo o assumir das dificuldades. Ao assumirem as dificuldades, os homens consciencializam-se destas, sendo um fator facilitador para a transição para o papel grã-parental. Na categoria **ASSUMINDO AS DIFICULDADES** os avôs assumem a culpa pela sua própria indisponibilidade nos cuidados aos filhos e netos, lidam com a ausência

dos netos, assumem os seus receios quanto à gravidez, assumem que não se encontram competentes e autónomos na prestação de cuidados aos netos, e vêm a tecnologia como um entrave no relacionamento com os netos. Os avôs percebem claramente as dificuldades na transição para a grã-parentalidade e elaboram estratégias de auxílio.

Na subcategoria ***sentindo-se culpado por não estar disponível sempre que precisam*** os avôs vão demonstrando alguma culpa por não poderem estar mais presentes nas vidas dos netos, principalmente quando eles precisam. Os motivos, mesmo que justificáveis, como o trabalho ou a distância física, não tornam esse desconforto menos presente nos avôs:

“Gosto muito de ser pai de ser avô, tenho pena de não poder estar mais tempo com eles, por causa do trabalho, mas sempre que posso vou visitá-los. Eles vêm cá. Às vezes penso que gostaria de estar mais presente quando eles precisam de nós, mas não é possível. Tanto eu como a minha mulher trabalhamos, portanto... O David (filho) teve a sorte de ter sempre a avó materna em casa, não trabalhava, agora o meu neto não.” (E6).

“Sabe que às vezes sinto-me culpado de não estar cá quando elas (filha e neta) precisam de nós, por exemplo, para ir à escola buscá-la, para ficar com ela quando está doente... estar longe tem muitos problemas.” (E13).

Nem sempre os netos estão próximos, e daí os avôs terem que ir ***lidando com a ausência dos netos***. A distância física pode ser um dos motivos da ausência dos netos e o avô admite esse problema:

“Olhe, eu sou um avô à distância, um pai à distância, um filho à distância. (risos) (...) Sou avô nas férias, sou avô pelo telefone, pelo computador. Falamos todos os dias no computador, mas gostava de estar mais tempo com ela. Mas pronto, é o possível.” (E13).

Essa distância física pode ser inviabilizadora dos avôs terem a possibilidade de se envolverem mais nas vidas dos netos, eles reconhecem o que perdem: *“Tenho pena de perder muita coisa da Sara, estamos longe e não é a mesma coisa, mas tem de ser.” (E13)*, e um dos principais problemas dessa ausência pode ser a saudade, com a qual

eles vão aprendendo a lidar: *“Quando estamos separados já se sabe temos que lidar com a saudade.”* (E13).

No entanto, a distância física pode não ser a causa do afastamento entre avôs e netos. Os problemas nas relações familiares entre filhos, pais, genros e noras podem obrigar os avôs e netos a um afastamento não desejado:

“(...)tenho pena que ela não me reconheça como avô (...)As dificuldades não são nenhuma, pois como disse não nos relacionamos. Com muita tristeza minha, mas não sei se é assim tão difícil ou se haverá dificuldades. O que vivi com ela era tão bom e fácil...O que é difícil são os aniversários, o natal, a páscoa... lembro-me todos os dias dela... vê ali aquele bebê (apontou para uma foto) é a Maria... mas esses dias doem mais.” (E17).

Uma das dificuldades que os avôs vão manifestando prende-se com gravidez – **manifestando preocupação com gravidez** – vivem esse período de forma apreensiva, pois o inesperado pode sempre acontecer:

“A sensação de gravidez, a gente não sabe o que vai acontecer nesses nove meses, pode até desaparecer o bebê, ou isto ou aquilo.” (E5).

“(...) quando a minha filha Gabriela disse que estava grávida. Aí até se levantou um problema, uma preocupação.” (E4).

Os avôs também pelo facto de se tornarem avôs vão **assumindo receios relativamente aos netos**, a existência dos netos é só por si uma preocupação acrescida: *“(...) mas depois começaram, ainda mais, as preocupações.”* (E13). Esses receios podem ser por questões de saúde ou por questões sociais como o medo da droga ou mesmo por situações familiares complicadas, como por exemplo, a morte do pai de um neto:

“(...) começam é algumas preocupações (...) esperar que o desenvolvimento corra tudo bem, que não haja problemas em questões de saúde.... Isso torna-se diferente... isso é diferente.” (E20).

“Tinha, tenho e continuo a ter um medo à droga. Ando sempre a alertar os pequenos.” (E21).

“Eu gosto dos meus netos por igual, mas talvez por não ter o meu filho com ela é diferente, a preocupação, sei lá. (...) Não os distingo. Mas também estaria a mentir se não me sentisse mais responsável, ou mais preocupado com a Mariana.” (E24).

Tornar-se avô é também assumir que presta cuidados aos netos, e que na prestação destes podem surgir algumas dificuldades, **assumindo dificuldades na prestação de cuidados**. Curiosamente a maioria dos avôs quando questionados acerca das dificuldades na prestação de cuidados referem que não existem: *“Estou completamente à vontade para dar comer ao meu neto, banho... o que for. Não sinto dificuldades desse género.”* (E25). Embora outros refiram que não se sentem à vontade com a prestação de alguns cuidados mais dados às mulheres, segundo eles:

“Não gosto muito de pegar em bebés pequenos, deve ser por falta de mãos (risos), não me sinto à vontade, eu peguei-lhe ela tinha um mês de idade, e sentei-me no sofá e transpirava por todo lado. Não me sinto à vontade, mas em qualquer bebé.” (E10).

“(...) eu tomo conta deles, sem problemas, mas não me ajeto muito nessas coisas de dar o comer, os banhos, as fraldas... essas coisas mais de mulheres” (E26).

O desenvolvimento tecnológico pode ser, por um lado a partilha de conhecimentos de entre netos e avôs, como demonstrado anteriormente, por outro os avôs assumem-no como algo que pode inviabilizar a sua relação com os netos, **verificando que a tecnologia pode ser inviabilizadora das relações**.

O avanço tecnológico parecer ser receado pelos avôs, ele parece ser mais rápido do que eles desejariam, pois eles têm medo que a tecnologia se sobreponha à relação que têm com os netos. O problema da tecnologia para os avôs é que os netos serão mais evoluídos tecnologicamente que eles, e preocupa-os o fato que possam deixar de ter interesse para os seus netos, afetando o convívio e as relações:

” A mim o que me aflige é ver os netos a fugir à minha frente... (...) A evolução é tao rápida, tão rápida e nós por nosso lado, à medida que a idade avança vamo-nos tornando mais lentos... para nós relativamente as coisas são mais rápidas do que para

vocês mais novos. Há-de chegar um ponto que a minha conversa não lhes diz nada, porque estes aparelhos todos estão à minha frente.” (E4).

Essa dependência tecnologia preocupa os avôs porque, de certa forma, eles acreditam que não inviabilizam as relações apenas com eles, mas também com os outros:

“Oh Jesus! Telemóveis, uma coisa que detesto (...) A Beatriz está de manhã à noite até se deitar, até toda a noite e todo o dia. E, eu não sou de acordo com esta maneira, este exagero que eles praticam. (...) crianças falta-lhe o melhor, quando forem maiores entre os 20 e os 40 anos não têm um amigo, e é triste.” (E5).

“Sinto dificuldade em acompanhá-los nestas coisas dos computadores e telemóveis, eles estão muito à frente, eu não consigo. Vêm cá metem jogos no meu telemóvel, fazem coisas que eu nem sabia que era possível... tenho dificuldade em aceitar também alguma educação que os pais lhes dão, nomeadamente em darem primazia à tecnologia em vez de darem importância às pessoas.” (E24).

As transições requerem sempre mudanças no equilíbrio pré existente até se atingir um novo ponto de equilíbrio. Na transição para a grã-parentalidade os avôs vão **percebendo as dificuldades na transição**. Os avôs podem assumir uma postura em que refiram que a transição para a grã-parentalidade se dá sem problemas ou dificuldades: *“Não sinto dificuldades nenhuma, fico com o que é bom!” (E14)*. Ou pelo contrário encontram algumas dificuldades nessa transição.

Os pais dos netos parecem ser fatores que dificultam essa transição, pois os avôs e os pais dos netos têm formas diferentes de ver os relacionamentos, podendo haver, por vezes, atritos resultantes do choque de mentalidades:

“Não sei se serão dificuldades, mas teremos com certeza pequenos atritos com os pais. Eu tive com os meus pais e com os meus sogros, vou ter com o meu genro e filha.” (E11).

“Difícil é às vezes entender esta educação, esta forma de ver a vida que os meus filhos têm... Querem mudar a nossa forma de agir com os netos, às vezes vêm com cada ideia...” (E26).

“(...) tenho dificuldade em aceitar também alguma educação que os pais lhes dão. Às vezes eu pareço o pai a dar sermões aos pais e aos netos.” (E24).

Uma dificuldade na transição pode ser atribuída à ausência de relacionamento com os netos: *“As dificuldades não são nenhuma, pois como disse não nos relacionamos. Com muita tristeza minha, mas não sei se é assim tão difícil ou se haverá dificuldades.” (E17).* Outra dificuldade percebida poderá ser atribuída ao facto dos avôs não aceitarem o trajeto de vida que os filhos tomaram, o que se pode tornar um entrave à transição para a grã-parentalidade:

“Olhe de início não foi assim muito fácil. Eu achava que a minha filha era muito nova... ela tinha 19 anos quando ficou grávida. (...) Não foi fácil para mim, nem para a mãe aceitar bem essa situação, mas a criança não tinha culpa da situação (...)” (E19).

Podem os homens encontrar algumas dificuldades em desempenhar o papel de avô e questionarem as suas atitudes, terem dúvidas e dificuldades e tomarem posturas diferentes com filhos e netos:

“Existem sempre algumas dificuldades, algumas dúvidas em como ser um bom avô, em ser equilibrado... em mimar muito mas não em demasia, em permitir muita coisa mas não deixar as coisas serem uma rebaldaria (...) não posso querer do meu neto nem agir com ele como agi com o pai, são tempos diferentes... também não posso agir com ele de igual forma como lido com o meu filho mais novo. Apesar de terem idades próximas, um é filho e outro é neto e, às vezes, é difícil esta separação na nossa cabeça.” (E25).

Os avôs tomam consciência das dificuldades e vão **elaborando estratégias para superar as dificuldades**, uma das formas de superar é aceitando e consciencializando-se que as dúvidas e as dificuldades fazem parte de todos os processos de mudança: *“Tenho que aceitar que estas questões fazem parte, as dúvidas são normais... e supera-se tudo, com tranquilidade.” (E25).* Perceber que não estão

sozinhos, e que outros em situações semelhantes passam pelas mesmas dificuldades pode ser uma estratégia facilitadora:

” (...) vamos vivendo, vamos aprendemos, vamos conversando com outros que estão na mesma situação. Vamos analisando as nossas atitudes...” (E25).

“Depois falamos e vemos que não são só os nossos, que o mal é geral, se calhar também fomos assim.” (E26).

Outra das estratégias referidas pelos avôs para superar as dificuldades é ignorar as situações que lhe causam transtorno, nomeadamente, no que se refere aos conflitos intergeracionais: *“(...) e se queremos viver bem com todos, olhe temos que fazer que não vemos nem ouvimos nada, é melhor forma de viver bem.” (E26).*

Um dos objetivos dos avôs parece ser ter uma relação amorosa e uma participação na vida dos netos, baixar-se à sua idade e partilhar com eles atividades, brincadeiras e aprender com eles. Na categoria **VALORIZANDO AS ATIVIDADES LÚDICAS COM OS NETOS** os avôs demonstraram partilhar esses momentos lúdicos.

Na subcategoria ***partilhando momentos lúdicos com os netos***, os avôs nos momentos de diversão, rebaixam-se à idade dos próprios netos: *“Pareço um garoto a brincar com elas.” (E14).*

Nesses momentos lúdicos o passeio está incluído:

“Passeio-os bastante.” (E3).

“Elas gostam de passear, de brincar, de garrear, gostam portanto de... é normal em crianças daquela idade. E nós estamos lá. Da última vez passamos o dia inteiro a passear de um lado para o outro com elas.” (E22).

A sua flexibilidade na relação com os netos, leva os avôs a darem-lhe ainda a hipótese de eleição dos locais a passear: *“Levo-os a passear se eles quiserem e onde quiserem...” (E5).*

No entanto, a partilha de momentos lúdicos inclui também as brincadeiras: *“Eu quando estou com a Francisca tento brincar ao máximo com ela.” (E10).* Essas

brincadeiras podem ser tão diversas como: jogar futebol, jogar ténis ou ténis de mesa, andar de bicicleta, xadrez, procurar *pokémons*:

“Jogo à bola com eles... quer dizer agora já me sinto cansado... estou velho... mas sim jogo. (...) procurar pokémons...” (E2).

“Brincamos e estamos lá com aqueles bonecos tipo legos e outras coisas, e estamos ali um bocado entretidos.” (E20).

“(...) eu tive um problema na minha perna (...) até aí eu jogava ténis com eles, com estes mais velhos, e ganhava-lhes ...e andava de bicicleta com eles ...e jogava na praia com eles, e aí era tu cá tu lá. Aí não havia diferenças... (...) quando algum por ventura gosta de jogar xadrez ainda jogo. Correr já não dá, já não dá para jogar... ping-pong ainda vou, porque não é preciso dar grandes passos.” (E4).

“Quando estamos juntos brincamos, jogamos PSP, vamos ao futebol, passeamos e conversamos muito. Quando posso vou vê-lo jogar à bola, enfim acho que faço o que os avós agora fazem todos aos netos.” (E6).

“Brincamos, no verão ainda vamos dar um mergulhito na piscina lá em casa.” (E7).

Os avós partilham com os netos brincadeiras que admitem nunca terem realizado com os filhos:

“Mas quando estão cá comigo brincamos. Brinco com as netas e com os bonecos, jogar as cartas...faço tudo... ando aí no triciclo (...) coisas que com os meus filhos nunca fiz.” (E16).

“Em questão de mimos... e... de brincadeiras... às vezes... ainda no domingo. Às vezes ponho-a nas minhas cavalitas, faço tipo cavalito (...) e aí é uma coisa que nunca tinha feio com a minha filha.” (E12).

Para além de partilharem momentos de diversão com os netos os avós vão **aprendendo a brincar com os netos**. Observam as brincadeiras dos netos, aprendem e participam nelas:

“Gosto muito de observar as brincadeiras que eles estão a ter, e para chamar à atenção contrário e ponho aquilo tudo ao contrário o que estão a fazer, só para me divertir... gosto de brincar com eles como se fosse uma criança, faço

as brincadeiras que eles estão a fazer, os jogos Gosto de jogar com os mais velhos uns jogos de palavras...” (E3).

Esta aprendizagem permite aos avôs atualizarem-se acerca da evolução tecnológica e dos desenhos animados que as crianças hoje vêm:

“(...) ir passando lá no IPod a “Xana Toc-Toc” o... como se chama o Macaco Xingu... aquelas coisas que não fazia a mínima ideia que existissem, que eu não sabia... sou um bocadinho do tempo do Vickie, da Heide do não se quê, do D’Artação e tal. E agora há uma série de coisas que são diferentes que eu nem imaginava que existissem... canais no Youtube muito organizados, vários, vários... Há muitos... só dirigidos a estas idades.” (E20).

As estratégias que os avôs encontram para lidarem com a categoria central,

TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO

MASCULINO encontram-se resumidas na figura seguinte.

<p><u>ASSUMINDO DIFERENÇA NOS PAPÉIS</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Assumindo a relação de pai diferente da de avô • Conciliando os diferentes papéis
<p><u>TENDO AS FIGURAS DOS AVÓS COMO REFERENCIAIS DE INTERAÇÃO</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Mencionando os seus avós como referências • Mencionando os pares como referências de avós • Mencionando os seus pais como referências • Mencionando a sua parceira/cônjuge como referência
<p><u>ASSUMINDO O APOIO INSTRUMENTAL AOS FILHOS NOS CUIDADOS AOS NETOS</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conjugando a sua vontade com a desejabilidade social • Assumindo a disponibilidade para os cuidados • Prestando cuidados na alimentação • Prestando cuidados de higiene e conforto • Prestando cuidados aos netos no dormir • Prestando cuidados de vigilância • Assumindo a responsabilidade no transporte dos netos
<p><u>CONSTRUINDO UMA RELAÇÃO COM OS NETOS</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Partilhando os mesmos gostos • Sentindo no neto um amigo • Estabelecendo uma relação de carinho e amor • Estabelecendo uma relação diferente • Sentindo reciprocidade na relação • Presenteando os netos
<p><u>PRESTANDO AJUDA INSTRUMENTAL- FINANCEIRA</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Prestando ajuda económica • Considerando que trabalha para os filhos e netos
<p><u>ATRIBUINDO SIGNIFICADO ÀS TAREFAS QUE O AVÔ DESEMPENHA</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Assumindo o papel de educador • Assumindo-se como colaborador na educação dos netos • Não opinando sobre educação dos netos • Ensinando e aprendendo com os netos
<p><u>ASSUMINDO AS DIFICULDADES</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sentindo-se culpado por não estar disponível sempre que precisam • Verificando que a tecnologia pode ser inviabilizadora das relações • Lidando com a ausência dos netos • Assumindo receios relativamente aos netos • Manifestando preocupação com gravidez • Elaborando estratégias para superar as dificuldades • Assumindo dificuldades na prestação de cuidados • Percebendo as dificuldades na transição
<p><u>VALORIZANDO AS ATIVIDADES LÚDICAS COM OS NETOS</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Partilhando momentos lúdicos com os netos • Aprendendo a brincar com os netos

Figura 9 – Resumo das estratégias – categorias e subcategorias

Em forma de resumo, os avôs vão **ASSUMINDO DIFERENÇA NOS PAPÉIS** no seu processo de transição para a grã-parentalidade, assumem as diferenças nas relações de pai e de avô e vão conciliando os diferentes papéis que lhe figuram. Neste processo de se tornarem avôs, estes vão **TENDO AS FIGURAS DOS AVÓS COMO REFERENCIAIS DE INTERAÇÃO.** Essas figuras podem ser os seus próprios avós ou pais, os seus colegas e amigos, ou mesmo a sua parceira/cônjuge que se encontram a nível de transição numa situação semelhante. **ASSUMINDO O APOIO INSTRUMENTAL AOS FILHOS NOS CUIDADOS AOS NETOS** surge como outra estratégia na qual os avôs têm de conjugar a sua vontade com a desejabilidade social, assumem disponibilidade para os cuidados aos netos e vão prestando ajuda instrumental aos filhos nos cuidados aos netos a nível de alimentação, higiene e conforto, vigilância, sono e transporte. Os avôs vão **CONSTRUINDO UMA RELAÇÃO COM OS NETOS.** Essa relação de carinho e amor, diferente e recíproca faz com que avôs e netos partilhem os mesmos gostos e estabeleçam uma relação de amizade, na qual os netos são frequentemente presenteados. Para além da ajuda instrumental na prestação de cuidados os netos os avôs vêm-se **PRESTANDO AJUDA INSTRUMENTAL – FINANCEIRA,** ou seja, contribuem economicamente para os filhos e netos e consideram-nos como uma das razões pela qual trabalham. Os avôs sentem que vão ensinando e aprendendo com os seus netos, e podem considerar o seu papel na educação como paralelo aos pais, apenas considerando-se como uma ajuda ou deixando essa tarefa para os progenitores do seu neto, assim vão **ATRIBUINDO SIGNIFICADO ÀS TAREFAS QUE O AVÔ DESEMPENHA.** Tornar-se avô pode ser desencadeador de várias dificuldades assumidas pelos avôs - **ASSUMINDO AS DIFICULDADES.** Os avôs podem ter que lidar com a ausência dos netos, podem sentir culpa por não estarem disponíveis sempre, os netos e a gravidez podem ser uma das suas preocupações, podem sentir-se inexperientes ou terem dificuldades na prestação dos cuidados. Os avôs percebem as dificuldades nas transições e elaboram estratégias

para superar essas mesmas dificuldades. Para eles uma das dificuldades assumidas prende-se com a tecnologia que pode inviabilizar as relações. Nas estratégias os avôs parecem que vão **VALORIZANDO AS ATIVIDADES LÚDICAS COM OS NETOS**, partilhando com estes momentos lúdicos e de aprendizagens.

2.4 Consequências do Salto Geracional

Os resultados que ocorrem em consequência do fenómeno são denominados de consequências. Consequências do salto geracional, pois estas ocorrem em resultado do aumento do número de gerações de uma família. Apenas porque uma condição causal – **ASSUMINDO O PAPEL DE AVÔ** – provoca o desencadear de um fenómeno – **TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO** – podem ocorrer essas consequências. Uma família, inicialmente, reduzida a duas gerações com a chegada dos netos é-lhe acrescentada mais uma geração com todas as alterações que isso acarreta.

Na categoria **SENTINDO UMA OPORTUNIDADE DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL** os homens manifestam aprendizagens e mudanças na sua vida consequência do tornar-se avô, a experiência da grã-parentalidade modifica-os.

Na subcategoria ***assumindo uma mudança na vida***, os avôs manifestam que a experiência da grã-parentalidade faz com que os homens assumam uma mudança: *“Mudou muita coisa desde que sou avô.”* (E12).

Os avôs sentem que a parentalidade já os mudou de alguma forma, no entanto, referem-se à grã-parentalidade como uma mudança maior na sua vida, como se a vida lhe desse oportunidade de serem melhores pessoas:

“(...) ser pai muda-nos, deixamos de ser o centro do Universo até mesmo para os nossos pais... quando somos avôs é outra grande mudança, talvez maior,

não sei. (pausa) Deixamos de ser tão egoístas e egocêntricos. Estamos a declinar, então temos que aproveitar essa mudança para sermos melhores. Acho que estou aproveitar bem esta mudança, em pouco mais de 2 anos voltei a ser pai e sou avô... sinto-me melhor.” (E25).

Os netos trazem aos avôs um novo ciclo, um rever de prioridades, uma mudança nas rotinas:

“Quando os filhos crescem acabam por abandonar os pais (...) depois vêm os netos e muda tudo outra vez, vivemos muito para eles. Eles obrigam-nos a mudar rotinas, por eles deixamos coisas que fazíamos e gostávamos e passamos a fazer outras... e pior não nos importamos nada. Revemos as prioridades, acho que até a minha forma de estar na vida mudou...” (E9).

As crenças religiosas podem condicionar o facto dos homens quererem ou não terem netos. Embora essa não seja uma decisão que dependa de si, eles assumem que apesar dessas certezas quando se tornam avôs, assumem uma mudança de vida:

“Foi o facto de ser Testemunha de Jeová (...) pelo que a Bíblia diz e pelas dificuldades que a Humanidade está a passar... achei que os meus filhos nunca iriam ter filhos. E era o que ela (filha) pensava, só que o caso da gravidez aconteceu por mero acaso, e mudou tudo. Agora são duas crianças que nos ajudam a ser melhores ainda, mudaram as nossas vidas.” (E22).

Assumindo a grã-parentalidade como aprendizagem acontece quando os avôs assumem a grã-parentalidade como uma experiência de aprendizagem diária e duradoura: *“Acho que vou aprender... até eu durar. (...) estamos com ela todos os dias, brinco com ela, aprendemos todos os dias.” (E12)*, e admitem o desafio que os netos lhe proporcionam: *“Os netos são desafios que nos aparecem na vida.” (E21)*. O assumir da grã-parentalidade é uma aprendizagem, algo tão natural como a aprendizagem da parentalidade: *“Tal como se aprende a ser pai e mãe, também se aprende a ser avô ou avó.” (E6).*

Os netos auxiliam os avôs no seu desenvolvimento pessoal:

“Sei que estou a chegar ao final da linha... e não penso em morrer já! Mas é como os netos nos dessem mais uma oportunidade de sermos felizes, de

sermos melhores... não sei... Aprendi com os netos a valorizar pequenas coisas, pequenas brincadeiras... a desvalorizar coisas sem interesse..." (E9).

"Aprendi a ser avô e desde aí que me sinto melhor pessoa, melhor marido, melhor pai..." (E19).

Nas consequências do salto geracional surgiu a categoria **DEMONSTRANDO AUTOCONFIANÇA NO DESEMPENHO DE PAPEL**. Os avôs demonstram competência pessoal no desempenho do seu papel de avôs, isso manifesta-se pelo balanço positivo que fazem da experiência, orgulhando-se dos netos. Serenamente, assumem mais facilidades a desempenhar o papel de avô que o de pai, e consideram que é algo prazeroso, sentindo-se realizados no desempenho do papel.

A experiência da grã-parentalidade é referida pelos avôs como algo muito positivo, eles vão **fazendo balanço positivo da grã-parentalidade**. Mesmo admitindo que a experiência da parentalidade foi boa, eles referem-se aos netos e à sua experiência da grã-parentalidade como algo que transcende a anterior: *"Ser pai foi uma alegria imensa (...) Foi mesmo uma alegria extraordinária, não há palavras que possam resumir isso... Ser avô (sorriso) então foi excelente (...) maravilhoso..." (E22).*

Os avôs consideram os netos como das melhores coisas que lhes aconteceu na vida, essa experiência necessita de ser vivida e é difícil ser explicada por palavras:

"Mas quando vieram os netos, quase vi a nascença deles foi das coisas mais bonitas que eu tive na minha vida e que continuo a ter." (E2).

"Ser avô foi das melhores coisas que me aconteceu na vida, não se consegue explicar por palavras... tem que se viver... os netos ... é tudo tão bom." (E26).

"Não deve haver nada melhor na vida que ser avô." (E15).

Os homens vão **sentindo que é mais fácil ser avô que pai**, os entrevistados quase na sua maioria dizem que: *"É mais fácil ser avô que pai." (E18).* Fazem uma comparação constante entre o papel de pai e o de avô, e consideram que papel de pai, esse sim foi difícil: *"Não é difícil ser avô. Mas foi difícil ser pai, muito difícil." (E16).* Até consideram pouco ético afirmar isso: *"Ser avô, olhe é melhor... é criminoso dizer-se isto,*

mas eu digo é melhor que ser pai!” (E3). Quando a tarefa da educação dos netos fica destinada aos pais, os avôs consideram que ficam apenas com as coisas boas da relação: “Quando para os pais fica aquela tarefa dura da educação, das regras, das coisas chatas e de responsabilidade... ser avô é maravilhoso, é sempre tudo de bom. Muito mais fácil e prazeroso ser avô que pai, sem dúvida.” (E26).

Assumindo que ser avô é prazeroso para todos é uma subcategoria na qual todos os avôs entrevistados assumem como uma satisfação para todos, incluindo a família: *“Isto de ser avô é bom para todos, para os avós e para a família toda ... deixa - nos mais felizes e alegres.” (E9).*

Os avôs entrevistados consideram que socialmente é aceite que todos encontram prazer na experiência da grã-parentalidade:

“(...) acho que é uma coisa que toda a gente gosta de ser avô, de ter um neto.” (E12).

“A senhora já ouviu algum avô a dizer que ser avô é mau? Eu nunca ouvi! Podem-se queixar dos netos, que são assim, que se portam mal, mas acho que todos adoram ser avôs.” (E19).

Sentindo-se realizado no desempenho do papel aparece-nos como uma subcategoria que demonstra através do discurso dos avôs sentimentos de realização pessoal, eles vão demonstrando que o facto de se tornarem avôs os torna pessoas felizes: *“(...)sou feliz com eles...” (E5), e realizadas:*

“Estou feliz, sinto-me realizado com as minha netas (...).” (E14).

“Os meus filhos, mas sobretudo os meus netos são o que mais feliz e realizado me deixam.” (E26).

Este sentimento de realização leva os avôs a verem a vida como generosa por a família se estar a comportar como o sonhado: *“Ter uma família assim, como eu um dia sonhei é sentir que a vida foi generosa comigo.” (E26).* Sentem-se realizados porque

vêm o esforço dos seus filhos em construir uma família, sentem a missão deles cumprida:

“(...) vejo com carinho e atenção que eles se estão a esforçar para formarem bem uma vida familiar boa, melhor que a minha. Estou sempre preocupado se as coisas estão a correr bem entre os meus filhos e as minhas noras, a minha filha e o meu genro e os meus netos... se tudo corre bem ... sinto como a missão esteja cumprida.” (E3).

Os avôs manifestam satisfação nas capacidades, aparência física ou nas atitudes dos netos, vão **sentindo orgulho nos netos**: *“(...) os meus filhos e netos são o meu orgulho...” (E15).*

Este sentimento positivo é reforçado quando encontram algumas semelhanças consigo:

“O Miguel fisicamente é muito parecido comigo ... mas também no ser é muito teimoso como o avô (diz com orgulho).” (E5).

“Sinto orgulho nos meus netos, quando me dizem que são inteligentes, educados e bem comportados, quem não sentiria?! (...) E quando me dizem que o meu neto é um rapaz bonito e que é parecido comigo (risos), é porque também sou bonito.” (E26).

Os avôs traçam um plano para si e para a sua família, neles delineiam prioridades, valores e expectativas em consequência da transição para a grã-parentalidade, no fundo uma das consequências do salto geracional faz com que os avôs vão **ASSUMINDO UM NOVO PROJETO DE VIDA**. Incluído nesse projeto de vida dos avôs encontra-se o projeto de vida que eles têm para os seus netos, assim, aparece a subcategoria **projetando a vida dos seus netos**. Os avôs pensam ter a legitimidade para projetar a vida dos seus netos, acham que eles podem ser a projeção daquilo que eles querem: *“(...) porque os netos são um pouco aquilo que a gente quer que eles sejam.” (E21).*

Este projeto de vida parece muito vinculado à felicidade, mesmo os avôs que nem pensam no futuro dos netos, apenas querem que sejam pessoas felizes:

“Não tenho esse direito de fazer projetos para os meus netos, quero que apenas sejam felizes.” (E9)

“(...) a gente tem tenta fazer o melhor possível para ela se sentir bem, se sentir feliz...” (E12).

No projeto que os avôs têm para os netos, desejam que eles tenham uma vida melhor do que a que os próprios avôs tiveram, independentemente das escolhas profissionais que façam, desejando apenas que preservem valores que eles consideram fundamentais: *“Acima de tudo, quero que sejam pessoas felizes, honestas e trabalhadoras. Depois se são doutores ou engenheiros não me interessa, só quero que tenham uma vida melhor que a minha, e sejam felizes.” (E15).* No entanto, podem sonhar também com uma vida universitária e profissional *“Gostava que ele fosse para a Universidade, tivesse uma boa profissão, coisa que a mãe não quis, eu gostava de ver e estar cá também para o ajudar. Não queria que o Martim levasse a vida que levei... sempre à chuva, ao sol...” (E19).*

Os avôs também vão **projetando a sua vida futura**. O seu projeto de vida futura pode passar, por um lado, por não planear o futuro e ir vivendo a realidade atual:

“(...) mais do que procurar viver muitos anos, é procurar viver o tempo que estou a viver agora o melhor possível.” (E4). Ou por outro lado, os avôs podem delinear a sua vida

no sentido de viverem uns anos com qualidade de vida para acompanhar a família: *“Gostava muito de viver mais uns anos com qualidade. Sem qualidade não me interessa nada. Mas gostava de viver para os acompanhar e acompanhar a minha mulher, os meus filhos e netos.” (E5).*

Os avôs estão numa fase diferente da vida, muitos estão na reforma ou perto dela, economicamente a sua vida é estável, e os seus objetivos pessoais podem passar por verem os netos crescerem:

“Profissionalmente a minha vida está feita, felizmente tenho uma reforma razoável que me permite viver confortavelmente... agora quero ter saúde para

viver uns anos com qualidade com a minha esposa, os meus filhos e netos. Não planeio muito a minha vida... o dia-a-dia. Não tenho grandes projetos de vida, apenas gostava de ver os meus netos crescerem, mas com saúde. “ (E9).

Relativamente ainda ao seu projeto de vida, parece haver uma preocupação dos avôs com a sua velhice, eles têm esperança que os seus netos e filhos os *ajudem na velhice*:

“Gosto muito dos meus filhos e dos meus netos também, claro, não os desprezos de maneira nenhuma, nem os devo desprezar, porque a idade vai avançando e cada vez vou contando mais com eles.” (E21).

“No meu futuro... estou a ficar velho e espero um dia que os meus netos e filhos um dia me ajudem a mim e à minha mulher na velhice.” (E26).

Projetando a vida da sua família assume-se como uma subcategoria em que os avôs referem que o seu projeto para a família passaria por o aumento do número de descendentes, embora essa seja uma decisão que dependa dos seus filhos:

“Continuo à espera de mais...” (E17).

“Não sei se é futuro da família, gostaria de ter uma família maior, mais netos. Mas, isso não depende de mim, claro.” (E9).

“(...) estou ansioso que tenham mais filhos, para ter mais netos.” (E3).

No fundo quando os avôs projetam o futuro da sua família, alegam às funções protetoras e de interajuda da própria família, mesmo sabendo que o seu núcleo familiar terá como evolução lógica o desmembramento em várias famílias:

“E gostava que os meus descendentes mantivessem o espírito de família, se mantivessem próximos, que se ajudassem nas adversidades.” (E9).

“Gostaria que no futuro a família se mantivesse unida, sem confusões que vejo em muitas famílias, que se ajudassem uns aos outros. Sei que mais tarde os meus filhos vão-se afastar um pouco, é o normal, pois cada um tem a sua família, mas gostava que se mantivessem amigos.” (E15).

A subcategoria **sentindo-se envelhecer versus rejuvenescer**, por um lado os avôs vêm o envelhecimento como uma consequência normal do percurso como ser humano, por outro, a experiência da grã-parentalidade é vista pelo avôs como uma forma rejuvenescer.

Os avôs têm consciência que estão a envelhecer: “*Estou-me a sentir velho com esta conversa... (...) A gente sente-se assim um bocado velho*” (E1); por norma não se importam, pelo contrário ficam felizes, pois associada a essa velhice estão os netos: “*Não me importava de ficar velho, eu queria e continuo a querer ser avô. (...) Estava a ficar, melhor, estamos a ficar todos velhos (risos), mas tem um sabor diferente. Esta velhice não chateia, pelo contrário deixa-me feliz.*” (E17).

É interessante ver os avôs a referirem-se a uma dualidade entre o envelhecimento e rejuvenescimento associado ao tornar-se avô: “*Senti-me mais velho... é uma sensação de uma pessoa se sentir mais velho por fora, ser avô. Mas por dentro...é uma alegria, faz-nos rejuvenescer.*” (E16).

Pelo facto de se tornarem avôs, os homens vão **VALORIZANDO A SITUAÇÃO DA SUA PRÓPRIA SAÚDE E DA FAMÍLIA**. A aproximação da velhice leva, geralmente, a uma perda de autonomia, muitas vezes associadas a doença. O surgimento de um neto aumenta as preocupações, leva os avôs a assumirem uma preocupação com a sua saúde, da sua família e em especial dos seus netos. Eles elaboram estratégias para melhorar a sua saúde, percebem a importância dos conselhos dos profissionais de saúde qualificados e encaram a transição para a grã-parentalidade com uma componente curativa.

Na transição para a grã-parentalidade os avôs tomam consciência da sua fragilidade como seres humanos, e vão **assumindo a preocupação com a sua saúde**, em parte devido ao avançar da própria idade:

“*A saúde preocupa-me porque precisamos dela, mas é normal que com idade a saúde não seja a mesma.*” (E11).

“(...) preocupo-me mais com a saúde à medida que os anos vão correndo, eu penso que os anos estão a passar.” (E3).

Mesmo encarando com naturalidade as alterações motoras próprias da idade que trazem consigo algumas limitações, os avôs verbalizam-nas e, de alguma forma, assumem alguma preocupação com a sua situação de saúde:

“Eu encaro as coisas com alguma naturalidade. Sei que com a idade as coisas vão-se tornando mais difíceis. A mobilidade há-de ser menor... pronto. Não é uma coisa que ande a pensar nisso e muito preocupado.” (E4).

Interessantemente, as preocupações dos avôs com a sua saúde vão do sentido de terem saúde para acompanhar os netos: *“(...) eu gostava de ter saúde e viver até aos 100 anos, ter saúde e vê-los crescer, casar...” (E16).*

Com a subcategoria **assumindo a preocupação com a saúde da sua família** os avôs mostram a apreensão acerca da saúde familiar:

“preocupa-me a saúde (...) a minha e da minha esposa pois temos que ajuda-los a criar os netos.” (E11).

“... quando alguém cá de casa está doente, claro que fico preocupado, mas felizmente não tem sido nada de muito grave, têm sido coisas simples.” (E8).

“Claro, a saúde... isso preocupa a gente todos. Pelo menos a mim e à minha mulher preocupa bastante.” (E5).

Dentro da saúde familiar, os avôs demonstram especial preocupação com a saúde dos netos, **assumindo a preocupação com a saúde dos seus netos:**

“Preocupa-me claro. Quero-os todos bem. Principalmente os meninos. Quando estão doentes é logo uma preocupação mais, pois não comem, ficam parados... mas ainda bem que têm tido só aquelas doenças típicas das crianças, nada de grave.” (E18).

“A saúde é uma coisa preocupante para toda a gente, espera-se que nunca seja preciso nada mas...mas tenho alguns cuidados por exemplo “cuidado com a porta porque a menina pode-se constipar”. Se ela tem alguma coisita estamos

logo preocupados com ela, onde podemos chegar, o que podemos fazer para ficar melhor.” (E10).

Os avôs preocupam-se com a saúde dos netos e alertam os pais para a vigilância da situação de saúde dos filhos:

“Aviso! “O Tomás anda assim, anda assado, vocês deveriam ter um pouco mais de cuidado, ele tem uns problemas de bronquite... deviam consultar um bom médico. Ele (o genro): ”oh Neves, oh sogro andamos fartos de correr, mas o rapaz tem estas fragilidades de vez em quando”. E eu, de vez em quando, lá estou a massacrá-los, a massacrá-los...” (E21).

“Ela são aquelas coisas comuns a todos: constipação, vomitar, febrícula... (...) Vou chamando atenção a questão da febre, porque ele (o filho) nos primeiros meses fez convulsões pelo menos duas vezes, e outros primos tiveram situações idênticas. “Atenção vejam lá que às vezes essas coisas acontecem...”” (E20).

Para além de demonstrarem preocupação com a saúde dos netos, alertarem os pais para possíveis complicações, estão também disponíveis para ajudá-los em situação de doença ou na prevenção desta, no sentido dos pais não perderem dinheiro devido a baixas por assistência aos filhos:

“Se for preciso alguma coisa deixa-se tudo para ir para a casa deles para os pais trabalharem, ou para eles virem para aqui se tiverem doentes.” (E5).

“ (...) as meninas ficam doentes e não podem ir à escola ou ao infantário e ficamos com elas para que os pais não faltarem aos empregos, senão é logo uma bolada nos ordenados. E a nós não nos custa nada, se for preciso vamos com elas aos médicos. (...) mesmo às vacinas, tenho ido com as minhas netas muitas vezes. Ainda há dias tinham que levar uma vacina para irem de férias para o estrangeiro e fui sozinho com elas ao centro de saúde. “ (E14).

As preocupações dos avôs com os netos vão muito além da preocupação com situações de doença. Preocupam-se com os cuidados que possam potenciar a sua saúde, minorar a situação de doença, falam-nos da importância dos cuidados com a alimentação:

“ (...) *“Avô, daqui não passo, tenho que comer ali qualquer coisa”, lá comeu o que quis. Queria beber coca-cola e eu disse “Tomás, não bebas coca-cola, bebe um sumo natural, um “Compal*” de pêsego, ou um sumo de laranja...”*” (E21).

“Eles sabem que quando não os deixo comer mais doces não é só por respeitar as regras dos pais, mas sobretudo por preocupações de saúde.” (E3).

Alguns avôs não se referem a estratégias para melhorar a saúde, nem com questões vindouras relativamente a esta: *“Eu não estou a preocupar-me com o futuro, é viver o futuro agora.”* (E4). Outros referem que vão **elaborando estratégias para melhorar a saúde**, essas estratégias passam pela prática de exercício físico, vigilância da saúde e cuidados alimentares que apesar de serem postas em prática, com os netos ganham um maior ênfase:

“ (...) numa das consultas por causa da tensão a enfermeira aconselhou-me a fazer exercício, hidroginástica. Por isso ou por outra coisa até me comecei a sentir melhor.” (E17).

“Desde que os netos nasceram tento ter mais cuidado com a alimentação, por mim e para dar o exemplo, também.” (E18).

“Desde que me reformei, tenho mais tempo para me dedicar à saúde... tenho menos horários a cumprir, faço consultas regularmente, tento ter cuidado com o que como. Também não minto gosto de comer bem e beber um bom tinto com os amigos... Quando me tornei avô, acho que ainda mais cuidado tenho... aquele medo que se tem de não acompanhar os netos (diz sorrindo), eles também obrigam a mais atividade física.” (E9).

Ao valorizarem as questões de saúde referentes a si ou à sua família, eles vão **percebendo a importância de profissionais qualificados**. Os avôs demonstram essa importância quando se referem ao nascimento:

“A Maria nasceu na Maternidade Daniel de Matos... na altura trabalhava, mas fiz uma espera cá fora com a avó. O meu filho assistiu ao parto, claro. Quem fez o parto foi uma enfermeira que era amiga deles. Eles ficaram muito felizes, sim... por ser ela. Acho que quando se conhece a pessoa é mais fácil.” (E17).

“(...)a minha primeira filha (...) nasceu em casa (...) eu falei a uma parteira diplomada e ela nasceu em casa. Agora não é assim vão para as maternidades e não faltam médicos, nem enfermeiras, e ainda bem (risos).” (E21).

Quando são necessários tratamentos, também é perceptível a preocupação dos avôs com a qualificação dos profissionais: *“(...) uma rutura de ligamentos que o Leandro fez no futebol (...) encontrámos um bom fisioterapeuta, ele fez fisioterapia e ficou bem.” (E8).*

Em resumo, na sua preocupação com a saúde da família os avôs percebem que ter profissionais competentes é uma forma de cuidar da saúde e prevenir a doenças: *“Para mim é importante que vão a bons médicos, bons enfermeiros também... que façam tudo para evitarem as doenças, e que o dinheiro não seja preocupação. Ainda agora paguei umas vacinas para eles fazerem.” (E26).*

Os avôs encontram na grã-parentalidade uma componente curativa dos seus problemas de saúde, **assumindo a grã-parentalidade com componente curativa**. Ser avô parece dar mais saúde e ajudar a tratar situações de ansiedade:

“Tenho mais saúde, acho. Às vezes sinto-me mais cansado, também é verdade. Ter aqui quatro pestinhas em casa, a consumir a nossa energia... e não vou para novo (riso), mas mais feliz. Isso sem dúvida. Nem tenho tempo de ter dores ou problemas, elas não dão tempo...” (E14).

“As filhas que estão em Lisboa todos os dias me telefonam para eu ir até lá passear um bocado e divertir-me um bocado com os netos. Ainda há pouco tempo lá estive e foi lá, com a ajuda das filhas mas talvez até mais dos netos que curei um problema de ansiedade (...).” (E21).

Quando falámos em vertente curativa da grã-parentalidade esta não se circunscreve apenas a problemas de ordem física. Traumas psicológicos causados por o luto de um filho parecem ser atenuados pelo facto de se tornarem avôs:

“Eu e a Adília (esposa) perdemos um filho à cerca de 20 anos atrás. E foi uma coisa que nunca ficou realizada... perder um filho só quem passa por elas... e isto do nascimento da Francisca veio apagar um bocadinho essa falta, pronto.” (E10).

Ou mesmo os problemas conjugais podem ser de certa forma esquecidos ou desvalorizados quando os homens se tornam avôs:

“Depois dos meus netos nascerem senti-me muitíssimo melhor. Sim (bem isto não é muito consigo), mas eles preenchem muitos vazios, já não me importo de estar ... de ter algumas coisitas com a senhora lá de casa, porque tenho os netos que preenchem esses vazios.” (E3).

O facto de se tornarem avôs parece demonstrar melhorias no estado de saúde dos avôs, a ausência ou o não convívio com os netos por problemas familiares, pode ser visto por estes como causa de doenças:

“Desde que sou avô piorei a minha saúde. Isso sim. Não no início, mas depois em consequência destes problemas, eu e a minha mulher, que nunca íamos a consultas, ficámos com uma depressão... eram medicamentos, era a tensão alta... enfim. (E17).

Quando um homem é pai e dá o seu nome de família ao seu filho, fica com a sensação de imortalidade relativamente à sua família, como se mesmo após a sua morte algo seu, a sua memória, ficasse presente. Ao tornar-se avô, de certa forma, significa que o homem já teve um percurso que lentamente se aproxima da fase final da vida, e inevitavelmente, da morte, ainda que possa ser tardia. O tornar-se avô trás para a família uma criança que paradoxalmente ao avô inicia agora a sua vida, trazendo a sensação de recomeço e transcendência da sua mortalidade. Os entrevistados vão **MANIFESTANDO SENTIMENTOS DE CONTINUIDADE GERACIONAL**, sentindo-se imortalizados nos filhos e nos netos, é como se a sua família e ele próprio fossem continuados nos seus descendentes.

Nesta continuidade geracional aparece a subcategoria ***sentindo a continuidade geracional e projetando-a na figura dos netos***, em que os avôs acreditam que de certa forma os netos seguindo-se aos filhos lhe dão continuidade: *“A gente vê-se continuado um bocadito nos filhos, não é? Vamos envelhecendo, mas vemo-los novos e parece que ... enquanto ali há uma continuação, a gente não está velho de todo. Depois com os netos ainda mais (...).” (E4).*

Quando se tornam avôs, estes referem que sentem um sensação de continuidade geracional como se a alguma carga genética ficasse para a prosperidade, mesmo relevando a situação manifestam esse sentimento:

“Há uma coisa que eu concordo com as pessoas que às vezes falavam nisso e que agora também sinto, sinto uma sensação de continuidade de gerações. Não sei explicar, aquela sensação de continuidade isso sente-se, que há um ciclo normal das gerações seguirem-se umas às outras (...) uma sensação que alguma coisa da carga genética cá há-de ficar. Não é que seja muito importante, mas isso sente-se.” (E20).

Após a morte, os avôs acreditam que os netos terão recordações das vivências que tiveram com eles, mantendo a sua memória viva:

“Fica sempre alguma coisa, acredito que sim... (Pausa. Com as lágrimas nos olhos) Tem de ficar, não sei mas o que ele vai aprendendo comigo e com a avó, as coisas ficam...” (E19).

“Acho que os meus netos ficam com alguma coisa minha quando partir... quer dizer a Clarinha e o Diogo, os mais novos, não sei... ainda são muito pequenos, não sei se correm o risco de me esquecerem se eu partir demasiado cedo, ficam recordações, vivências... eles (os outros netos) não vão esquecer, são muitas experiências... passear no lago...” (E3).

Os avôs, como pilares da família, são transmissores de valores importantes, a sua vivência e maturidade permite-lhes este estatuto de transmissores de valores, no íntimo, eles ligam os netos aos valores fundamentais pela qual a família se deve reger. Na subcategoria **sentindo-se veículo de transmissão de valores** os avôs entendem que a sua missão é passar aos netos valores que acham corretos:

“Ela vai ser mais esperta que eu... isso vai, Vai ser uma miúda muito inteligente (lágrimas), vai saber viver a vida... vou tentar ensinar aquilo que souber, ensinar a ser educada, a ser...” (E12).

“ A minha neta, por exemplo, vai lá a casa e eu tenho que lá ter sempre uma coisinha qualquer para ela. Ela gosta muito de ir a minha casa a Várzeas, e eu tenho sempre que lá ter uma coisinha qualquer, um pacote de bolachas, uma coisa doce, uma coisa que ela goste. (...) ela chegou lá a casa e perguntou “então avô tu não tens cá nada? Uma bolacha de chocolate?”, eu respondi “tenho, tenho.”

Depois vou assim: "tenho aqui uma coisa muito boa para ti. Está aqui um pack de três pacotes de bolachas e eu vou-te dar, e tu amanhã vais levar para a tua escolinha para partilhares com os teus amigos". Ela achou uma piada aquilo e "vô, é isso mesmo que eu vou fazer." Ontem, encontrei-a aqui à saída: "Ana trouxestes as bolachas?", "Trouxe e partilhei com os meus amigos todos." Portanto, é um bom princípio que devemos dar... é um mimo associado a um bom princípio, e aí está o amor da avó e do avô." (E21).

A identidade da família passa muito pelas suas tradições, essas ajudam na coesão da família, os avôs mais velhos e conservadores dessas tradições tentam-nas passar aos seus netos. As partilhas familiares das tradições dão a sensação de continuidade geracional. Na subcategoria ***mantendo as tradições familiares***, os avôs referem-se à importância dos almoços em família ou do Natal como forma de educar as crianças nos padrões da sua família, mesmo nas adversidades da vida:

" (...) mesmo eles vivendo longe de nós, juntávamo-nos sempre ao domingo para almoçarem aqui em casa... depois do meu filho ficar doente, perdemos esse hábito porque íamos ao domingo sempre ter com ele a casa ou ao hospital. Agora juntamo-nos na mesma, e a Mariana normalmente vem sempre... Somos uma família e temos que manter os hábitos, mas é normal que depois da morte do meu filho as coisas não sejam iguais." (E24).

" (...) Natal... já não é a mesma coisa, mas temos que educar as crianças, faze-las perceber que mais que presentes celebramos a festa da família, a reunião e o nascimento do menino." (E24).

Os avôs também se preocupam em manter as tradições familiares ligadas à sua religião:

" (...) quando o neto nasceu, e eles logo a seguir convidaram-me para ser padrinho, isto já é uma tradição que vem pelo meu lado. Eu fui afilhado do meu avô, pai do meu pai, por isso é que fiquei com o nome dele – Teodomiro –, depois a minha filha Gabriela, foi a minha primeira filha, foi afilhada do meu pai e chamava-lhe avô-padrinho. Veio o meu neto mais velho e convidaram-me para padrinho, a mãe queria que ele me chama-se também avô-padrinho, mas nunca se habituou. Às vezes diz-me assim meio a brincar, mas pronto." (E4).

"Tentamos que coisas como o Natal, Páscoa, Espírito Santo em família sejam sagradas. Os miúdos têm que aprender que existem festas que são para

estarmos em família, nós achamos isso importante. Às vezes nem sempre é fácil juntá-los todos (...) mas vamos tentando num dia ou noutro.” (E26).

A subcategoria ***sendo responsável pela preservação da memória da história familiar*** mostra-nos que avôs estão bem posicionados perante os netos para manter viva a memória da história familiar. A história da família é aquilo que mantém a identidade da própria família, conhecer a nossa história familiar permite-nos conhecer as nossas raízes. A curiosidade dos netos acerca do passado associado ao gosto dos avôs por testemunhar a história da família fazem com que os avôs se sintam responsáveis por essa preservação:

“Agora o Leandro já está a crescer (...) Não deixa de ser muito carinhoso e gostar de conversar muito, gosta de saber coisas da família, do pai quando era pequeno... Gosta que lhe conte das asneiras que o pai fazia, dos castigos que levava também (risos). Mas é só quando ele quer. É a idade, é a idade.” (E8).

“ (...) conto muitas histórias aos meus netos de quando eu era novo como eles, o que fazia, das asneiras que fazia, como brincávamos na rua... eles admiram-se, mas eles gostam. (...) Ela (a neta) gostou muito da situação do ultramar (diz orgulhoso), fico feliz de ela se interessar pela minha vida.” (E15).

Mas, preservar a história familiar pode ocorrer em situações mais delicadas como por exemplo quando morre ao avô um filho e deixa uma neta pequena que devido à sua idade não tem memórias do pai. O avô assume-se responsável em preservar a memória viva do seu filho perante a sua neta:

“ (...) a situação é muito diferente da de pais divorciados, em que estão cá os dois pais, mas separados. A Mariana não tem pai. Eu tenho pena que ela nem nunca terá ideia do pai... nós falamos nele, mostramos fotos, ela vai à campa do pai com a avó... ela sempre soube onde o pai estava. Mas nunca terá recordação dele. (...) Aliás, o que tentamos fazer muito com a Mariana é manter a memória do pai viva. Para ela será sempre mais fácil lembrar-se de mim do que do pai.” (E24).

A figura 10 reúne as categorias e subcategorias referentes às consequências do salto geracional.



Figura 10 – Quadro resumo das consequências do salto geracional – categorias e subcategorias

Em resumo, como uma das consequências do **TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO**, os avôs vão **SENTINDO UMA OPORTUNIDADE DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL** – assumindo a transição para a grã-parentalidade como uma aprendizagem e mudança na sua vida. Eles vão **DEMONSTRANDO AUTOCONFIANÇA NO DESEMPENHO DE**

PAPEL fazendo balanço positivo da grã-parentalidade, assumindo que ser avô é algo prazeroso para todos, manifestando orgulho nos netos, sentindo-se realizados no desempenho do papel e exteriorizando que ser avô é mais fácil que ser pai. No tornar-se avô vai-se **ASSUMINDO UM NOVO PROJETO DE VIDA**, no qual os avôs projetam a sua vida, a da sua família e dos seus netos. E, embora, se sintam envelhecer, os avôs sentem-se rejuvenescidos com a grã-parentalidade. **VALORIZANDO A SITUAÇÃO DA SUA PRÓPRIA SAÚDE E DA FAMÍLIA** apresenta-se como outra das consequências do salto geracional, na qual os avôs assumem a grã-parentalidade com uma componente curativa, preocupam-se com a sua saúde, dos seus netos e da família; elaboram estratégias para melhorar a saúde e percebem a importância dos profissionais de saúde. Os avôs vêem-se continuados nos netos, são veículos de transmissão de valores, e os responsáveis por manter vivas as tradições e a memória da história familiar, **MANIFESTANDO SENTIMENTOS DE CONTINUIDADE GERACIONAL**.

2.5 Desempenho do Papel Grã-Parental

Uma das questões desta investigação prende-se com a transição para o papel grã-parental, a outra para o desempenho desse mesmo papel, isto é, a forma como os avôs desempenham o papel de avôs, como desenvolvem as atividades e os relacionamentos que socialmente são expetáveis.

Na figura 11 encontra-se o esquema representativo do desempenho do papel grã-parental na saúde da família. Ao tornar-se avô, o homem que já é filho, marido/companheiro, pai/sogro, amigo, colega de trabalho... assume perante a sociedade mais um papel, o de avô, no qual desempenha diferentes tarefas ou funções dentro da comunidade e do núcleo familiar onde está inserido com vista a saúde familiar.

Pelo facto de se tornar avô – **TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO**, e em consequência da transição para a grã-parentalidade demonstra o desempenho do papel grã-parental. Tal facto pode ser denotado logo na condição causal quando o homem vai **ASSUMINDO O PAPEL DE AVÔ**. O homem assume comportamentos que distinguem o seu papel de avô de outros, como o de pai ou de companheiro. O papel de avô foi descrito pelos avôs do estudo como um papel distinto dos outros, os avós claramente na categoria **ASSUMINDO DIFERENÇA NOS PAPÉIS** manifestam a distinção entre os diversos papéis desempenhados e a conciliação desses mesmos papéis (subcategorias: *assumindo a relação de pai diferente da de avô e conciliando os diferentes papéis*).

Nas condições intervenientes, encontra-se dentro da categoria **ASSISTINDO À RESTRUTURAÇÃO DO CONCEITO DE FAMÍLIA** a subcategoria *avô como mediador na relação pais-filhos* que dá origem à *função de mediador familiar*. A posição privilegiada dos avôs, situada entre pais e filhos, consegue dar-lhes algum poder mediador dentro da família na resolução de conflitos ou mesmo manter estabilidade dentro da própria família.

Ao nível das estratégias encontram-se cinco das funções desempenhadas pelos homens no desempenho do papel grã-parental.

A *função do apoio instrumental*, a ajuda que os homens fornecem aos seus filhos nos cuidados aos netos é justificado pela categoria **ASSUMINDO O APOIO INSTRUMENTAL AOS FILHOS NOS CUIDADOS AOS NETOS** e nas subcategorias *conjugando a sua vontade com a deseabilidade social, assumindo a disponibilidade para os cuidados, prestando cuidados na alimentação, prestando cuidados de higiene e conforto, prestando cuidados aos netos no dormir, prestando cuidados de vigilância e assumindo a responsabilidade no transporte dos netos*.

A par do apoio instrumental, no desempenho do papel grã-parental aparece a *função do apoio financeiro*, no qual os avôs no desempenho do seu papel dão aos seus filhos e netos. Tal é manifestado na categoria **PRESTANDO AJUDA INSTRUMENTAL – FINANCEIRA** e nas subcategorias *prestando ajuda económica* e *considerando que trabalha para os filhos e netos*.

Os avós mantêm uma relação com os netos descrita como diferente das outras relações que possuem. Esta *função relacional* foi amplamente descrita na categoria **CONSTRUINDO UMA RELAÇÃO COM OS NETOS** e nas suas subcategorias (*partilhando os mesmos gostos, sentindo no neto um amigo, estabelecendo uma relação de carinho e amor, estabelecendo uma relação diferente, sentindo reciprocidade na relação* e *presenteando os netos*).

Na categoria **ATRIBUINDO SIGNIFICADO ÀS TAREFAS QUE O AVÔ DESEMPENHA**, os avôs também encontram no seu desempenho de papel, a *função de educador* numa parceria com os seus filhos na educação dos netos. Esta função é notória nas subcategorias: *assumindo o papel de educador, assumindo-se como colaborador na educação dos netos, não opinando sobre educação dos netos e ensinando e aprendendo com os netos*.

A *função lúdica* também é uma tarefa que os avós manifestam como prazerosa e valorizam-na (**VALORIZANDO AS ATIVIDADES LÚDICAS COM OS NETOS**). A partilha dos momentos de diversão e das aprendizagens estão patentes nas subcategorias: *partilhando momentos lúdicos com os netos* e *aprendendo a brincar com os netos*. No seu desempenho do papel, o avô nos cuidados que presta à família tem a *função de cuidador da saúde*. Embora possa não parecer muito visível, este papel é notório nas consequências do salto geracional. O avô vai **VALORIZANDO A SITUAÇÃO DA SUA PRÓPRIA SAÚDE E DA FAMÍLIA**, e neste sentido verifica-se claramente nas subcategorias o assumir de preocupação com a sua saúde e da família, o elaborar estratégias para melhorar a sua saúde, o ver a grã-parentalidade com uma

componente curativa e o valorizar os profissionais de saúde qualificados (***assumindo a preocupação com a sua saúde, assumindo a preocupação com a saúde dos seus netos, assumindo a preocupação com a saúde da sua família, elaborando estratégias para melhorar a saúde, assumindo a grã-parentalidade com componente curativa e percebendo a importância de profissionais qualificados***).

Nas consequências do salto geracional encontra-se a categoria **MANIFESTANDO SENTIMENTOS DE CONTINUIDADE GERACIONAL**, na qual se inserem as subcategorias ***sentindo a continuidade geracional e projetando-a na figura dos netos, sentindo-se veículo de transmissão de valores, mantendo as tradições familiares e sendo responsável pela preservação da memória da história familiar*** que justificam a *função transmissor de tradições, histórias e valores*. Os avôs são os responsáveis por contarem histórias pessoais e familiares que preservem a história familiar. A sua posição pode ser vista como modelos dos valores e tradições da família.

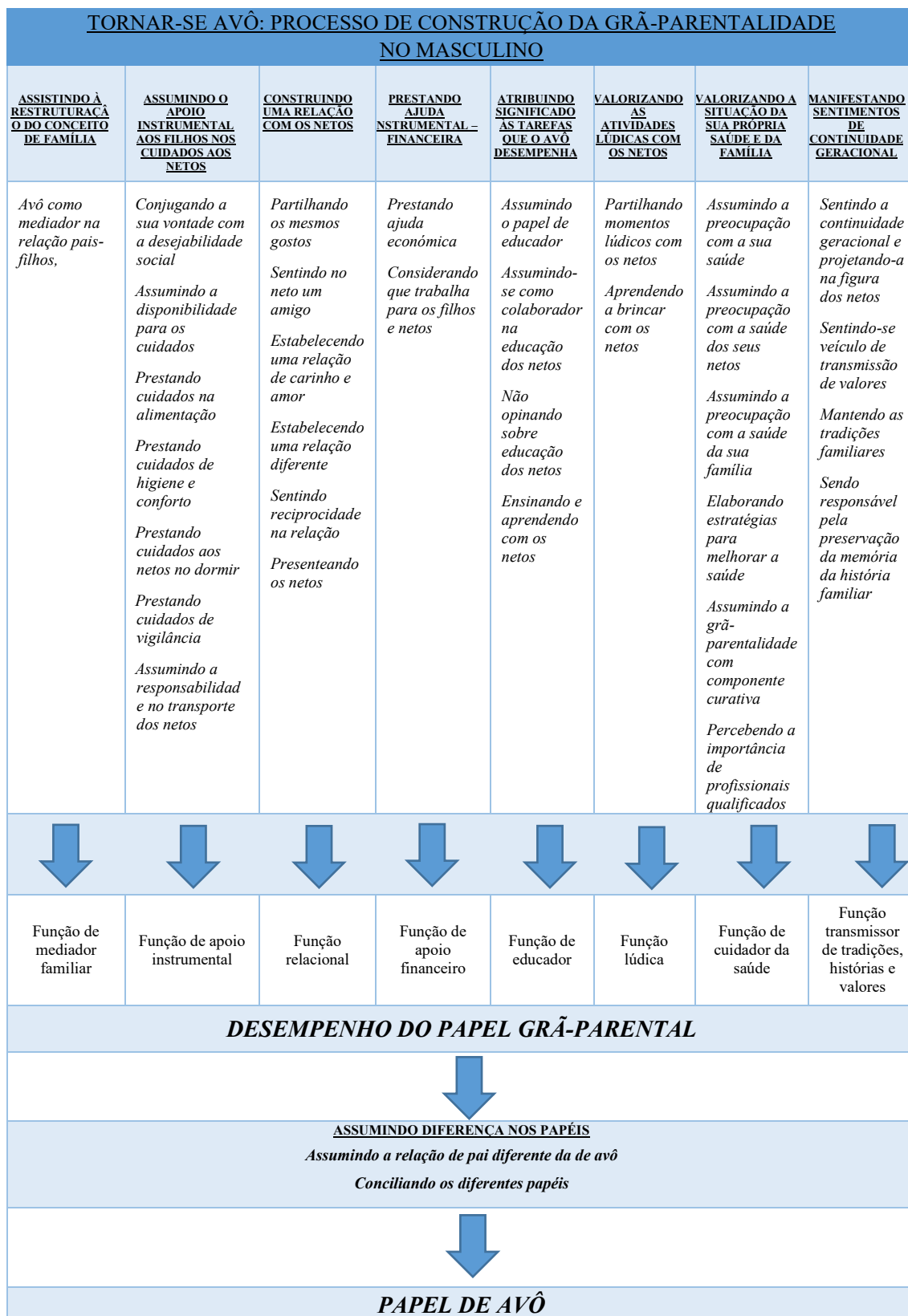


Figura 11 - Esquema representativo do desempenho do papel grã-parental com base nas categorias e subcategorias

3. DISCUSSÃO DOS DADOS

Para dar sentido aos dados encontrados e apresentados no ponto anterior, proceder-se-á à discussão dos mesmos, em que se fundamentará pela literatura os dados encontrados.

Schumacher, Jones e Meleis (2010) referem que a idade avançada é um tempo de múltiplas transições: a reforma, a perda do conjugue e dos amigos, a deslocalização para uma nova situação de vida e o advento das doenças crónicas ou fragilidades. Neste advento de transições encontra-se a transição para a grã-parentalidade. A transição para a grã-parentalidade apresenta-se como uma relação intergeracional dinâmica, em que a mudança numa das gerações, o nascimento de um neto, influencia todas as gerações da família.

O contexto do estudo é o contexto comunitário e familiar. É neste contexto, dentro da saúde da família, que ocorre o fenómeno, que nas teorias das transições se enquadra nas condições das transições da comunidade, da sociedade e globais. Na realidade, é na sua família e na comunidade, e no âmbito da saúde familiar, onde o homem está inserido que este experiencia a transição para a grã-parentalidade, podendo estas condições serem facilitadoras ou pelo contrário inibidoras de todo o processo. De acordo com a CIPE (2015, p.81), a saúde é um “processo dinâmico de adaptar-se a, e de lidar com o ambiente, satisfazer as necessidades e alcançar o potencial máximo de bem-estar físico, mental, espiritual e social, não meramente a ausência de doença ou de enfermidade.” Sendo que o fenómeno de construção da grã-parentalidade no masculino se consubstancia no âmbito da saúde familiar.

Com esta investigação encontrou-se a categoria central, **TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO**. Este torna-se avô é o fenómeno explicativo da transição para a grã-parentalidade dando sentido à teoria explicativa apresentada no próximo ponto.

Dos avôs entrevistados constatou-se que a média de idade em que os avôs tiveram o seu primeiro neto foi 54,4 anos, altura em que a maioria ainda se encontra na vida ativa, se considerarmos a idade da reforma atual, os sessenta e seis anos. Este achado vai de acordo com a literatura. A transição para a grã-parentalidade corre em média entre as idades de cinquenta e sessenta, um período em que os avôs são considerados jovens na sociedade moderna, e com responsabilidades consideráveis. Muitas vezes, os avôs ainda estão a trabalhar, alguns no pico de suas carreiras profissionais, podem ter filhos a morar em casa com eles, têm responsabilidades sociais e atividades de lazer estabelecidas, com o acréscimo de agora ajudarem a cuidar seus netos e se envolver na sua educação. Esse fardo pode ser muito pesado, e resultar em complexas tensões pessoais e intergeracionais (Ferland, 2006; Ferland, 2017; Noy & Taubman-Ben-Ari, 2016).

O fenómeno **TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO** parece ser desencadeado pela condição causal – **ASSUMINDO O PAPEL DE AVÔ**. Achenbaum (2011) considera que para o homem assumir o papel de avô depende de vários fatores incluindo a forma como se prepara para o evento. Esta assunção do papel é composta por cinco subcategorias. Embora legalmente um avô só o é efetivamente quando o seu primeiro neto nasce, parece que o fato de este se tornar avô é muito mais complexo e pela investigação desenvolvida pode ser mesmo anterior à própria concepção. Para se ser avô não basta apenas que nasça uma criança, têm-se que assumir diariamente essa função (Ferland, 2006; Ferland, 2017). Para assumir este papel parece haver uma altura ideal na vida, ou seja este papel só é assumido quando os avôs reúnem condições de vida para tal. A idade precisa em que o fenómeno da transição para a grã-parentalidade acontece parece ser importante, parece haver um tempo apropriado para tal, afetando as expectativas e as perceções dos avós, afetando a forma como a própria transição é vivida (Noy & Taubman Ben-Ari, 2016). Tornar-se avô é um fato marcante na vida do indivíduo,

determinando em algumas sociedades, o status social dos adultos (Lopes, Neri & Park, 2005).

A primeira subcategoria do **ASSUMINDO O PAPEL DE AVÔ** centra-se no assumir o neto imaginado (***assumindo o neto “imaginado”***) referindo-se à construção imaginária da possibilidade de ter netos e ver continuada assim a sua família. Quando os avós nos referiam que se sentiam avôs mesmo antes de saberem da gravidez significa que eles foram, ainda que inconscientemente, construindo mentalmente esse novo papel, caminhado para a sua assunção. Este neto ideal ou imaginado no fundo é uma fantasia característica transição para a parentalidade. O desejo de serem pais, é importante tanto para homens e mulheres pela forma como imaginam o seu projeto familiar e a representação das funções parentais. O nascimento de uma criança, para os pais, antecede a sua própria concepção, na criança imaginária os pais projetam as suas motivações conscientes e inconscientes, tais como: a eternidade do amor, a continuidade da família e das suas tradições (Bayle, 2005). Na realidade, os avós estão a replicar a projeção do papel parental que agora é grã-parental. Esta subcategoria vai de encontro com Meleis (2015) que considera que a experiência de transição começa antes do evento e tem um ponto final, que é fluído e baseado em muitas variáveis.

Existem avós que necessitam de ver confirmada a gravidez para assumir o papel, sendo esta o desencadear de todo o processo (***assumindo a gravidez como momento de transição***). Uma gravidez modifica o equilíbrio familiar, pode ser também encarada como um momento privilegiado da história familiar, representando a continuidade geracional, e em simultâneo, altera o papel e as funções dos membros da família (Bayle, 2005).

O tornar-se avô é uma construção, não acontece de um dia para o outro e pode não coincidir exatamente com o nascimento do neto. Ferland (2006; 2017) refere que nos tornamos pais quando um filho nasce e tornamo-nos avôs como quando esse mesmo filho se torna pai/mãe, o que vai de acordo com a subcategoria ***assumindo o***

nascimento como momento de transição. O nascimento de um filho implica a ascendência geracional e uma mudança para todos. A transição para os avôs traz consigo uma mudança de papéis e identidades, sinaliza o início de uma nova etapa da vida, com o papel dos pais, agora complementado pelo papel de avós (Kaufman & Elder 2003). Tal como acontece noutras transições de vida, implica uma grande quantidade de mudanças, que podem ser experimentadas positivamente ou negativamente. Leopold e Skopek (2015) referem que a transição para a grã-parentalidade é definida com o nascimento do primeiro neto, o que não invalida que haja uma nova transição a cada neto que surge.

Quando os homens encontram esta nova situação (**deparando-se com uma situação nova**), um neto seja ele imaginado, feto ou criança nascida parece inevitável o novo papel de se tornarem avôs. Esta novidade aparece como a situação desencadeadora deste novo papel grã-parental. Assim, quando se tornam avós, os homens enfrentam uma situação nova, mesmo que não seja a primeira vez em que a situação é experienciada favorece novas aprendizagens. Quando são avôs pela primeira vez, muitos, antes de o serem efetivamente, dizem abertamente à sua família e amigos que não entendem a razão de toda a empolgação de se tornarem avôs. Então, de repente, com a chegada de seu neto, há uma mudança reconhecível nas visões dos próprios avós (Coall, Hilbrand, Sear & Hertwig, 2016).

O tornar-se avôs não se trata de uma escolha dos próprios, mas uma consequência da ampliação do grupo familiar, onde o seu envolvimento com o neto dependerá de inúmeros fatores, tal como o nível de proximidade e a preparação para assumir tal papel. Portanto, viver a experiência da grã-parentalidade (**vivendo uma experiência de grã-parentalidade**) parece ser opção dos próprios avôs, mesmo que por diversas razões possam estar afastados dos netos, os homens podem optar por viver ou não a experiência da grã-parentalidade. Mahne e Motel-Klingebiel (2012)

afirmam que a forma como o papel dos avós é experimentado, é crucial para a importância que eles dão ao seu papel.

O tornar-se avô é um processo de transição singular, diverso e complexo, determinado pela percepção de cada indivíduo. Relativamente às propriedades, o tornar-se avô envolve a consciencialização do próprio processo, a desconexão do estado anterior e os pontos críticos. A condição causal: **ASSUMINDO O PAPEL DE AVÔ** e as suas subcategorias revêem-se nas propriedades da natureza das transições sendo o evento crítico que desencadeia todo o processo.

Relativamente às condições intervenientes, isto é, as condições que podem facilitar ou não o efeito da condição causal, e conseqüentemente, o desenrolar de todo o processo de construção da grã-parentalidade, podemos afirmar que são seis as categorias que se desdobram em subcategorias. Estas condições intervenientes podem ser revistas como as condições das transições pessoais na teoria das transições. Os significados que os avós dão à própria experiência da grã-parentalidade, as suas atitudes, preparação e conhecimentos podem ser agentes impulsionadores ou não de todo o processo.

No que concerne à categoria **SENTIMENTOS QUE EMERGEM DO FACTO DE SE TORNAR AVÔ**, o facto de se tornar avô parece ser uma experiência diferente de todas as anteriores, nomeadamente da transição para a parentalidade e é independente de qualquer ligação sanguínea. A transição para a grã-parentalidade é a segunda, logo atrás da transição para a parentalidade, em termos de significância, no ciclo de vida familiar (Taubman- Ben-Ari, 2012).

Ser avô pode ser um choque, e o nascimento do primeiro neto pode gerar euforia, mas também desconforto e sentimentos contraditórios. Alguns homens podem vibrar com a notícia da gravidez, muito aguardada e desejada, outros precisam de tempo para se adaptarem à nova realidade (Morgado & Vitorino, 2012). É neste sentido que os homens ao tornarem-se avós manifestam as suas emoções e sentimentos diversos

(***experienciando sentimentos e emoções***), pois a transição para a grã-parentalidade pode induzir stress, tal como promover felicidade (Taubman- Ben-Ari, 2012). Os avós manifestam sentimentos positivos em relação aos netos, e valorizam as suas atividades como cuidadores e auxiliares na educação destes (Smorti, Tschiesner & Farneti, 2012).

Isaacs (2015) considera que a alegria que os homens manifestam ao tornarem-se avôs talvez seja explicado pela estreita ligação entre a vulnerabilidade do neto recém-nascido e a vulnerabilidade do processo de envelhecimento que o avô enfrenta naturalmente. A relação entre avós e netos tende a ser mais próxima do que a que as crianças têm com os próprios pais, esta aproximação afetiva é benéfica para ambos (Louzeiro & Lima, 2017), o que vai de encontro com a subcategoria: ***assumindo um amor diferente***.

A própria experiência da transição para a grã-parentalidade, assume-se como diferente (***descrevendo uma experiência diferente***), é importante salientar que a transição para a grã-parentalidade nos avós não ocorre nas mesmas circunstâncias sociais e familiares em que ocorreu a transição para a parentalidade, fazendo-a só por isto diferente e causadora de uma série de alterações no conceito de masculinidade e desenvolvimento pessoal dos próprios homens (StGeorge & Fletcher, 2014). Por muitas ideias pré concebidas que os avós detenham acerca da grã-parentalidade, estas são muitas vezes colocadas para segundo plano, pois apresentam-se distintas da vivência da experiência grã-parental (Somary & Stricker, 1998).

Nesta subcategoria ***sentindo-se avô independentemente da consanguinidade***, os avós mostraram que não necessitam de ter netos biológicos para que estes manifestem por estes os mesmos sentimentos, sejam filhos de filhos adotivos, netos das companheiras ou mesmo crianças adotadas como “netos” pelos próprios homens. Apesar de não ser critério de inclusão no estudo encontramos referências feitas por avós com netos biológicos, mas que consideram sobrinhos como “netos”. A decisão de ter filhos, geralmente, parte de um ou de dois membros, cuja pretensão seja

exercer a função de pai e/ou mãe. Tal atitude atinge toda a rede familiar que estará envolvida, direta ou indiretamente, com a chegada de um novo membro. Este fato é transversal também à adoção. Quando um casal ou uma pessoa adota uma criança, ela passará a fazer parte de toda uma família, com quem provavelmente se irá relacionar e com cujas histórias se cruzará. Ver a felicidade e a realização dos filhos talvez seja um dos motivos que está presente nos demais avós que aceitam e legitimam a adoção de crianças, não fazendo distinção entre netos biológicos e adotados (Bakman, 2018).

Os avós parecem relativizar esta questão da perpetuação genética da família, as questões de continuidade geracional para os avós transcendem esta questão. Autores consideram que alguns avós não-biológicos que investem em netos adotivos podem fazê-lo por causa de relacionamentos particularmente harmoniosos entre os membros da família (Coall *et al.*, 2016).

A família é o local privilegiado para a constituição e a convivência da relação intergeracional, para a transmissão de valores e para a prestação de apoio, de proteção e de cuidado aos seus membros (Tarallo, 2015). Com o tornar-se avô, o homem vai **ASSISTINDO À RESTRUTURAÇÃO DO CONCEITO DE FAMÍLIA**, esta categoria referente às condições intervenientes pode parecer ambígua. Uma criança que integre a família obriga a reestruturações nas relações que os avós têm com os filhos, genros, noras e parceiras. Há uma reestruturação de papéis dentro da própria família e, conseqüentemente, uma reestruturação da dinâmica familiar (***restruturando-se a dinâmica familiar***), que, por um lado pode indicar um aproximar da própria família (***umentando a união familiar***), por outro um distanciamento (***havendo um distanciamento familiar***). É necessário compreender que o filho/a que outrora pertenceu sempre à família nuclear do homem avô, quando decide formar uma nova família, passa a pertencer a outra família nuclear. Inicialmente, nessa nova família nuclear devido a uma fase de enamoramento, os seus membros podem afastar-se das suas famílias de origem podendo reaproximar-se conseqüência de uma gravidez e

nascimento. Uma criança que surge na família é um motivo de reaproximação de todos os elementos da família alargada, constituindo também um momento de transição para todos, uma vez que ascendem uma geração. O casal passam a ser pais e os pais do casal passam a ser avós (Mendes, 2009). No âmbito da reestruturação familiar, Araújo e Dias (2010) no que concerne à avaliação do relacionamento dos avós com os pais do(a) neto(a), obtiveram resultados ambíguos, pois alguns avós mencionaram uma relação de distanciamento outros de aproximação.

Quando uma criança chega à família tem de ser ajustado todo o sistema familiar, a criança tem que ser aceite e integrada na família, sendo um desafio proposto à família necessitando de haver um reajuste de toda a dinâmica familiar, reestruturando-se as relações pré existentes. Os avós, no momento em que seus filhos se tornam pais, precisam redefinir a nova posição que irão ocupar entre as gerações e alterar a representação de seu filho, desenvolvendo novos vínculos com o neto (Kipper & Lopes, 2006). Os avós entrevistados consideram que os relacionamentos com a parceira/cônjuge, filha/nora e filho e genro foram redefinidos apresentando-se nas subcategorias: **reestruturando o relacionamento com a parceira/cônjuge**, **reestruturando o relacionamento com a filha/nora** e **reestruturando o relacionamento com o filho/genro**. Dentro da própria família ocorrem alterações, os avós referem que com o nascimento de um neto, há uma maior aproximação com os filhos que lhes deram o neto, referindo que as relações com os filhos, noras/genros se tornaram mais fortes, mesmo o relacionamento com a companheira é referido como tendo-se tornado mais forte após o nascimento do neto (Noy & Taubman - Ben-Ari, 2016; Taubman - Ben-Ari & Shlomo, 2016).

No estudo, os avós foram **denotando diferenças entre ser avô do lado paterno e materno**, Ferland (2006, 2017) considera que em geral essas diferenças estão presentes. Parece ser mais comum laços mais estreitos com os avós do lado materno que paterno, isto acontece se a mãe tem uma relação próxima com a sua

família, estando os avós maternos mais próximos da criança, no entanto a autora também refere que essa tendência pode ser invertida devido à distância física ou outras dificuldades. Embora se tenha encontrado esta categoria explícita das diferenças existentes entre o lado materno e paterno, muitos avôs do lado paterno manifestaram grande proximidade.

Num estudo desenvolvido por Shlomo e Taubman-Ben-Ari (2012) com avós pela primeira vez, os avós maternos manifestam maior otimismo que os avós paternos. A linhagem também foi encontrada para influenciar as expectativas de papel antes do nascimento. Avôs paternos esperam ver seus netos com menos frequência do que avós maternos, após o neto nascer os avós maternos estão mais satisfeitos com o desempenho do papel e mais capazes de aconselhar os filhos que os avós paternos (Coall *et al.*, 2016; Somary & Stricker, 1998). Wheelock e Jones (2002) justificam essa diferença entre avós paternos e maternos com o facto dos avós maternos estarem mais disponíveis e ajudarem mais na prestação de cuidados aos seus netos.

De acordo com Buchanan e Rotkirch (2016) os avós maternos são provedores de mais cuidados aos netos que os avós paternos, demonstrando a importância nas questões de linhagem, os autores defendem esta atitude devido à maior proximidade com a mãe do neto e a certeza absoluta do parentesco, isto é, filho de uma filha será neto biológico dos avós maternos, o mesmo pode não acontecer com os paternos.

Dentro dos papéis desempenhados e na reestruturação do próprio conceito de família aparece o **avô como mediador na relação pais-filhos**. Os avós encaram o seu papel como o de união da família (Daró, 2018); valorizam os afetos, e são mediadores entre as gerações, entre os seus filhos e a dos seus netos (Pais, 2013). O ser avô pode contribuir para a resolução dos conflitos familiares (Becker & Falcão, 2016; Griggs, Tan, Buchanan, Attar-Schwartz & Flouri, 2010). Contrariamente aos autores anteriores, Triadó Tur e Villar Posada (2000) no seu estudo verificaram que o aspeto que os avós que menos consideram na relação com os seus netos é a mediação intergeracional.

A relação geracional pais-filhos, com o nascimento dos netos passa obrigatoriamente por uma relação intergeracional (Monteiro, 2015), na qual os netos podem assumir uma função idêntica à dos avôs dentro da família (***netos como mediadores familiares***). Uma criança pode surgir como elemento unificador da família, criando oportunidade de estreitamento de laços (Canavarro & Pedrosa, 2005).

Uma das grandes mudanças ocorridas nas sociedades ocidentais, incluindo a portuguesa, consiste na maior partilha dos papéis de género no contexto familiar, o que leva a alterações na dinâmica das relações, no sentido de um maior equilíbrio na distribuição das tarefas (tempos e espaços de partilha de afetos e valores) (Pereira, 2012). Este autor, de certo modo, confirma a categoria encontrada, **RESTRUTURANDO AS RELAÇÕES**. Os avós no seu processo de transição para a grã-parentalidade, no sentido de encontrarem um equilíbrio, são obrigados a reestruturar as relações com os seus conviventes.

Os avós referem um processo de reestruturação das relações com colegas de trabalho, a família mais alargada e amigos, nomeadamente os seus irmãos, sobrinhos e tios (***reestruturando as relações com a família alargada e reestruturando as relações com os amigos, reestruturando as relações com os colegas de trabalho***). Não apenas as relações na família mais restrita são afetadas, Taubman-Ben-Ari e Shlomo (2006) mostram que os avós recentes referem apreciar mais a família e investir mais nos relacionamentos com a família mais alargada e amigos.

Os avós vão **REVIVENDO A PARENTALIDADE** e a sua própria atuação como pais. Embora eles possuam uma relação mais descontraída com os netos do que a que os seus filhos possuem com os filhos, eles enquanto pais tiveram uma postura semelhante à dos seus próprios filhos, porém agora encontram-se numa posição mais fácil e diferente. Taubman-Ben-Ari, Flindler e Shlomo (2013) resumindo alguns autores consideram que a grã-parentalidade representa a oportunidade de voltar a experienciar a parentalidade, sem as responsabilidades inerentes. O tornar-se avô possibilita aos

avôs ir **revivendo a sua parentalidade com os netos**. Quando se tornam avós, os homens e mulheres são dominados por um sentimento paterno/materno, e sentem-se disponíveis para sentir e reviver as experiências e sensações de quando os seus filhos estavam dependentes dos seus cuidados enquanto pais (Louzeiro & Lima, 2017).

A grã-parentalidade, de acordo com Pedrosa e Lopes (2008), está associada a um forte sentimento de paternidade. Daí se entende que os avós na categoria **REVIVENDO A PARENTALIDADE** assumam uma avaliação do seu próprio papel enquanto pais (**avaliando a sua atuação como pai**). De acordo com a literatura, os netos possibilitam a oportunidade aos avós de corrigir erros que eles próprios fizeram enquanto pais (Noy & Taubman-Ben-Ari, 2016).

Os netos apresentam-se com uma compensação para os avós do que na transição para parentalidade, dos homens enquanto pais, não foi possível experienciar ou foi vivido de forma insatisfatória, assim a transição para a grã-parentalidade acaba por ir **compensando o que não foi vivido com os filhos**. Os avós manifestam sentido de renovação, ao tornarem-se avós têm a oportunidade de fazerem as coisas diferentes do que fizeram enquanto pais (Daró, 2018), pois a transição para a grã-parentalidade é menos dramática que a transição para a parentalidade (Taubman - Ben-Ari & Shlomo, 2016). Os avós tentam dar uma atenção exagerada aos netos, no sentido de se redimirem da culpa sentida em relação aos filhos (Dias, 2002).

Os netos, os pais e os avós vivem diferentes trajetórias. O que para uma geração é considerado importante e é valorizado, para as outras pode não o ser, surgindo assim os confrontos de ideias entre os diferentes grupos etários (Tarallo, 2015). Como consequência dessa visão diferente que os pais e filhos têm da vida em geral, e em particular da forma como educam os seus filhos, obriga os avós a irem **ASSIMILANDO UM CONCEITO DE PARENTALIDADE DIFERENTE**.

A transição para a grã-parentalidade obriga em primeira análise que tenha ocorrido um primeiro processo de transição para a parentalidade desfasadas no tempo

(Leopold & Skopek, 2015). Com os tempos não foi só a configuração familiar que se foi modificando, mas também os papéis materno e paterno, assim como a forma de exercer a parentalidade (Scremin & Bottoli, 2016). Os avôs vão verificando vários exercícios de parentalidade, a dos seus filhos, genros e noras e a exercida por si, pela sua esposa e pelos seus ascendentes (**constatando diferentes parentalidades**) podendo este facto ser desencadeador de situações de conflito.

A educação que os avôs deram aos seus filhos dista 20 a 30 anos da educação que agora assistem os seus filhos darem aos seus netos, são épocas e situações diferentes que levam os homens a verificarem diferenças educacionais no tipo de educação e na forma como é dada (**assumindo as diferenças na e da educação**) que nem sempre são fáceis de gerir. Pereira (2012) refere-se às diferenças educacionais, os filhos dependem de forma cada vez mais intensa do apoio dos avós na educação dos netos, e frequentemente, encontram dificuldades em conciliar expectativas e metodologias educacionais distintas. As novas funções desempenhadas pelos avós, consequência da aquisição de um papel preponderante nos sistemas familiares, passam pela influência nos processos educativos dos netos. No entanto, na educação dos netos aos avós devem estar cientes do seu papel de colaboração educativa, não substituindo os pais, e mesmo discordando com estes na forma como educam os filhos devem respeitar os modelos educacionais dos progenitores (Martínez, 2017).

A família encontra-se toda num processo de transição com a chegada de um novo membro (**ASSISTINDO A TRANSIÇÕES NA FAMÍLIA**). A passagem para uma nova fase no ciclo de vida familiar, como é a vinda de um novo elemento para a família, no caso um neto, traz algumas modificações não só na estrutura da família, enquanto grupo, mas também individualmente, como na estrutura psíquica dos novos pais, avós, tios, irmãos. Com isso, cada membro da família tem de criar uma nova identidade e adquirir novos papéis, acrescentando outras possibilidades de relacionamentos à nova constelação familiar que se formou. Quando os filhos se tornam pais, os avós tendem a

redefinir os papéis no seio familiar. A imagem social desses filhos é alterada, eles agora também são pais, constroem-se novos vínculos com os netos, sendo que estas crianças representam uma continuação genética para os avós (Kipper & Lopes, 2006).

Os avós na transição para a grã-parentalidade referem um fortalecimento de seu relacionamento com seus filhos e netos, reconhecimento que os filhos se encontram na fase adulta da vida. A satisfação e o significado que essas relações lhes proporcionam, podem servir como modelo para as gerações mais jovens. Além disso, eles sentem que se tornaram parte da "comunidade de avós", sentindo-se reconhecidos pelos pares, e alguns também observam cimentação de sua relação com o cônjuge (Noy & Taubman-Ben-Ari (2016).

A transição para a grã-parentalidade traz consigo uma mudança de status, papéis e identidades, e é percebido pelos próprios avós como um dos eventos mais significativos e emocionais em suas vidas (Noy & Taubman-Ben-Ari, 2016). Foi esse o processo assumido pelos avós (***assumindo que está num processo de transição***). Embora a transição para a grã-parentalidade seja um evento especial da vida do homem, podendo mesmo redefinir prioridades, não é um evento de vida tão dramático como a transição para a parentalidade (Taubman-Ben-Ari, Shlomo & Findler, 2014).

O género parece afetar a transição para a grã-parentalidade, os avós aparentemente demoram mais para fornecer ajuda, envolverem-se e obter significado de seu novo status na família, uma das razões poderá ser a tradicional divisões de papéis na nossa sociedade em que as mulheres estão mais associadas aos cuidados às crianças (Noy & Taubman-Ben-Ari, 2016), embora nesta esta investigação não se tenha feito um estudo comparativo entre avós e avôs, os avôs relataram na colheita de dados um envolvimento das avós inicial maior, principalmente no que concerne a atividades instrumentais. Comparativamente com avós, os avôs estão menos envolvidos no cuidado intergeracional, no entanto, envolvem-se noutras atividades

como buscar ou levar os netos à escola ou em brincadeiras mais dinâmicas (Azambuja & Rabinovich, 2017).

Os avôs detêm a vantagem de ter uma parceira do seu lado, o envolvimento dos avôs com os netos tende a melhorar gradualmente quando têm uma parceira, segundo Knudsen (2016), bons avôs têm uma parceira. A prestação de cuidados à família e, conseqüentemente, aos netos é mais eficaz se ocorrer com o apoio dos dois membros do casal, neste aspeto os avôs encontram-se numa posição privilegiada porque mais dificilmente ficam viúvos ou perdem o apoio da sua companheira. Esta visão da literatura vai de encontro a duas subcategorias pertencentes à condição interveniente relacionada com as transições familiares: ***assumindo a sua parceira/cônjuge como estando também numa transição e auxiliando-se mutuamente no processo de transição para a grã-parentalidade***. A transição para a grã-parentalidade é um exemplo de uma dinâmica intergeracional, uma mudança numa geração afeta outra, porque as vidas dos membros da família estão ligados e são influenciáveis, a relação do avô com a sua esposa pode ajudar na transição pois existe a possibilidade de a partilha da experiência da grã-parentalidade (Noy & Taubman-Ben-Ari, 2016; Taubman-Ben-Ari, Findler & Shlomo, 2013).

Os avôs encontram-se num processo de transição para a grã-parentalidade e verificam que os seus filhos/noras/genros que estão a viver o um processo de transição para a parentalidade, auxiliando-os no processo (***constatando que os filhos/genros/noras estão a viver um processo de transição e auxiliando os filhos/genros/noras na transição para a parentalidade***). Neale e Clayton (2015) consideram que o envolvimento dos avós tem claramente um impacto na capacidade dos pais lidarem com transição para a parentalidade e o estabelecimento da sua identidade e implementação do papel de pais. Taubman Ben-Ari, Shlomo e Findler (2014) vão mais além dos autores anteriormente referenciados acreditando que os filhos ao demonstrarem crescimento pessoal ao tornarem-se pais podem assim ajudar os seus

pais a ter uma atitude similar perante o novo papel de transição para a grã-parentalidade, facilitando assim a sua experiência de crescimento, verificando-se que as relações intergeracionais podem ser facilitadoras nessa transição.

As estratégias encontradas nesta investigação estão divididas em oito categorias e suas respectivas subcategorias. As estratégias, encontradas pelos homens no sentido de lidarem com o fenómeno de **TORNAR-SE AVÔ – PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO**, na teoria das transições podem ser encaradas como os padrões de resposta indicadores de processo. Quando os avôs se envolvem e assumem a diferença nos papéis, buscam referenciais, ou prestam ajuda instrumental aos filhos seja ela financeira ou nos cuidados aos netos, interagem com os filhos e netos dando significado às suas funções nas relações pais-filhos e avôs- netos, procuram e recebem suporte. Ao valorizarem as atividades lúdicas e construindo as relações, os avôs localizam-se e estão situados neste novo papel grã-parental. E, de acordo com a teoria das transições, os avôs adquirem confiança e adaptação quando nas estratégias eles assumem as dificuldades e atribuem significado às tarefas que desempenham.

A maioria dos avós de hoje ainda se encontra na vida ativa ao contrário dos seus antecessores, estão ainda no mercado de trabalho quando nasce o primeiro neto. Mesmo os que estão recém-reformados mantêm uma vida ativa e, por vezes, mais preenchida do que quando trabalhavam (Ferland 2006; Ferland, 2017). E portanto, têm que assumir e conciliar os diferentes papéis (**ASSUMINDO DIFERENÇA NOS PAPÉIS**). Na assunção dos diferentes papéis, os avôs assumem dois papéis diferentes o de pai e o de avô (***assumindo a relação de pai diferente da de avô***), “Ser avô (...) é estar com os filhos que, entretanto, já são pais. A partir de agora, são eles que desempenham o papel que durante anos foi nosso. É preciso, pois, aceitar que a nossa própria função parental passa para segundo plano.” (Ferland 2017, p. 59).

Ser pai e avô pode levar a alguma ambiguidade. Inicialmente, o papel dos pais pode ser o dominante, uma vez que eles observam os pais inexperientes (seus filhos) tentando lidar com os netos (Ochiltree, 2006).

Os homens compreendem a diferença nos papéis porque na sociedade contemporânea o papel do avô é essencialmente maternal, o que contrasta com o papel masculino instrumental que ele tem desenvolvido ao longo de sua vida (Dias, 2002). Os avôs já viveram a sua experiência de paternidade, assumem que os pais do seu neto estão num processo de transição e podem mesmo ajudá-los, não os substituindo pois o caminho da parentalidade terá que ser percorrido por eles para o sucesso da transição, mas auxiliando-os, nomeadamente como refere Ferland (2006, 2017) escutando-os, não os julgando, apenas tranquilizando-os para que tomem consciência das suas competências parentais.

Conciliar estes dois papéis (***conciliando os diferentes papéis***) é um desafio proposto aos avôs. Os autores Triadó Tur e Villar Posada (2000) consideram que existem aspetos da relação pais-filhos e avós-netos que coincidem, e noutros são bem diferentes. Em primeiro lugar, a relação pais-filhos e avós-netos assenta, em ambas as situações, numa proximidade emocional e numa relação importante do tipo assimétrica em que os pais dão e os filhos recebem. Os aspetos em que as relações entre pais-filhos e avós-netos se diferenciam são em primeiro lugar a situação de prestação de cuidados e de disciplina que embora possam ser oferecidos pelos avôs, em última análise a responsabilidade é dos pais. Outro segundo aspeto prende-se com a vinculação dos netos às histórias e tradições familiares, sendo que os avós são os responsáveis por inteirar os netos dentro da própria cultura familiar. Ser avô, para Ramos (2005), é ser detentor de novas identidades, novos papéis e novas interações, que lhe dá um sentido à vida e um desejo de continuidade.

A sociedade vai evoluindo, os tempos de hoje são diferentes dos de antigamente, mesmo assim os avôs vão **TENDO AS FIGURAS DOS AVÓS COMO REFERENCIAIS**

DE INTERAÇÃO, estes podem ser os seus próprios avós, os seus pais enquanto avós dos seus filhos, as suas parcerias e os seus pares. Esta aprendizagem de se tornar avô inicia-se com a vinda de um neto, mas Ferland (2006;2017) relembra que os próprios avós já vivenciaram essa relação avós e netos quando foram eles os netos dos seus avós, assim como formam espectadores da relação que os seus filhos tiveram com os seus pais ou sogros. Este facto vai de encontro com as subcategorias **mencionando os seus avós como referências** e **mencionando os seus pais como referências**. Kipper e Lopes (2006) referem que os pais e avós, embora possam não ser considerados os modelos perfeitos para os homens que se estão a tornar avós, são tomados como referências, Kemp (2007) considera que as experiências dos avós com seus próprios avós influenciam os seus próprios comportamentos de avós.

Os pares parecem ser referências para os avós deste estudo, pois foram por estes referidos como referências (**mencionando os pares como referências de avós**), Kaufman e Elder (2003) consideram os pares como recursos importantes na transição para a grã-parentalidade. Parece que a transição é mais bem-sucedida se os pares dos avós estiveram a realizar esta transição ou a tenham realizado há pouco tempo. Os avós referem-se à experiência da grã-parentalidade dando importância ao facto de pertencerem a uma nova comunidade, a comunidade dos avós, sendo importante a conexão entre eles e os seus pares (Taubman- Ben- Ari, 2012).

A parceira/ cônjuge encontra-se, em princípio, numa situação semelhante no que se refere à transição para a grã-parentalidade. À semelhança do que se passou na transição para a parentalidade, agora aparece-lhes a transição para o papel grã-parental. Assim, os homens vão **mencionando a sua parceira/cônjuge como referência**. Sabemos que a grã-parentalidade faz parte da existência humana e aparece em todas as sociedades, muito neste fenómeno é comum entre homens e mulheres e muitos aspetos da grã-parentalidade no masculino é influência da esposa (Buchanan & Rotkirch, 2016)

O lado mais masculino do homem que socialmente foi assumido, parece que nesta fase de se tornarem avôs, para a maioria, se dissipa. Os avôs participam ativamente na vida dos seus netos, colaboram com o apoio instrumental aos netos, sendo muitas vezes os responsáveis pelos transportes para escola, atividades extracurriculares, estabelecendo com eles uma relação de carinho. Assim, os avôs são recursos utilizados pelas famílias em que os pais e mães trabalham fora, assumindo a responsabilidade de cuidar de netos, auxiliam na educação das crianças, e são veículos de transmissão de experiências, valores e crenças (Dessen & Braz, 2000).

ASSUMINDO O APOIO INSTRUMENTAL AOS FILHOS NOS CUIDADOS AOS NETOS, os avôs preocupam-se com a família, prestam apoio psicológico, ajudam nas necessidades materiais e financeiras ou contribuem com a experiência de vida para resolver situações difíceis (Dessen & Braz, 2000).

Os avôs foram demonstrando alguma ambivalência entre o que a sociedade preconiza para um avô, o que é possível enquanto avô e o que eles efetivamente desejam (***conjugando a sua vontade com a desejabilidade social***). Os avôs manifestam um sentimento de compromisso com sua descendência o que faz com que se responsabilizem pelos netos (Oliveira, 2011), como se fosse uma obrigação imposta mas partilhada e aceite por eles. Contudo, por vezes, surgem sentimentos de insuficiência perante o desempenho do papel de avôs devido ao trabalho e, em algumas situações devido a problemas pessoais (Daró, 2018). Esta subcategoria vai no sentido da visão de Ramos (2005), que considera que a solidariedade familiar não é explicada apenas com base nas relações de afeto, negociações e estratégias construídas entre os membros da família, é originária, também, consciente ou inconscientemente, dos sentimentos de obrigação e dever influenciados pelos valores, normas e costumes sociais e culturais da sociedade onde estão inseridos. Os avôs consideram o cuidar dos netos como um dever moral, e um dever familiar (Connolly & Ward, 2008).

Numa revisão integrativa da literatura realizada por Leme, Falcão, Morais, Braz, Coimbra e Fernandes (2016) de todos os estudos analisados acerca da temática dos cuidados aos netos, verificou-se que são as avós (e não os avôs) responsáveis pelo cuidado com os netos, mostrando a influência do estereótipo de gênero exercido no contexto familiar, contrariamente ao demonstrado pelos nossos avôs que vão **assumindo a disponibilidade para os cuidados**, no entanto, não temos termo comparativo com as avós, parceiras dos nossos entrevistados.

O aumento do cuidado dos avós aos netos está relacionado com ao aumento das necessidades por parte dos filhos adultos, devido a maior empregabilidade das mulheres comparativamente com o passado (Geurts, van Tilburg, Poortman & Dykstra, 2015). Com a reforma, a disponibilidade do avô aumentou potencialmente, especialmente para o investimento de tempo nos cuidados aos netos (Coall *et al.*, 2016), e estão se tornando uma fonte cada vez mais importante de cuidados aos netos (Di Gessa, Glaser & Tinker, 2016; Geurts *et al.*, 2015; Thomese & Liefbroer, 2013).

Um estudo com onze países europeus, demonstrou que mais de 40% dos avôs prestam cuidados aos netos sem a presença dos pais, sendo que em Portugal 14% dos avós prestam cuidados aos netos diariamente (Glaser *et al.*, 2013). Portugal é um dos países da Europa onde as prestações sociais pagas aos pais que ficam em casa a cuidar dos filhos são limitadas e onde a oferta de estruturas de acolhimento formais às crianças são poucas, assim como a possibilidade de trabalho a tempo parcial, por esta conjuntura são os avôs que asseguram em grande parte os cuidados aos netos (Glaser *et al.*, 2013). Os avôs da nossa amostra evidenciam esses cuidados instrumentais ao nível da alimentação, higiene e conforto, sono, vigilância e transporte dos netos para escola e atividades extracurriculares (**prestando de cuidados na alimentação, prestando cuidados de higiene e conforto, prestando cuidados aos netos no sono, prestando cuidados de vigilância e assumindo a responsabilidade no transporte dos netos**). O nascimento de uma criança implica uma série de tarefas domésticas e

de cuidados a prestar. O apoio prestado pelos avós sob a forma de cuidados instrumentais ou emocionais torna-se um fator protetor da adaptação dos pais à parentalidade (Canavarro & Pedrosa, 2005; Ferland 2006, 2017; Glaser *et al.*, 2013). Quando nasce um neto, os avós manifestam um maior senso de responsabilidade para com a família, pois agora os filhos tornaram-se pais, e como avós têm que os ajudar (Taubman - Ben-Ari & Shlomo, 2016), é o apoio de retaguarda (Daró, 2018).

No estudo de Pais (2013) sobre o papel dos avós foi possível perceber que, por parte dos avós, esta relação se baseia num apoio instrumental e afetivo, os avós dedicaram ou dedicam grande parte do seu tempo a prestar cuidados aos netos e substituíram, em muitos casos, os próprios pais ao assegurar a educação e sustento dos netos.

No estudo realizado, os avós foram demonstrando a sua satisfação no apoio instrumental aos filhos nos cuidados aos netos, nomeadamente, na alimentação, sono, higiene e conforto, vigilância e transporte. Eles foram demonstrando-se disponíveis para os cuidados e a sua vontade parecia ser conjugada com os constructos sociais. Os avós foram referindo que os netos lhe ocupam muito mais a vida, mas sempre numa perspetiva positiva. Não foi abordado por nenhum dos avós entrevistados uma sobrecarga imposta pelos próprios filhos nos cuidados aos netos, por não sentirem essa sobrecarga ou porque socialmente não seria adequado admiti-lo, não podendo ser vinculada a razão. No entanto, a literatura chama atenção para a situação em que alguns avós podem ser sobrecarregados com solicitações excessivas nos cuidados os netos pelos próprios filhos (Ferland 2006,2017).

Os avós sempre desempenharam um papel importante na vida familiar, mas nos últimos vinte anos muitos tiveram maior responsabilidade por seus netos devido a mudanças nas famílias e na sociedade. A primeira grande mudança é a prestação de cuidados infantis. Os avós, principalmente as avós, são os principais provedores de cuidados infantis para crianças pré-escolares e escolares, quando ambos os pais estão

no mercado de trabalho, indo busca-los à escola e cuidando deles durante as férias escolares (Ochiltree, 2006).

Os avós vão **CONSTRUINDO UMA RELAÇÃO COM OS NETOS**, sentem o neto como um amigo e manifestam essa relação como diferente. Ferland (2006,2017) refere-se a essa relação diferente muito pelo espírito de confidentes que os avós têm relativamente aos netos e pela oferta de atenção e amor, disponibilidade para conversar e brincar, a sua aspiração é criar uma relação calorosa, com interações fortes isentas das responsabilidades e obrigações inerentes às relações pais-filhos.

Os avós, geralmente, são companheiros e cúmplices, têm também mais tempo e disponibilidade que os pais, embora muitos ainda trabalhem, como não se encontram no início da sua carreira profissional, alinham nas brincadeiras e esforçam-se para agradar aos netos, ***partilhando os mesmos gostos***. A literatura falamos de várias atividades que ambas as gerações realizam em conjunto, estas podem ser de cariz social, como a partilha de refeições, o conversar e o ver televisão; ou mais lúdicas e restritas a avós e netos, como o brincar/jogar, passear, nadar e a partilha das novas tecnologias (Pais, 2013; StGeorge & Fletcher, 2014).

Os avós têm tido os seus papéis expandidos ao longo das gerações, e emocionalmente têm-se tornado mais próximos dos netos, de tal forma que as duas gerações se apoiam mutuamente (Oliveira, 2011). Os avós vêm muitas vezes nos netos mais do que uma simples relação familiar (***sentindo no neto um amigo***). A convivência estimula a intimidade e fortifica os laços entre as gerações, também descerra os laços da afeição, numa relação em que avós e netos são muitas vezes amigos e confidentes (Ramos, 2012).

Para os avós, os netos são objeto de um amor desmedido e muitas vezes referido por estes como maior que os já vividos anteriormente (Lopes, Neri & Park, 2005), esta constatação vai ao encontro da subcategoria ***estabelecendo uma relação de carinho e amor***. Os avós são um recurso afetivo (Dominguez, Vitorino & Morgado,

2011), com os netos conseguem ter uma relação descomprometida, o que permite uma maior proximidade afetiva que dificilmente pode ser igualada por qualquer outro membro da família (Morgado e Vitorino, 2012).

A postura muitas vezes autoritária e retraída que os pais tiveram com os seus filhos, é deixada muitas vezes por terra desenvolvendo relações mais afetuosas com os netos, rompendo os seus próprios preconceitos, aderindo a vínculos afetivos mais amigáveis e calorosos, pois eles sabem que os momentos que têm disponíveis com os netos são temporários e interrompidos (Harper, 2006). Esta relação diferente estabelecida com os netos vai de encontro com uma das subcategorias da construção da relação com os netos (**estabelecendo uma relação diferente**). Devido à diminuição das taxas de fertilidade nos países ocidentais modernos, os avós hoje têm menos netos, o que significa que eles podem ser capazes de investir mais recursos em qualquer neto. Assim, os avós têm uma grande oportunidade de influenciar a vida de seus filhos e netos. As possibilidades crescentes de interação entre diferentes gerações familiares nas sociedades atuais também significa que essas relações tendem a ter mais relevância (Tanskanen & Danielsbacka, 2019). Os laços familiares que se estabelecem entre os avós e os netos são duradouros, não resultam apenas da presença física, o contato intergeracional é circundado em atenção, preocupação, afeto e partilha, tornando-se marcante no crescimento dos netos e no amadurecimento dos avós (Tarallo, 2005).

Os avós e os netos têm um laço afetivo profundo, de união e cumplicidade, transmitindo entre eles esse sentimento (Araujo & Dias, 2010; Prado & Souza, 2015), e os avós demonstraram nesta investigação que vão **sentindo reciprocidade na relação**. Os avós estudados por Triadó Tur e Villar Posada (2000) manifestaram que o que mais gostam nos netos é a relação de amizade e afetividade que estes têm pelos avós, tendo estes uma percepção de estima e carinho. Os benefícios das relações avós e netos são

vários e derivam do intercâmbio salubre de afeto e cuidado mútuo (Dominguez, Vitorino & Morgado, 2011).

Enquanto os avós vão transmitindo os seus valores e ensinamentos, os netos prestam algum auxílio aos avós e preocupam-se com os mesmos. A relação é maioritariamente pautada por sentimentos positivos como o afeto e orgulho (Pais, 2013). A expressão popular "estragar os netos" não foi cunhada de forma aleatória. As crianças que recebem tudo o que exigem dos pais e, principalmente, dos avós excessivamente permissivos e incapazes, tornam-se crianças com um senso de direito irrealista. Os avós devem aspirar a ser amados pela sua presença, não pelos seus presentes (Isaacs, 2015), no entanto os avós entrevistados consideram que essa construção da relação passa por irem **presenteando os netos**. Esses presentes não se resumem a prendas, a literatura consideram-nos investimentos. Esses investimentos ou presentes podem ser prestados pelos avós direta ou indiretamente aos seus netos através dos filhos, podendo incluir o estar em contato e passar tempo com os netos, além de dar-lhes dinheiro, apoio emocional e apoio na prestação de cuidados (Tanskanen & Danielsbacka, 2019).

Os avós podem ser considerados como suporte social das suas famílias, têm disponibilidade para cuidar dos netos e até servir de suporte financeiro aos filhos (Rodrigues, 2013). Esta posição vem de encontro à estratégia **PRESTANDO AJUDA INSTRUMENTAL – FINANCEIRA** em que os avós nos expuseram uma das formas de ajudarem os filhos e netos. Esta categoria encontra-se subdividida em duas. Uma refere-se ao auxílio económico aos seus descendentes (***prestando ajuda económica***). Dominguez, Vitorino e Morgado (2011) consideram os avós um recurso financeiro para filhos e netos. A literatura refere-se ao apoio financeiro como uma forma de auxílio à família, através deste os avós podem contribuir para o desenvolvimento de atividades desejadas pelos netos, ajudar a custear os seus estudos, satisfação de suas necessidades materiais e estreitamento dos laços familiares (Dessen & Braz, 2000; Oliveira & Karnikowski, 2012; Pais 2013; Tanskanen & Danielsbacka, 2019). A outra

subcategoria elencada está mais direcionada para a razão pela qual os avôs trabalham (***considerando que trabalha para os filhos e netos***). Os avós referem que as suas prioridades mudaram e é a sua vontade dar aos netos tudo o que for necessário (Taubman - Ben-Ari & Shlomo, 2016), portanto trabalham para estes. Quando nos referimos à categoria de prestação de ajuda económica, esta envolve também os cuidados que os avós prestam às crianças gratuitamente, libertando os pais para trabalharem e de pagarem pelo serviço da guarda dos filhos (Corkindale, Luszcz & Gamble, 2012; Thomese & Liefbroer, 2013).

Os avós fornecem aos seus netos vários tipos de suporte, sendo que se pode verificar em pequenos cuidados e auxílio aos pais na educação dos netos (Figueiredo & Leal, 2018). Apareceu-nos a categoria **ATRIBUINDO SIGNIFICADO ÀS TAREFAS QUE O AVÔ DESEMPEÑA**, na qual os avôs encontram significado para o suporte que dão aos filhos e netos.

No que se refere à educação dos netos a literatura parece corroborar com as três posições assumidas pelos avôs do estudo, por uma lado há avôs que se vêem como educadores dos seu netos (***assumindo o papel de educador***), outros sentem-se parceiros dos pais nessa tarefa (***assumindo-se como colaborador na educação dos netos***), outros consideram que esta não é sua função enquanto avôs (***não opinando sobre educação dos netos***). Relativamente à educação, alguns avós estão e querem estar muito presentes nas vidas dos netos, envolvem-se intensamente, até desmensuravelmente, outros têm o cuidado de respeitar os papéis dos pais e não interferirem na educação dos netos (Ferland 2006, 2017).

Os avós podem contribuir para o desenvolvimento pessoal e desempenho escolar dos netos através de histórias, ensino de tarefas e valores. Um estudo realizado em Portugal mostrou que as crianças que são cuidadas pelos pais e avós apresentam-se mais calmas, concentradas e com melhor relacionamento interpares do que aquelas que não recebem o apoio dos avós, mostrando a importância dos avós na educação

dos netos e a preocupação que estes têm com esta (Silva, 2012). Se os netos tiverem contato com os avós, confiarem neles ou estiverem próximos a eles, os avós poderão fornecer benefícios, servindo como modelos e discutindo o comportamento apropriado, incentivando o sucesso acadêmico ou outro, ajudando nos trabalhos de casa ou fornecendo conselhos e informações emocionais. Esperando-se que, em geral, o envolvimento dos avós tenha uma influência positiva sobre as crianças (Danifon & Bajracharya, 2012).

O estudo de Oliveira (2011) vem reiterar a perspectiva dos avós que não consideram a educação dos netos sua responsabilidade, opinião também partilhada pelos filhos.

Lopes, Neri e Park (2005) associam a tarefa de cuidar dos netos não só a aspetos positivos. Podem ocorrer conflitos com os filhos por haver discordâncias por exemplo quanto à educação dos netos, além da sobrecarga financeira, esgotamento emocional e cansaço. No estudo realizado esses aspetos mais negativos não foram referidos, excetuando-se as discordâncias dos avós na educação dos netos que se justificam pelo facto das mentalidades serem diferentes. Não tendo sido referido o esgotamento emocional ou físico. Os avós entendem que a sua vida com os netos está mais preenchida, com menos tempo livre, mas não associam isso a um aspeto negativo. Aqui o questionamento do investigador prende-se com dois aspetos: assumindo que as entrevistas refletem o que os avós sentem acerca da grã-parentalidade e que nenhum dos avós entrevistado manifestou aspetos negativos associadas a esta por não existirem; ou será este aspeto uma limitação própria deste método de colheita de dados, os avós não referiram estes aspetos como negativos por considerarem social reprovável esta posição, embora se tenha frisado a ideia que não haveria juízos de valor ou respostas certas ou erradas.

Na tentativa de atribuir significado às suas tarefas de avós, o homem assume este duplo papel, por um lado é veículo de aprendizagens para os netos, por outro é

recetor daquilo que eles lhe possam ensinar. O avô sente-se a aprender e a ensinar com os netos (***ensinando e aprendendo com os netos***), Ferland (2006, 2017) considera, por um lado os avós como uma fonte de conhecimentos para os seus netos respondendo às suas curiosidades e ensinando-lhes coisas acerca da natureza, por outro Daró (2018) e Morgado e Vitorino (2012) vêem os netos como facilitadores das aprendizagens dos avós no que se refere às tecnologias da informação e comunicação.

Os avós transmitem aos netos os valores de ordem espiritual, moral, pessoal e familiar, os saberes socioculturais e os saberes académicos. No que respeita aos saberes socioculturais, os avós ensinam aos netos atividades a nível do “saber fazer”, como as tarefas domésticas e os saberes lúdicos, como jogos, cantigas e danças. Os netos, por seu lado, mostram aos avós atividades desportivas, brincadeiras, contos e músicas. Relativamente aos saberes académicos, os avós ensinam os netos a ler e os saberes matemáticos (Pais, 2013).

Uma das estratégias que pode ajudar o avô a lidar com o facto de se tornar avô prende-se com o facto de este ir **ASSUMINDO AS DIFICULDADES**. Ter consciência das dificuldades que o assumir do papel lhe pode apresentar pode ser um fator adjuvante na transição para o papel grã-parental. Mesmo assumindo a grã-parentalidade como uma experiência gratificante, os avôs podem revelar dificuldades na prestação de cuidados aos netos, no entanto demonstram vontade de aprender e de cooperar, se necessário.

Os avôs não resumem a sua vida ao papel grã-parental, são esposos/companheiros, pais, amigos, filhos... acumulando um grande número de papéis, incluindo, muitas vezes o de trabalhador, o que na nossa amostra correspondeu a 48% dos homens. Esta multiplicidade de papéis pode ser um dos motivos dos avôs irem manifestando este ***sentindo-se culpado por não estar disponível sempre que precisam***, mas existem outros, nomeadamente as distâncias. É certo que as pessoas vivem mais tempo que antigamente, não é raro encontrar quatro gerações que se

interrelacionam, portanto, os avós podem conviver mais anos com os seus netos, no entanto, o avançar da idade da reforma, os empregos cada vez mais exigentes roubam o tempo aos avós que poderia ser gasto com os netos. Zhang, Emery e Dykstra (2018) consideram que a experiência da grã-parentalidade é influenciada pelo conjunto de papéis noutros domínios da vida dos avós, nomeadamente a presença ativa no mercado de trabalho, e isso ser condicionante da sua presença ativa na vida dos netos. Os avós assumem o seu papel de diversas formas (instrumental, financeiro, emocional), no entanto, o desempenho deste papel está sujeito a condicionalismos como a distância geográfica, a saúde, as relações familiares (Ramos, 2005).

Os avós podem ser detentores de inúmeros conhecimentos e de experiências de vida, no entanto a nível de questões tecnológicas os netos ultrapassam-nos. Os conhecimentos dos netos acerca de tecnologias da informação é superior ao dos avós, e estes consideram a tecnologia um entrave nas relações com os netos (**verificando que a tecnologia pode ser inviabilizadora das relações**). No que se refere às tecnologias de informação e comunicação, Daró (2018) constatou que embora estas possam ser em algumas situações facilitadoras das relações entre avós e netos uma vez que os pode manter em maior contacto, a maioria dos avós refere o efeito paradoxal das tecnologias de informação. Ou seja, o facto de elas os aproximarem dos seus netos quando se encontravam distantes, quando se encontram próximos provocavam o afastamento entre as duas gerações devido ao uso excessivo das tecnologias pelos netos, passando a dispensar a atenção dos respetivos avós. Por outro lado, no envolvimento com a família, percebemos que os idosos sentem a necessidade do convívio com os jovens, e mesmo com diferenças significativas a nível de conhecimentos acerca da tecnologia, solicitam, geralmente aos netos, e não aos filhos, o auxílio de que necessitam para o acesso às tecnologias (Pires, 2013).

Por diversas razões, nem sempre os avós conseguem estar próximos dos netos (**lidando com a ausência dos netos**). Muitas vezes os avós têm menos contato com

os netos do que gostariam, seja por situação de divórcio, separação dos pais, problemas nas relações entre pais e filhos ou distância física (Ochiltree, 2006), no entanto tentam manter a comunicação com estes, ou observá-los à distância quando os pais não permitem o convívio. Esta ausência tem efeitos negativos na saúde dos avós tais como sintomas depressivos (Doyle, O'Dywer & Timonen, 2010).

A vida familiar sofre uma alteração grande com a chegada de um novo neto, sendo que com isso os avós manifestam preocupações, medos e angústias que emergem quando se prepara a chegada de um neto. Preocupações com a gravidez, com a transição para a parentalidade dos filhos são uma realidade (Morgado & Vitorino, 2012). Estas preocupações foram também de certa forma manifestadas pelos homens entrevistados, visíveis nas subcategorias: ***assumindo receios relativamente aos netos e manifestando preocupação com gravidez***. Os avós que esperam pela vinda de um neto encaram esse acontecimento com alguma hesitação, havendo um lado positivo e um lado negativo. O negativo passa por os netos poderem não serem o que estes esperam, o positivo relaciona-se com a possibilidade de virem a exercer um novo papel na sua vida e, principalmente, por poderem assistir à continuidade da família (Fernandes & Duque, 2017).

Não é possível aos avós escolher o momento em que se tornam avós, no entanto possuem livre arbítrio para decidir a forma como se comportam (Ferland 2006, 2017). Com a chegada do primeiro neto, os avós mostram sentimentos de conflito com a transição para novo papel (Shlomo & Taubman – Ben-Ari, 2012), portanto, e perante as dificuldades, os avós adaptam as estratégias que consideram pertinentes para superar as dificuldades (***elaborando estratégias para superar as dificuldades***).

Os avós manifestam algumas dificuldades na prestação de cuidados (***assumindo dificuldades na prestação de cuidados***). Parece que cuidar dos netos é importante para muitos dos avós dando-lhes um papel central na família, no entanto essa tarefa tem aspetos negativos que incluem a sensação de cansaço, a sensação de

que precisavam de mais tempo para si e de mais tempo para pessoas com idades semelhantes. Por vezes, os avós também consideram difícil gerir as crianças (Ochiltree, 2006). A tarefa de prestar cuidados aos netos pode levar os avós a experimentar alguns efeitos negativos da tarefa como ter menos tempo para si, a perda de liberdade ou sentimentos de angústia e preocupações face à responsabilidade dos cuidados aos netos (Quevedo-León & Alvarado, 2017). Outra das dificuldades assumidas pela literatura relaciona-se com as diferenças em relação à disciplina e educação entre avós e filhos, podendo essas diferenças levar a conflitos. Fernandes e Duque (2017) consideram que o que prejudica as relações entre avós e netos são os conflitos intergeracionais, principalmente entre pais e filhos. Muito embora a literatura se refira às dificuldades na prestação de cuidados como aspetos negativos, os avós entrevistados entendem-nas apenas como obstáculos não lhe dando um cunho de negatividade.

É comum que avós que cuidam a tempo integral ou passam grandes períodos nos cuidados com seus netos apresentem sentimentos ambivalentes em relação a tal função, por um lado os sentimentos de satisfação, por outro a sobrecarga (Oliveira, 2011), no entanto nenhum dos avós desta investigação mostrou sentimentos de sobrecarga relativos aos cuidados aos netos. Mesmo não se referindo à sobrecarga, os avós foram mencionando algumas dificuldades na transição para o papel, **percebendo as dificuldades na transição**. Noy e Taubman-Ben-Ari (2016) referem que a transição para a grã-parentalidade, tal como em qualquer outra transição, é passível de trazer algumas dificuldades, tais como assumir tarefas que podem ser pesadas, bem como satisfazer as expectativas dos outros membros da família e as dos próprios avós. Novos desafios colocados podem levar a sobrecarga, criar novos problemas, ampliar as limitações e sensibilidades existentes e levar a tensão e ansiedade. Os netos são considerados uma fonte de estimulação para os avós, proporcionando-lhes uma melhor qualidade de vida e contribuindo para a luta contra o declínio do envelhecimento

(Fernandes & Duque, 2017). Uma das estratégias desenvolvidas pelos homens que ajudam os avôs a tornarem-se avôs consiste em irem **VALORIZANDO AS ATIVIDADES LÚDICAS COM OS NETOS**. Em tempos passados a função dos avôs estava distante das brincadeiras com os netos, no entanto parecem que os avôs hoje para além de partilharem as brincadeiras com os netos, aprendem a brincar com estes.

Silva (2012) considera que os avós e os netos são educadores e educandos no seu dia-a-dia, a subcategoria o ***partilhando momentos lúdicos com os netos*** acompanha esta linha de pensamento, na qual os avôs mostram que a parte da diversão é fundamental no processo de se tornarem avôs. As atividades lúdicas desenvolvidas entre avós e netos ocorrem em resposta ao interesse mútuo das gerações e necessidade de diversão, embora possam variar em função da idade dos netos e dos seus interesses, podem também ser afetadas pelo estado de saúde, idade, interesses e proximidade geográfica do avô. Verifica-se que as atividades lúdicas entre avós e netos parecem ser de extrema importância para o desenvolvimento relacional destes (Bates & Goodsell, 2013).

Biscaia (2006) considera que os avós devem aceitar com humildade os ensinamentos dos mais pequenos, aprender para além dos seus limites e brincar com os mais jovens. Esta afirmação vai de encontro com a subcategoria encontrada: ***aprendendo a brincar com os netos***. O processo de aprendizagem é interativo e simétrico, avós e netos sabem coisas diferentes e ambos podem aprender e ensinar, por um lado os netos ensinam os seus avós brincadeiras mais atuais, por outros eles ensinam aos mais novos as suas brincadeiras de infância (Ramos, 2012).

As consequências do salto geracional são resultantes do aumento do número de gerações na família e do desencadear de todo o fenómeno do **TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO PARA A GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO**. Na realidade é o que se extrapola para a vida familiar e comunitária do homem. Assim, as consequências podem ser entendidas como indicadores de resultado. Os avôs fazem

uma integração fluida da identidade, demonstram desenvoltura e manifestam sentimentos de bem-estar e de interação saudável quando sentem uma oportunidade de desenvolvimento pessoal, assumem um novo projeto de vida e manifestam sentimentos de continuidade geracional. A mestria que demonstra que a transição decorreu com sucesso pode ser verificada na valorização da sua própria saúde e da família, e na autoconfiança que demonstram no desempenho do papel.

No discurso os avôs manifestam a grã-parentalidade como uma aprendizagem, esta mudança que ocorreu na vida destes vai no sentido de amadurecimento e de desenvolvimento pessoal – **SENTINDO UMA OPORTUNIDADE DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL**. As maiores transições do ciclo vital, tal como a transição para a grã-parentalidade, são naturalmente eventos stressantes, mas também são excelentes oportunidades para o desenvolvimento pessoal (Taubman - Ben-Ari & Shlomo, 2016).

A literatura refere-se a este desenvolvimento pessoal como uma procura do sentido de vida (Noy & Taubman-Ben-Ari, 2016, Taubman-Ben-Ari, Flindler & Shlomo, 2012), o que vai de encontro com a subcategoria ***assumindo uma mudança na vida***. Os avôs, como consequência do tornarem-se avôs, assumem e integram na sua vida esta mudança. Para Noy e Taubman-Ben-Ari (2016) ser avô parece fomentar um sentimento de crescimento pessoal, isto é, uma mudança positiva que resulta da adaptação a um evento, os avôs depois de se tornarem avôs não ficam exatamente como estavam antes da transição, mas demonstram maior consciência do sentido de vida com melhorias nos aspetos pessoais e relações familiares após a transição.

Encarar a transição para a grã- parentalidade como uma aprendizagem (***assumindo a grã-parentalidade como aprendizagem***) foi umas das subcategorias que surgiram nas consequências associadas ao desenvolvimento pessoal. Embora o fato de se tornar avôs seja um acontecimento que não depende dos homens, muitos optam por construir o seu novo papel baseado nesta nova transição que se apresenta

com novidades (StGeorge & Fletcher, 2014). Os avôs não se consideram detentores de toda a experiência, mesmo com trajetórias no papel parental e algumas vezes no papel grã-parental. Silva (2012) considera que o convívio intergeracional pode ser enriquecedor e estimulante na perspectiva do enriquecimento mútuo, havendo troca de afetos e conhecimentos entre avós e netos.

Como consequência do **TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE TRANSIÇÃO PARA A GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO**, os avôs do estudo foram **DEMONSTRANDO AUTOCONFIANÇA NO DESEMPENHO DE PAPEL**. Louzeiro e Lima (2017) referem que o facto de se tornar avô não se trata de uma questão opcional, conviver e lidar com o vínculo terno que surge com os netos, propõem ao avô lidar com uma responsabilidade singular e com a conceção de distinguir as funções de pai e de avô nessa relação com os netos. Esta experiência da grã-parentalidade não se coaduna com a mesma responsabilidade que tinham quando criaram os filhos, pois aos avós não é suposto lhe cobrarem o papel de educar, mas sim de transmitir conhecimentos. No entanto, a grã-parentalidade parece fortalecer o bem-estar psicológico dos homens, apresentando-se como uma oportunidade para autorrealização e de compreensão dos seus propósitos de vida (StGeorge & Fletcher, 2014).

O papel desempenhado pelos avós é heterogéneo, dinâmico e complexo (Flinder, Taubman – Ben-Ari, Nuttman-Shwartz & Lazar, 2013). Os homens entrevistados foram ***fazendo balanço positivo da grã-parentalidade***. Para Jensen, Quaal e Manoogian (2018) a expressão de satisfação com a grã-parentalidade é garantida, os avós sentem-se satisfeitos com o papel de avós, também no estudo de Taubman-Ben-Ari e Shlomo (2016) o balanço parece ser positivo, os avós manifestam maior felicidade, referem mesmo ter uma razão para acordarem de manhã, referindo uma sensação de plenitude e satisfação.

Num estudo de Kipper e Lopes (2006), os avós manifestaram que se torna mais fácil ser avó e avô do que pai e mãe porque as preocupações na educação dos netos

são menores, estes autores vão de encontro com este sentimento manifestado pelos avós em que encontram maior facilidade no desempenho do papel grã-parental do que o papel parental (**sentindo que é mais fácil ser avô que pai**). Embora possam assumir os cuidados aos netos e alguma responsabilidade na sua disciplina, essa responsabilidade é paterna, tornando a relação mais fácil e permissiva (Triadó Tur & Villar Posada, 2000), sendo portanto a relação avô- neto mais fácil e menos exigente.

Os homens da amostra, nas entrevistas, assumiram os aspetos positivos do papel grã-parental (**assumindo que ser avô é prazeroso para todos**), em nenhum momento algum se referiu a este papel com conotação negativa. Os avós manifestam sentimentos de bem-estar relacionados com a sua transição para grã-parentalidade e sentimentos positivos como diversão, satisfação, orgulho, felicidade e contentamento (Noy & Taubman-Ben-Ari, 2016). O contato dos avós com os netos pode ser mutuamente satisfatório para as duas gerações. Os avós, geralmente, não estão tão envolvidos com as rotinas diárias e de convivência permanente com os netos, e têm mais tempo para ouvir, observar e cuidar de coisas pequenas comparativamente aos pais que, geralmente, estão mais ocupados (Ochiltree, 2006; Sheppard & Monden, 2018).

Um estudo, que pretendeu avaliar a perceção do crescimento pessoal dos avós pela primeira vez, realizado por Taubman-Ben-Ari, Shlomo & Findler (2014), demonstra que os avós tendem a perceber um menor crescimento pessoal que aos seus filhos perante o nascimento do primeiro neto/filho, no entanto, demostram um crescimento pessoal. Os avós do estudo foram-se mostrando realizados no desempenho do seu papel de avô (**sentindo-se realizado no desempenho do papel**). Os avós que cuidam dos seus netos sentem-se realizados no desempenho do papel, tanto emocionalmente, reconhecendo aspetos como felicidade ou alegria; como cognitivamente, isto é manifestando como este papel tem um efeito positivo na sua vida (Triadó, Villar, Solé, Celdrán, Pinazo & Conde, 2019).

Os avôs entrevistados iam **sentindo orgulho nos netos**, esta manifestação de sentimentos de satisfação pelos seus netos é também um aspeto defendido por Pedrosa e Lopes (2008). Triadó Tur e Villar Posada (2000) referem que os avós que entraram no seu estudo manifestaram que um dos aspetos que apreciam mais nos netos é o seu sentido de responsabilidade para com os estudos e o trabalho, deixando-os orgulhosos.

Relativamente ao seu projeto de vida, com o nascimento dos netos, os homens mostram que há uma mudança nas suas prioridades e interesses, investindo menos no trabalho e mais na família (Taubman - Ben-Ari & Shlomo, 2016), foi o que os avôs nos demonstraram com a categoria **ASSUMINDO UM NOVO PROJETO DE VIDA.**

A grã-parentalidade é singular e dá significado ao tempo, por um lado como unidade reestruturadora do passado, por outro, como expressão dos projetos futuros (Diniz, 2018). Neste assumir de um novo projeto de vida, advento da transição para a grã-parentalidade, os avôs projetam o seu futuro, o da sua família e em particular os dos seus netos.

O papel de avós oferece a oportunidade de estar envolvido e se dedicar à construção de uma nova personalidade, mas sem a responsabilidade final (Isaacs, 2015), de certo modo ser avô possibilita o projetar da vida dos netos, sem preocupações exageradas com a educação ou a formação, cabendo essa tarefa aos pais (**projetando a vida dos seus netos**).

Uma das subcategorias da investigação foi **projetando a sua vida futura**, na qual os avôs manifestam as suas intenções futuras. Um dos maiores projeto de vida dos avôs passa por poderem acompanhar o futuro dos filhos e netos. A saúde é apontada como essencial para se adquirir qualidade de vida, também o suporte social e familiar, a capacidade económica e o emprego, foram considerados como fatores fundamentais para uma boa velhice (Fernandes & Duque, 2017). Num estudo de Sheppard e Monden (2018) os homens que estão a fazer transição para a grã-parentalidade projetam viver mais 10 a 15 anos, valor ligeiramente superior aos homens não avôs.

Os avós da investigação projetam igualmente a vida da sua família (**projetando a vida da sua família**). Homens entrevistados por Santos e Dias (2008), demonstram que continuam preocupados com os filhos, netos e a família, mesmo após a saída destes de casa para constituírem família, sonhavam em conseguir emprego para todos, em uni-los, e em resolver algum problema existente. Os homens mudam o foco de si mesmos e falam na família. Ficou demonstrado no estudo de Kemp (2007) a importância dos avós como suporte social, económico e emocional às gerações mais novas, direcionando-os num projeto familiar comum.

O nascimento do neto coloca os avós em contacto com a velhice, emergindo o pensar no seu próprio processo de envelhecimento (Monteiro, 2015). Embora, ser avô primogénito não seja característico da velhice, e haja em muitos países o adiar da fertilidade, o tornar-se avô ocorre na meia-idade (Sheppard & Monden, 2018). Pensar em avó ou avô, nos dias de hoje, geralmente, é pensar em uma pessoa que, apesar da idade, mantém uma vida ativa e independente, muito diferente da imagem que tínhamos dos avós velhinhos e dependentes (Bakman, 2018). Esta dupla visão dos avós perante o tornar-se avô foi encontrada na investigação – **sentindo-se envelhecer versus rejuvenescer** – e é entendível na literatura. Esta dualidade de envelhecimento versus rejuvenescimento marcado pelos avós é defendida por Ferland (2006, 2017) como uma consequência desta relação de avós e netos. Por um lado, tomam consciência com o nascimento dos netos da aproximação da velhice, por outro, este contacto fá-los rejuvenescer. Ao tornarem-se avós, os homens sentem-se mais jovens e com maior vitalidade (Taubman - Ben-Ari & Shlomo, 2016). Esta visão do envelhecimento parecer modificar-se ao longo do ciclo da vida do indivíduo. Quando se é jovem, envelhecer é uma perspetiva distante e bastante assustadora, ao tornar-se avô é uma recompensa extraordinária (Isaacs, 2015).

A maioria das sociedades parece assentar em três objetivos principais as funções da família relativamente às crianças: prestar cuidados, alimentação e educação; estas

funções vão mais além, passando pela socialização, funções reprodutivas, económicas e cuidados de saúde (Lowdermilk & Perry, 2008). Nesta última função da família, o avô mostrou como consequência do salto geracional a preocupação com a sua saúde e da sua família (**VALORIZANDO A SITUAÇÃO DA SUA PRÓPRIA SAÚDE E DA FAMÍLIA**).

A grã-parentalidade, em especial o papel ativo dos avós e avôs na relação com os netos, tem sido demonstrado benéfico para os mais velhos, nomeadamente na melhoria dos resultados de saúde (Glaser & Hank, 2018). Os avôs entrevistados manifestaram claramente a preocupação com a saúde, com a sua, da sua família e, especialmente, com a dos netos (***assumindo a preocupação com a sua saúde, assumindo a preocupação com a saúde dos seus netos e assumindo a preocupação com a saúde da sua família***). Apesar do tornar-se avô na Europa e Estados Unidos estar a ocorrer cada vez mais tarde, o aumento da longevidade permite o convívio intergeracional entre avós e netos, no entanto, numa altura da vida dos avós em que as preocupações com a sua saúde são maiores (Margolis, 2016; Margolis & Wright, 2017), no entanto, Araújo e Dias (2010) consideram que os avós tenderam a esquecer a sua própria condição de saúde para atender às necessidades dos netos

Cuidar da criança é uma responsabilidade, e coloca os avós numa posição de confiança. Eles precisam de ter saúde para prestar cuidados adequados aos netos, parece assim fazer sentido que os avós se preocupem e vão ***elaborando estratégias para melhorar a saúde***. Sheppard e Monden (2018), resumindo vários autores, consideram que a chegada de netos pode inspirar valores e dar aos avós razões para viverem, podendo isso ter um efeito direto sobre o bem-estar, além de promover uma atividade física mais ativa para envolver o novo membro da família. Outros comportamentos de saúde também podem ser ajustados quando os netos nascem, como reduzir o consumo de tabaco e álcool, e melhorar a dieta; positivamente influenciando a saúde física real e diminuindo o risco de mortalidade.

Os avós entrevistados associaram à grã-parentalidade uma componente curativa (***assumindo a grã-parentalidade com componente curativa***), traumas ou ansiedades que foram atenuados pelo nascimento dos netos, ou simplesmente associam aos netos ganhos em saúde. Ferland (2006, 2017) define os netos como treinadores dos avós dando-lhe estímulo físico e intelectual. Por um lado, fisicamente os netos obrigam os avós a mais atividade física, bem patente nos dados da investigação, por outro, intelectualmente obriga-os a um maior esforço para os acompanhar, nomeadamente conhecimento acerca das tecnologias, de desenhos animados ou mesmo de linguagem (relembro a expressão de um avô “digievolução”). Os avós apresentaram-se como um apoio importante no cuidado aos netos. O estudo de Di Gessa, Glaser e Tinker (2016) mostrou uma associação positiva entre a prestação de cuidados netos e melhor saúde física apenas para as avós, o que parece contrariar o encontrado no nosso estudo. Para Danielsbacka, Tanskanen, Coall e Jokela (2019) aos avós que prestam cuidados aos netos foi associado um maior bem-estar e melhor saúde no geral, melhoria nos sintomas depressivos e menores limitações na realização das atividades de vidas diárias, isto nos avós cujas limitações não sejam impeditivas de prestar cuidados aos netos. Hughes, Waite, LaPierre e Luo (2007) não encontraram evidências que o cuidar dos netos possa ter efeitos negativos sobre a saúde dos avós, mesmo em avós com patologias prévias o cuidar dos netos não parece agravá-las. Holmes e Joseph (2011) consideram que o contacto intergeracional é um fator protetor para um envelhecimento saudável, com resultados positivos a nível da qualidade de vida e bem-estar dos mais idosos. De acordo com Dunifon e Bajracharya (2012), os netos podem ter influência nos avós, oferecendo assistência emocional; a proximidade relatada pelos netos com os avós está associada a níveis mais baixos de depressão.

Os avós que convivem com os netos encontram-se mais distraídos, afastando a depressão, apresentam autoestima mais elevada e sentem-se úteis para os seus filhos; a partilha de carinho e atenção com os netos aumenta a sensação de bem-estar (Prado

e Souza, 2015). Um estudo de Christiansen (2014) pretendeu associar a grã-parentalidade à mortalidade, e concluiu que para os homens, a mortalidade é mais elevada se se tornam avôs; no entanto, a associação é mais pronunciada em idades jovens.

O avô perante o fenómeno da transição da grã-parentalidade e num sentido de valorização da sua própria saúde, compreende a importância dos profissionais de saúde (***percebendo a importância de profissionais qualificados***), neste sentido o enfermeiro deve preparar e contribuir para atender as diferentes necessidades de saúde dos avós, principalmente daqueles que se tornam cuidadores dos seus netos voluntariamente ou por compromisso, devido a mudanças na estrutura familiar, identificando como o cuidado de seu neto afeta a sua saúde, a fim de evitar ou prevenir as complicações causadas por esta tarefa (Quevedo-León & Alvarado, 2017).

Existem aspetos que estão a condicionar o fenómeno da transição para a grã-parentalidade, o primeiro prende-se com o adiamento da fertilidade, as mulheres tornam-se mães cada vez mais tarde, optam por ter menos filhos ou, simplesmente, não têm, o que aumenta a prevalência de adultos em idade de se tornarem avós sem a possibilidade de o serem. Segundo dados do PORDATA (2019), a idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho ultrapassa os 30 anos, ainda que se venha a assistir a uma ligeira tendência para o aumento do número de filhos por mulher, estamos longe do necessário para a renovação das gerações. Mesmo com estas tendências, os netos são vistos pelos avós como a continuidade geracional, a preservação dos valores, tradições e história familiar.

As relações entre avós e netos ligam de certa maneira o passado, com o presente e o futuro. Quando os dados nos dizem que os avós vão **MANIFESTANDO SENTIMENTOS DE CONTINUIDADE GERACIONAL**, referem-se não só às histórias, tradições familiares e valores mas a um sentimento manifestado pela generalidade dos avós que vêm nos netos a continuidade das gerações, como se a memória deles e da

família ficasse perpetuada nos netos. A chegada de uma nova geração desencadeia nos homens o desejo de transcender a mortalidade através do investimento nas gerações futuras, a presença dos netos dão aos avós, o desejo de sobreviverem e trazem-lhe esse sentimento de continuidade geracional (Ferland, 2006; Ferland, 2017; Kipper & Lopes, 2009; Gomes-Pedro, 2006). Os netos aparecem como fonte de renovação de si mesmo e da família, a confirmação da sua perpetuidade, isto acontece, especialmente, se os avós estão em idade avançada e percebem a proximidade da morte (Lopes, Neri & Park, 2005).

Os avós vão **sentindo a continuidade geracional e projetando-a na figura dos netos**. Os avós sentem-se continuados nos seus netos (Buchanan & Rotkirch, 2016; Dias, 2000). Muitos dos avós da amostra consideram que embora este sentir da continuidade geracional não fosse fundamental, era importante. Ao tornarem-se avós, de acordo com Taubman - Ben-Ari e Shlomo (2016) ocorre uma mudança nas prioridades sobre o que é realmente importante, criando-se novos interesses, manifestando satisfação pelo facto da sua família continuar. Os avós têm consciência da sua finitude, o fim da vida está mais próximo. Por isso, projetam nos netos a continuidade das gerações, pronunciam-se sobre a preservação da própria genética familiar, como mesmo após a sua morte alguma parte de si permaneça viva nos próprios netos. Os netos muitas vezes podem ser objeto de investimento por parte dos avós, reparando perdas e assegurando o sentimento de continuidade familiar, sendo sinal de que se avança no tempo da própria existência (Monteiro, 2015).

A grã-parentalidade consegue juntar, pelo menos três gerações com múltiplos papéis em domínios diferentes da vida, mas também manter viva a memória de tempos e locais (Zhang, Emery & Dykstra, 2018), os avós desta investigação foram **sentindo-se veículo de transmissão de valores**, descobrindo que uma das suas funções é a função de socialização das crianças, transmitindo-lhes o *background* cultural (Lowdermilk & Perry, 2008). Os avós assumem-se como os mediadores entre as

crianças e o mundo, são peças fundamentais na sua socialização, livres de responsabilidades maiores, não sendo no entanto sujeitos passivos na sua criação (Diniz, 2018).

Os avós encontram satisfação ao oferecer benefícios aos netos como trocas de experiências e carinho, realçando a importância de transmitir valores morais, a importância da família. (Oliveira, 2011), esforçando-se para nutrir e moldar a personalidade dos netos, tornando-os em pessoas pró-ativas, éticos e socialmente responsáveis (Bates & Goodsell, 2013).

Os homens entrevistados valorizam as tradições familiares transmitidas pelos seus familiares e vêm-se numa posição privilegiada, sentem-se capazes e responsáveis por irem ***mantendo as tradições familiares***. Ao serem transmissores de valores e tradições os avós fomentam o senso de pertença dos netos à própria família. Ferland (2006;2017) considera os avós como testemunhas vivas da história familiar, por conseguinte os elementos chave para transmitirem aos netos as suas origens familiares, a genealogia de cada um e reconstruir a história e percurso da família. Os avós ajudam os netos a compreender que os seus pais também foram crianças, e que foram reprimidos. Os avós são também encarados como os responsáveis pela transmissão das tradições familiares e de valores. Cada família tem a sua cultura e tradições familiares próprias, os avós assumem a tarefa de as manterem e de integrarem os netos nessas atividades, sendo o elo de ligação entre as gerações (Ferland 2006; Ferland, 2017; Lasota, 2015; Paula, Silva, Bessa, Morais, & Marques, 2011).

Os avós do estudo consideram-se como ***sendo responsável pela preservação da memória da história familiar***, esta subcategoria é muito referida na literatura como função dos avós, o que reforça a nossa perspetiva de investigação. No sentido de manterem a identidade familiar, os avós mantêm esforços para apoiarem os seus filhos na sua parentalidade, para que estes façam compreender aos netos a noção de família (Bates & Goodsell, 2013). Os avós têm consigo a noção de memória familiar,

concentrando em si a história da família (Buchanan & Rotkirch, 2016; Triadó Tur & Villar Posada, 2000). Este sentimento que os avós manifestam projetando-o nos netos é patente nos estudos de Triadó Tur e Villar Posada (2000). Para estes autores os avós são memória da família e representam a conjugação do passado (as suas histórias de juventude, as tradições e raízes da família) com o vínculo do futuro representado nos netos.

No estudo de Azambuja e Rabinovich (2017) encontraram-se dados que demonstram a preocupação dos avós em passar para os seus descendentes, em especial nos netos, as lições extraídas dos acontecimentos da própria vida. Os avós assumem-se como provedores do roteiro e da história familiar, ajudando os netos a compreender a trajetória da história da família (Bates & Goodsell, 2013).

No exercício do papel grã-parental emergem essencialmente oito funções desempenhadas pelos avós que vão no sentido da saúde familiar: função de mediador familiar, apoio instrumental, função relacional, apoio financeiro, função de educador, função lúdica, função de cuidador da saúde e de transmissor de tradições, histórias e valores.

Os metaparadigmas da disciplina de enfermagem são conceptualizados de formas diversas, de acordo com o teórico que os define. Callista Roy entende a enfermagem como uma profissão dos cuidados de saúde que se centra nos processos de vida humanos enfatizando a promoção da saúde aos indivíduos, grupos e sociedade como um todo, sendo a ciência e a prática que expande a capacidade de adaptação e melhora a transformação ambiental da pessoa. O objetivo geral da enfermagem é o objetivo dos cuidados de saúde: a promoção da saúde. A pessoa, enquanto metaparadigma do modelo referenciado, é entendida como um sistema de adaptação, isto é, o ser humano é descrito como um todo com partes que funcionam de acordo com algum objetivo. O sistema humano pode ser indivíduos ou grupos incluindo famílias, organizações ou comunidades, ou mesmo a sociedade como um todo. Representa o objeto do cuidado

de enfermagem. A saúde é um reflexo da adaptação, isto é, da interação entre pessoa e ambiente. A saúde pode não estar livre de situações inevitáveis como a morte, doença, infelicidade ou stress, mas a capacidade de lidar com elas deve ser a mais competente possível. Por último, o metaparadigma do ambiente, que é descrito por Roy como todas as circunstâncias, condições ou influências que rodeiam e afetam o desenvolvimento de pessoas ou grupos, sendo o ambiente em mudança que estimula as pessoas a dar respostas de adaptação (Phillips, 2002; Phillips & Harris, 2018; Rodrigues, Pagliuca & Silva, 2004, Roy & Andrews, 2001). Assim, o ambiente no qual se desenvolve o desempenho do papel parental enquadra-se no contexto comunitário e familiar do estudo, sendo que os avôs enquanto pessoas em adaptação procuram a saúde que, de acordo com Roy, é reflexo da adaptação ao seu papel de avô.

O desafio para os profissionais de enfermagem deve passar pela melhoria da qualidade dos cuidados de enfermagem prestados a indivíduos e grupos inseridos numa comunidade, assim como promover o seu reconhecimento enquanto disciplina profissional autónoma (Coelho & Mendes, 2011). Neste sentido, considera-se pertinente enquadrar o desempenho do papel grã-parental à luz do Modelo de Adaptação de Roy, sendo que existem quatro modos de adaptação: modo adaptativo: físico-fisiológico, identidade de autoconceito de grupo, interdependência e desempenho de papel que contribuem para a saúde, a qualidade de vida e morte com dignidade.

O modo fisiológico, que é associado à forma como a pessoa responde como ser físico aos estímulos do ambiente, sendo o comportamento a manifestação das atividades fisiológicas do organismo. No modo psicossocial do autoconceito envolve especificamente os aspetos psicológicos e espirituais do sistema humano, é composto pelo ser físico, que envolve a imagem corporal, pelo ser pessoal que engloba a autoconsciência, o auto ideal ou expectativa e o ser ético, moral e espiritual. O desempenho de papel centra-se nos papéis que cada pessoa desempenha na sociedade no sentido da preservação da integridade social, isto é saber quem se é em relação aos outros. As

peessoas desempenham papéis primários (determina a maioria dos comportamentos tidos pela pessoa numa fase da vida e são determinados pela idade, sexo ou estágio de desenvolvimento), secundários (assumidos pela pessoa para cumprir a tarefa associada a um estágio de desenvolvimento ou a um papel primário) ou terciários (são de natureza temporária e livremente escolhidos pelo indivíduo). Estes podem ser levados a cabo por comportamentos instrumentais, que são aqueles em que há um desempenho real e físico do comportamento, ou comportamentos expressivos que envolvem as emoções, sentimentos, atitudes de uma pessoa perante um papel ou desempenho. A interdependência centra-se nas relações próximas entre as pessoas (Phillips, 2002; Phillips & Harris, 2018; Rodrigues, Pagliuca & Silva, 2004; Roy & Andrews, 2001).

Centrando-se no desempenho do papel grã-parental, o avô desempenha o seu papel primário enquanto homem. No desempenho de papéis secundários encontram-se o ser companheiro, ser pai e ser avô. Sendo que os homens do estudo desenvolvem determinados comportamentos instrumentais e expressivos que caracterizam o seu desempenho de papel grã-parental, tal como: a função de mediador familiar, a função de apoio instrumental, a função relacional, a função de apoio financeiro, a função de educador, a função lúdica, a função de cuidador da saúde e a função transmissor de tradições, histórias e valores. O modo psicossocial interdependência no desempenho do papel grã-parental enquadra-se no relacionamento que os avôs têm os outros, mas principalmente com os netos.

Sapena, Desfilis e Seguí (2001) enumeram as funções dos avós: função de cuidador, função de companheiro de jogos, função de historiador da família, função de transmissor de conhecimentos e valores morais, função como modelo de envelhecimento e ocupações, função como mediador na relação pais e filhos, função de ajuda em momentos de crise, função de amor incondicional, função de permissividade, função de companheiros e confidentes e avós indiferentes ou sem função.

Encontrando um paralelismo entre as funções anteriormente descritas e as funções encontradas no desempenho do papel grã-parental podemos verificar que a função de mediador familiar encontrada é denominada por função como mediador na relação pais e filhos pelos autores anteriormente mencionados e tem como objetivo manter ou ajudar na agregação familiar. Embora Sapena, Desfilis e Seguí (2001) consideram esta função de ajuda em momentos de crise, consideramos que o papel de mediador engloba também, de certa forma, esta ajuda noutros momentos específicos e não só nos de crise.

A função de cuidador de Sapena, Desfilis e Seguí (2001) na qual os avós são responsáveis pelos cuidados aos netos na ausência ocasional ou frequente dos pais, foi denominada por nós como função de apoio instrumental e de apoio financeiro, pois nem sempre o cuidado se centra na prestação de cuidados diretos, podendo também ser a ajuda de cariz económica. Também a função de cuidador da saúde pode ser englobada nesta categoria da função de cuidador, pois os cuidados de saúde são também uma das dimensões dos cuidar.

A função lúdica encontrada no desempenho do papel grã-parental desta investigação é sobreponível à função de companheiro de jogos. Os avós encontram neste papel uma maior disponibilidade para partilhar momentos de diversão com os netos, muito diferentes dos que partilharam com os próprios filhos.

A função transmissor de tradições, histórias e valores e a função de educador integradas no desempenho do papel grã-parental desta investigação são funções descritas por Sapena, Desfilis e Seguí (2001) como a função de historiador da família e função de transmissor de conhecimentos e valores morais. Educar também é orientar, aconselhar e transmitir valores, histórias e tradições familiares. Também se entende que a função de educar se estende à função como modelo de envelhecimento e ocupações descrita pelos autores anteriormente citados.

Sapena, Desfilis e Seguí (2001) consideram que os avós detêm a função de amor incondicional, a função de permissividade e a função de companheiros e confidentes, que englobamos na função relacional. O amor diferente descrito pelos avós do estudo, o mimo e a partilha dos gostos e atividades comuns faz com que os avós consigam ter com os netos uma relação diferente da que tiveram com os seus filhos.

Avós indiferentes ou sem função, uma das categorias encontradas por Sapena, Desfilis e Seguí (2001), não foram encontrados na nossa investigação, de alguma forma todos os avós manifestaram algum tipo de função relativamente aos netos, mesmo em situação de distanciamento mantêm disponibilidade para os cuidados ou para ajuda económica.

Relativamente ao desempenho do papel de avós Azambuja e Rabinovich (2017) consideram que a experiência que os avós detêm no que concerne à criação de outros, é facilitador na prestação de apoio instrumental e emocional, nomeadamente aos netos.

O fenómeno da grã-parentalidade no masculino transcende a própria transição, pois o avô no desempenho do seu papel encontra-se numa posição de relevo dentro da família para ser fomentador da saúde familiar.

4. TEORIA DE MÉDIO ALCANCE EXPLICATIVA DO FENÓMENO TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO

No ponto quatro expõe-se a teoria de médio alcance explicativa do fenómeno – **TORNA-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO**. Estando as teorias de médio alcance alicerçadas entre as grandes teorias de enfermagem e a prática, assumindo um menor nível de abstração promovem o conhecimento dos fenómenos de enfermagem. Encontrar uma teoria explicativa da transição para a grã-parentalidade torna-se pertinente para a enfermagem, no sentido em que a compreensão do fenómeno de tornar-se avô pode ser importante para ajudar homens que estejam a passar por esta transição auxiliando-os nesta etapa do ciclo vital. A teoria de médio alcance emergente foi construída tendo por base as teoria das transições e assenta na metodologia da *Grounded Theory*, de acordo com a abordagem de Strauss e Corbin (2008).

Mesmo sabendo que as teorias de médio alcance apresentam limites na sua área de aplicação, têm sido consideradas de alta aplicabilidade na pesquisa e prática clínica. Os procedimentos de criação de teorias tendem a considerar resultados de pesquisa, aplica-se a indução para criar teorias usando basicamente os dados para teorizar, como é o caso da construção de uma teoria com a abordagem da *Grounded Theory* (Brandão, Martins, Peixoto, Lopes & Primo, 2017).

Aquando da recolha e análise dos dados, na codificação, as categorias foram-se ligando à categoria central e as suas relações foram explanado o que se pode traduzir na figura 11 como a teoria explicativa do fenómeno **TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO**.

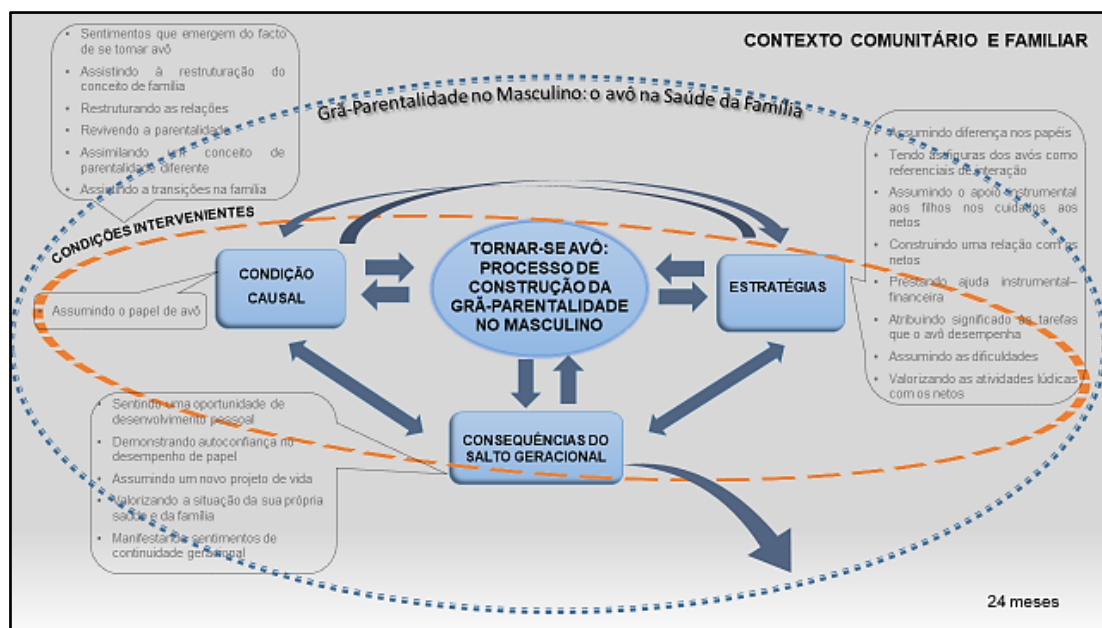


Figura 12 - Teoria de médio alcance explicativa do fenómeno Tornar-se Avô: Processo de Construção da Grã-parentalidade no Masculino

Este processo dinâmico e interativo de tornar-se avô ocorre no contexto familiar e comunitário. O indivíduo que passa por esta transição de tornar-se avô encontra-se inserido numa comunidade e família, na qual desempenha determinados papéis. Assim, o tornar-se avô não vem anular nenhum desses papéis desempenhados na comunidade ou na família, mas acrescentar mais um importante papel desenvolvimental e acabar por redefinir os já existentes. É no contexto comunitário e familiar que o homem encontra a condição causal do fenómeno, as condições intervenientes, desenvolvem-se as estratégias e obtém-se as consequências como resultado para ultrapassar com sucesso a transição para a grã-parentalidade. Este processo insere-se no âmbito da saúde familiar, a qual não se restringe só a ausência de doença, mas é alargada ao bem-estar físico mental, espiritual e social.

A família como sistema social inserida numa comunidade tem a função de apoiar emocionalmente os seus membros para a resolução de problemas e conflitos, sendo

um recurso para os homens lidarem com as situações que podem gerar desequilíbrios e transições, designadamente o tornar-se avô. Este microssistema familiar, na qual se encontra a saúde familiar onde se desenrola a transição para a grã-parentalidade (Grã-parentalidade no masculino: o avô na saúde da família) encontra-se inserido num sistema mais amplo, a comunidade que liga as pessoas quer por partilha da localização geográfica, quer por interesses ou situações específicas como trabalho.

As condições intervenientes transversais a todo este processo afetam todo o desenvolvimento do fenómeno. Estas agrupam-se em quatro aspetos essenciais que se centram na própria experiência emocional, na família, nas relações interpessoais, e na vivência retrospectiva da experiência da parentalidade. Este acontecimento normativo do nascimento de um neto, ainda que não dependa da decisão do próprio avô, afeta todo o microssistema familiar afetando as relações dentro da própria família, e a um nível mais alargado no macrossistema social e comunitário onde o avô se insere afetando também as relações entre pares. Certo que, quando um homem se torna avô, também os filhos se tornam pais, e o reviver da própria experiência enquanto pai condiciona o fenómeno do tornar-se avô.

Sabendo que temporalmente o processo de construção para a grã-parentalidade no masculino, tem que ser limitado, este processo sequencial inicia-se com um momento inicial, uma condição desencadeadora do fenómeno (condição causal) e um término. Encontrou-se os 24 meses da criança como o momento de em que o homem se encontra ajustado a sua nova situação. Esta marca temporal é meramente referência, pois sabe-se que cada indivíduo tem o seu tempo de desenvolvimento da transição.

A construção da grã-parentalidade no masculino, implica que os homens se consciencializem do tornarem-se avôs, isto ocorre quando conscientemente assumem o papel de avô, sendo o início deste processo marcado pelo nascimento, gravidez ou mesmo anteriormente determinado pelo desejo efetivo de ter netos. Esta situação nova e de vivência da grã-parentalidade é condicionada pelo conceito de avô que os homens

possuem. Podendo ser o momento efetivo divergente e situacionalmente ser diferente para cada individuo, é o assumir o papel de avô o marco que inicia todo o processo. Nesse momento, os homens assumem que o processo é irreversível e que se torna iminente uma nova situação, a experiência da grã-parentalidade, que necessita de ser resolvida e assumida no seu contexto, no âmbito da saúde familiar.

Ao tornarem-se avôs, os homens desenvolvem estratégias capazes de lidar com a experiência da grã-parentalidade, estas são intimamente ligadas com o fenómeno experienciado, a condição causal e as consequências. As estratégias são responsáveis pela transição saudável do homem avô. Ao nível das estratégias utilizadas para resolver eficazmente o fenómeno de tornar-se avô o homem assume os diferentes papéis, separando-os do novo papel de avô; recorre a referenciais para a construção da identidade grã-parental. Ao assumir as dificuldades, prestando ajuda instrumental, lúdica e financeira o avô vai-se tornando avô. Operacionalizando, o avô na transição para a grã-parentalidade utiliza estratégias que vão de encontro com a conjugação de papéis e funções dentro de cada papel desempenhado.

Com as estratégias aplicadas no sentido de se tornar avô, neste processo de construção, advêm determinadas consequências que são incorporadas pelo homem. A oportunidade de se tornarem avôs produz uma mudança na própria vida destes, como se esta transição trouxesse uma reestruturação da sua vida e na vida familiar.

Na teoria apresentada verifica-se que todos os elementos do paradigma se influenciam, as relações bidirecionais que se estabelecem entre estes dão um sentido dinâmico ao processo de construção da grã-parentalidade. As consequências do salto geracional expõe, tal como os outros elementos paradigmáticos, as suas relações bidirecionais com estes e apresenta também uma seta direcionada para o contexto familiar e comunitário, uma vez que os efeitos dessas consequências serão extrapolados para fora deste processo. O homem que se torna avô assume um novo projeto de vida, este facto é assumido e irreversível, independentemente da proximidade

existente com os netos. A mudança que ocorre em consequência do salto geracional torna possível o seu desenvolvimento enquanto pessoa, surge um novo papel a desempenhar na família e comunidade - o papel de avô -, e o sentimento de continuidade geracional é uma realidade que fará perpetuar a sua família.

Como em qualquer teoria de enfermagem, esta teoria de médio alcance explicativa do fenómeno **TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO** é composta por elementos, componentes básicos que passamos a sistematizar. Quatro conceitos básicos emergem desta teoria: tornar-se avô, processo, construção e grã-parentalidade.

O “tornar-se avô” é um conceito central desta teoria, o homem ao assumir o papel de avô, inicia um processo dinâmico de tornar-se avô, a sua condição familiar e social é alterada, incorporando um novo papel. O “tornar-se” envolve muito mais do que “ser”. O “ser” implica apenas possuir uma identidade ou capacidade, enquanto o “tornar-se” avô acarreta, mais do que ter somente essa identidade nova do papel de avô, a modificação e transformação inerente esse papel de avô, que podendo já existir a cada nascimento de um neto implica um novo processo de transformação.

Este processo de tornar-se avô é um processo dinâmico e interativo que conjuga um conjunto de ações que envolvem aprendizagem e adaptação. É a sequência de acontecimentos e condições interligadas, que relacionando-se entre si, no final leva à construção de uma transição bem sucedida para a grã-parentalidade.

A grã-parentalidade é uma das principais transições fase adulta de um homem, embora seja um processo individual de aprendizagem e adaptação envolve a interação com a família e pares. Implica mais do que o reconhecimento social do homem após o nascimento de um neto, compreende a aceitação do homem que deixou de ser apenas pai e deu um salto na escalada geracional.

Como na construção de qualquer teoria, além dos conceitos básicos existem os postulados que demonstram as relações entre conceitos, e nesta teoria que pretende

demonstram o processo de construção da grã-parentalidade no masculino são os seguintes:

I. Ao longo do ciclo vital é passível que o homem passe pela experiência da grã-parentalidade, assumindo o papel de avô.

II. O processo de construção da grã-parentalidade no masculino acontece num contexto comunitário e familiar, no âmbito da saúde familiar. A comunidade surge como uma macrossistema, no qual a família alargada se insere e, conseqüentemente, a família nuclear (microssistema).

III. O sistema familiar e comunitário são importantes fontes de influência interpessoal que podem ser fatores facilitadores ou dificultadores do processo de transição.

IV. Cada nova experiência de grã-parentalidade desencadeia o assumir do tornar-se avô e faz iniciar um novo processo de construção da grã-parentalidade no masculino.

V. A presença de referenciais grã-parentais pelos homens é considerado facilitador no processo de transição.

VI. A consciencialização dos avôs das diferenças intergeracionais entre filhos e netos potencia a transição.

VII. A intervenção de enfermagem deve basear-se na compreensão do fenómeno de tornar-se avô, delineando intervenções capazes de auxiliar os homens a desenvolver transições saudáveis evitando as situações de transições insalubres que possam interferir negativamente na saúde familiar.

Ser avô pode ser um predicativo de um homem, consequência do nascimento de um filho dos filhos. No entanto, o tornar-se avô envolve um processo de construção dinâmico e interativo, muitas vezes descrito como uma experiência singular, podendo ter uma vertente árdua, mas proveitosa.

CONCLUSÃO

Na atualidade com o aumento da esperança média de vida surge destacado o conceito de famílias longevas, de onde a solidariedade e o convívio intergeracional é uma realidade com ganhos para todas as gerações envolvidas, não esquecendo que se assiste a um número menor de netos potenciais em relação com número crescente de avôs.

Meleis (2012) considera necessário teorias que sejam capazes de: descrever a natureza das transições e os padrões de resposta às transições; explicar as relações existentes entre as transições e saúde; assim como, providenciar linhas orientadoras para melhorar a perceção do bem-estar do sujeito que passa pela transição. Assim, estabelecendo um paralelismo entre a teoria das transições e a teoria de médio alcance explicativa do fenómeno **TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO** podemos afirmar que relativamente à natureza das transições, esta é do tipo desenvolvimental pois está associada a uma mudança no ciclo vital. Relativamente às propriedades, o tornar-se avô envolve consciencialização do próprio processo, desconexão com a situação anterior, para integrar a mudança. Os pontos críticos são a condição causal: **ASSUMINDO O PAPEL DE AVÔ** e as suas subcategorias. No que concerne ao intervalo de tempo de transição, os avôs do estudo referenciam os dois anos. O tornar-se avô é um processo de transição singular, diverso e complexo, determinado pela perceção de cada indivíduo que decorre dentro da família e comunidade em que o homem está inserido e com vista à saúde familiar.

O processo de transição indica a existência de condições que podem influenciar a experiência das transições, ajudando ou limitando os padrões de resposta, quer o processo quer o resultado. As condições comunitárias, sociais e globais da teoria das transições podem ser equiparadas ao contexto do estudo: familiar e comunitário. Já as

condições pessoais da teoria das transições podem ser revistas na teoria desenvolvida nas condições intervenientes, pois estas podem facilitar ou dificultar o impacto que a condição causal pode ter no fenómeno em estudo - **TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO.**

Os padrões de resposta na teoria das transições podem ser indicadores de processo (envolver-se, localizar-se e estar situado, procurar e receber suporte e adquirir confiança) que podem ser encarados como as estratégias que os avôs utilizam para lidarem com o fenómeno em estudo. Ou podem ser indicadores de resultado (mestria, integração fluida da identidade, desenvoltura, interação saudável e percepção de bem-estar), isto é, o indivíduo é capaz de desenvolver o seu papel com mestria e desenvoltura, integra uma nova identidade, ter uma interação saudável com os netos, família e pares e ter um percepção de bem-estar. É nos padrões de resposta indicadores de resultados que se encontram as consequências do salto geracional, nas quais o avô sente que a transição para a grã-parentalidade lhe trás uma oportunidade de desenvolvimento pessoal, manifesta sentimentos de continuidade geracional, valoriza a saúde familiar e pessoal, assume um novo projeto de vida e demonstra autoconfiança no desempenho do papel de avô. Relativamente às terapêuticas de enfermagem que a teoria das transições considerada como as intervenções que o enfermeiro presta, neste caso ao homem avô, foram pouco exploradas. Este também não era um dos objetivos da investigação. No entanto, a compreensão do fenómeno do tornar-se avô e todo o processo de transição para a grã-parentalidade poderá ser fundamental aos profissionais de saúde, principalmente aos enfermeiros no sentido de desenvolver intervenções que promovam respostas saudáveis à transição dos avôs.

A experiência da grã-parentalidade talvez seja uma das maiores mudanças a nível familiar e individual, particularmente se for o primeiro neto, salienta-se a importância que os enfermeiros conheçam o processo de transição para a grã-parentalidade e que delineiem terapêuticas de enfermagem facilitadoras do processo.

No âmbito da prevenção é importante atuar ao nível do estilo de vida das pessoas, visando a reforço das estratégias de *coping* de cada indivíduo para que sejam reduzidas as fontes de stress, fomentando a criação de estratégias para lidar com os problemas nesta transição.

Relativamente ao papel do avô dentro da saúde familiar, este no seu desempenho do papel grã-parental desempenha uma série de funções com vista à manutenção da saúde familiar nos quais se inserem a função de mediador familiar, a função de apoio instrumental, a função relacional, a função de apoio financeiro, a função de educador, a função lúdica, a função de cuidador da saúde e a função transmissor de tradições, histórias e valores.

Interessantemente, os estudos refletem essencialmente os avôs como provedores de apoio aos pais e netos nos mais variados níveis, como uma experiência feliz e realizadora, mas pouco focam as necessidades dos avôs nesses momentos de vida. Existem inúmeros cursos e formações para pais expectantes, mas essa formação é praticamente inexistente para os avôs, apesar de experiências de transição para a parentalidade e para a grã-parentalidade serem ambas bastante complexas. Os profissionais de saúde, nomeadamente os enfermeiros poderiam criar intervenções destinadas a capacitar os avôs de forma mais eficaz para o seu novo papel.

O Regulamento das Competências Específicas do Enfermeiro Especialista em Enfermagem de Saúde Materna, Obstétrica e Ginecológica (Regulamento n.º 127/2011) assume que o grupo alvo da prestação de cuidados do enfermeiro especialista a mulher inserida na família e na comunidade durante o ciclo vital abrangendo o período pré-concepcional e planeamento familiar, a gravidez, parto, pós parto, climatério, mulher a vivenciar processos de saúde/ doença ginecológica e promovendo na comunidade a assistência a mulheres em idade fértil no sentido de promover a saúde sexual e reprodutiva. E, embora se considere que a transição para a parentalidade e grã-parentalidade seja transversal ao casal e família, nada no regulamento de competências

se relaciona com a prestação de cuidados ao homem a vivenciar estas transições, parecendo-nos omissos no que concerne à prestação de cuidados de enfermagem nesta fase fundamental do ciclo vital da família.

Ainda que não seja preocupação governamental a valorização do papel dos avós nos cuidados aos netos e apoio aos filhos, a enfermagem deve estudar a grã-parentalidade no sentido de os ajudar a ultrapassar com sucesso esta etapa do seu ciclo vital. O enfermeiro de família encontra-se, na prestação de cuidados ao indivíduo e à família durante todo o ciclo vital, como um elemento extremamente bem posicionado para desenvolver a sua sensibilidade ao fenómeno da grã-parentalidade de forma a prestar cuidados ao homem que se torna avô.

A construção da teoria de médio alcance: **TORNAR-SE AVÔ: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA GRÃ-PARENTALIDADE NO MASCULINO**, explica os fenómenos da transição para a grã-parentalidade no masculino, no âmbito da saúde familiar, tornando-se mais explícito o percurso que os homens passam nesta transição desenvolvimental, sendo assim possível aos profissionais delinear intervenções capazes de auxiliar os homens a desenvolver transições saudáveis evitando as situações de transições insalubres.

Embora estando cientes das limitações da investigação realizada, pretende-se enumerar algumas implicações que esta pode ter na prática de cuidados e na investigação.

Estudar a figura parental no masculino tem um enfoque relativamente ao papel grã-parental, dando visibilidade e sustentabilidade à figura do avô no acompanhamento e cuidados aos netos não só a nível familiar como para os profissionais de saúde.

A partilha de responsabilidade dos avós com os pais nos cuidados aos netos é uma realidade comum, numa sociedade em que, frequentemente, as duas gerações ainda trabalham, sendo que a legislação em Portugal pouco ajuda os avós que muitas vezes são o único suporte no auxílio aos pais na garantia do bem-estar das crianças. A

sociedade assume que os avós são possuidores de inúmeras responsabilidades relativamente aos netos, no entanto os governos dão aos avós pouco reconhecimento e ainda menos direitos (Glaser *et al.*,2013).

Percebendo-se que a transição para a grã-parentalidade ocorre quando toda a família se encontra num período de transição, parecemos pertinente que a equipa de saúde da família elabore um plano de cuidados que envolva toda a família facilitando as transições que se estão a desenvolver. O conhecimento acerca do papel grã-parental, na prática clínica, ajuda o enfermeiro a formular diagnósticos de enfermagem e, conseqüentemente, planear intervenções junto dos avós e famílias que estejam a atravessar uma transição para a grã-parentalidade insalubre com repercussões na sua saúde e da sua família, assim como potenciar a transição saudável dos homens.

Relativamente à investigação, este estudo poderá suportar outras pesquisas no âmbito da transição para grã-parentalidade no feminino, ou mesmo estabelecer um estudo comparativo transgeracional que envolva a transição para a parentalidade e para a grã-parentalidade, podendo envolver pais, avós e bisavós. De salientar que a investigação se centrou em transições sem que houvesse situações de risco social, psicológico ou patologias associadas, o que poderia ser uma abordagem futura no sentido de estabelecer conhecimentos passíveis de serem aplicados na prática de cuidados.

Embora a experiência da grã-parentalidade seja universal, culturalmente pode ocorrer algumas diferenças significativas. Estudar a transição para a grã-parentalidade em culturas diferentes poderá ser útil no sentido de prestar cuidados culturalmente sensíveis, pois não podemos esquecer que na mobilidade constante de pessoas sendo uma realidade para enfermeiros e avós.

Considera-se que os objetivos da investigação foram atingidos, uma vez que se encontrou uma teoria explicativa do processo de transição para a grã-parentalidade; ajudando a descrever o processo de transição e a natureza da transição, identificando

as condições facilitadoras e inibidoras da transição, os padrões de resposta da transição para a grã-parentalidade do homem enquanto avô e a caracterização do desempenho papel grã-parental. Relativamente à metodologia da *Grounded Theory* esta provou ser o método adequado para responder aos objetivos propostos, sendo que a entrevista como método de recolha de dados facilitou o processo de construção da teoria. No entanto, estamos cientes que esta investigação é o início, muitas outras questões na transição para a grã-parentalidade no masculino e feminino necessitam de ser respondidas para que os enfermeiros intervenham de forma segura e cientificamente elucidados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aassve, A., Arpino, B., & Goisis, A. (2012) Grandparenting and mothers' labour force participation: A comparative analysis using the generations and gender survey. *Demographic Research*, 27 (3), 53 – 84.
- Aboim, S., Vasconcelos, P., & Wall, K. (2013). Support, social networks and the family in Portugal: Two decades of research. *International Review of Sociology*, 23 (1), 47 – 67.
- Achenbaum, W. A. (2011). On Becoming a Grandfather. *Generations*, 35 (3), 11 – 15.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares* (3ª Ed.). Coimbra: Quarteto.
- Alves, A. G., Martins, C. A., Pinho, E. S., & Tobias, G. C. (2017). A Teoria Fundamentada em Dados como ferramenta de análise em pesquisa qualitativa. Atas do 6º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa (CIAIQ2017), 1, 499 – 507.
- Araújo, C. P., & Dias, C. M. S. B. (2010). Avós guardiões de baixa renda. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 4 (2), 229 – 237.
- Arpino, B., Gumà, J., & Julià, A. (2018). Family histories and the demography of grandparenthood. *Demographic Research*, 39 (42), 1105 – 1150.
- Artinian, B. M. (2009). An Overview of Glaserian Grounded Theory. In B. M. Artinian, Giske, T. & Cone, P. H. (Eds.), *Glaserian Grounded Theory in Nursing Research – Trusting Emergence* (Chap. 1, pp. 3 – 17). New York: Springer Publishing Company.
- Augusto, A. (2014). Metodologias quantitativas/metodologias qualitativas: Mais do que uma questão de preferência. *Forum Sociológico*, 24. Disponível em: <http://journals.openedition.org/sociologico/1073> .
- Azambuja, R. M. M., & Rabinovich, E. P. (2017). O avô e a avó na visão dos netos. *Revista Kairós Gerontologia*, 20 (2), 311 – 332.

- Bachman, H.J., & Chase-Lansdale P.L. (2005). Custodial Grandmothers' Physical, Mental, and Economic Well-Being: Comparisons of Primary Caregivers from Low-Income Neighbourhoods. *Family Relations*, 54 (4), 475 – 487.
- Baggio, M. A., & Erdmann, A. L. (2011). Teoria Fundamentada nos Dados ou Grounded Theory e o seu uso na Investigação em Enfermagem no Brasil. *Referência – Revista de Enfermagem*, 3, (3), 178 – 188.
- Bakman, G. (2018). Notas sobre ser um avô no século XXI. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70 (2), 96 – 110. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v70n2/08.pdf> .
- Barnett, M. A., Scaramella, L. V., Nepl, T. K., Ontai, L., & Conger, R. D. (2010). Intergenerational Relationship Quality, Gender, and Grandparent Involvement. *Family Relations*, 59, 28 – 44.
- Bates, J. S., & Goodsell, T. L. (2013). Male Kin Relationships: Grandfathers, Grandsons, and Generativity, *Marriage & Family Review*, 49 (1), 26 – 50.
- Bayle, F. (2005). A Parentalidade. In I. Leal (Coord.) *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade* (pp. 317 – 346). Lisboa: Fim de Século.
- Becker, A. C., & Falcão, D. V. S. (2016). O envelhecimento, a velhice e o significado de ser avô(ó) na perspectiva de atores profissionais idosos *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19 (2), 289 – 302.
- Biscaia, J. (2006). Os avós. *Povos e Culturas – Os Avós como Educadores*, (10), 81 – 86.
- Brandão, M. A. G., Martins, J. S. A., Peixoto, M. A. P., Lopes, R. O. P., & Primo, C. C. (2017). Reflexões teóricas e metodológicas para a construção de teorias de médio alcance de enfermagem. *Texto Contexto Enfermagem*, 26 (4), 1 – 8.
- Buchanan, A., & Rotkirch, A. (2016). Introduction. In A. Buchanan & A. Rotkirch (Eds.), *Grandfathers. Palgrave Macmillan Studies in Family and Intimate Life* (pp. 3 – 20). London: Palgrave Macmillan.

- Câmara Municipal de Anadia (2019). Disponível em <https://www.cm-anadia.pt>.
- Câmara Municipal de Aveiro (2019). Disponível em <http://www.cm-aveiro.pt>.
- Câmara Municipal de Cantanhede (2019). Disponível em <https://www.cm-cantanhede.pt>.
- Câmara Municipal de Coimbra (2019). Disponível em <https://www.cm-coimbra.pt>.
- Câmara Municipal de Mealhada (2019). Disponível em <http://www.cm-mealhada.pt>.
- Câmara Municipal de Mortágua (2019). Disponível em <http://www.cm-mortagua.pt>.
- Câmara Municipal de Penacova (2019). Disponível em <http://www.cm-penacova.pt>.
- Canavarro, M. C., & Pedrosa, A. A. (2005). Transição para a parentalidade: compreensão segundo diferentes perspectivas teóricas. In I. Leal (Coord.). *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp. 225-255). Lisboa: Fim de Século Edições.
- Cardoso, A. R., & Brito, L. M. T. (2014). Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? *Psico-USP, Bragança Paulista*, 19 (3), 433 – 441.
- Carpenter, D. R. (2013). Método de Grounded Theory. In: H. J. Streubert & D. R. Carpenter (Eds.). *Investigação Qualitativa em Enfermagem: Avançando o imperativo Humanista*. (5ª Ed.) (pp. 123 – 137). Loures: Lusociência – Edições técnicas e científicas.
- Chamaz, K. (2008). Constructionism and the Grounded Theory Method. In J. A. Holstein & J. F. Gubrium (Eds.). *Handbooks of Constructionist Research* (pp. 397 – 412). New York: The Guiliford Press.
- Chick, N., & Meleis, A. I. (1986). Transitions: A Nursing Concern. In: P.L. Chinn (Ed.). *Nursing Research Methodology*. (pp. 237 – 257). Rockeville: Aspen Publications.
- Christiansen, S. G. (2014). The Association Between Grandparenthood and Mortality. *Social Science & Medicine*, 118, 89 – 96.
- CIPE (2015). *Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem – versão 2015*. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros.

- Coall D. A., Hilbrand S., Sear R., & Hertwig R. (2016) A New Niche? The Theory of Grandfather Involvement. In A. Buchanan & A. Rotkirch (Eds.), *Grandfathers. Palgrave Macmillan Studies in Family and Intimate Life* (pp.24 – 52). London: Palgrave Macmillan.
- Código Civil Português. (1966). *Código Civil Português*. Disponível em http://www.stj.pt/ficheiros/fpstjptlp/portugal_codigocivil.pdf.
- Coelho, S. M. S., & Mendes, I. M. D. M. (2011). Da Pesquisa à Prática de Enfermagem Aplicando o Modelo de Adaptação de Roy. *Escola Anna Nery*, 15 (4), 845 – 850.
- Coelho, S. M. S., & Mendes, I. M. D. M. (2015). Que referenciais teóricos suportam as teses de doutoramento em enfermagem em Portugal? Uma análise de teses. *Revista de Investigação em enfermagem*, 10, série II, 38 – 45.
- Coelho, S. M. S., Mendes, I. M. D. M., & Rodrigues, R. C. (2017). Grã-parentalidade: revisão integrativa da literatura. *Revista Kairós Gerontologia*, 20 (1), 25 – 39.
- Coelho, S., Mendes, I., & Rodrigues, R (2019). Transição para a Grã- Parentalidade no Masculino utilizando a Grounded Theory. *Atas CIAIQ2019*, 2, 319 – 338.
- Coimbra de Matos, A. (2006). Prefácio. In F. Ferland (Ed.), *Os avós nos dias de hoje* (pp. 11 – 12). Lisboa: Climepsi Editores.
- Condon, J., Corkindale, C., Luszcz, M., & Gamble, E. (2012) The Australian First-time Grandparents Study: Time spend with the grandchild ans its predictors. *Australasian Journal on Ageing*, 32 (1), 21 – 27.
- Corbin, J. (2009). Toking an Analytic Journey. In J. M. Morse, P. N. Stern, J. Corbin, B. Bowers, K. Charmaz & A. A. Clarke, *Developing Grounded Theory – The Second Generation* (pp.35 – 54). Walnut Creek: LEFT Coast Press Inc.
- Costa, L. G. F. (2016). Visitando a teoria das transições de Afaf Meleis como suporte teórico para o cuidado de enfermagem. *Enfermagem Brasil*, 15 (3), 137-145.
- Creswell, J. W. (2007). *Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing among Five Traditions* (2ª Ed.) California: Sage Publications.

- Creswell, J. W. (2016). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (3ª Ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Crossetti, M. G. O., Goes, M. G. O., & Brum, C. N. (2015). Procedimentos para aplicação da teoria fundamentada em dados nas pesquisas em enfermagem. *Investigação Qualitativa em Saúde. Actas do 4º Congresso Ibero-Americano em Investigação qualitativa e 6º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação*, 171 – 174.
- Cunha B. & Matos, P. M. (2010). Relações Intergeracionais: Significados de Adolescentes sobre Avós e Idosos. Disponível em <http://docplayer.com.br/67241698-Relacoes-intergeracionais-significados-de-adolescentes-sobre-avos-e-idosos-1.html> .
- Dallas C. (2004). Family Matters: How Mothers of Adolescent Partents Experience Adolescent Pregnancy and Parenting. *Public Health Nurse*, 21 (4), 347 – 353.
- Danielsbacka, M., Tanskanen, A. O., Coall, D. A., & Jokela, M. (2019). Grandparental childcare, health and well-being in Europe: A within-individual investigation of longitudinal data. *Social Science & Medicine*. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/journal/social-science-and-medicine/articles-in-press> .
- Dantas, C. C, Leite, J. L., Lima, S. B. S., & Sipp, M. A. C. (2009). Teoria fundamentada nos dados – Aspetos conceituais e operacionais: metodologia possível de ser aplicada na pesquisa em enfermagem. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 7 (4). Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=281421910021>.
- Daró, B. R. (2018). *A influência da tecnologia da informação e da comunicação sobre o vínculo avós e netos, na contemporaneidade: uma contribuição da psicanálise vincular*. (Dissertação de Mestrado não editada). Universidade de São Paulo – Instituto de Psicologia, São Paulo.

- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000) Rede Social de Apoio Durante Transições Familiares Decorrentes do Nascimento de Filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 221 – 231.
- Di Gessa, G., Glaser, K., & Tinker, A. (2016). The impact of caring for grandchildren on the health of grandparents in Europe: A lifecourse approach. *Social Science & Medicine*, 152. 166 – 175.
- Dias, C. M. S. B. (2002). A influência dos avós nas dimensões familiar e social. *Revista Symposium*. (1 e 2), 34 – 38.
- Diniz, R. (2018). Escuta dos avós: A Avosidade, o Vínculo, e o Tempo. *Revista Portal de Divulgação*, 56, 54 – 59.
- Direção Geral da Saúde (2013). *Programa Nacional de Saúde Infantil e Juvenil*. Disponível em <https://www.dgs.pt/pns-e-programas/programas-de-saude/saude-infantil-e-juvenil.aspx>.
- Dominguez, T., Vitorino, A., & Morgado, S. (2011). Relações Intergeracionais: A Visão dos Avós. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 4, (1), 237 – 247.
- Doyle, M., O'Dwyer, C., & Timonen, V. (2010). “How Can You Just Cutt Off a Whole Side of a Family and Say Move On?” The Reshaping of Paternal Grandparent-Grandchild Relationships Following Divorce or Separation in the Middle Generation. *Family Relations*, 59, 587 – 598.
- Dunifon, R., & Bajracharya A. (2012). The Role of Grandparents in the Lives of Youth. *Journal Family Issues*, 33 (9), 1168 – 1194.
- Durão, M. C. M. (2012). *Significados e contribuições dos avós para o desenvolvimento psicossocial dos jovens - Estudo exploratório com alunos do 2º ciclo do ensino básico*. (Dissertação de Mestrado não editada). Universidade de Lisboa - Instituto de Educação, Lisboa.

- Ferland F. (2006). *Os avós nos dias de hoje – Prazeres e Armadilhas*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ferland F. (2017). *Os avós hoje- Prazeres e Armadilhas*. Lisboa: Multinova.
- Fernandes, E. M., & Maia, A. (2001). Grounded Theory. In E. M. Fernandes & A. Maia (Eds.), *Modelos e técnicas de avaliação: Contributos para a prática e investigação psicológicas* (pp. 49 – 76). Braga: Universidade do Minho. Centro de estudos em Educação e Psicologia. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4209/1/Grounded%2520Theory.pdf>.
- Fernandes, I., & Duque, E. (2017). Qualidade de vida do idoso e a existência de netos: Estudo comparativo no distrito de Lisboa. *Revista Kairós – Gerontologia*, 20 (1), 171 – 185.
- Ferreira, D. A. (2013). Discussões sobre a natureza paradigmática da Grounded Theory. Comunicação apresentada no XXXVII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. Disponível em http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_EPQ1513.pdf.
- Figueiredo, A., & Leal (2018). Crenças Parentais sobre a Relevância da Relação Avós-Netos. In I. Leal, S. Humboldt, C. Ramos, A. F. Valente, & J. L. P. Ribeiro (Orgs.). *Actas do 12º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde* (pp. 61 – 63). Lisboa: ISPA – Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Findler L., Taubman – Ben-Ari, O., Nuttman-Shwartz, O. & Lazar, R. (2013). Construction and Validation of the Multidimensional Experience of Grandparenthood Set of Inventories (MEG). *Social Work Research*, 37 (3), 237 – 253.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Flick, U. (2009). *An Introduction to Qualitative Research* (4ª Ed.). London: Sage Publications.

- Gerrish, K. (2016). Research and Development in Nursing. In K. Gerrish & J. Lathlean (Eds), *The Research Process in the Nursing* (7^a Ed.) (pp. 3 – 13). Chichester: Willey Backwell.
- Geurts, T., Poortman, A. R., Tilburg, T., & Dykstra, P. A. (2009). Contact between Grandchildren and Their Grandparents in Early Adulthood. *Journal of Family Issues*, 30 (12), 1698 – 1713.
- Geurts, T., van Tilburg, T., Poortman, A. R., & Dykstra, P. A. (2015). Child care by grandparents: changes between 1992 and 2006. *Ageing and Society*, 35 (6), 1318 – 1334.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6^a Ed.). São Paulo: Editora Atlas.
- Glaser, B. G. (2002). Conceptualization: On theory and theorizing using a grounded theory. *Journal of Qualitative Methods*, 1 (2). Disponível em <https://www.uaberta.ca/~ijqm/>.
- Glaser, K., & Hank, K. (2018). Grandparenthood in Europe. *European Journal of Ageing*. Disponível em <https://link.springer.com/article/10.1007/s10433-018-0476-1>.
- Glaser, K., Price, D., Montserrat, E. R., Di Gessa, G., & Tinker, A. (2013). *A prestação de cuidados pelos avós na Europa: As políticas familiares e o papel dos avós na prestação de cuidados infantis*. Londres: Grandparents Plus.
- Gomes – Pedro, J. (2006). O papel dos avós no século XXI. *Povos e Culturas – Os Avós como Educadores*, (10), 11 – 24.
- Green, J., & Thorogood, N. (2004). *Qualitative methods for health research*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Griggs, J., Tan, J. P., Buchanan, A., Attar-Schwartz, S., & Flouri, E. (2010). “They’ve Always Ben There for Me” Grandparental Involvement and Child Well- Being. *Children and Society*, 24, 200 – 214.

- Harper, S. (2006). Papés dos avós nas famílias multigeracionais dos nosso dias. *Povos e Culturas – Os Avós como Educadores*, (10), 25 – 38.
- Hattar-Pollara, M. (2010). Developmental Transitions. Experiencing Transitions: An Emerging Middle-Range Theory. In A. I. Meleis (Ed.), *Transitions Theory – Middle-Range and Situation-Specific Theories in Nursing Research and Practice* (pp. 87 – 94). New York: Springer Publishing Company.
- Haxton, C. L., & Harknett, K. (2009). Racial and Gender Differences in Kin Support A Mixed-Methods Study of African American and Hispanic Couples. *Journal of Family Issues*, 30 (8), 1019 – 1040.
- Henderson, C. E., Hayslip, B. Jr., Sanders, L. M., & Loudon, L. (2009). Grandmother – Grandchild Relationship Quality Predicts Psychological Adjustment among Youth from Divorced Families. *Journal of Family Issues*, 30 (9), 1245 – 1264.
- Holmes, W., & Joseph, J. (2011). Social participation and healthy ageing: A neglected, significant protective factor for chronic non communicable conditions *Globalization and Health*, 7 (1), 1 – 8.
- Hopfer, K. R., & Maciel-Lima, S. M. (2009). Grounded Theory: Avaliação crítica do método nos estudos organizacionais. *Revista FAE*, 11 (2), 15 – 24. Disponível em http://www.unifae.br/publicacoes/fae_v11_2/02_Katia%20e%20Sandra.pdf.
- Hughes, M. E., Waite, L. J., LaPierre, T. A., & Luo, Y. (2007). All in the Family: The Impact of Caring for Grandchildren on Grandparents' Health. *Journal of Gerontology: SOCIAL SCIENCES*, 62B (2), S108 – S119.
- Instituto Nacional de Estatística (2019). *Dados Estatísticos*. Disponível em <https://ine.pt/>.
- Isaacs, D. (2015). Paradigm lost: Reflections on grandparents. *Journal of Pediatrics and Child Health*, 51, 945 – 946.
- Jensen, B. K., Quaal, G., & Manoogian, M. M. (2018). Understanding the Grandfather Role in Families, *PURE Insights*, 7 (4). Disponível em <https://digitalcommons.wou.edu/pure/vol7/iss1/4> .

- Johnson, M., & Long, T. (2016). Research Ethics. In K. Gerrish & J. Lathlean (eds), *The Research Process in the Nursing* (7^a Ed.) (pp. 31 – 41). Chichester: Willey Backwell.
- Kaufman, G., & Elder, Jr. G. (2003). Grandparenting and age identity. *Journal of Aging Studies*, 17, 269 – 285.
- Kemp, C. L. (2007). Grandparent-Grandchild Ties Reflections on Continuity and Change Across Three Generations. *Journal of Family Issues*, 28 (7), 855 – 881.
- Kipper, C. D. R., & Lopes, R. S. (2006). O Tornar-se Avó no Processo de Individualização. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22 (1), 29 – 34.
- Knudsen, K. (2016). Good Grandfathers have a partner. In A. Buchanan & A. Rotkirch (Eds.), *Grandfathers. Palgrave Macmillan Studies in Family and Intimate Life* (pp. 165 – 181). London: Palgrave Macmillan.
- Kralik, D., Visentin, K., & Loon, A. (2010). Transitions: A Literature Review. In A. I. Meleis (Ed.), *Transitions Theory – Middle-Range and Situation-Specific Theories in Nursing Research and Practice* (pp. 72 – 83). New York: Springer Publishing Company.
- Landry-Meyer, L., & Newman, B. M. (2004). An Exploration of the Grandparent Caregiver Role. *Journal of Family Issues*, 25 (8), 1005 – 1025.
- Laperriéri, A. (2010). A teorização enraizada (Grounded Theory): Procedimento analítico e comparação com outras abordagens similares. In J. Poupart, J. P. Deslauriers, L. H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer & A. P. Pires, *A Pesquisa Qualitativa: Enfoques Epistemológicos e Metodológicos* (2^a Ed.) (pp.353 – 387). Petrópolis: Editora Vozes.
- Lasota, A. (2015). What do children learn from their parents and what from their grandparents? Changes in the perception of gender and family roles as seen from the developmental perspective. *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 174, 2467 – 2472.

- Lei nº 84/85 de 31 de agosto. Diário da República nº 201/1995 – I Série A. Lisboa.
- Leme, V. B. R., Falcão, A. O., Morais, G. A., Braz, A. C., Coimbra, S., & Fernandes, L. M. (2016) Solidariedade Intergeracional Familiar nas Pesquisas Brasileiras: Revisão Integrativa da Literatura. *Revista da SPAGESP*, 17 (2), 37 – 52.
- Leopold, T., & Skopek, J. (2015). The Demography of Grandparenthood: An International Profile. *Social Forces*, 94 (2), 801 – 832.
- Lima, C. A. S., & Junior, A. R. (2014). O processo de reparação na mudança da avosidade para a parentalidade baseado na custódia e educação dos netos. *Revista Educação*, 9 (1), 61 – 83.
- Lo, M., & Liu, Y. H. (2009). Quality of among older grandparent caregivers: A pilot study. *Journal of Advanced Nursing*, 65 (7), 1475 – 1484.
- Lopes, C. H. A. F., & Jorge, M. S. B. (2005). Interacionismo simbólico e a possibilidade para o cuidar interativo em enfermagem. *Revista Escola Enfermagem USP*, 39 (1), 103 – 108.
- Lopes, E. S. L., Neri, A. L., & Park, M. B. (2005). Ser avós ou ser pais: Os papéis dos avós na sociedade contemporânea. *Textos sobre Envelhecimento*, 8 (2), 239 – 253. Disponível em http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282005000200006&lng=pt&nrm=iso
- Loureiro, L. M. J. (2006). Adequação e rigor na investigação fenomenológica em enfermagem – Críticas, estratégias e possibilidades. *Referência*, II (2), 21 – 32.
- Louzeiro, C. F. A., & Lima, A. B. R. (2017). Família e Envelhecimento. Um Estudo sobre as Relações entre Avós e Netos. *Revista Ceuma Perspectivas*, 30, 132 – 149.
- Lowdermilk, D., & Perry, S. (2008). *Enfermagem na Maternidade*. (7ª Ed.). Loures: Lusodidacta.

- Luo, Y., LaPierre, T. A., Hughes, M. E., & Waite, L. J. (2012). Grandparents providing care to grandchildren: A population based study of continuity and change. *Journal of Family Issues*, 33 (9), 1143 – 1167.
- Mahne, K., & Motel-Klinggebiel, A. (2012). The importance of the grandparent role – A class specific phenomenon? Evidence from Germany. *Advances in Life Course Research*, 17, 145 – 155.
- Margolis, R. (2016). The changing demography of grandparenthood. *Journal of Marriage and Family*, 78, 610–622.
- Margolis, R., & Arpino, B. (2018). The demography of grandparenthood in 16 European countries and two North American countries. In V. Timonen (Ed.) *Grandparenting practices around the world* (pp. 23 – 42). Bristol: Policy Press.
- Margolis, R., & Wright, L. (2017). Healthy Grandparenthood: How Long Is It, and How Has It Changed?. *Demography*, 54, 2073 – 2099.
- Martínez, A. L. M. (2017). El rol de agentes educativos en los abuelos del siglo XXI: transmisión de valores y principales factores que influyen en el grado de relación mantenida con sus nietos. *La Razón Histórica*, (37), 44 – 76.
- Martins, R., & Vítor, P. T. (2010). O Direito dos Avós às Relações Pessoais com os Netos na Jurisprudência Recente. *Julgar*, (10), 59 – 75.
- Mathews, P., & Sear, R. (2013). Family and Fertility: Kin Influence on the Progression to a Second Birth in the British Household Panel Study. *Plos One*. 8 (3), 1 – 10. Disponível em <http://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0056941>.
- Meleis, A. I. (2012). *Theoretical Nursing: Development and Progress*. (5ª Ed.). Philadelphia: Wolters Kluwer Health/Lippincott Williams & Wilkins.
- Meleis, A. I., Sawyer, L. M., Im E. O., Hilfinger Messias, D. K. & Schumacher, K. (2000). Experiencing Transitions: An Emerging Middle-Range Theory. *Advance Nursing Science*, 23 (1), 12 – 28.

- Meleis, A. I., Sawyer, L. M., Im E. O., Hilfinger Messias, D. K. & Schumacher, K. (2010). Experiencing Transitions: An Emerging Middle-Range Theory. In A. I. Meleis (Ed.), *Transitions Theory – Middle-Range and Situation-Specific Theories in Nursing Research and Practice* (pp. 52 – 65). New York: Springer Publishing Company.
- Meleis, A. I. (2015). Transitions Theory. In M. C. Smith & Marilyn E. Parker (Eds.), *Nursing Theories & Nursing Practice* (4^a Ed.) (pp. 361 – 380). Philadelphia: F. A. Davis Company.
- Meleis, A. I., & Trangenstein, P.A. (2010). Facilitating Transitions: Redefinition of the Nursing Mission. Experiencing Transitions: An Emerging Middle-Range Theory. In A. I. Meleis (Ed.), *Transitions Theory – Middle-Range and Situation-Specific Theories in Nursing Research and Practice* (pp. 65 – 72). New York: Springer Publishing Company.
- Mendes, I. M. (2009). *Ajustamento materno e paterno: experiências vivenciadas pelos pais no pós-parto*. Coimbra: Mar da Palavra.
- Mendes, I., Coelho, S., & Rodrigues, R. (2014). Grand-parentalité et genre dans la société occidentale contemporaine: revue intégratif de la littérature. *Les Cahiers de L'année Gérontologique*, 6(S1), S88.
- Mendes, I., Rodrigues, R., Azeredo, Z., & Lopes, R. (2012). Grands-parents et les relations intergénérationnelles dans la société occidentale contemporaine : revue da la littérature. *Les Cahiers de l'Année Gérontologique*, 4 (3), S239 – S246.
- Mollborn, S., Fomby, P., & Dennis, J. A. (2012). Extended household transitions, race/ethnicity, and early childhood cognitive outcomes. *Social Science Research*, 41, 1152 – 1165.
- Monserud, M. A. (2011). Changes in Grandchildren's Adult Role Statuses and their Relationships with Grandparent. *Journal of Family Issues*, 32 (4), 425 – 451.

- Monteiro, E. C. (2015). Avosidade: o exercício da função de avós, as relações e os conflitos. *Anais CIEH*, 2 (1). Disponível em http://editoralize.com.br/revistas/cieh/TRABALHO_EV040_MD2_A1_ID27_0609_2015121015.pdf.
- Morgado, S., & Vitorino (2012). Envelhecimento Positivo ao Serviço dos Netos. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1 (2), 13 – 24.
- Morse, J.M. (2007). Diálogo; Mais sobre Teoria- “Emergindo dos dados” Os processos Cognitivos de Análise na Investigação Qualitativa. In J. M. Morse (Coord.), *Aspectos essenciais de Metodologia Qualitativa* (pp. 33 – 51). Coimbra: Formasau – Formação e Saúde, Lda.
- Morse, J.M. (2009). Tussles, Tensions and Resolutions. In J. M. Morse, P. N. Stern, J. Corbin, B. Bowers, K. Charmaz & A. A. Clarke (Eds.), *Developing Grounded Theory – The Second Generation* (pp. 13 – 23). Walnut Creek: LEFT Coast Press Inc.
- Musil, C. M, Gordon, N. L., Warner, C. M., Zauszniewski, J. A., Standing, T., & Wykle, M. (2011). Grandmothers and Caregiving to Grandchildren: Continuity, Change, and Outcomes Over 24 Months. *Gerontologist*, 51 (1), 86 – 100.
- Neale, B., & Clayton, C. L. (2015). Grandparent support? The views of young fathers. *School of Sociology & Social Policy*. (3). Disponível em <http://1v9xdi344dkt24du831vqd38.wpengine.netdna-cdn.com/files/2015/10/Briefing-Paper-3-V3.pdf>.
- Noy, E., & Taubman - Ben- Ari, O. (2016). Becoming a Grandparent – On Transitions and Transformations. In L. Flinder & O. Taubman-Ben-Ari (Coord.), *Grandparents of Children with Disabilities Theoretical Perspectives of Intergenerational Relationships* (pp. 19 – 37). Softcover: Springer.

- Ochiltree, G. (2006). The changing role of grandparents. *Australian Family relationships Cleanringhouse*, (2), 1 – 9.
- Oliveira, A. R. V., & Karnikowski, M. G. O. (2012). Apoio financeiro oferecido por avós a netos adolescentes. *Revista Kairós Gerontologia*, 15 (2), 145 – 158.
- Oliveira, A. V., Vianna, L. G., & Córdenas, C. J. (2010). Avosidade: Visões de avós e de seus netos no período da infância. *Revista Brasileira e Geriatria e Gerontologia*, 13 (3), 461 – 474.
- Oliveira, M. R. (2011). *As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos*. (Tese de doutoramento não editada). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília-
- Ordem dos Enfermeiros. (2001). *Divulgar - Padrões de Qualidade dos Cuidados de Enfermagem. Enquadramento conceptual. Enunciados descritivos*. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros.
- Pais, V. A. G. (2013). *O papel dos avós: Como percebem os avós a sua importância na educação dos netos*. (Dissertação de mestrado não editada). Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Coimbra.
- Paula, F. V., Silva, M. J., Bessa, M. E. P., Morais, G. L. M., & Marques, M. B. (2011). Avós e netos no século XXI: Autoridade, afeto e medo. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 12, 913 – 921.
- Pedrosa, A. S., & Lopes, R. G. C. (2008). Avós na contemporaneidade: significado dos netos para o cotidiano. *Imaginário*, 13 (16), 257 – 269.
- Peixoto, R., & Gonçalves, C. M. (2014). Adaptação da escala de significados da Grã-parentalidade – Versão Avós – À população portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 12 (2), 99 – 112.
- Pereira, F. (2012). Relações Intergeracionais. In F. Pereira (Coord.). *Teoria e Prática da Gerontologia – Um Guia para Cuidadores de Idosos*, (pp. 157 – 162). Viseu: PsicoSoma.

- Phillips, K.D. (2002). Irmã Callista Roy: Modelo de Adaptação. In A. M. Tomey & M. R. Alligood (Eds.), *Teóricas de Enfermagem e a sua Obra (Modelos e Teorias de Enfermagem)* (5ª Ed.) (pp. 301 – 333). Loures: Lusociência.
- Phillips, K.D., & Harris, R. (2018). Irmã Callista Roy: Modelo de Adaptação. In M. R. Alligood (Ed.), *Modelos y Teorías en Enfermería* (9ªed.) (pp. 249 – 272). Barcelona: Elsevier.
- Pires, L. L. A. (2013). Envelhecimento, tecnologias e juventude: Caminhos percorridos por alunos de cursos de informática e seus avós. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 18 (2), 293 – 309.
- Polit, D. F., Beck, C. T. & Hungler, B. P. (2004). *Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem – Métodos, Avaliação e Utilização* (5ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- PORDATA (2019). Disponível em <https://www.pordata.pt>.
- Prado, L. S., & Souza, F. A (2015). Voltando no tempo: O papel dos avós guardiões. *RIPE – Revista do Instituto de Pesquisas e Estudos: Construindo o Serviço Social*, 19 (35), 132 – 153.
- Prado, M. L., Souza, M. L., Monticelli, M., Cometto, M.C., & Gomez, P. F. (2013). *Investigación cualitativa en enfermería. Metodología y didáctica*. Washington, DC: Organización Panamericana de la Salud e Organización Mundial de la Salud.
- Quevedo-León, L., & Alvarado, H. R. (2017). Indicações de autocuidado para el adulto mayor cuidador de niños: Una mirada desde enfermeira. *MedUNAB*, 20 (3),362 – 367.
- Ramos, A. C. (2012) Morando com meus avós: As famílias conviventes na perspectiva das crianças. *Pedagogía y Saberes*, (37), 119 – 131.
- Ramos, N. (2005). Relações e Solidariedades Intergeracionais na Família – Dos Avós aos Netos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 39 (1), 195 – 216.

- Ramos, N. (2014). Avós e Netos através da(s) Imagen(s) e das Culturas In N. Ramos, M. Marujo & A. Baptista (Orgs.). *A Voz dos Avós – Migração, Memória e Património Cultural*. (2ª Ed.) (pp. 33 – 56) Coimbra: Gráfica de Coimbra, Publicações Lda. e Fundação ProDignitate.
- Regulamento n.º 127/2011 de 18 de Fevereiro. Diário da República, 2.ª série — N.º 35.
- Rempusheski, V. F., & O'Hara, C. T. (2005). Psychometric Properties of the Grandparent Perceptions of Family Scale (GPFS). *Nursing Research*, 56 (6), 419 – 427.
- Ribeiro, J. L. P. (2008). *Metodologia de Investigação* (2ª Ed.). Porto: Livpsic.
- Rodrigues R., Lopes R., Azeredo Z., Mendes I., & Jullamaten, P. (2011). Aging: crossing generations. *The Journal of Nutrition, Health & Aging*, 15 (4), 324.
- Rodrigues, D. P., Pagliuca, L. M. F., & Silva, R. M. (2004). Modelo de Roy na Enfermagem Obstétrica: Análise sob a Óptica de Meleis. *Revista Gaúcha de Enfermagem* 25 (2), 165 – 175.
- Rodrigues, J. P. V. (2013). *Os Avós na Família e Sociedade Contemporâneas - Uma Abordagem Intergeracional e Intercultural*. (Tese de Doutoramento não editada). Universidade Aberta, Lisboa.
- Rodrigues, R. M. C., Mendes, I., Lopes, R. C. C., & Azeredo, Z. (2013). *Grandparenthood and intergenerational relationships: a review of the literature*. Oral presentation presented at the Sigma Theta Tau International's 24th International Nursing Research Congress, 22-26 July, Prague, Czech Republic.
- Rodrigues, R., Azeredo, Z., & Mendes, I. (2011). Grands-parents: Rôle dans la transition à la parentalité chez les parents pour la première fois. *Les Cahiers de l'Année Gériatologique*, 25 (3), S259 – S268.
- Roy, C., & Andrews, H. A. (2001). *Teoria da Enfermagem – O Modelo de Adaptação de Roy*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Santos, I. E., & Dias, C. M. S. (2008). Homem idoso: Vivência de papéis desempenhados ao longo do ciclo vital da família. *Aletheia* 27 (1), 98 – 110.

- Sapena, C. R., Desfiles, E. S. & Seguí, P. V. (2001). *Abuelos y Nietos. Abuelo favorito-abuelo útil*. Madrid: Pirámide
- Schmeer, K. K. (2013). Family structure and child anemia in Mexico. *Social Science & Medicine*, 95, 16 – 23.
- Schumacher, K., Jones, P. S., & Meleis A. I., (2010). Helping Elderly Persons in Transition: a Framework for Research and Practice. In A. I. Meleis (Ed.), *Transitions Theory – Middle-Range and Situation-Specific Theories in Nursing Research and Practice* (pp. 129 – 144). New York: Springer Publishing Company.
- Scremin, A. L. X., & Bottoli, C. (2016). Avós e Netos: O Exercício de uma Parentalidade. *Barbarói* (48), 234 – 252.
- Seidman, I. (2006). *Interviewing as qualitative research: A guide for researchers in education and the social sciences* (3ª Ed.). New York: Teachers College Press.
- Sharma, R. S. (2019). *O Monge que vendeu o seu Ferrari* (9ª Ed.). Maia: Pergaminho.
- Sheppard, P., & Monden, C. W. S. (2018). Becoming a first-time grandparent and subjective well-being. A fixed effects approach. *Journal of Marriage and Family*, 81 (4). Disponível em <https://osf.io/preprints/socarxiv/29ytq/> .
- Shlomo, S. B., & Taubman - Ben-Ari, O. (2012). New Grandparents' Mental Health: The Protective Role of Optimism, Self-Mastery, and Social Support. *Journal of Family Social Work*, 15 (4), 254 – 271.
- Shlomo, S. B., Taubman - Ben-Ari, O., Findler, L., Sivan, E., & Dolizki M. (2010). Becoming a Grandmother: Maternal Grandmothers' Mental Health, Perceived Costs and Personal Growth. *Social Work Research*, 34 (1), 45 – 57.
- Silva, A. M. (2012). A colaboração dos avós na educação dos netos. *Interfaces Científicas – Educação*, 1 (1), 67 – 75.
- Skopek, J., & Leopold, T. (2017). Who Becomes a grandparent – And when? Educational differences in the changes and timing of grandparenthood. *Demographic Research*, 37 (29), 971 – 928.

- Smorti, M., Tschiesner, R., & Farneti, A. (2012). Grandparents-grandchildren relationship. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 46, 895 – 898.
- Somary, K., & Stricker, G. (1998). Becoming a Grandparent: A Longitudinal Study of Expectations and Early Experiences as a Function of Sex and Lineage. *The Gerontologist*, 38 (1), 53 – 61.
- Stern, J. (2009). Glaserian Grounded Theory. In J. M. Morse, P. N. Stern, J. Corbin, B. Bowers, K. Charmaz & A. A. Clarke (Eds.), *Developing Grounded Theory – The Second Generation* (pp. 55 – 85). Walnut Creek: LEFT Coast Press Inc.
- StGeorge, J. M., & Fletcher, R. J. (2014). Men's experiences of grandfatherhood: A welcome surprise. *International Journal of Aging & Human Development*, 78 (4), 351 – 378.
- Strauss, A. & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada* (2ª Ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Strauss, A., & Corbin, J. (2002). *Bases de la investigación cualitativa: técnicas y procedimientos para desarrollar la teoría fundamentada*. Facultad de Enfermería de la Universidad de Antioquia, Colección: Contus.
- Tanskanen, A. O., & Danielsbacka, M. (2019). *Intergenerational Family Relations – Na Evolutionary Social Science Approach*. New York: Routledge.
- Tarallo, R. S. (2015). As relações intergeracionais e o cuidado do idoso. *Revista Kairós Gerontologia*, 18 (19), 39 – 55.
- Taubman – Ben-Ari, O., & Shlomo. S. B. (2016). Measuring Personal Growth of New Grandparents: A Practical Tool for Social Workers. *Research on Social Work Practice*, 26 (6), 704 – 711.
- Taubman - Ben-Ari, O., Findler, L., & Shlomo, S.B. (2012). Personal Growth and the Transition to Grandfatherhood. *Journal of Aging and Human Development*, 74 (4), 265 – 285.

- Taubman - Ben-Ari, O., Findler, L., & Shlomo, S. B. (2013). When Couples Become Grandparents: Factors associated with the Growth of Each Spouse. *Social Work Research, 37* (1), 26 – 36.
- Taubman-Ben-Ari, O. (2012). Becoming and developing: Personal growth in the wake of parenthood and grandparenthood. In P. R. Shaver & M. Mikulincer (Eds.), *Meaning, mortality, and choice: The social psychology of existential concerns* (pp. 163 – 181). Washington, DC: American Psychological Association.
- Taubman-Ben-Ari, O., Shlomo, S. B., & Findler, L. (2012). Personal Growth and Meaning in Life Among First-Time Mothers and Grandmothers. *Journal of Happiness Studies, 34* (1), 801 – 820.
- Taubman-Ben-Ari, O., Shlomo, S. B., & Findler, L. (2014). First-Time Parents' and Grandparents' Perceptions of Personal Growth: A Dyadic Approach. *Journal of Family Social Work, 17* (3), 229 – 250.
- Thomese, F., & Liefbroer, A.C. (2013). Child Care and Child Births: The Role of Grandparents in the Netherlands. *Journal of Marriage and Family, (25)*, 403 – 421.
- Tod, A. (2016). Interviewing. In K. Gerrish & J. Lathlean (Eds.), *The Research Process in the Nursing* (7^a Ed) (pp. 387 – 400). Chichester: Willey Backwell.
- Tomey, A. M. & Alligood, M. R. (2004). *Teóricas de enfermagem e a sua obra: Modelos e teorias de enfermagem* (5^a Ed.). Loures: Lusociência.
- Tracy, S. J. (2013). *Qualitative Research Methods Collecting Evidence, Crafting Analysis, Communicating Impact*. Chichester: John Wiley & Sons, Ltd.
- Triadó Tur, C., & Villar Posada, F. (2000). El rol de abuelo: Cómo perciben los abuelos las relaciones con sus nietos. *Revista Española de Geriatria y Gerontología. 35* (S2), 30 – 36.
- Triadó, C. Villar, F., Solé, C., Celdrán, M., Pinazo, S., & Conde (2009). Los Abuelos/As Cuidadores de sus Nietos: Percepción de Ayudas Recibidas, Conductas

- Problemáticas de los Nietos Y Satisfacción con el Rol. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 3 (1), 497 – 505.
- Villas-Boas, S. (2013). A voz dos avós: Migração, Memória e Património Cultural. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 2 (47), 107 – 113.
- Waynforth D. (2012). Grandparental investment and reproductive decisions in the longitudinal 1970 British cohort study. *Proceedings of the Royal Society*, 279, 1155 – 1160.
- Wheelock, J., & Jones, K. (2002). Grandparents are the next best thing: Informal child care for working parents in urban Britain. *Journal of Social Policy*, 31, 441–463.
- Woodbridge, S., Buys, L., & Miller, E. (2009). Grandparenting a child with a disability: An emotional rollercoaster. *Australasian Journal on Ageing*, 28 (1), 37 – 40.
- Zagonel, I. P. S. (1999). O Cuidado Humano Transicional na Trajetória de Enfermagem. *Revista Latino – Americana de Enfermagem*, 7 (3), 25 – 32.
- Zhang J., Emery T. & Dykstra P. (2018). Grandparenthood in China and Western Europe: An analysis of CHARLS and SHARE. *Advances in Life Course Research*. Disponível em <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S1040260818301291?token=FE1F82AE042C5BA893D3434DBAF8773A99A03376DDE6ACB0C20AD492DE5392A50A32177E63F1E1E863C92DD3238C7511>
- Zlonick, C., Wright, M., Sanchez, R. M., Kusnir, R. M., & Te'o-Bennett, I. (2010). Adaptation of Community-Based Participatory Research Model to Gain Community Input on Identifying Indicators of Successful Parenting. *Child Welfare*, 89 (4), 9 – 27.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Informação ao Participante

INFORMAÇÃO AO PARTICIPANTE

O meu nome é Sónia Margarida dos Santos Coelho, sou enfermeira no Agrupamento de Centros de Saúde Baixo Mondego (Unidade de Cuidados de Saúde Personalizados de Mealhada – Pólo Pampilhosa), doutoranda em Enfermagem no Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa (Porto). Estou a realizar um estudo de investigação, no âmbito do doutoramento, intitulado "Tornar-se avô: Processo de transição para a grã-parentalidade."

Os objetivos deste estudo são:

- Desenvolver uma teoria explicativa do processo de transição para a grã-parentalidade;
- Descrever o processo de transição para a grã-parentalidade do homem enquanto avô;
- Descrever a natureza da transição para a grã-parentalidade do homem enquanto avô;
- Identificar as condições facilitadoras e inibidoras da transição do homem enquanto avô a nível pessoal, comunitárias e sociais;
- Identificar os padrões de resposta da transição para a grã-parentalidade do homem enquanto avô;

Neste sentido, solicito a sua participação no estudo, agradecendo desde já a sua colaboração, sendo deste modo pertinente esclarecer determinados aspetos que se pretendem cumprir rigorosamente.

Procedimentos: Como método de recolha de dados será realizada uma entrevista com questões sociodemográficas e, posteriormente, e questões abertas.

A sequência de acontecimentos será a seguinte:

1º- Pedido de consentimento informado, livre e esclarecido que será assinado pelo investigador e pelo participante.

2º- Realizar-se-á uma entrevista com questões abertas. A entrevista será gravada em áudio, cujo único objetivo é facilitar o posterior registo desta. Assegurando que apenas a investigadora terá acesso à versão áudio da entrevista.

O uso da informação pretendida é exclusivamente para este trabalho e não estará ao acesso de terceiros. O seu nome será substituído por um código. Depois de concluída

a investigação poderá ter acesso aos resultados através de consulta pública ou contactando diretamente com a investigadora.

Riscos: Não se preveem danos físicos, emocionais ou colaterais potenciais.

Benefícios: Vai ter a oportunidade de colaborar no desenvolvimento do conhecimento acerca do processo de transição para a grã-parentalidade.

Alternativas: A sua participação é voluntária e só deve aceitá-la depois de devidamente esclarecido, podendo para isso colocar quaisquer questões. Se decidir colaborar, pedir-lhe-emos que assine a folha que diz respeito ao consentimento informado, onde confirma o seu acordo em participar. Tem sempre alternativa de não responder ao questionário, recusar responder a qualquer questão, abandonando o estudo, o que não trará quaisquer consequências para si.

Confidencialidade: A garantia da confidencialidade será assegurada aos participantes pelo anonimato quer da identidade, quer dos dados obtidos, assim como, na garantia que os dados da investigação só serão usados de tal modo que mais ninguém além do investigador conhece a fonte.

Disponibilidade para esclarecimento de dúvidas: Se tiver qualquer dúvida ou preocupação, agora ou em qualquer altura, sobre o estudo poderá contactar-me através do número de telemóvel: 963101676 ou pelo e-mail: smargaridacoelho@gmail.com.

Custos: A sua participação no estudo não terá qualquer custo para si.

A Investigadora

(Sónia Margarida dos Santos Coelho)

APÊNDICE II – Consentimento Informado

CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____, declaro que, relativamente à investigação a desenvolver por Sónia Margarida dos Santos Coelho, com o título "Tornar-se avô: Processo de transição para a grã-parentalidade", fui informado sobre o âmbito, os objetivos, o procedimento, os riscos, os benefícios, as alternativas, a garantia de confidencialidade, a disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas, custos e carácter voluntário da minha participação. Compreendi as explicações que me foram fornecidas, tendo lido e percebido o documento "Informação ao Participante". Foi-me dada a oportunidade para colocar questões que julguei necessárias às quais obtive resposta satisfatória e com a minha assinatura aceito participar no estudo.

Assinatura do participante

_____ Data ___/___/___

Assinatura da investigadora

_____ Data ___/___/___

APÊNDICE III – Guião da Entrevista sobre a Experiência da Transição para a Grã-Parentalidade

GUIÃO DA ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA TRANSIÇÃO PARA A GRÃ-PARENTALIDADE

- Apresentação do entrevistador
- Identificação do âmbito do trabalho e seus objetivos
- Consentimento informado por parte dos avós
- Recolha de informação que caracterize a situação pessoal e familiar

1- Eu gostava que me falasse sobre como está a ser a sua experiência como avô?

Necessário abordar:

Como foi quando soube da notícia que iria ser avô?
Quando se começou a sentir avô?
Como se sente como avô?

Que dificuldades tem sentido?
Como descreve ser avô?
Como imaginava que seria?

2- Eu gostava que me falasse dos(as) seus (suas) netos(as)?

Necessário abordar:

Da relação que tem com eles (as).
Do que mudou entre ser pai e ser avô.

3- Eu gostava que me falasse do relacionamento que tem com a sua família depois do nascimento da criança?

Necessário abordar:

O que mudou no relacionamento com a sua esposa?
O que mudou no relacionamento com o seu filho/a?
O que mudou no relacionamento com o seu genro/nora?

4- Eu gostava que me falasse de como vê o seu filho(s)/genro(s) como pai?

Necessário abordar:

As diferenças que encontra entre a sua parentalidade e a dele(s)?
Como se sente a ajudá-lo(s) nesta fase de transição?
Como o(s) ajuda nesta fase?
Que dificuldades encontra?

4- Eu gostava que me falasse dos cuidados que presta ao seu(s) neto(s)?

Necessário abordar:

Que cuidados presta ao seu neto(s)?
Que cuidados/ajuda presta à sua família?

APÊNDICE IV – Exemplo de Memorando

Memorando (E1)

Data: 12/10/2016

Hora de Inicio: 17:30

Hora de fim: 19:30

Local: Domicílio da Família

Cheguei a casa do Sr. João na qual estava ele e a esposa à hora combinada. Pediram desculpa por estarem a lanchar, mas haviam-se atrasado nas compras mensais. Aproveitámos o momento do lanche para conversar um pouco. Moradia Geminada tipo M3 com cerca de 30 anos, limpa e cuidada. Fui convidada para o lanche o qual recusei e disponibilizei-me a ir mais tarde, recusaram e acabei por ficar a conversar com o casal cerca de 40 minutos.

A pré-entrevista iniciou-se por volta das 18:10 na sala de jantar da família. Reapresentei o estudo ao Sr. João, explicando quais os objetivos e esclarecendo as dúvidas.

Este avô considerava que a sua entrevista em nada iria ajudar ao estudo devido à sua escolaridade e pouca experiência na grã-parentalidade (**Nota para as próximas entrevistas:** Deixar claro que o meu interesse na entrevista é saber detalhadamente a experiência da grã-parentalidade e não o que é social, cultural ou academicamente correto dizer-se).

O consentimento foi assinado e iniciou-se a entrevista por volta das 18:30 que durou sensivelmente 40 min.

Antes de sair era o momento de filha e neta comunicarem por Skype®, o avô fez questão de que eu conhecesse a família.

.....

Embora este avô se refira muito ao verbo ser - “ser avô” – como possuir identidade, particularidade ou capacidade inerente – ser avô na realidade eles passam de uma realidade de pais para avôs , portanto, e etimologicamente falando, talvez o verbo tornar seja o mais indicado: tornar - Alterar; modificar ou passar a possuir uma nova condição, estado. Embora incorporem a identidade de avô parece-me ser uma aprendizagem. É um processo, isso é um conjunto de manipulações, ou intervenções para obter um resultado – tornar-se avô.

Este avô não se considera avô (*“Agora para ser sincero, ainda não me sinto avô!”*) justificando a ausência física da neta (“Falta de proximidade física”) e frisa a “importância do nascimento para se sentir avô” (**Notas para próximas entrevistas** – analisar se: avô expectante sente-se avô?; avôs com netos distantes noutros países ou com relações familiares difíceis sentem-se avôs?; avôs a co-habitarem com netos).

Sentimentos positivos parecem estar associados à grã-parentalidade: sensação boa, sensação agradável, felicidade, sentir-se diferente, alegria no convívio... no entanto, outros aspectos parecem ser diferentes parecem criar um impasse: regras de educação diferentes.

Aspectos frisados relativamente à família: relacionamento como genro é igual antes e depois do nascimento (**Notas para próximas entrevistas**: explorar relacionamento com outros membros da família: filhos, esposa, família mais alargada...), o avô não esclareceu bem esta dupla perspetiva do relacionamento familiar de maior união familiar (*“...ficámos mais ricos, veio uma criança para a família... mas a nossa não mudou por isso. Acho que ficou mais unida.”*) com maior distanciamento da filha devido ao nascimento da neta (*“...houve um distanciamento, depois do nascimento”*) (**Notas para próximas entrevistas**: verificar esta ambiguidade de maior união familiar com maior distanciamento da filha devido ao nascimento da neta)

A grã parentalidade parece associada a velhice (“*Estou-me a sentir velho com esta conversa... (...)A gente sente-se assim um bocado velho...*”), mas não será a idade ou serão as etapas do ciclo de vida que ditarão este sentimento de velhice. **(Notas para próximas entrevistas:** nascimento de um neto será sinónimo de envelhecimento?).

Este avô admitiu que: “*Ainda me estou a adaptar...*”. Adaptação ou transição? Será uma transição solitária ou partilhada? **(Notas para próximas entrevistas:** Explorar as dimensões da transição/adaptação e de que maneira ela se desenrola).

NOTAS OPERACIONAIS:

- Durante a fase do consentimento: deixar claro que o meu interesse na entrevista é saber detalhadamente a experiência da grã-parentalidade e não o que é social, cultural ou academicamente correto dizer-se.
- Avô expectante sente-se avô?? Avôs com netos distantes noutros países ou com relações familiares difíceis sentem-se avôs?? Avôs a co-habitarem com netos??
- Explorar relacionamento com outros membros da família: filhos, esposa, família mais alargada.
- Verificar esta ambiguidade de maior união familiar com maior distanciamento da filha devido ao nascimento da neta.
- Explorar a sensação de envelhecimento associada à grã-parentalidade.
- Explorar as dimensões da transição/adaptação e de que maneira ela se desenrola – Ver melhor Teoria das Transições

ANEXOS

**ANEXO I - Parecer Favorável da Comissão de Ética da Unidade de Investigação
em Ciências da Saúde: Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de
Coimbra**

COMISSÃO DE ÉTICA

da **Unidade Investigação em Ciências da Saúde Enfermagem** (UICISA: E)
da **Escola Superior de Enfermagem de Coimbra** (ESEnfC)

Parecer N° P321-12/2015

Título do Projecto: Tornar-se avô: processo de transição para a grã-parentalidade

Identificação do Proponente

Nome(s): Sónia Margarida dos Santos Coelho

Filiação Institucional: ACES Baixo Mondego, ARS Centro; ICS, Univ Católica Portuguesa

Investigador Responsável/Orientador: Isabel Margarida Marques M. Dias Mendes

Relator: José Carlos Amado Martins

Parecer

A investigadora pretende desenvolver estudo com recurso à *Grounded Theory* com os objectivos de “compreender o processo de transição para a grã-parentalidade no homem enquanto avô com netos”, “compreender a natureza da transição para a grã-parentalidade do homem enquanto avô com netos”; “identificar as condições facilitadoras e inibidoras da transição do homem enquanto avô com netos a nível pessoal, comunitárias e sociais”; compreender os padrões de resposta da transição para a grã-parentalidade do homem enquanto avô com netos” e “contribuir para o desenvolvimento de uma teoria de médio alcance – teoria das transições, no âmbito da grã-parentalidade.

A recolha de dados é prevista para o mês de fevereiro de 2016. Os dados serão colhidos por entrevista junto de homens no papel de transição de avô. São definidos os critérios de inclusão/exclusão. Os participantes serão recrutados em “bola de neve” partindo da rede social de conhecimentos.

É garantida a confidencialidade da informação. A participação dos homens será voluntária. Será utilizado consentimento informado, sendo apresentado exemplar em devida forma.

Atendendo ao formato da investigação, a Comissão de Ética é de parecer favorável à concretização do estudo.

O relator: 

Data: 20/01/2016

O Presidente da Comissão de Ética: 



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

